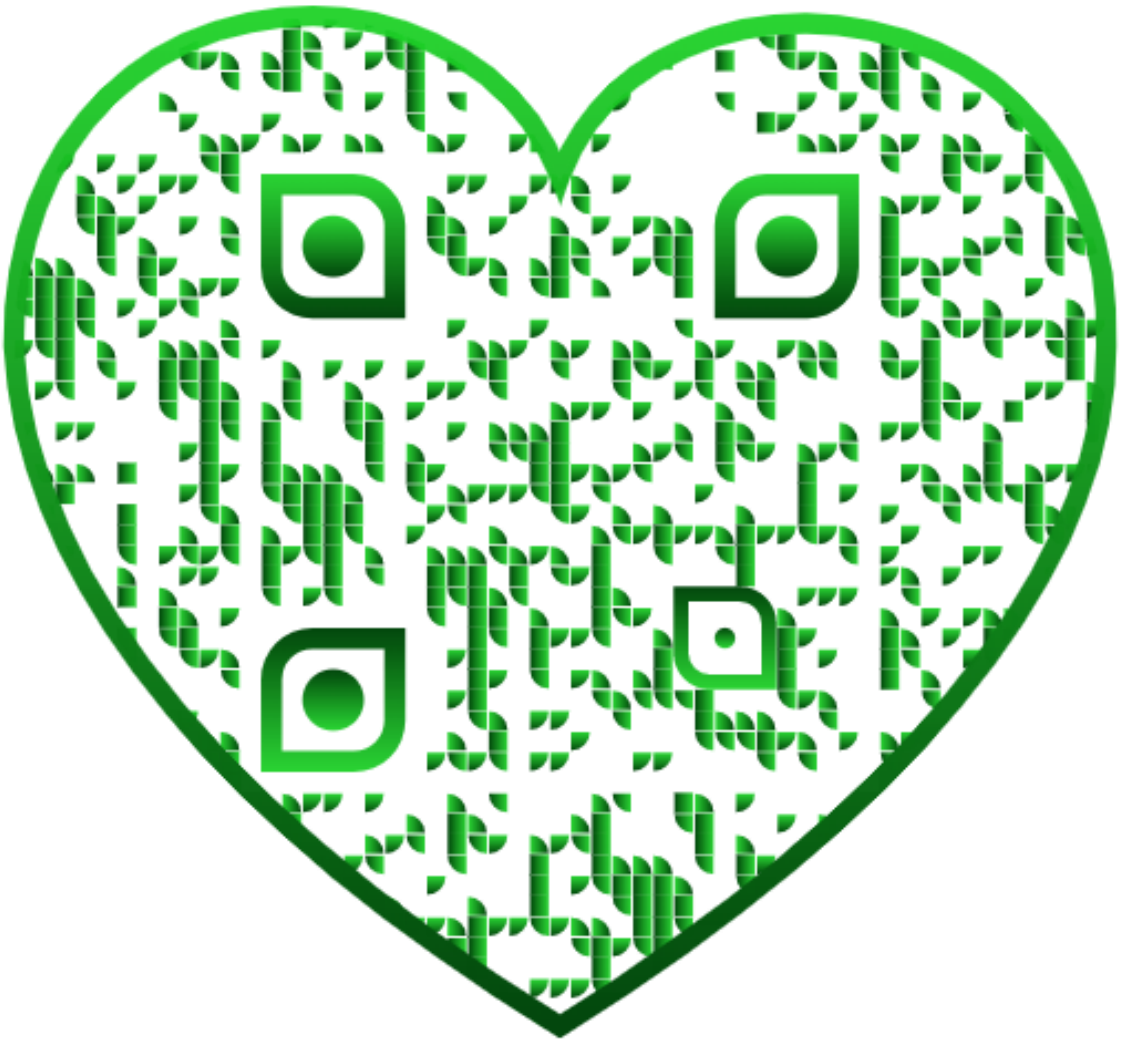
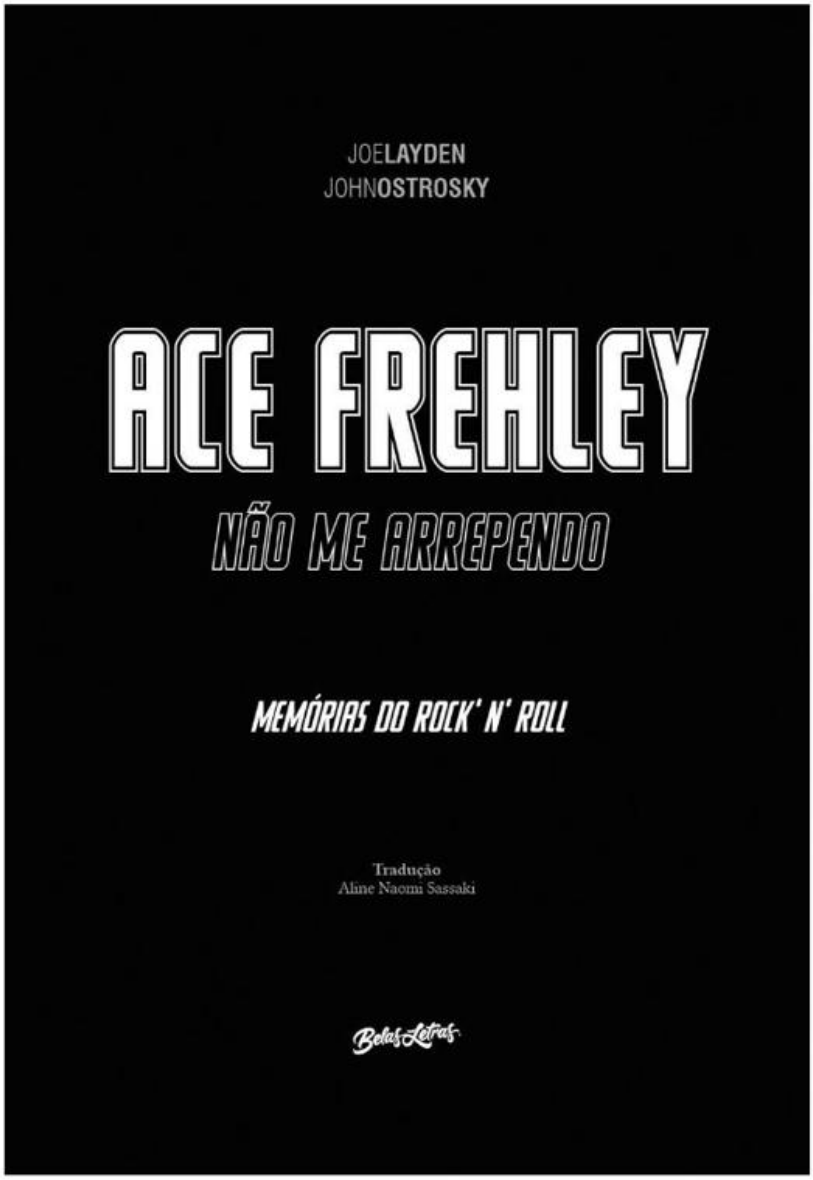
ACE FREHLEY

JOE
LAYDEN
JOHN
OSTROSKY

NÃO ME ARREPENDO

Belas Letras




JOELAYDEN
JOHNOSTROSKY
ACE FREHLEY
NÃO ME ARREPENDO
MEMÓRIAS DO ROCK' N' ROLL
Tradução
Aline Naomi Sassaki
Belas Letras

© 2020 by Editora Belas Letras
Copyright © 2011 by Ace Frehley
Todos os direitos reservados

Publicado mediante acordo com a editora original, Gallery Books/ MTV Books, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

A MTV Music Television e todos os títulos, logos e personagens relacionados são marca registrada da MTV Networks, uma divisão da Viacom International Inc

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida para fins comerciais sem a permissão do editor. Você não precisa pedir nenhuma autorização, no entanto, para compartilhar pequenos trechos ou reproduções das páginas nas suas redes sociais, para divulgar a capa, nem para contar para seus amigos como este livro é incrível (e como

somos modestos).

Este livro é o resultado de um trabalho feito com muito amor, diversão e gente finice pelas seguintes pessoas:

Gustavo Guertler (edição), Fernanda Fedrizzi (coordenação editorial), Germano Weirich (revisão), Celso Orlandin Jr. (capa e projeto gráfico), Aline Naomi Sassaki (tradução) e Lynn Goldsmith/Corbis/VCG via Getty Images (foto da capa)
Obrigado, amigos.

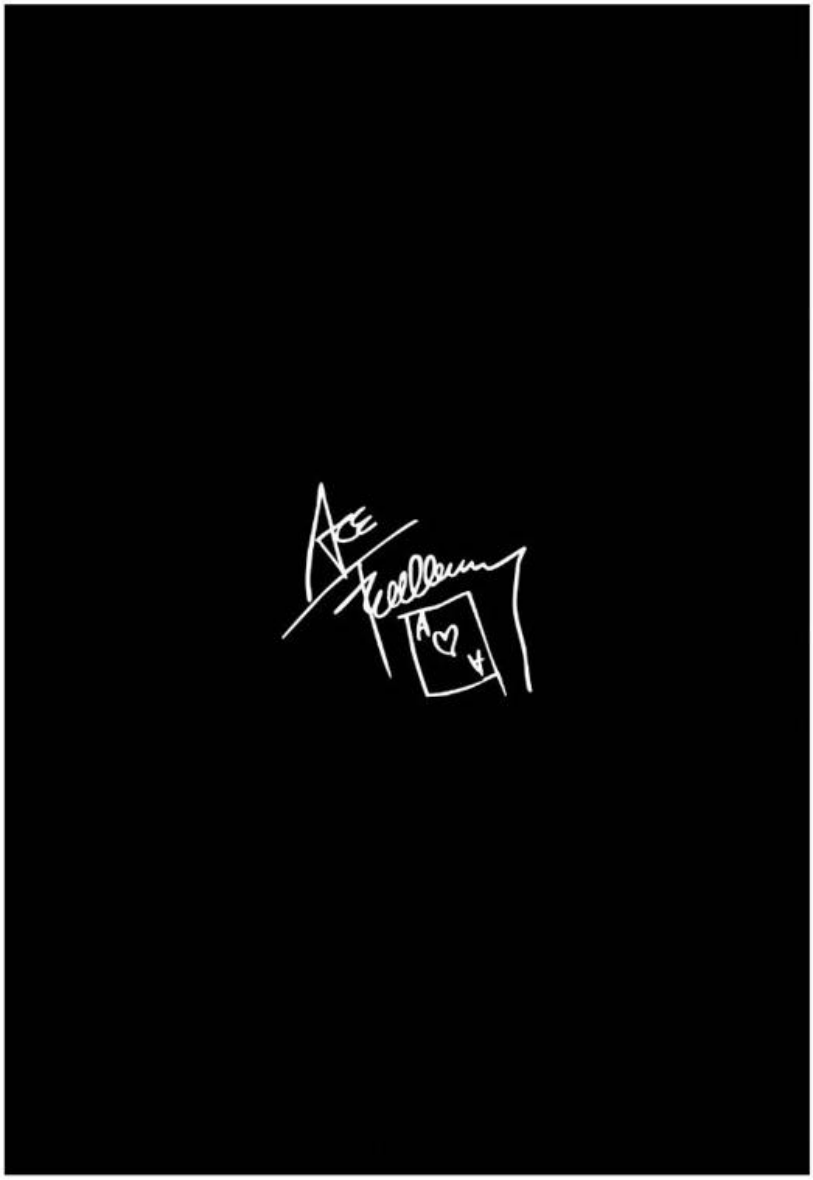
Produção do e-book: **Schäffer Editorial**

ISBN: 978-65-5537-006-5

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Belas Letras Ltda.
Rua Coronel Camisão, 167
CEP 95020-420 – Caxias do Sul – RS

www.belasletras.com.br

PARA TODOS OS FÃS DE ACE FREHLEY DO UNIVERSO



1
UM CONTO DO BRONX

Um conto do Bronx

Quando eu era criança, costumava carregar esta imagem horrível na minha cabeça - uma cena de três homens emaranhados de um jeito estranho em fios de alta tensão, a quinze metros do chão, seus corpos sem vida torrando ao sol do meio-dia.

O horror que eles passaram foi compartilhado comigo por meu pai, um engenheiro elétrico que trabalhou, entre outros lugares, na Academia Militar dos Estados Unidos, em West Point, Nova York, ajudando na instalação de uma nova usina elétrica nos anos 1950. Carl Frehley era um homem de sua época. Trabalhava longas horas, vários empregos, fez o melhor que pôde para dar um lar para sua esposa e filhos. Às vezes, nas tardes de domingo, depois de ir à igreja, ele colocava a família inteira num carro e íamos para o norte pelo Bronx, para o condado de Westchester e, no fim, chegávamos às margens do rio Hudson. Papai nos levava em um passeio pelas propriedades e terrenos de West Point, nos apresentava para as pessoas e até nos levava à sala de controle da usina elétrica. Ainda não sei como ele conseguiu isso - permissão da segurança para toda a família mas conseguiu.

Papai andava por lá, apontando vários lugares, explicando o ritmo de seu dia e o trabalho que fazia, às vezes falando a língua dos engenheiros, um idioma que poderia muito bem ser latim para mim. O trabalho era importante, e acho que de alguma forma ele só queria que seus filhos entendessem isso. Ele queria que víssemos essa outra parte de sua vida.

Um dia, quando voltávamos para o carro, meu pai parou e olhou para cima, para os fios elétricos, uma rede de aço e cabos que se estendiam pelo céu de outono.

“Sabe, Paul”, disse ele, “todos os dias no trabalho temos uma pequena disputa antes do almoço”.

Eu não tinha ideia do que ele estava falando.

Uma disputa? Antes do almoço?

Parecia algo que poderíamos ter feito na Grace Lutheran, onde eu estudava o primário no Bronx. “Tiramos pedaços de palha para ver quem precisa ir lá pegar sanduíches para toda a equipe. Se você pegar a palha mais curta, você é o entregador.”

Esse foi o começo. A partir daí, meu pai passou a nos contar a história do dia em que tirou a palha mais curta. Enquanto ele pegava sanduíches, houve um terrível acidente quando voltava ao trabalho. Alguém acionou um interruptor acidentalmente, restaurando a energia para uma área onde três homens trabalhavam. Tragicamente, esses três homens foram eletrocutados na hora. Quando meu pai voltou, não conseguia acreditar nos próprios olhos. Os corpos de seus colegas de trabalho estavam sendo repelidos dos fios de alta tensão.

“Lá em cima”, disse ele calmamente, olhando para o alto. “Foi ali que aconteceu.”

Ele fez uma pausa, colocou a mão no meu ombro.

“Se eu não tivesse tirado a palha mais curta naquele dia, eu estaria lá naqueles fios e não aqui agora.”

Olhei para os fios, depois para meu pai. Ele sorriu.

“Às vezes você tem sorte.”

Papai repetia essa história de tempos em tempos, apenas o suficiente para manter os pesadelos fluindo. Essa não era sua intenção, é claro - ele sempre contava a história em um tom estranho do tipo “e se?” mas o resultado era esse. Você fala para uma criança que o pai dela quase fritou até a morte e a sentencia a alguns anos de noites repletas de suor e terror embaixo dos lençóis. Mas agora entendo o que ele queria dizer. Você nunca sabe o que a vida pode trazer... ou quando pode fazer uma parada brusca.

E é melhor seguir as regras.

O Carl Frehley que eu conhecia (e é importante observar que eu não o conhecia tão bem) era quieto e reservado, um modelo de decoro de classe média, talvez porque estivesse muito cansado o tempo todo. Meu pai tinha 47 anos quando cheguei ao mundo, e às vezes acho que ele estava realmente mergulhado em uma segunda vida naquele momento. Filho de imigrantes alemães e holandeses, ele cresceu em Bethlehem, na Pensilvânia, terminou três anos do curso básico da faculdade e teve que deixar os estudos e começar a trabalhar. Mais tarde, ele se mudou para Nova York e se casou com Esther Hecht, uma jovem muito bonita, de dezessete anos. Minha mãe foi criada em uma fazenda em Norlina, na Carolina do Norte. Meu avô era do norte da Alemanha - da ilha Rügen, para ser preciso. Minha avó também era alemã, mas eu sempre ouvia rumores de que havia sangue de índios norte-americanos em nossa família. Foi o tédio, mais do que qualquer outra coisa, que trouxe minha mãe para Nova York. Cansada da vida na fazenda, seguiu sua irmã mais velha Ida para o norte e morou com ela por um tempo no Brooklyn.

Papai, por sua vez, veio por conta do trabalho.

Sempre havia um pouco de mistério em torno do meu pai, coisas que ele nunca compartilhava. Partes de seu passado sempre foram um assunto tabu. Ele se casou tarde, começou uma família tarde e se estabeleceu em uma confortável rotina doméstica e profissional. Apesar disso, vez em quando, havia vislumbres de um homem diferente, de uma vida diferente.

Meu pai era um jogador de boliche incrível, por exemplo. Ele nunca falou nada sobre fazer parte de uma liga de boliche nem sobre como aprendeu a jogar. Deus sabe que ele só jogava de vez em quando na minha infância, mas quando jogava, acertava em cheio. Ele tinha a própria bola, os próprios sapatos e um livro que o ajudava a jogar alguns jogos perfeitos. Ele também era um incrível jogador de sinuca, fato que descobri ainda no primário, quando ele me ensinou a jogar. Papai conseguia fazer coisas com um taco de sinuca que só os profissionais conseguiam fazer e, quando olho para trás, agora percebo que ele pode ter passado algum tempo em alguns lugares sombrios. Ele me disse uma vez que havia derrotado o campeão da Virgínia Ocidental em uma partida de sinuca. Acho que você tem que ser muito bom para ganhar de um campeão estadual de qualquer esporte.

“Ei, papai. Qual é a sua pontuação mais alta?”, uma vez perguntei a ele enquanto estávamos jogando sinuca.

“Cento e quarenta e nove”, disse ele, sem sequer levantar o olhar.

Puta merda...

Eu devia ter só uns 10 anos na época e não entendi de imediato a grandeza desse número, mas percebi rapidamente que isso significava dar 149 tacadas consecutivas sem perder.

São dez malditos triângulos para bolas de sinuca!

Você precisa saber o que está fazendo para arrematar tantas bolas sem colocar tudo a perder. E essa pontinha de informação, combinada com as vezes em que o vi realizar tacadas hábeis e tacadas com uma mão, me fez pensar ainda mais sobre seu passado evasivo. Talvez, quando era mais jovem, ele tenha vivido em meio à agitação e tínhamos muito mais em comum do que se poderia imaginar. Talvez, apenas talvez, Carl Frehley mandava bem.

De qualquer forma, é meio divertido pensar assim.

Cresci perto da Mosholu Parkway, no Bronx, não muito longe do Jardim Botânico de Nova York e do Zoológico do Bronx. Era um bairro de classe média com origens étnicas mistas, constituído principalmente por famílias alemãs, irlandesas, judias e italianas. A nossa família era bastante normal e amorosa, o que apreciei ainda mais depois que comecei a sair com alguns caras durões que estavam sempre tentando fugir de sua vida doméstica violenta e abusiva. Por outro lado, meu pai nunca me bateu nem cometeu abusos contra mim quando eu era criança, mas eu sempre me perguntava o quanto ele se importava comigo, já que nunca fizemos nada juntos, só nós dois. Agora, quando olho para trás, percebo cada vez mais que ele me amava e fazia o melhor que podia dentro das circunstâncias.

É muito difícil olhar para os Frehleys e sugerir que, de alguma forma, minha criação contribuiu para meu estilo de vida desenfreado e louco e para a insanidade que se seguiria. Claro, meu pai era viciado em trabalho e nunca estava em casa, mas sempre havia comida na mesa e todos nos sentíamos seguros. Meus pais desfrutavam de um casamento feliz e afetuoso - ainda posso vê-los de mãos dadas enquanto caminhavam pela rua ou se beijando quando papai chegava em casa do trabalho. Eles sempre pareciam felizes juntos, e havia pouquíssima briga em casa. Tínhamos parentes no Brooklyn e na Carolina do Norte, todos por parte da minha mãe, mas eu sabia muito pouco sobre a família do meu pai. Não havia álbuns de fotos nem cartas, histórias interessantes ou visitas de tias e tios. Nada. Eu sabia que ele tinha um irmão que se afogara de forma trágica aos 8 anos, mas o restante era, na melhor das hipóteses, incompleto. Quando eu tentava pedir mais detalhes, minha mãe intervinha.

“Não importune seu pai”, dizia ela. “É muito doloroso para ele.”

Então deixei pra lá.

As pessoas que me conhecem apenas como Spaceman talvez não vão acreditar, mas fui criado em uma família que valorizava a educação e a religião. Meus pais também entendiam o valor das artes e das ciências. Da mesma forma que sou fascinado por computadores e guitarras, meu pai era fascinado por motores e circuitos elétricos e, quando ele era criança, costumava construir suas próprias baterias no porão. Sei que ele era muito bom no que fazia porque, além de seu trabalho em West Point, também consertava motores de elevador no Empire State Building e trabalhou no projeto do sistema de ignição de reserva da espaçonave

Apollo para a NASA. Ele tinha cadernos cheios de fórmulas e esboços, projetos nos quais trabalhava até de madrugada.

Portanto, meus pais enfatizaram o aprendizado e dois dos três filhos entenderam a mensagem. Minha irmã, Nancy, oito anos mais velha, era uma estudante nota dez que fez mestrado em química. Ela ensinou química no colegial por um tempo antes de se casar para começar uma família. Meu irmão, Charles, também era um aluno distinto. Ele estudou violão clássico na Universidade de Nova York, onde terminou em décimo lugar em sua turma.

E então havia eu, Paul Frehley, o caçula de três filhos e a ovelha negra.

No começo, eu gostava de esportes escolares e coletivos, mas, conforme fui ficando mais velho, minha vida social e a música começaram a ter prioridade em relação aos meus estudos. Eu me lembro de voltar para casa com notas B, C e D no meu boletim e ouvir meus pais reclamarem.

"Por que você não pode ser mais como Charlie e Nancy?"

Eu apenas levantava as mãos em desespero. Entre bandas e namoradas, quem tinha tempo para estudar?

"Você está desperdiçando sua vida, Paul", meu pai dizia, balançando a cabeça.

Certa vez, só para mostrar que conseguia, eu disse a meus pais que estudaria muito por um semestre e provaria que era tão inteligente quanto meu irmão e minha irmã. E adivinha? Só tirei notas A e B no boletim seguinte. (Muito mais tarde, o mesmo tipo de atitude de "eu falei para vocês" me fez desafiar os outros caras do KISS a fazer um teste de QI. Só para constar, obtive a pontuação mais alta: 163, que quer dizer "gênio".) Hoje sei que enlouqueci meus pais, mas Deus tinha outros planos para mim. Tudo surgiu de algo que eu sentia desde cedo: o desejo de me tornar uma estrela do rock e seguir meus sonhos. Por mais louco que pareça, eu realmente acreditava que isso aconteceria.

Dá para creditar parte de minha ambição cega a mamãe e papai! Porque, se havia alguma coisa em comum em nossa família, era a música. Graças à influência de nossos pais, nós três tocávamos instrumentos. Meu pai era um talentoso pianista de concertos: ele podia tocar Chopin e Mozart sem esforço. Minha mãe também tocava piano e gostava de tocar algumas músicas em encontros familiares. Charlie e Nancy fizeram aulas de piano e também se apresentaram em recitais. Eles depois começaram a brincar com o violão e formaram um grupo folclórico, mas essa nunca foi minha praia. Desde o começo, fui atraído pelo rock'n'roll e comecei a descobrir músicas dos Beatles e dos Stones no violão do meu irmão. Um dia, por acaso, peguei a nova guitarra elétrica de meu amigo e testei. Eu a coloquei na tomada, liguei o amplificador no dez e dedilhei um power chord.

Eu me apaixonei de imediato. Foi um acontecimento que mudou minha vida! Eu tinha só 12 anos, mas estava totalmente fisgado. Depois de alguns anos, eu tinha uma Fender Tele e um amplificador Marshall no meu quarto e vendi minha alma ao rock'n'roll. Isso não tinha volta.

Meus pais não eram totalmente contrários à minha obsessão (papai até comprou minha primeira guitarra de presente de Natal), provavelmente porque era melhor que outras alternativas. Houve vícios piores, comportamento pior, como eu já havia

demonstrado. Ao mesmo tempo que eu estava aprendendo a tocar guitarra sozinho e formando minha primeira banda, eu também estava me juntando a uma galera bastante desordeira. Portanto, embora possa ser verdade que o estilo de vida do rock'n'roll quase me matou quando adulto, também é verdade que, sem música, eu nunca teria chegado à idade adulta.

Comecei a sair com os caras mais durões do bairro quando ainda estava na escola primária para jogar pôquer, beber e matar aula - geralmente só procurando problemas. No começo me senti desconfortável com algumas das coisas que tinha que fazer, mas aprendi rápido que o álcool tornava tudo muito mais fácil. Eu não gostava de brigar, mas a audácia vinha com algumas cervejas. Conversar com garotas às vezes era estranho, mas com um pouco de conversa eu conseguia fazer com que gostassem de mim.

A primeira bebida? Eu me lembro bem disso. Todo beberrão se lembra de sua primeira bebida, de um jeito tão vivido quanto se lembra de sua primeira transa. Eu tinha 11 anos e tinha saído com meu irmão e seu amigo Jeffrey. O pai de Jeff tinha uma pequena cabana em City Island, no Bronx, e fomos lá numa sexta-feira depois da escola. O plano era pescar e dar uma volta. Eu adorava pescar quando era criança; ainda adoro. E foi nesse fim de semana que descobri que a cerveja andava de mãos dadas com a pesca. O pai de Jeff tinha deixado um pacote de seis cervejas Schaefer na geladeira, e cada um de nós ficou com uma lata ou duas. Não é exatamente uma bebedeira, mas o suficiente para me deixar confortavelmente entorpecido. Lembro-me exatamente de como era macio e seco. Logo eu me senti meio tonto e bobo, e não conseguia parar de rir. Depois apaguei. A lembrança seguinte foi de acordar de manhã com uma leve dor de cabeça e com a boca seca, mas, para ser sincero, mal podia esperar para fazer isso de novo.

E eu não esperei. Não muito, pelo menos.

No fim de semana seguinte, acabamos indo a uma festa com mais cerveja e garotas - garotas mais velhas! Eu já me sentia atraído por garotas havia algum tempo, mas esse era um território inexplorado. E lá estava eu, participando de brincadeiras que acabavam em beijo aos 13 anos, mas, depois da minha primeira cerveja, tudo que me lembro é de pensar: pode trazer!

Eu achava garotas e álcool uma ótima combinação.

O rock'n'roll viria logo depois.

2
GANGUES DE NOVA YORK

Gangues de Nova York

A divisão social no meu bairro era bastante clara: ou você era um ótimo estudante com planos para a faculdade... ou você não era. Meu irmão e minha irmã faziam parte da primeira categoria; eu, da segunda. Como muitas crianças que passavam pela escola no Bronx nos anos 1950 e início dos anos 1960, eu procurava amizade e companheirismo em um círculo diferente, aquele que preferia jaquetas de couro e jeans e topetes com brilhantina.

A transição aconteceu bem na época em que passei pela puberdade (não é assim sempre?). Durante grande parte do primário, fui um aluno indiferente, mas inofensivo, um garoto que preferia esportes a estudar. Eu era mais alto que a maioria dos meus amigos, magro e razoavelmente atlético, então a maioria dos jogos era fácil para mim. Joguei como interbase no beisebol, fui cocapitão do time de basquete da minha escola e ganhei algumas medalhas no atletismo. O único jogo de que não gostava era futebol americano. Eu era magro quando criança, sem um grama de carne extra. Isso é bom para jogar basquete (e devo acrescentar que não é ruim para um guitarrista), mas não é tão bom para o futebol. Um dos policiais locais convenceu a mim e a alguns amigos a ingressar no time de futebol americano da Liga Atlética da Polícia um ano, e ainda me lembro do pontapé inicial. A bola voou direto para os meus braços e eu saí pela linha lateral, imaginando que tinha velocidade e movimento para fazer um bom retorno.

Errado.

Nem vi o garoto chegar. Ele me acertou no peito e me deixou sem ar! A bola foi para um lado, meu capacete foi para outro. Por vários segundos, fiquei ali ofegante - nunca tinha sido atingido assim e não podia acreditar no quanto doía. Foi assustador demais; a partir daí, percebi que o futebol não era para mim.

Apesar de querer afirmar o contrário, a verdade é que eu não era uma criança particularmente durona. Isso foi comprovado não apenas no campo de futebol, mas também nas ruas do Bronx. Eu era uma criança divertida que gostava de música e esportes. Eu não me encaixava bem no grupo descontraído e estudioso; nem me encaixava perfeitamente no cenário das gangues. Os caras durões estavam sempre provocando outras crianças, empurrando as pessoas, vendo até onde conseguiam chegar até desencadear uma resposta. Eu odiava esse sentimento de apreensão, de precisar me preocupar com o fato de ir até a loja de doces ou voltar da escola sem saber quem poderia estar esperando na próxima esquina, fumando cigarro, ouvindo música doo-wop e aguardando a oportunidade para dar uma surra em alguma criança.

Basicamente, para esses caras, era prática de tiro ao alvo.

E, mais de uma vez, eu fui o alvo.

Admito que houve vezes em que chamei a atenção (embora essa não fosse minha intenção). Como eu disse, comecei cedo com as garotas e, quando você brincava

com garotas no meu bairro, era prudente ter cautela e bom senso. Especificamente, só um idiota ia atrás de garotas que tinham algum tipo de ligação com uma das gangues locais.

Bom, que porra era essa? Para um garoto inteligente, eu poderia ser um verdadeiro idiota. Teimoso também. Afinal, sou taurino.

Dominando a cena das ruas nesta parte do Bronx, estava a gangue dos Ducky, um grupo de jovens entre o início da adolescência e vinte e poucos anos. Predominantemente irlandeses, mas com alguns italianos e alemães, os Duckies eram um grupo formidável cujo território se concentrava em torno da área de Twin Lakes (o "lago dos patos") do Jardim Botânico de Nova York. Os Ducky Boys nasceram na época em que eu estava no ginásio, e a ascensão deles era paralela à minha adolescência. Embora tenham morrido em meados da década de 1970 (apenas para serem imortalizados no filme A gangue da pesada), eles eram os reis de Nova York para mim, e meu medo deles era superado apenas pelo desejo de me juntar a eles. Não necessariamente porque eu os admirava ou queria fazer parte de uma gangue, mas porque estava cansado de levar chutes no traseiro.

O momento de clareza veio numa tarde, enquanto voltava da escola, quando eu tinha uns 12 ou 13 anos. Eu estava com uma garota bonita havia algumas semanas, indo atrás dela nos fins de semana, procurando-a em festas, ocasionalmente tirando um pouco de tempo para me divertir. Bem, eu deveria saber. A garota já havia sido reivindicada por um dos Ducky Boys, então o protocolo ditava que todos os outros mantivessem distância.

Ela era, para todos os efeitos práticos, intocável.

E eu a toquei.

Então lá estava eu, passeando pelo parque, cuidando da minha vida, quando de repente o namorado dessa garota apareceu de trás de uma árvore e a alguns passos à minha frente. Eu nem sabia como reagir. O rapaz era um ou dois anos mais velho que eu, uma e cabeça mais alto provavelmente tinha uns dez quilos a mais; um homem adulto comparado comigo. Congelei por um momento e tentei analisar minhas opções.

Largar meus livros escolares e correr como se não houvesse amanhã?

Exercer um pouco de diplomacia? (Sempre fui muito esperto quando se tratava de resolver meus problemas.)

Depois aprendi os pontos mais complicados da briga de rua, e o mais importante é o seguinte: sempre fuja do primeiro golpe. Mas eu era inexperiente e estava assustado. Antes que eu tivesse chance de reagir, o cara se inclinou para frente e me deu um soco na cara. Eu estava acabado.

Não sei quanto tempo fiquei inconsciente, provavelmente apenas alguns segundos. Mas, quando voltei a mim, com a cabeça doendo e a visão embaçada, o cara estava parado em cima de mim.

"Fique longe da minha garota", disse ele, "ou eu vou te matar".

E então ele saiu, me deixando lá sozinho, tonto e desorientado, pensando se alguma garota valia tanto trabalho.

Mas, é claro, elas valiam. Tive problemas com mulheres a vida inteira e, com isso, quero dizer que as mulheres sempre me metiam em problema. Ou, melhor dizendo, eu me metia em problema por causa das mulheres. Isso tem sido um tema recorrente de autodestruição, assim como as drogas e o álcool. Desde o momento em que aprendi a usar esse tipo de coisa, com frequência me deixei levar pelo meu pau e, no fim, fui punido muitas vezes.

No entanto, não havia nenhum raciocínio em minha mente adolescente (para não falar dos hormônios adolescentes). Outro cara teria ido para casa e se masturbado com uma revista Playboy até encontrar uma garota mais adequada à sua posição na vida. Eu não. Eu gostava das garotas mais loucas por um motivo muito bom: elas transavam. Isso deixava duas opções para mim e meus testículos congestionados:

1) Encontrar outra garota.
2) Juntar-me aos Duckies.

Escolhi a opção número dois.

A gangue Ducky não aceitava ninguém. Você tinha que provar que tinha valor ao ser submetido a uma iniciação que durava várias semanas. Para mim, isso acabou sendo uma coisa boa. O intervalo entre minha primeira manifestação de interesse e o ponto sem volta (fazer parte de uma gangue) foi tão grande que tive tempo de desenvolver outros interesses menos arriscados - como tocar guitarra. No entanto, por um tempo, eu realmente queria fazer parte de uma gangue e sentia necessidade de ser aceito.

Éramos conhecidos, não oficialmente, como “Junior Duckies”. Eu adorava fazer parte da gangue e desfrutava da segurança que eles ofereciam, mesmo que isso incluísse alguns dos caras que haviam tornado minha vida miserável alguns anos antes. Para os Junior Duckies, a vida em gangue tinha mais a ver com brincadeiras de mau gosto e passar tempo com garotas. Todos os fins de semana, nos reuníamos no lago dos patos e bebíamos cerveja, irritávamos as pessoas e procurávamos problemas. Isso não exigia muito esforço, pois os Duckies não eram a única gangue da cidade. Andávamos até a Bronx River Parkway, perto dos limites do gramado dos Ducky, e, se encontrássemos alguém se aventurando pela linha, rapidamente começávamos uma briga. Elas eram menos letais naqueles dias. Enquanto alguns dos caras mais velhos da gangue Ducky carregavam facas e armas caseiras, geralmente recorríamos a correntes ou tacos de beisebol. Para os Junior Duckies, a emoção vinha na forma de correr riscos. Pegávamos carona nas traseiras dos ônibus da cidade e trens elevados, atividades que geralmente chamavam a atenção da polícia local, o que nos levava a ser perseguidos por todo o bairro. Emoções baratas, acho que você diria. Quando não estávamos brigando ou festejando com as garotas locais, no inverno às vezes jogávamos bolas de neve em carros de patrulha apenas para conseguir alguma reação. Eles acendiam as sirenes e nos perseguiam, e nós nos dispersávamos em todas as direções. Estúpido? Claro. Mas era emocionante e muito

divertido. Algumas vezes fui preso e acabei no 52º Distrito Policial, onde meus pais precisavam me buscar. Depois de um tempo, minha mãe se preocupava sempre que eu saía de casa.

"Por favor, tenha cuidado lá fora hoje à noite, Paul", dizia ela, retorcendo as mãos.

Mas ela nunca tentou me impedir, e meu pai também não. Quando eu tinha 14 anos, estava perdendo o controle. Eu não queria ficar em casa nem fazer minha lição de casa, nem mesmo ir à escola, nesse caso. Eu só queria sair com meus amigos e festejar. Eu queria tanto isso que estava disposto a passar por uma iniciação de Junior Ducky. Brigar fazia parte disso, é claro; se os Duckies brigassem, esperava-se que você estivesse lá e defendesse seus amigos. Às vezes um alvo seria designado para você - um pobre garoto da escola que havia irritado um dos Duckies - e seu trabalho era dar uma surra nele. Eu já estava cansado de ser alvo; agora me pediam para aplicar a punição. Os covardes, de qualquer forma, não eram bem-vindos. Às vezes, para provar que tinha colhões, você era convidado a fazer algo perigoso.

Ou estúpido.

Ou, no meu caso, as duas coisas.

"Vamos lá, Paul, mexa sua bunda magra!"

Estávamos parados perto de um viaduto acima da Avenida Webster numa noite de sábado e, abaixo dele, havia bastante tráfego de fim de semana. Eis a hora da verdade. Se eu quisesse fazer parte da gangue, teria que mostrar vontade de colocar minha vida em risco. Dessa vez eu estava sozinho.

"Isso é loucura", falei.

E era. Eles me falaram para engatinhar, saindo para uma passagem embaixo da ponte e depois me pendurar em uma viga de metal com os pés balançando na estrada. Bebi algumas cervejas para aumentar minha confiança, mas ainda estava assustado. Respirei fundo e me ajoelhei. Eu estava tão nervoso que quase mijei nas calças, mas meu medo foi superado pela minha necessidade de ser aceito. Se eu pudesse passar por esse ritual insano sem me matar, finalmente faria parte da gangue mais durona do meu bairro. Então eu teria proteção. Ninguém nunca mexeria comigo de novo. Por isso, acredite ou não, eu estava disposto a arriscar minha vida.

Alguns momentos depois, eu estava pendurado acima da estrada. Eu podia ouvir meus amigos gritando e aplaudindo, mas não conseguia entender uma palavra do que eles estavam dizendo com o barulho do tráfego abaixo. Me obriguei a abrir os olhos e olhei para a beira da ponte. Eles estavam me acenando para voltar. Puxei as pernas em direção ao peito e engatinhei de volta para a segurança, onde fui recebido de braços abertos.

Finalmente entrei!

No Bronx, eles chamavam isso de "músculos de cerveja" - um fenômeno em que um sujeito discreto, divertido, fica bêbado e de repente quer brigar com alguém. Esse era eu. Se eu tomasse duas ou três cervejas, enfrentaria qualquer um, porque basicamente não tinha medo. A cada bebida, as inibições desapareciam, e também qualquer preocupação com as repercussões. Talvez por isso as pessoas se afastassem de mim (bem, isso e o fato de eu ter os Duckies do meu lado). Eu era alto e magro, e

não muito bom com os punhos, mas quando bebia me sentia um super-herói. Eu brigaria com qualquer um, quase sem provocação. Ganhei muitas brigas só porque me recusei a desistir. As pessoas tendem a pensar que você é meio louco quando você dispara tão rápido, e quem quer brigar com um cara louco?

O álcool, principalmente a cerveja, me tornou uma pessoa diferente, e eu meio que gostei dessa pessoa. Ele não tinha medo de nada nem de ninguém. Além disso, ele era suave como seda quando se tratava de lidar com garotas. Tudo isso anda de mãos dadas. As mulheres gostam de caras confiantes, engraçados e convencidos. Um pouco perigoso. Eu era todas essas coisas em um único pacote. E, como meu fascínio pela música se intensificou nos anos seguintes, descobri que, embora o álcool não me tornasse um guitarrista melhor, ele me tornava um artista mais extrovertido. Quando eu era mais jovem e tocava nas festas da escola ou em atividades da igreja, sofria de medo de palco. Mas, se eu tomasse algumas bebidas alcoólicas, o nervosismo desaparecia. Eu era Jimmy Page e Jimi Hendrix combinados em um. O lugar era meu!

Beber sempre fazia parte das atividades da Junior Duckies. Alguns dos meus amigos também cheiravam cola. Estava facilmente à disposição, era o barato perfeito para os rapazes. Cheirei cola só algumas vezes quando criança (e uma vez quando adulto - conto mais sobre isso depois), e achei as viagens completamente monótonas ou um pesadelo. A viagem ruim aconteceu atrás de um posto de gasolina perto de Frisch Field (em homenagem ao grande jogador de beisebol Frankie Frisch, nascido no Bronx, tenho orgulho de dizer). Eu me encontrei com dois amigos, ambos cheiradores experientes, cortamos fora a tampa de um tubo de cola e nos pusemos a trabalhar.

Alguns detalhes me escapam, mas eu me lembro de um sentimento avassalador de paranóia e medo. Me convenci de que havia morrido e ido para o inferno. Eu estava completamente separado da realidade. Até hoje, continua sendo uma das experiências mais assustadoras que já tive com drogas - e estou falando sério.

Depois disso, por um tempo, fiquei completamente careta. Eu bebia cerveja, é claro, mas era isso. Aliás, alguns anos se passariam até que eu experimentasse fumar maconha. Naquela época, comecei a sair com outros músicos, caras que não faziam parte da minha gangue, nem de nenhuma outra gangue. Faziam mais o estilo hippie. De repente, comecei a mudar meu penteado - parei com o topete e a brilhantina e comecei com o cabelo mais comprido e desgrenhado. Fiquei fascinado com a "invasão britânica" - principalmente com os Beatles e os Stones - e comecei a gravitar em torno de outros músicos que tocavam a música que eu gostava de tocar. Esses caras, na maioria das vezes, não eram durões, eram caras paz e amor e roqueiros.

E eu tinha um pé no mundo deles.

Se não fosse pela música, tenho certeza de que me tornaria um membro de gangue sênior e acabaria morto ou preso. Mas a música me afastou disso. Ela literalmente salvou minha vida. Comecei a tocar nos fins de semana, ensaiando à noite e, por fim, os caras da gangue Ducky viraram as costas para mim. Não posso culpá-los. Quanta rejeição dá para aguentar?

“Ei, Paul, vamos lá. Vamos invadir um armazém hoje à noite.”

“Desculpa, cara. Não vai dar.

Consegui uma apresentação.”

Foi uma progressão natural, eu seguindo para uma direção e eles, para outra. Comecei a tocar mais, até ganhando dinheiro com alguns dos meus shows, enquanto eles se envolviam em coisas mais sérias e tomavam drogas mais pesadas. Não que eu não quisesse andar com esses caras também, mas... bom, há apenas tantas horas num dia. Então, você tem que fazer uma escolha.

Escolhi a guitarra.

Ou talvez a guitarra tenha me escolhido.

Aos 16 anos, eu estava tocando em algumas bandas decentes e conseguindo shows cada vez melhores. Em algum momento, decidi que não queria ir para a cadeia. Eu já tinha passado por delegacias de polícia e celas o suficiente e também conheci caras o suficiente para saber que eu provavelmente não teria me saído bem na prisão. Não estava preparado para isso. Queria tocar música, queria ser uma estrela do rock. Então, quando as atividades dos Ducky Boys aumentaram, eu me afastei. O começo tinha sido bastante benigno. Quer dizer, fazíamos “ligações diretas” nos carros e dávamos uma volta, não levávamos os carros para o desmanche nem nada. Eu também tive sorte. Nunca fui pego em algo tão sério quando jovem. Lembro-me de acordar um dia com uma ressaca e me dar conta de que tinha feito besteira e fugido na noite anterior. Roubei um carro e dirigi por todo o Bronx antes de abandoná-lo à beira da estrada.

Isso teria custado caro: dirigir embriagado, furto, excesso de velocidade e qualquer outra coisa que eles quisessem colocar na minha conta.

Apesar das evidências contrárias, eu não era idiota. Comecei a ver que alguns dos meus amigos estavam arriscando suas vidas de um jeito ridículo. Provavelmente porque não davam a mínima. Não viam nada melhor no futuro. Alguns deles não se importavam se viveriam ou morreriam. Meu amigo Walter, por exemplo, foi para o centro de detenção juvenil quando estávamos no meio da adolescência. Logo depois de sair, ele esfaqueou um cara em uma briga de bar. Cumpriu cinco anos por esse crime em uma penitenciária estadual. Um dos meus amigos mais próximos, Tommy McCalden, se enforcou na prisão de Rikers Island com 18 anos. O pai de Tommy era zelador do meu prédio quando eu era criança e estávamos juntos no Junior Duckies. Nós nos separamos quando ele morreu, mas ainda me lembro de ter ficado abalado com a notícia.

Eu não queria seguir esse caminho. Eu queria mais da vida.

Eu esperava mais.

LANEY
LANEY
ACE
ACE

3
MÚSICA NA
QUINTA DIMENSÃO

Música na Quinta Dimensão

Em relação à escola, sempre fui um idiota, sempre tentando (ou não tentando) me encaixar em grupos aos quais não pertencia. Eu não conseguia me entusiasmar muito com as atividades acadêmicas.

Provavelmente não me encaixava nem em uma sala de aula tradicional. Eu teria me sentido melhor em uma escola que atendesse crianças com interesses mais criativos, como arte e música. Na época em que eu ia para a escola, havia apenas alguns professores interessantes, que incentivavam a criatividade, por isso dediquei muito tempo descobrindo formas criativas de evitar ir à escola. No fim, passei por três escolas secundárias em quatro anos. Fui expulso das duas primeiras, abandonei a terceira.

Comecei na escola Our Savior Lutheran, a próxima parada natural na rede educacional para crianças que haviam frequentado a escola primária Grace Lutheran. Mas odiei isso desde o começo. Depois de algumas semanas eu já estava matando aula; então comecei a matar dias inteiros. Fugi disso por um tempo também. O truque era aparecer na escola de manhã e depois sair de fininho. No entanto, um dia, perdi o ônibus de propósito e saí com alguns amigos. Infelizmente, deixei de contar a meu irmão Charlie o que havia planejado. Charlie era bem certinho, se esforçava para se sair bem na escola e, como muitos irmãos mais velhos, propenso a se preocupar com o irmão caçula. Então, quando ele almoçou naquele dia e não conseguiu me achar, ficou muito nervoso. Não que ele estivesse tentando me causar problemas; ele estava preocupado de verdade que algo ruim tivesse acontecido comigo. Então ele foi à sala do diretor, disse que eu não estava doente e pediu para que me encontrassem.

O que eles fizeram.

No fim do dia, eu estava sentado na sala do diretor com minha mãe, sofrendo uma repreensão verbal.

“Sabe, Paul”, disse o diretor, “você precisa levar mais a sério os anos do colegial se quiser fazer alguma coisa da sua vida”.

“Sim, senhor.”

Ele me deu um olhar severo.

“Se esse tipo de comportamento continuar, teremos que deixar você ir.”

Deixar você ir...

Parecia mais uma recompensa do que uma ameaça.

Nem preciso dizer, isso continuou e eles me deixaram ir.

Não me importei. Eu odiava o Our Savior Lutheran. Tinha que pegar dois ônibus diferentes para chegar lá, não aguentava o uniforme e me afogava em disciplina no momento em que chegava lá todas as manhãs. Quando eu era calouro no colegial, já tivera minha cota de educação paroquial. Por alguma razão, pensava que, se eu pudesse ser transferido para a escola pública do meu bairro, a DeWitt Clinton, tudo seria melhor. Então foi o que fiz.

O choque cultural foi imediato e avassalador. Eu não tinha ideia de como as escolas públicas funcionavam. Durante nove anos, eu só tinha frequentado escolas

paroquiais e, embora em geral as achasse sufocantes e pouco apoiadoras, havia um certo nível de conforto associado à familiaridade. Tanto a Grace Lutheran School quanto a Our Savior Lutheran High School eram pequenas e íntimas. Dava para conhecer quase todo mundo da sua série, assim como a maioria dos professores.

DeWitt Clinton?

Esse lugar era como uma metrópole comparada às escolas anteriores. Com mais de 4 mil alunos, incluindo todos os estereótipos do colegial que você possa imaginar, era um monumento ao darwinismo. Você descobria uma forma de se encaixar e sobreviver, ou era mastigado e cuspido. Felizmente, eu já tinha alguns amigos na Clinton, o que ajudou a facilitar a transição. Também foi em Clinton que comecei a sair mais com músicos do que com membros da gangue. Mas, por um período, dividi o tempo entre os dois grupos. Às vezes acho que teria sido um bom diplomata; sempre fui muito bom em situações delicadas, desempenhando o papel de pacificador em vez de instigador (isso era verdade, mesmo muitos anos depois, no KISS). Eu conseguia me controlar em uma briga, mas raramente procurava um confronto. Preferia o caminho de menor resistência.

Mais do que qualquer outra coisa, eu queria me divertir.

Assim como na Our Savior Lutheran, as aulas na DeWitt Clinton interferiam na minha diretriz principal e, em pouco tempo, eu já estava familiarizado com todo mundo na sala do diretor. Um dia decidi não ir para a escola. Por si só, não era nada fora do comum; eu fazia isso o tempo todo. Normalmente, eu só saía com os amigos, fumava maconha, tomava algumas cervejas, tocava meu violão. Umas merdas inofensivas, preguiçosas, sem propósito.

Entretanto, nesse dia específico, havia um propósito associado ao fato de matar aula. Não me lembro da data exata, mas foi entre 25 de março e 2 de abril de 1967. Durante essa semana, o lendário DJ nova-iorquino Murray the K promoveu uma série de shows que duravam o dia inteiro no cinema RKO da rua 58, em Manhattan. "Murray the K apresenta música na 5ª dimensão" (o fato de uma personalidade de rádio receber tanto destaque nos dá ideia de quanto poder Murray the K exercia naqueles dias) era uma compilação impressionante de talentos e estilos musicais diversos. Coroando o evento, se é que dava para acreditar nos cartazes, estavam Mitch Ryder e Wilson Pickett. Estas eram as maiores atrações: Ryder, que havia recém começado uma carreira solo, e tocaria sem a Detroit Wheels; e Pickett, um dos maiores cantores de soul de todos os tempos.

E isso era apenas o começo.

Se você olhar para esse cartaz agora, ele parece uma revista com os grandes nomes do rock'n'roll: Simon & Garfunkel, Young Rascais, Phil Ochs, Blues Project (com Al Kooper) e as duas bandas que eu mais queria ver: The Who e Cream. (É, isso mesmo, "Cream". É assim que eles eram anunciados.)

Durante uma semana inteira, esses caras arrebentaram no RKO, transformando um cinema no centro da cidade em uma vitrine para alguns dos maiores músicos da história do rock'n'roll. Eu precisava fazer parte disso. Já que os shows começavam às 10h da manhã e aconteciam a tarde toda, a escola estava fora de questão.

Esse evento foi algo transformador para mim. Faltava um mês para o meu décimo sexto aniversário e eu estava nos estágios iniciais de tentar formar algum tipo de identidade artística. Eu adorava brincar com o violão e tocava em bandas com meu irmão e alguns amigos. De certa forma, eu sabia que queria ser um músico profissional, mas, naquele dia, perto da fachada do cinema RKO, tudo ficou claro para mim.

Pete Eu queria ser Townshend.

Eu queria ser Eric Clapton.

Eu queria ser uma estrela do rock com a guitarra.

Nem o Cream nem The Who haviam se apresentado nos Estados Unidos antes dos shows de Murray the K. Vendo em retrospecto, foi um evento histórico. Não que eu tenha percebido isso na época. Para mim, foi apenas um evento extraordinário. Não me lembro exatamente como isso aconteceu, mas em algum momento acabei perto do palco com alguns de meus amigos no início do dia, conversando com o próprio Murray the K. Eu só andei até ele e comecei a conversar sobre os shows. Todo mundo conhecia Mitch Ryder na época, mas Murray estava mais interessado em falar sobre The Who e Cream.

"Esses caras vão ser monstros", garantiu Murray. "Aguarde e verá."

The Who já havia lançado alguns álbuns, incluindo My Generation, mas eles ainda eram principalmente um fenômeno britânico. A mesma coisa acontecia com o Cream, um trio poderoso com Eric Clapton, Jack Bruce e Ginger Baker. Eu conhecia as duas bandas, mas não tinha ideia do que estava fazendo naquele dia.

Observar Clapton manusear a guitarra com tanta fluidez e sem esforço foi fascinante. Mas o que realmente chamou minha atenção foi ver The Who e a forma como os músicos combinavam as performances com músicas e harmonias incríveis. Keith Moon atacou na bateria. E Townshend me surpreendeu com seu poderoso trabalho com acordes e carisma. Fiquei fascinado quando eles destruíram seus instrumentos e deixaram o palco cheio de fumaça em ruínas!

Era brutal, violento e divertido demais.

Esses caras sabiam tocar e cantar, e sabiam como fazer um show.

Fiquei lá, de pé, admirado com toda a experiência. A essa altura eu já tinha visto muita música ao vivo, mas nenhuma banda desse calibre. Era um grande momento do rock'n'roll, e eu queria fazer parte dele. Eu queria a coisa toda: os amplificadores gigantes, os efeitos especiais, as garotas gritando meu nome na primeira fila. Mas o engraçado é que não me lembro de ter me sentido oprimido por isso. Acho que nunca senti que estava além do meu alcance ou que estava sonhando alto demais. Claro, idolatrei outros músicos ao longo do caminho e provavelmente teria ficado muito inibido para falar com Pete Townshend se tivesse tido a oportunidade naquele dia em Nova York. Mesmo assim, havia uma vozinha na minha cabeça dizendo: "Você pode fazer isso. Você fará isso".

Minhas expectativas nunca foram baixas. Sempre acreditei que a maioria das pessoas se arruína pelas limitações que cada um se impõe. Nunca tive medo de dar esse passo, de ver o que era capaz de fazer. A sorte desempenha algum papel no

sucesso, principalmente num campo criativo? Claro que sim. Mas se você não tem coragem de tentar, está destinado a falhar.

Clapton?

Townshend?

Esses caras tinham talento. E também colhões.

E, embora não fosse tão conhecido, Jim McCarty, o guitarrista da banda de Mitch Ryder, também. Engraçada a forma como as coisas se completam às vezes. Esse show serviu como minha introdução ao rock'n'roll profissional e causou uma impressão indelével. Alguns anos depois, quando eu tinha 18 ou 19 anos, acabei tocando com McCarty na casa de um amigo em comum no Bronx. Jim estava na cidade, visitando nosso amigo, e eles me convidaram. A música era assim no fim dos anos 1960, início dos anos 1970. Caminhos se cruzavam dos jeitos mais estranhos. Havia muitas pessoas começando bandas e tocando em apresentações no país inteiro. Era uma irmandade.

Anos mais tarde (décadas, na verdade), quando eu estava na estrada com meu projeto solo, Frehley's Comet, a banda de Jim McCarty fazia o show de abertura. Depois, ficávamos nos bastidores, bebendo cerveja e trocando histórias. Sempre achei que Jim era um dos guitarristas americanos mais subestimados, e dividir o palco com ele depois de todos esses anos foi uma viagem real.

Você nunca sabe como as coisas vão acabar.

Que eu soubesse, não havia regra de três erros na DeWitt Clinton High School. No meio do meu primeiro ano, eu já fora pego matando aula em várias ocasiões e tinha sido suspenso duas ou três vezes. O que posso dizer? Eu era um jovem incorrigível. E era uma época turbulenta. A Guerra do Vietnã era atroz e o cenário musical estava mudando rapidamente. Tenho sorte de não ter tido muito mais problemas do que tive. Eu não era um criminoso, era apenas um pé no saco para alguns... embora com um senso de estilo. Veja, quando eu tinha 16 anos, troquei minha jaqueta de couro e jeans por botas até o joelho e camisas com babados, como os caras do Kinks ou do Paul Revere & the Raiders. Eu tinha pose de estrela do rock e me comportava como uma estrela do rock, mesmo que ainda não percebesse o trabalho que daria para me tornar uma estrela do rock de verdade.

Imaginei que não tinha nada a ver com assistir às aulas na DeWitt Clinton.

Então, um dia, meu amigo e eu pegamos cerveja e maconha e saímos com algumas garotas. Mais uma vez, nada fora do comum, exceto que uma das meninas tinha a sorte de ter uma mãe que trabalhava todos os dias, então o apartamento da família ficava convenientemente vazio. Às 10h da manhã, nossa festa corria solta. Ficávamos bêbados, formávamos pares, transávamos e, em geral, tínhamos um dia muito mais interessante do que teríamos na escola. No entanto, a mãe da garota chegou mais cedo do trabalho naquele dia e surtou. Ela nos pegou com as calças abaixadas e garrafas de cerveja por toda parte. Subi a calça, fechei o zíper e saí correndo do apartamento com meu amigo, enquanto a mãe da garota ainda gritava.

No dia seguinte, ela telefonou para o diretor da DeWitt Clinton.

Para as outras pessoas envolvidas, não era um crime particularmente sério. Mas para mim foi a última gota que fez o copo transbordar. Além das notas baixas e do

histórico de vezes que matei aula, fui considerado culpado por não ter discernimento quando se tratava de cuidados pessoais. Em meados da década de 1960, na Europa, você podia usar cabelos compridos e isso não era nada além de uma afirmação de moda. Mas, nos Estados Unidos da América, nesse momento específico, usar cabelos compridos significava algo totalmente diferente. Era uma afirmação política e ameaçava as pessoas em posição de autoridade. Para ser sincero, com alegria, eu desconhecia questões com mais significado do que ajudar as garotas a tirarem suas roupas. Eu não era um dissidente político. Quaisquer tendências hippies que eu pudesse ter exibido eram estritamente uma questão de conveniência e estilo de vida. Eu queria transar, ficar bêbado, ficar chapado e tocar numa banda. Eu queria um determinado aspecto no palco e, ao conseguir esse aspecto, me vi agrupado com os manifestantes e protestantes contra a guerra.

"Corte o cabelo, Frehley", o diretor me falava.

"Qual é, cara? É um país livre. Pare de me incomodar."

Então eles pararam - me expulsando da escola. Agora eu era estudante de colegial "2 a 0", e meus pais, sem surpresa, estavam começando a perder a paciência. Não tanto minha mãe - eu era seu garotinho e ela sempre teve um fraco por mim, não importa quão perturbador eu possa ter me tornado. Mães são assim. Mas meu pai já estava na casa dos 60 anos e não tinha tempo nem disposição para me encorajar a me comportar melhor com gentileza. Como eu disse, meu pai geralmente era uma presença bastante benigna e silenciosa na minha vida, mas uma segunda expulsão quase o levou ao limite.

"Comporte-se", disse ele um dia, "ou saia de casa".

"Tudo bem", respondi. "Vou cair fora daqui."

Foi um momento bastante dramático. Peguei algumas roupas e minha guitarra e saí do apartamento batendo a porta. Havia apenas um problema: eu não tinha para onde ir. Merda, eu tinha 16 anos, não tinha dinheiro nem habilidades profissionais. Eu não poderia morar com nenhum dos meus amigos, porque os pais deles também teriam me dispensado. Considerando a possibilidade de virar um sem-teto em Nova York, fiquei com apenas uma opção:

Casa do Duke.

Duke era um cara negro que morava na Avenida Burnside, no Bronx. Ele era, para dizer o mínimo, meio que um personagem desagradável, embora eu não tenha realmente visto dessa maneira na época. Duke era um músico de vinte e poucos anos e passava um bom tempo saindo com uma galera do colegial. Seu pai era zelador de um prédio de apartamentos e Duke tinha um apartamentinho de um quarto no porão. Então ele estava por conta própria, mas não exatamente por conta própria, já que mamãe e papai pagavam as contas. Eu o conhecia um pouco através das minhas conexões musicais. Duke sempre quis estar numa banda, mas não era músico, então seu plano era montar um grupo para apoiá-lo enquanto ele manejava o microfone. Ele não podia me pagar nada, mas a oferta era atraente.

"Vou dizer uma coisa", disse Duke. "Venha me dar apoio e eu deixarei você usar minha casa sempre que quiser. Traga sua namorada, tome uma cerveja, fume um pouco de maconha. Faça o que quiser fazer."

Para um adolescente, não era um mau negócio. Duke e eu tocávamos no Hospital de Veteranos, na Kingsbridge Road, no Bronx, e entretínhamos os veteranos doentes. Às vezes, éramos apenas nós dois - eu na guitarra e Duke cantando. Outras vezes, tínhamos um baixista ou um guitarrista rítmico e um baterista. Mas era o show de Dukie o tempo todo. Ele era uma figura. O cara tinha a constituição do Hércules e, ainda assim, se movimentava como Mick Jagger. Depois do show, voltávamos para a casa de Duke, tomávamos cerveja e saíamos. A geladeira estava sempre cheia, o que era um bônus quando você matava aula e levava uma garota.

Nem preciso dizer que todo esse esquema pesava contra Duke, e suponho que era só uma questão de tempo para dar tudo errado. Os policiais fizeram uma batida na festa no apartamento de Duke e nos levaram para interrogatório. Ainda me lembro de ver o pai de uma das garotas brigando com Duke na delegacia e gritando para ele: "Deixe minha filha em paz ou eu vou te matar!".

Os policiais nos mantiveram lá por horas, interrogando todos nós sobre Dukie e nossa relação com ele. Eles pareciam mais preocupados com a natureza de sua amizade com um grupo de adolescentes do que com a probabilidade de ele ter fornecido álcool a menores.

Mas Duke era louco e se livrou dessa. Se ele tivesse se assustado com a polícia, sabe-se lá o que teria acontecido. A festa continuou, com bastante álcool e garotas menores de idade. No fim, Duke desapareceu do bairro. Ouvi dizer que ele estava na prisão, cumprindo pena pelo mesmo tipo de comportamento que o colocara em apuros no passado. Porém, a essa altura, fazia um bom tempo que eu havia me distanciado de Duke. Morei com ele durante menos de um mês, depois disso fiz as pazes com meus pais e voltei para a casa deles.

A verdade é que eles estavam preocupados comigo e, a partir desse momento, coexistimos em relativa tranquilidade. Com isso, quero dizer, mamãe e papai pararam de me incomodar com o meu estilo de vida rock'n'roll e tentei não lhes dar motivos de preocupação. Acho que de alguma forma eles perceberam que eu não era um mau garoto. Eu simplesmente não era o tipo de jovem que eles queriam que eu fosse. O que mais os chocou foi o sucesso que eu tinha com as garotas. Em geral, eu tinha várias namoradas. Meu pai, é claro, não entendia nada.

"Que diabos ela vê em você?", dizia ele, balançando a cabeça.

Enquanto isso, minha mãe não conseguia acreditar que minhas namoradas passavam na minha casa para limpar meu quarto! Elas arrumavam minha cama, pegavam minhas roupas sujas, lavavam e estendiam e depois me esperavam chegar em casa da escola. Eu passava pela porta e mamãe estava lá com uma expressão de espanto. "Michelle está aqui."

"Ah é? Onde ela está?"

Mamãe apontava para a porta do meu quarto e balançava a cabeça.

Acho que ela provavelmente ficava chocada em vários níveis, mas ela tolerava. Talvez porque isso significasse menos trabalho para ela.

Não quero me gabar, mas sempre me saí bem com garotas. Comecei as brincadeiras quando tinha 11 ou 12 anos e perdi a virgindade aos 15. Para mim, as meninas não eram tão misteriosas. Eu não era o cara mais bonito do mundo, mas

nunca me faltava companhia, principalmente porque sabia conversar com as garotas e fazê-las se sentirem à vontade. Eu era engraçado, contava piadas, fazia truques de mágica e tocava violão. Do que mais você precisa, cara?

Quando fiquei um pouco mais velho e comecei a sair para bares e clubes noturnos, desenvolvi algumas estratégias para chegar nas mulheres. É idiota, mas sabe o que sempre funcionava? Eu usava uma camiseta e um paletó e, no bolso do peito do paletó, deixava um ursinho de pelúcia com os braços aparecendo. Eu ia até uma garota, obviamente depois de tomar alguns drinques, e dizia: "Ei, você quer conhecer meu amigo?". Então eu abria meu paletó e tinha esse ursinho de pelúcia esperando para dizer olá.

Às vezes isso fazia a garota revirar os olhos e se afastar, mas, com frequência, a resposta era: "Aaahhhh, que fofo!".

E então eu conseguia chegar.

Se você tem uma aparência mais ou menos decente e é divertido e extrovertido, você só precisa de um pequeno quebra-gelo. Mas a maioria dos caras tem muito medo de tentar. Eles não sabem como iniciar uma conversa. Todos nós temos nossas inseguranças, é claro, e eu com certeza tinha as minhas, mas depois de algumas bebidas eu conseguia fazer qualquer coisa, incluindo chegar na garota mais gostosa do lugar. No fim, fiquei tão bom em conversar com garotas que conseguia arranjar uns esquemas para os meus amigos também, e foi assim que acabei com o apelido de "Ace".

"Sabe, você é um ás, cara", disse um deles uma noite, depois que eu o apresentei a uma garota que ele desejava. "Você realmente nos ajuda com as garotas."

E foi isso. O apelido pegou.

É um clichê que os caras entram em bandas principalmente para conhecer garotas, mas, como em qualquer clichê, há mais do que um pouco de verdade nele. Na primeira vez que toquei numa festa da igreja, quando tinha 14 anos, as meninas se reuniram ao redor, olhando para mim e para os outros caras da banda. Não tinha nada a ver comigo, e tudo a ver com o fato de eu estar lá no palco, tocando violão. As meninas eram atraídas por isso, como abelhas pelo néctar. Elas não conseguiam evitar.

Às vezes você nem precisava do violão; você só tinha que representar o papel.

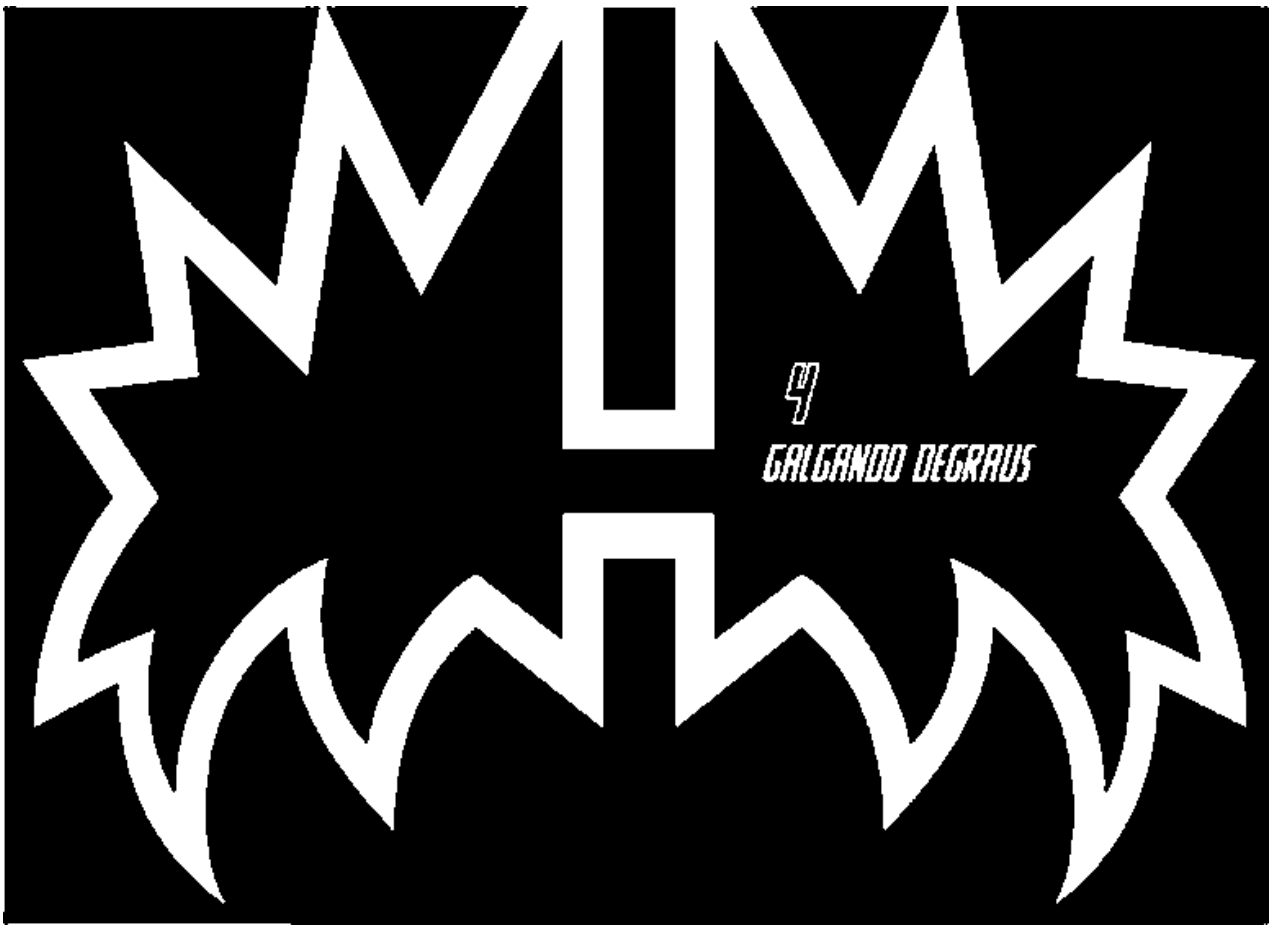
Eu tinha uns 16 ou 17 anos quando estava saindo um dia com alguns amigos perto da Universidade Fordham. Era uma tarde movimentada de fim de semana, com muitas pessoas circulando, incluindo milhares de garotas bonitas. Eu estava com minha camisa com babados e jeans enfiado em botas até o joelho. Meu cabelo estava na altura dos ombros: o look de uma estrela do rock.

"Ei, me faz um favor", falei para um dos meus amigos. "Vou me aproximar daquele grupo de garotas e quero que você chegue em mim e peça meu autógrafo."

Meu amigo atuou lindamente, entrou na multidão e colocou uma caneta e um papel na minha frente.

"Oh, cara, obrigado. Adoro seus discos!" Em segundos eu estava cercado de garotas bonitas. Elas flertavam, disputavam atenção e tentavam descobrir quem diabos eu era, essa estrela do rock'n'roll no meio delas.

Era intoxicante. E era tão, tão fácil.


4
GALGANDO DEGRAUS

Galgando degraus

Como um jogador de basquete em busca de um jogo entre amigos, pulei de banda em banda. Tudo o que eu queria era uma chance de continuar tocando, melhorar e ficar no palco diante do maior número de pessoas possível. Eu não saberia dizer em quantas bandas comecei ou entrei. Em mais de uma dúzia, com certeza. Talvez duas dúzias. Algumas nunca foram além do primeiro ensaio; outras duraram meses. Não era incomum eu estar tocando em duas ou três bandas ao mesmo tempo.

No entanto, tocar com sua primeira banda de verdade é como fazer sexo pela primeira vez: é desajeitado, rápido e emocionante, e faz você querer mais. No mínimo, você não esquece a experiência. Só para constar, minha primeira parceira sexual "oficial" foi uma garota agressiva e amorosa chamada Jenny. Eu tinha 15 anos e namorava sua amiga Michelle (com maçãs do rosto salientes, olhos fundos e cabelos longos e pretos como tinta, ela parecia demais a Cher, o que era bem legal na época). Michelle era fofa e divertida, mas não estava interessada em perder a virgindade comigo ou com qualquer outra pessoa. Jenny pensava diferente sobre esse assunto e me disse isso numa noite em que estávamos todos juntos numa festa.

"Me liga", disse ela, pressionando um pequeno pedaço de papel com seu número de telefone na palma da minha mão.

Eu liguei, e no dia seguinte nos encontramos em seu apartamento. Um de nós sabia exatamente o que estava fazendo, e não era eu. Jenny, no entanto, não achou ruim, nem eu. Quando você é um garoto de 15 anos que transa pela primeira vez, tudo o que você quer (ou precisa) é um corpo quente e convidativo, e Jenny era mais que aconchegante. Meu desempenho foi irrelevante e é melhor nem ser analisado. Fiquei melhor - muito melhor - com o passar do tempo.

A primeira banda surgiu alguns anos antes, alguns meses depois de eu ganhar minha primeira guitarra. Eu tinha 13 anos e a banda se chamava Four Roses. Ela era formada por mim e por meu irmão Charlie, ambos tocando guitarra, outro Junior Duckies, meu amigo Joey, na bateria, e Barry, amigo de Charlie, no baixo. Tocávamos várias músicas de rock e pop, incluindo Beatles, Paul Revere & the Raiders e Herman's Hermits (a primeira música que aprendi a tocar na guitarra foi "Mrs. Brown You've Got a Lovely Daughter").

Não éramos exatamente ótimos nem comprometidos, mas éramos bons o suficiente para tocar algumas sequências de músicas nas festas da igreja e nas festas da escola. A banda sobreviveu menos de um ano e, com o tempo, ficou claro para mim que eu era mais sério - e talvez mais talentoso - do que a maioria dos jovens guitarristas. Por um lado, gostei de praticar. Não havia muita coisa que prendia minha atenção quando eu era criança, mas tocar guitarra era diferente. Eu ficava no meu quarto por horas, ouvindo músicas e tentando reproduzi-las. Eu não tinha interesse em fazer aulas nem aprender a ler partituras (a propósito, nunca aprendi),

mas estava mais do que disposto a ficar lá sozinho, estudando e dissecando músicas sem parar, tentando descobrir as progressões e solos dos acordes.

No começo, eu tocava guitarra rítmica enquanto Charlie era a guitarra líder. Isso fazia sentido. Ele era mais velho e mais experiente e, para ser franco, um guitarrista melhor. Charlie sabia ler música. Ele era aluno de guitarra. Eu era autodidata e indisciplinado. Apesar disso, em seis meses, algo estranho começou a acontecer. Quando nos reuníamos e ensaiávamos, Charlie me convidava para tocar como líder em certas músicas. Nem sei por que ele fez isso - nunca conversamos sobre isso. Porém, olhando para trás, acho que ele provavelmente percebeu que seu irmãozinho tinha talento e, sabe-se lá por qual motivo, ele queria incentivar esse talento. Agora consigo enxergar isso como algo generoso da parte dele. Quero dizer, Charlie mandava bem na guitarra. Ele tinha começado a tocar um ano e meio antes de mim e era excepcionalmente habilidoso. Então não sei... talvez ele estivesse apenas cuidando de seu irmão mais novo.

Só sei de uma coisa: pouco tempo depois, a formação mudou, e Charlie foi para o baixo e para a guitarra rítmica. Eu me tornei o guitarrista líder e, na maior parte do tempo, ocupo essa posição desde então.

Quando eu tinha 17 anos, fui expulso da DeWitt Clinton e transferido para a Roosevelt High School. Enquanto minha carreira acadêmica continuava meio vergonhosa, pelo menos tinha me afastado dos caras durões da minha área e comecei a sair principalmente com músicos. Eu também estava conhecendo muitas garotas diferentes, geralmente de bairros diferentes. Tive uma namorada chamada Kathy em Yonkers por um tempo. Nós nos conhecemos em uma festa e começamos a sair. Por coincidência, foi através de Kathy que eu me reconectei com um garoto chamado Tom Doyle, que havia crescido no quarteirão abaixo do meu. Tommy e eu éramos bons amigos até os 10 ou 11 anos, quando ele foi atropelado por um carro enquanto brincava na rua. Foi algo terrivelmente traumático para ele, sua família e seus amigos. Tommy e eu nos víamos praticamente todos os dias, jogávamos basquete e stickball juntos e, de repente, ele não estava mais lá. Ninguém falou muito sobre isso. Eu sabia que ele estava no hospital havia um bom tempo, mas ele nunca voltou para o bairro. Eu tinha esquecido tudo sobre Tommy quando o encontrei uma noite enquanto tocava em uma festa do colegial em Yonkers, com uma banda chamada Magic People (é muita droga, hein?). Acontece que Tommy não morava muito longe; sua família se mudou para Yonkers logo depois de sua saída do hospital. Desde então, ele se tornou um hippie sério (se é que havia algo assim). Tommy tinha cabelos longos e barba, fumava muita maconha e tocava numa banda. Conversamos um pouco naquela noite, relembramos a vizinhança antiga e prometemos manter contato. E mantivemos. Na verdade, embora no fim eu tenha perdido contato com Tommy de novo (sei que ele acabou tocando com os roqueiros hippies de rua David Peel & the Lower East Side), por um tempo nos tornamos amigos íntimos. Eu ia regularmente do Bronx para Yonkers para sair com Kathy e Tommy. Foi um bom passo para mim, pois me ajudava a sair do Bronx e a me afastar de alguns dos meus antigos amigos e parceiros no crime.

Embora eu não consiga explicar direito, de alguma forma percebi que a vida em Yonkers tinha mais potencial.

Por instinto, eu sabia que, indo para o norte, para Yonkers e Westchester County, e me relacionando com pessoas que pareciam ter uma vida melhor do que a minha, talvez minha vida também melhorasse. Talvez houvesse mais oportunidade. As diferenças não eram evidentes, mas eu podia senti-las mesmo assim. Quase todo mundo no meu bairro morava em apartamentos. Em Yonkers e Westchester, muita gente parecia possuir casas. Nunca fui motivado pela ganância (eu não teria me afastado do KISS - duas vezes! - se dinheiro tivesse tanto valor para mim) e eu não tinha crescido exatamente na pobreza. Porém, eu queria mais da vida, e tinha a sensação de que, se andasse com pessoas mais bem-sucedidas do que eu, talvez um pouco dessa boa sorte passasse para mim. Não era uma teoria científica nem nada, mas provou ser válida. Era impossível não notar, mesmo no final dos anos 1960, que o Bronx não era um destino. Era um lugar de onde as pessoas geralmente tentavam fugir. Quando adolescente, vi isso várias vezes: quem ganhasse dinheiro suficiente saía dali. Então se mudava para o norte, em Westchester, comprava uma casinha com um pouco de terreno, talvez tivesse uma família. Ou quem realmente tivesse dinheiro se mudava para o sul, em Manhattan. E a razão para isso, claro, era que o Bronx estava se deteriorando lentamente. Estava se tornando mais pobre, mais difícil e mais perigoso. Eu sabia tudo isso por experiência própria. Se não fosse pela música, eu certamente teria sido sugado para a vida de gangue para sempre, e as coisas poderiam ter acabado muito mal para mim. Porém, tocar guitarra me permitiu entrar num mundo completamente diferente.

Não que eu não tenha mantido alguns dos meus laços com a gangue Ducky, ou pelo menos com membros individuais da gangue. E, por algum motivo, eles não se importavam com a minha falta de compromisso. É meio difícil de explicar, mas, pela forma como eu fazia as coisas - a forma como me comunicava com as pessoas -, eu podia me dar muito bem. Você poderia dizer que eu era um político... ou um artista de merda com um papo furado (quero dizer, fala sério, qual a diferença?). Da mesma forma que eu podia conversar com garotas e fazer malabarismos com várias namoradas, eu tinha uma relação natural com homens. Não importa se eles eram descontraídos, guitarristas que fumam maconha ou gângsteres com armas, eu poderia me dar bem com eles. Sempre tentei não ser áspero com as pessoas. Sou o tipo de pessoa que pode analisar uma situação e entendê-la. Sou bom em ler pessoas. Por um tempo, sim, precisei ser um pouco evasivo quando se tratava dos Ducky Boys. Quando eles queriam que eu me envolvesse em algum tipo de atividade de gangue - algo que eu sabia que me meteria em muita merda - eu era cordial, mas não me comprometia.

“Terça-feira à noite? Sim, provavelmente estarei disponível. Me ligue, ok?”

E é claro que eu não estaria por perto para atender a ligação. Pra ser honesto, eu não tinha mais interesse na cena das gangues. Isso já tinha servido ao seu propósito. Quando eu tinha 16 ou 17 anos, compreendi para onde esses caras estavam indo e no que suas vidas estavam se transformando e eu não queria fazer parte disso. A atividade criminosa ficou cada vez mais intensa e imprudente. A violência e o uso de

drogas aumentaram. Admito que, quando eu estava na casa dos 30 anos, eu tinha problemas com drogas tão graves quanto os de qualquer um desses caras, mas não quando eu estava no colegial. Eu os via brincando com heroína e cocaína, e isso me assustou. Os caras estavam sendo mandados para a prisão. Estavam tendo overdoses e morrendo. Eu não via mais nada de glamoroso nisso. Quando eu tinha 13 ou 14 anos? Com certeza. Eu queria e precisava da proteção de uma gangue. Você faz o que tem que fazer para sobreviver, certo? Fazer parte dos Duckies me dava isso. Gostava da emoção e da camaradagem. Mas, quanto mais eu vadiava, mais apreensivo ficava.

No fim das contas, tudo se resumia a isto: se você não estava por perto, bom... você não estava por perto. Depois de um tempo, eu não precisava mais dar desculpas. Fora de vista, longe da mente.

Buscamos espíritos afins e, no meu caso, isso significava outros músicos, em particular guitarristas que usavam cabelo comprido e favoreciam a moda das estrelas do rock e o rock'n'roll influenciado pelo blues (ao contrário, digamos, da música pop). Havia poucas pessoas desse tipo no Bronx, era difícil encontrá-las, mas você poderia fazer isso se procurasse bastante. Por algum tempo, no colegial, morei a apenas alguns quarteirões de um cara chamado Emil "Peppy" Thielhelm. Ele era mais conhecido por um de seus nomes artísticos, Peppy Magoo ou Peppy Castro. Peppy tocava guitarra rítmica e era o vocalista principal do Blues Magoos, que estavam na vanguarda do movimento da música psicodélica da década de 1960. Eu tinha visto a banda tocar quando ela abriu o show do The Who e Cream no RKO [depois, naquele mesmo ano, eles tiveram um hit no Top 10, "(We Aint't Got Nothin' Yet"], e eu sabia que eles eram uma banda de Nova York. Mas na época eu não sabia que Peppy morava tão perto. Quando descobri, é claro, fiz o meu melhor para me tornar um conhecido dele, se não um amigo. Peppy era um cara legal que não se importava de sair com um garoto mais novo e mostrar algumas habilidades. Eu me lembro bem de estar sentado no porão de Peppy, cada um com o violão na mão, ele demonstrando acordes com barra e outras manobras mais complicadas, e eu absorvendo tudo.

Também me lembro de ir a Orchard Beach, em Pelham Bay, naquele verão, e deitar na areia, ouvir rádio com meus amigos, ficar empolgado quando "(We Ain't Got Nothin' Yet" irrompeu pelo alto-falante.

Puta merda! Isso é Peppy!

Os Blues Magoos estavam em turnê nacional, conseguindo alcançar o Top 40, ou seja, ficar entre as quarenta músicas mais tocadas. Por alguma explicação razoável, eles haviam atingido o grande momento.

Infelizmente, isso não durou, mas, por um tempo, eles desfrutaram de uma boa rodada de sucesso e construíram uma forte legião de admiradores. Eu não olhava para as realizações deles com inveja nem reverência, mas com um sentimento de encorajamento. Quando vi que Peppy havia conseguido chegar lá e ter uma música tocada na rádio (só para lembrar, eram os anos 1960, uma época em que não havia maior validação para um músico do que aparecer no Top 40), isso se tornou muito mais possível para mim, algo muito mais viável.

Uma coisa foi ver Eric Clapton e Pete Townshend no show e dizer: “Eu gostaria de fazer isso”.

Outra coisa bem diferente era fumar maconha e tocar sem compromisso com um garoto local como Peppy Castro e depois vê-lo lançar um single de sucesso.

Eu queria ser como Clapton e Townshend.

Eu sabia que poderia ser como Peppy.

Mas aprendi com todos eles. Shows eram como ir à escola para mim. Eu estudava o guitarrista - não apenas como suas mãos se moviam ao longo do braço e das cordas da guitarra, mas também como ele interagia com o público. O que ele fazia para deixar a plateia empolgada e envolvida? Percebi desde o início que, embora o virtuosismo fosse importante, a forma de se portar também era importante. Eram as duas peças do quebra-cabeça e, se uma delas faltasse, a imagem nem sempre se completava.

Os grupos que iam lá e tocavam nem sempre eram visualmente emocionantes. Eu achava que o rock teatral era o caminho a seguir. É por isso que eu colocava bombas de fumaça nos meus amplificadores aos 16 anos. Estudei muito Pete Townshend nos meus anos iniciais - a maneira como ele tocava acordes e inversões, suas composições e uso de harmonia e, é claro, suas performances ao vivo. Townshend, Page, Clapton e Hendrix - tive alguns dos melhores professores do mundo. Gosto de dizer que nunca fiz uma aula de violão, mas, na verdade, isso não é muito certo. Tive aulas - com os melhores. Ao estudar o trabalho deles e imitar seus gestos, eu me tornei o guitarrista que sou hoje. O fato de eu não ler partituras é irrelevante. Isso é verdade para muitos guitarristas de rock. Se você gosta de tocar, aprende por conta própria. Você investe tempo. Você estuda e pratica até seus dedos sangrarem.

O que provavelmente tornou isso mais fácil para mim foi o fato de ter crescido numa casa onde a música era importante.

Eu tinha o talento natural e a destreza. Isso era inerente. E fui exposto à música durante a vida inteira. Eu ouvia minha irmã tocar escalas e as aprendia, quase por osmose. Para mim nunca era muito difícil entender algo em um disco. Eu tocava com meus amigos e os ouvia lutando para tocar alguma coisa e dizia: “Não, não, não. Olhe, é assim”. E então eu demonstrava. Não quero dizer que tocar guitarra era fácil, porque isso sugere falta de esforço. Mas não há dúvida de que era mais fácil para mim do que para os outros. Lembro-me de que, durante algum tempo, no meio da adolescência, quando estava tocando em uma banda ou outra, quase me sentia culpado quando era pago para tocar em shows. Não parecia trabalho. Eu me divertia muito. Mas, depois de um tempo, comecei a aceitar a ideia de que me apresentar também poderia ser lucrativo. E comecei a pensar: Uau, imagine fazer isso em tempo integral como profissional. Imagine as mulheres, o dinheiro, a adulação.

Imagine ser uma estrela do rock.

Era uma escolha óbvia.

Mas também achava que deveria dedicar a maior parte do meu tempo e energia para alcançar esse objetivo. E, assim, no meio do meu último ano na Roosevelt, faltando cumprir apenas alguns créditos para obter um diploma, abandonei o colegial. Estúpido, eu sei. Quero dizer, quem desiste no último ano? Mas eu não

tinha mais nenhum interesse na escola. De qualquer forma, era uma completa perda de tempo.

Se não fosse por Jeanette Trerotola, eu provavelmente ainda seria um desistente do colegial.

Começamos a namorar quando eu tinha 18 anos. Era, quase desde o início, um relacionamento turbulento e apaixonado - sabíamos como apertar os botões um do outro. Jeanette e eu nos conhecemos através de sua prima Jodie e Tom Doyle. Tommy tinha um estúdio de ensaios em Yonkers e, à noite, ele se tornava o ponto de encontro favorito de muitos roqueiros locais. Você poderia passar lá quase toda noite e tocar por um tempo e, às vezes, esses improvisos musicais viravam uma festa. Eu visitava Tommy duas vezes por semana, saía o fim de semana inteiro, tomava cerveja, fumava maconha e tocava de improviso. Bem, uma noite fui a uma festa de aniversário na casa de uma garota, Lynn, na mesma rua. Eu estava saindo com Lynn e ela era a melhor amiga de Jodie. Na festa, fui apresentado a duas garotas de Ardsley, em Nova York, que fica no condado de Westchester. As duas eram colegiais e estavam vestidas de forma elegante. Era óbvio para mim que elas eram mais refinadas do que algumas das meninas da festa. Uma delas se chamava Diane Fratta; a outra era Jeanette Trerotola.

Passamos um tempo nos conhecendo, mas como eu estava com Lynn, tive que me segurar. Um pouco depois de ter terminado com Lynn, comecei a namorar Diane, que era a melhor amiga de Jeanette. Não lembro exatamente por que fui atraído por Diane e não por Jeanette - provavelmente tinha a ver com o fato de ela ter um corte de cabelo muito legal e em camadas que eu tinha visto em apenas algumas garotas. Diane era legal, mas também era um pouco tímida e descontraída, embora eu estivesse atraído por ela, e ela por mim. Infelizmente, seus pais não se empolgaram com a perspectiva de Diane namorar um cara com uma guitarra que abandonou a escola no Bronx.

Nem imagino a razão.

É claro que, quando você cresce e tem filhos, desenvolve uma perspectiva diferente sobre esse tipo de coisa. Você quer o melhor para os seus filhos e, às vezes (talvez na maioria das vezes), eles querem outra coisa. Percebo agora que os pais de Diane não estavam sendo mesquinhos ao expressar sua desaprovação; estavam apenas cuidando da filha. Mas não havia muito o que eles pudessem fazer para nos impedir de namorar. Ou, pelo menos, eu não achava que havia muito que eles pudessem fazer. Bom, eu estava errado. Depois que Diane se formou no colegial, seus pais decidiram que era hora de tirar férias de verão bem longe e por muito tempo. Toda a família foi embora, e eu fui deixado para trás para lamber minhas feridas.

O que um garoto deveria fazer?

Bem, Diane se foi... mas sua melhor amiga ainda estava na cidade.

Estávamos indo regularmente a um bar chamado Candlelight Inn em Westchester com um grupo de amigos. Na verdade, eu estava apresentando Jeanette a alguns amigos meus quando estávamos em encontros com casais, mas nunca deu certo. Jeanette era de uma família italiana de classe média alta e seus pais naturalmente

não aprovavam nenhum dos caras do Bronx que ela levava para casa. Eles também não me aprovaram, por razões óbvias. Jeanette era obstinada e uma companhia divertida. Tivemos um relacionamento quase por acidente. Foi estranho. Já tínhamos desenvolvido uma amizade que girava em torno de conhecidos em comum. Uma coisa levou à outra, e logo estávamos num relacionamento bastante intenso.

Jeanette era um ano mais nova do que eu e éramos de mundos diferentes. Eu era descendente de alemães e morava no Bronx. Ela era uma garota italiana de Westchester. O avô de Jeanette, Joseph Trerotola, era um homem impressionante que trabalhava como vice-presidente da União dos Teamsters; Joe T. era um cara poderoso que podia desligar o aeroporto JFK com um telefonema e jogava golfe com o presidente Nixon e Jimmy Hoffa. Ele não era um homem que você gostaria de irritar. O pai de Jeanette também trabalhava para os Teamsters, como organizador. O avô e o pai de Jeanette moraram no Bronx por algum tempo antes de se mudarem para Westchester, então poderíamos estar conectados de alguma forma. Mas não estávamos. Não no começo, pelo menos. Eles me desaprovaram a princípio e se perguntavam por que eu não tinha carro e estava desempregado. Eu disse ao pai dela uma noite que seria uma estrela do rock de sucesso, mas ele apenas riu e balançou a cabeça. Seja como for, a última coisa que eles queriam era que a filha se apaixonasse por um músico desempregado do Bronx, mas não havia como nos separar. Jeanette ignorou os desejos de seus pais e nosso relacionamento se tornou cada vez mais sério.

No começo, Jeanette teve uma influência positiva em mim. (Não sei se posso dizer honestamente que o inverso também é verdadeiro.) Jeanette, uma estudante sólida, cuja família incentivava a educação, se matriculou na Pace University, no campus de Westchester, logo após o início do namoro. E em alguns meses ela me convenceu de que desistir do colegial era um dos maiores erros da minha vida.

“Sabe”, disse ela um dia, “você precisa voltar para a escola e conseguir seu diploma”.

“Por quê? O que eles sabem sobre estar numa banda ou tocar guitarra? Vou aprender mais por aqui, sozinho.” Jeanette não me pressionou, mas destruiu sistematicamente minhas defesas, apontava defeitos em qualquer argumento que eu pudesse apresentar. Basicamente, ela disse que eu era um cara inteligente demais para estar por aí sem pelo menos um diploma do colegial. Ela estava certa e, se eu for totalmente honesto, admito que tinha um pouco de vergonha de ser visto como um desistente (ou, pior, alguém que foi expulso). Então, voltei para a escola e tinha aulas na Roosevelt à noite, enquanto trabalhava em vários empregos durante o dia e fazia shows nos fins de semana. Como eu tinha apenas alguns créditos, não demorou muito para eu me formar. Fui para a Roosevelt uma tarde, peguei meu diploma e depois liguei para meu baixista Gene, que morava perto da Avenida Arthur, na parte italiana do Bronx. Com outro amigo chamado Neil, Gene e eu formamos uma banda chamada King Kong (acredite ou não, eu também tinha um baixista chamado Gene no colegial... quem ia saber?), que durou pouco.

“Ei, cara, estou formado no colegial!”, falei para Gene.

“Bom para você.” Ele não parecia muito animado.

“Você está livre? Precisamos comemorar.”

“Agora falou minha língua.”

A primeira coisa que fizemos foi comprar duas garrafas de Mad Dog - MD 20/20, um dos melhores vinhos de todos os tempos (o que significava horrível, mas eficaz). O “MD”, na verdade, significava Mogen David, o produtor desta bebida refinada; “20/20” representava sua potência (20% de álcool) e o número de onças na garrafa. O Mad Dog era, e ainda é, um vinho barato e forte (embora o teor alcoólico do MD atual seja de 13%). Uma coisa horrível, mas que provoca uma bebedeira certa e rápida. Muito popular na época. Também pegamos um pacote de seis Colt 45, só para garantir que o trabalho fosse bem-feito, e depois pegamos duas caixas vazias no lixo perto de uma agência dos correios na Rua Fordham. As caixas estavam limpas e eram adornadas com selos, e nosso plano era colocar a cerveja e o Mad Dog dentro delas e depois entrar com os pacotes num cinema local. Se alguém perguntasse, diríamos que iríamos aos correios depois do filme.

“Acho que não vamos nos safar disso”, disse Gene.

“Ah, besteira”, respondi, examinando o pacote. “Parece real o suficiente. Acho que ninguém vai falar nada.”

Não falaram. Gene e eu compramos nossos ingressos e caminhamos pelo saguão, até parando para pegar pipoca no caminho. Então entramos no cinema e nos sentamos na parte da frente. Abrimos o Mad Dog, abrimos duas latas de Colt 45 e começamos a celebrar minhas novas credenciais acadêmicas. Em pouco tempo, estávamos ficando bem bêbados - colocávamos os pés nos assentos à nossa frente, jogávamos pipoca na tela, mantínhamos um diálogo constante com o filme, fazíamos latas de cerveja vazias rolarem pelo corredor. Isso naturalmente chamou a atenção para nós, e logo um dos lanterninhas estava parado acima de nós, com a lanterna na mão.

“Senhores, vocês precisam ficar quietos ou terei que pedir para vocês saírem.”

Eu ri, joguei um punhado de pipoca na cara dele.

“Cai fora, cara.”

O lanterninha correu para longe. O pobre garoto estava só tentando fazer o trabalho dele, e lá estávamos nós, dois bêbados falando bobagem e tomando a vida dele miserável. Na longa lista de expiações que fiz (ou deveria ter feito) ao longo dos anos, esse item provavelmente é um dos piores. Quero dizer, não houve danos no longo prazo. Mas, ainda assim... o garoto merecia um tratamento melhor.

Ele voltou pouco tempo depois, disse de novo para baixarmos a voz ou seríamos expulsos. Dessa vez eu não falei nada. Em vez disso, pulei da minha cadeira, fechei minha mão em punho e acertei o garoto na mandíbula.

“Que diabos?”, disse ele, rolando em direção à tela. Sua lanterna bateu contra um assento e a luz apagou, mas na sombra tremeluzente do filme pude ver seu chapéu virado de lado na cabeça. E também pude ver outra coisa.

O garoto estava chorando.

Ele se levantou rapidamente e correu em direção ao saguão, gritando “Alguém chame a polícia!”, enquanto passava pelas portas nos fundos do cinema.

Eu olhei ao redor do cinema. Todo mundo estava olhando para nós. Então me virei para Gene.

“O que você acha?”

“Acho que precisamos dar o fora daqui”, disse ele. “Não estou com vontade de ser preso hoje à noite.”

Corremos para a porta de saída mais próxima na frente do cinema, ao lado da tela, e corremos por uma passagem entre prédios antes de voltar para minha casa, que ficava a apenas cinco quarteirões de distância. Como eu era alcoólatra, tive o cuidado de pegar o Mad Dog e a Colt 45 antes de sairmos, o que nos permitiu passar o restante da noite nos abastecendo no meu quarto. Só cerca de uma hora depois percebi estava faltando alguma coisa.

“Você acredita nisso?”, perguntei a Gene.

“O quê?”

“Deixei a porra do meu diploma no cinema.”

Gene começou a rir - uma gargalhada idiota, divertida e bêbada.

“Ah, bom. Acho que você ainda é um desistente, cara.” Agora eu estava irritado - de várias formas. Bêbado, sim, mas também com muita raiva de ter perdido meu diploma e com toda a situação embaraçosa. Eu deveria encontrar Jeanette na noite seguinte e planejava lhe mostrar meu diploma. Por mais bobo que possa parecer, eu estava orgulhoso de ter voltado para a escola e me formado. E eu sabia que ela ficaria orgulhosa de mim por eu ter feito isso. O diploma era só um pedaço de papel, mas representava algo. E agora eu o havia perdido.

Ou talvez não.

“Vamos lá”, eu disse a Gene. “Vamos voltar.”

Ele olhou para mim como se eu fosse louco.

“Voltar para onde?”

“Para o cinema. Preciso encontrar meu diploma.”

“Você deve estar delirando, cara.”

Quando voltamos, o prédio estava escuro e as portas da frente estavam trancadas. Era um daqueles elegantes cinemas antigos, com pesadas portas com estrutura de carvalho e puxadores de metal. Puxei a porta por um momento para ver se conseguia abrir a fechadura. Sem chance. Gene estava prestes a desistir, imaginando, de forma sensata, que havíamos gasto nossa cota de comportamento idiota do dia. No momento em que ele começou a se afastar, vi uma lata de lixo na calçada. E não era um daqueles tipos baratos de plástico. Era uma boa lata de lixo de metal à moda antiga, com cerca de um metro de altura e 6o centímetros de diâmetro.

Perfeito...

Eu ouvia Gene rindo enquanto jogava a lata pela porta da frente, espalhando cacos de vidro em todas as direções. Por alguma razão, houve um atraso antes que o alarme de segurança do cinema tocasse, só o tempo suficiente para eu correr para dentro e começar a procurar meu diploma. Vasculhei os assentos localizados perto de onde estávamos sentados (ou onde pensei que estávamos sentados - o Mad Dog destrói a memória), mas não consegui encontrar nada.

E então os alarmes começaram a soar.

“Vamos!” Gene gritou do saguão. “Vamos embora!”

“Porra! Não consigo encontrar!”

Corri para fora da porta da frente, escorregando em um monte de estilhaços de vidro e cortando minha mão no processo. Então eu me levantei e corri para longe. Quando Gene e eu dobramos uma esquina, pude ver um par de carros da polícia estacionando em frente ao cinema, sirenes tocando, luzes piscando.

Muito cansado e bêbado para conversar, sorri para Gene, enquanto continuávamos correndo. Acabamos voltando para minha casa completamente exaustos, e precisei acordar minha mãe para que ela me ajudasse a limpar e enfaixar minha mão (já que eu estava muito bêbado para fazer isso sozinho).

No dia seguinte, fui à Roosevelt e peguei o diploma substituto. Eles queriam saber o que havia acontecido com o original.

“Foi destruído em um acidente bizarro no cinema”, falei.

O que era a verdade... mais ou menos.

5
ARE YOU EXPERIENCED?

Are You Experienced?

17 de julho de 1970

Na sequência de Woodstock, todo o negócio da música foi dominado pelo que poderia ser melhor descrito como Festival Fever. Shows com vários atos, que às vezes duravam algumas horas, se estendiam por dias, eram muito populares. Como era o auge da Guerra do Vietnã, temas de irmandade e paz eram tipicamente vinculados às condutas, para dar um ar de nobreza a tudo. Na verdade, era a música que importava.

Isso e as drogas.

E o sexo.

O verão de 1969 foi uma explosão. Entrei na cena hippie de um jeito importante: bebi muito vinho, fumei muita maconha, fiz sexo com meia dúzia de garotas diferentes. Tudo era livre, fácil e relativamente seguro. No entanto, no verão seguinte, as coisas pareciam ter mudado um pouco. Percebi que alguns dos meus amigos haviam mudado seus hábitos quando se tratava de substâncias que alteram o estado mental. Em vez de só acender um baseado, eles tomavam um pouco de ácido. Alguns até começaram a injetar narcótico. Heroína, para ser franco, me assustava muito. Sempre me assustou. Mesmo no auge do uso de drogas, fiquei longe da heroína, em parte porque não gostava de agulhas, mas também porque, sinceramente, achava que isso poderia me matar. Quanto ao LSD, bom, isso também era uma merda apavorante. Provavelmente tinha algo a ver com a minha viagem ruim de cola e a psicose assustadora que a acompanhou. Eu sabia o suficiente sobre ácido para entender que ele realmente podia foder com a sua mente, e não apenas no curto prazo. Percebi que, se alguns amigos tivessem feito algumas viagens ruins, os efeitos poderiam durar meses, em forma de flashbacks ou depressão. Então eles começavam a tomar medidas para aliviar o estresse e a ansiedade que acompanham a psicose residual, ou seja lá o nome que você queira dar a isso. Tudo o que importava para mim era o seguinte: se você usasse muito ácido (e quem diabos diria quanto era demais?), teria uma chance razoável de acabar no hospício.

Eu não precisava desse risco - meu estado psicológico era frágil o suficiente, como o Exército dos Estados Unidos determinou quando fui classificado como 1-Y após uma avaliação psiquiátrica em Fort Hamilton, no Brooklyn. Isso me tirou da seleção, o que foi ótimo, mas certamente deixou algumas dúvidas sobre minha saúde mental.

Por isso, nunca tomei LSD. Não intencionalmente, pelo menos. Mas podem ter me dado duas vezes. Lembro-me de uma vez no colegial, por exemplo, tinha um garoto chamado Alex, que costumava andar pelos corredores com um sorriso idiota. Um pouco pesado, com um nariz bulboso e um rosto sempre avermelhado, ele lembrava o Papai Noel. Também distribuía guloseimas como São Nicolau.

“Experimenta isso, cara”, ele disse um dia, me oferecendo um baseado.

“O que é isso?”

“Panama Red. Merda incrível.”

Fumei esse baseado naquela tarde com meu amigo Keith e viajamos de um jeito marcante. Estou falando de cores do Day-Glo, uma fabricante de tintas americana, e visões caleidoscópicas. Não sei ao certo se havia ácido misturado, mas, se não, foi a maconha mais forte e estranha que eu já fumei. Não gostei do efeito e não tinha vontade de procurar por ela intencionalmente. Eu não queria perder o controle. Dois caras de uma das minhas bandas, Neil e John, viajavam regularmente. Eu? Eu preferia o álcool. Com isso eu conseguia lidar (ou pelo menos pensava assim). Eu sabia que um dia teria uma carreira musical e queria uma vida melhor para mim. Vi caras viajando com ácido, passavam meses incapacitados depois, e isso não fazia sentido para mim. Não achava que valia a pena arriscar algo com a chance de acabar com dano cerebral permanente ou doença mental incapacitante (a ironia, é claro, é que acabei com os dois, apesar de me abster de heroína e ácido). Não valia a pena jogar com a sorte quando eu queria realizar coisas maiores.

Para o bem ou para o mal, ingênuo ou não, esse era o meu limite.

Instintivamente, percebi que precisava permanecer com a cabeça limpa o suficiente para aproveitar qualquer oportunidade que surgisse no meu caminho. Há uma razão pela qual escolhi a persona do Spaceman quando entrei no KISS: sinceramente, acredito na intervenção cósmica; tudo acontece por uma razão.

Eu tinha 19 anos quando fui ao New York Pop Festival, na ilha de Randall, no East River, no verão de 1970. Esse festival era mais um pequeno Woodstock, com músicos surpreendentemente ecléticos que incluíam Mountain, Steppenwolf, Jethro Tull, Grand Funk Railroad, Richie Havens, Sly e Stone Family, Dr. John, Van Morrison e Eric Clapton.

Ah, e mais uma pessoa.

Jimi Hendrix.

A coisa toda foi meio surreal. Você precisa lembrar que, para um jovem como eu, que costumava andar pela Roosevelt High com uma cópia de Are You Experienced? debaixo do braço, ver Hendrix era como ser católico e conhecer o papa. Hendrix não era nada menos que divino. No verão de 1970, infelizmente, Hendrix estava chegando não apenas ao fim de sua carreira, mas ao fim de sua vida; em dois meses ele morreria com uma overdose de drogas. Ainda assim, naquele dia na ilha de Randall (o último show que ele realizaria em Nova York), ele parecia estar no auge de seu poder - um herói vivo da guitarra.

Fui ao show com alguns amigos com quem eu costumava sair no Poe Park, um pequeno local no Bronx onde Edgar Allan Poe viveu seus últimos anos e onde o pessoal boêmio em torno da Universidade Fordham costumava se reunir. (Uma vez organizei uma apresentação para uma das minhas bandas lá.) Mas nos separamos logo depois de chegar. Eles estavam satisfeitos em ficar chapados e ouvir música com a plateia. Eu queria me aproximar. Isso se tornou um hábito para mim. Assim como consegui me aproximar de Murray the K alguns anos antes, no cinema RKO, de repente estava indo em direção ao palco na ilha de Randall.

Talvez porque eu parecesse uma estrela do rock, mesmo não sendo uma estrela na época. Eu era alto e magro, e meu cabelo chegava até o meio das minhas costas. Eu usava hot pants amarelo-limão, uma camiseta preta adornada com uma estrela em

pele de cobra e tênis Vans xadrez. Eu combinava mais com os artistas do que com a plateia. À medida que o dia passava, mantinha os olhos na entrada ao lado do palco e começava a perceber que alguns dos caras que haviam se apresentado saíam e assistiam a outras bandas. Naqueles dias, as coisas eram bem descontraídas. Não distribuíam credenciais oficiais para os membros da banda nem para a equipe de apoio. Se você fazia parte daquilo, continuava fazendo as coisas como de costume. A maioria das pessoas obedecia às regras.

Eu não.

Eu observava músicos entrando e saindo, entrando e saindo, dando apenas um aceno com a cabeça ou com a mão para o segurança quando passavam. Então me dei conta.

Merda... Acho que consigo entrar lá!

Então fui até a entrada do palco, com muita ousadia, e olhei bem nos olhos de um dos caras da segurança. Ele me deu um olhar rápido, me examinou da cabeça aos pés e assentiu com a cabeça. Retornei o gesto, nem sorri (afinal não conseguia sair do personagem) e segui em frente.

Desse jeito, lá estava eu, nos bastidores do New York Pop Festival.

Agora eu tinha um dilema: assistir ao show do melhor lugar da casa, bem ao lado dos alto-falantes? Ou andar pelos bastidores e tentar conversar com meus ídolos?

Um pouco dos dois, talvez?

A próxima coisa que você precisa saber é que eu estava sentado a uma mesa de cafeteria com John Kay, vocalista, compositor e guitarrista do Steppenwolf. Conversamos por apenas alguns minutos, e a conversa foi bastante cordial, mas, quando John se levantou e se afastou, ele passou por um segurança e apontou para mim. Não consegui ouvi-lo, mas pude ler seus lábios.

"Quem é esse cara?"

Não querendo atrair atenção para mim mesmo, saí da sala, saí da área dos bastidores e fiquei num lugar mais discreto em um corredor entre o palco e os camarins. Era tudo muito solto e informal (e, sejamos francos, uma grande parte das pessoas envolvidas no show, de artistas a roadies, estava alta ou chapada, viajando ou bêbada). Imaginei que, desde que não causasse nenhum problema, ninguém se incomodaria em me tirar dali.

Isto provou ser verdade. Eu me misturo tão bem que, depois de cerca de 45 minutos de conversa, alguém veio até mim e disse: "Ei, cara, com que banda você está?".

Dei de ombros, tentei parecer calmo.

"Eu não estou com nenhuma banda. Estou só dando uma volta."

O cara deu um sorriso bobo, com a cabeça cheia de maconha.

"Você já trabalhou como roadie?"

"Algumas vezes."

Isso era verdade, considerando que arrumar seus próprios equipamentos era um trabalho de roadie.

"Legal", disse ele, gesticulando para que eu o seguisse. "Vamos."

Andamos por um corredor, através de uma cortina, e subimos ao palco, onde comecei a montar bateria para Mitch Mitchell, o baterista da Jimi Hendrix Experience. Eu não podia acreditar! Era como um emprego dos sonhos, manusear o equipamento para um dos melhores bateristas do mundo e fazer isso a poucos metros de onde Hendrix estaria pouco tempo depois. Tentei manter a compostura, mesmo quando a entrada de Hendrix se aproximava e o palco começava a se alvoroçar. Eu estava trabalhando em silêncio com um dos assistentes "reais" da banda, montando o equipamento, quando de repente alguém apareceu ao meu lado. Um homem branco e magro, de barba e com uma faixa de cabeça, começou a mexer no equipamento, fazendo ajustes sutis e de vez em quando batendo nas peles com as pontas dos dedos.

Imaginei que fosse só mais um membro da equipe, até ouvir o outro assistente dizer: "Ei, Mitch. Qual caixa você quer usar hoje à noite?".

E então me dei conta.

Você está de brincadeira comigo? Estou montando a bateria de Mitch MitchelL.. com o próprio Mitch Mitchell?! Que incrível!

Você pensaria que um garoto que idolatrava tudo a respeito de Hendrix teria reconhecido o baterista do cara, mas eu conhecia Mitch principalmente pelas capas de álbuns e outras fotos, a maioria das quais o representava como um homem branco com um cabelo afro imponente. Aparentemente, ele optou por uma mudança de estilo pouco antes do New York Pop Festival.

Parei tudo e deixei a máscara cair.

" Senhor Mitchell... ", gaguejei. "Cara, eu amo a sua música."

Ele sorriu, me deu um pequeno aceno de cabeça indiferente e estendeu a mão para eu apertar.

"Obrigado", disse ele.

E foi isso. Terminamos de montar o equipamento e o show continuou. O tempo todo senti como se estivesse tendo uma experiência extracorpórea. Quero dizer, apenas dois anos antes eu havia conseguido meu primeiro álbum do Hendrix. Toquei até deformar. Agora, aqui estava eu, ao lado do palco, a poucos metros do próprio homem, e ainda ajudei a montar o equipamento para o seu baterista.

Era quase como se eu fizesse parte do show. Fiquei tão extasiado que poderia ter morrido ali mesmo e ido para o céu feliz.

No decorrer do show, perdi totalmente a noção do tempo. Também perdi de vista as pessoas com quem havia ido ao show, algo que me incomodou apenas no fim da noite, quando percebi que não tinha como voltar para casa. Naquela hora da noite não havia transporte público prontamente disponível na ilha de Randall e eu não tinha dinheiro para pagar o táxi. Então saí do estacionamento do Downing Stadium e levantei meu polegar para o ar. O primeiro motorista que passou pisou no freio e encostou.

"Para onde, amigo?" "Mosholu Parkway... no Bronx."

O cara riu.

"Estou indo para o Bedford Park Boulevard. Entre."

Incrível. O Bedford Park Boulevard ficava a cerca de cinco quarteirões da minha casa. Quais as chances disso acontecer? Abri a porta, entrei no banco da frente e deixei a brisa quente de verão preencher o carro.

“Acho que é sua noite de sorte, hem?”, disse o motorista enquanto se afastava do meio-fio.

Ele não sabia nem metade da história.

O mais louco é que, apenas três semanas depois (6 de agosto, para ser mais preciso), fui a outro evento gigante que durava o dia todo, com vários atos, e novamente fui aos bastidores. Esse evento ficou conhecido como Festival for Peace, no Shea Stadium. E, assim como na ilha de Randall, eles acabaram me colocando para trabalhar, fazendo várias tarefas. Quando Johnny Winter subiu ao palco, fiquei atrás da banda e dei baquetas para o baterista. Eu estava lá, estarrecido e de olhos arregalados, quando Janis Joplin desceu a rampa até o palco, uma garrafa meio vazia de Southern Comfort presa entre o polegar e o indicador (como Hendrix, ela morreria por overdose de drogas poucas semanas depois). Tive que passear pelos bastidores e jogar conversa fora com o extraordinário promotor Sid Bernstein, o homem que trouxe os Beatles para os Estados Unidos em 1964, pelo amor de Deus, basicamente iniciando a invasão britânica e mudando o rock’n’roll (e, por extensão, minha vida para sempre).

O melhor de tudo: encontrei John Kay - de novo! Dessa vez, ele nem disse: “Quem é esse cara?”.

Aconteceu quando eu estava nos bastidores. Um dos assistentes perguntou se eu sabia alguma coisa sobre guitarras. Eu não queria me gabar, mas... sim, eu tinha tocado um pouco. Ele me entregou a guitarra de John Kay e um pacote de cordas novinho, e me disse para começar a trabalhar. Havia algo quase mágico nessa experiência: preparar o instrumento de um cara cujo trabalho eu realmente admirava. Isso me aproximou de alguma forma do meu sonho de um dia me tornar o homem no palco, e não apenas mais um aspirante a estrela. Enquanto eu colocava as cordas com cuidado, minha atenção estava totalmente focada no trabalho, ouvi uma porta se abrir. O próprio homem entrou: John Kay.

Tentei fingir estar calmo. Sabe, agir como um profissional. Uma parte de mim (ok, uma grande parte) queria perguntar se ele se lembrava de ter me encontrado na ilha de Randall, mas isso parecia uma coisa tão patética para um fã fazer que decidi ficar de boca fechada. Imaginei que o cara provavelmente havia encontrado um milhão de pessoas desde que nossos caminhos se cruzaram. O que fazia de mim tão especial?

Pior, enquanto ele me observava colocando as cordas na guitarra, tive a sensação de que ele estava criticando meu trabalho e que a qualquer momento eu seria exposto como uma fraude e uma farsa. Eu meio que esperava que ele dissesse: “Que porra esse cara pensa que está fazendo?”.

Mas ele não disse. Em vez disso, Kay sentou-se ao meu lado, apresentou-se e pegou o pacote de cordas da guitarra em silêncio.

“Você quer continuar o trabalho?”, perguntei nervosamente.

Ele balançou sua cabeça. “Não, está tudo bem. Você está trabalhando bem. Por que você não termina?”

Então, sabe o que ele fez? John começou a me passar as cordas. Ele as enfiava pela ponte e eu as amarrava. Éramos parceiros, eu e o fundador do Steppenwolf, vinculados - pelo menos por alguns minutos - por nosso amor pela guitarra e por nosso respeito por como ela funcionava e pelos cuidados que merecia.

Se você acreditasse na noção de “banco de carma” (e quem não acreditava naquela época?), isso representava tanto um depósito em peso quanto uma retirada em peso. Dependia do seu ponto de vista, acho.

Nem toda experiência em apresentações terminava tão bem, embora um número surpreendente envolvesse brincadeiras nos bastidores com algumas das maiores estrelas da época. Não sei como consegui, mas consegui. Repetidamente.

No verão seguinte, por exemplo, fui a um show do Grateful Dead no Gaelic Park, na área nordeste do Bronx (Riverdale). Situado no lado norte da Rua 240, não muito longe do Manhattan College (que mais tarde comprou e melhorou significativamente a propriedade), o Gaelic Park não era exatamente o cenário bucólico que seu nome poderia sugerir, mas sim uma série de campos esportivos empoeirados separados das ruas ao redor e trens elevados por uma cerca de arame trançada coberta com arame farpado. O local era usado principalmente por pessoas do bairro irlandês para futebol e hurling, além de apresentações ocasionais. Geralmente eram eventos menores e mais íntimos, envolvendo bandas folclóricas irlandesas, mas de vez em quando, especialmente no início dos anos 1970, aconteciam eventos mais ambiciosos.

Como o show do Grateful Dead.

Esse show em particular aconteceu em 26 de agosto de 1971. Foi meu primeiro show do Dead e certamente entrei no espírito da coisa, bebendo baldes de álcool e fumando maconha suficiente para me qualificar, pelo menos por um dia, como “Deadhead”, ou seja, um idiota. Mas sem ácido. Como eu disse, deixava isso para os profissionais.

De alguma forma, sim, acabei nos bastidores de novo. Como sempre, a segurança era negligente, e eu só andava por lá, parecendo e agindo como se eu fizesse parte daquilo. Logo aconteceu uma abertura e lá estava eu, saindo com Jerry Garcia. (Eu sei, você provavelmente está pensando que estou ultrapassando os limites de credibilidade nesse momento, mas tudo isso aconteceu. Sério. Não tenho motivos para inventar essa merda toda. Por um tempo, fui o Zelig da cena do rock americano, aparecendo aleatoriamente ao lado das maiores estrelas do ramo.)

Não me lembro dos detalhes exatos do meu encontro com Jerry; em vez disso, eu me lembro de trechos oníricos de uma conversa viajante. Eu consigo me ouvir perguntando a Jerry: “Como está indo, cara?”. E consigo vê-lo ali parado, sorrindo através da barba.

“Bem, cara, bem. Vamos levar isso para as pessoas hoje à noite.”

Acho que respondi um “Pode crer” para ele.

Jerry era exatamente como anunciado: um hippie descontraído que mais parecia um cara que você veria tocando sua guitarra do lado de fora de uma estação de metrô, com o case aberto, incomodando por uns trocados, do que uma estrela do

rock. Ele era um deus na época, mas você nunca saberia disso apenas observando-o. Mesmo no palco, ele estava satisfeito em ficar parado e tocar de improviso, seu comportamento não era diferente na frente de 10 mil (ou 100 mil) fãs do que era quando ele tocava nos cafés na área da Baía de São Francisco. Você tinha que admirar isso nele. O cara era genuíno.

A coisa mais estranha naquele dia não foi meu encontro com Jerry, mas a forma como ele terminou. Em algum momento da noite, depois de muitas horas bebendo, apaguei. Quando acordei, eram quatro horas da manhã. Rolei e olhei pelo gramado do Gaelic Park, que estava completamente abarrotado de pessoas poucas horas antes. Agora, porém, estava quase vazio. E por "quase" quero dizer que eu era a única pessoa lá. Nenhuma outra alma. Só eu, à deriva em um mar de latas vazias, garrafas e copos de papel - uma variedade de lixo que dava ao lugar um aspecto pós-furacão.

Onde diabos todo mundo foi?

Ainda não tenho ideia do que aconteceu - por que nenhum dos meus amigos me acordou (talvez tenham tentado) ou por que os seguranças me deixaram lá. Eles tinham que saber, certo? Não havia a possibilidade de não terem notado. Talvez eles não se importassem. Talvez fosse assim que as coisas acontecessem num show do Grateful Dead.

Independentemente disso, eu estava sozinho, trancado dentro do parque.

Cambaleei até o portão principal. Trancado. Tentei outro portão. Também trancado. Muito rapidamente, concluí que teria que passar o restante da noite ao ar livre, dormindo no gramado, ou passar por cima da cerca. Como um condenado fugindo da cadeia, escalei a cerca de arame, parando brevemente perto do topo para recuperar o fôlego e avaliar a probabilidade de rasgar minhas bolas quando passasse por cima do arame farpado nos últimos metros. Olhei de volta para o parque, para todo o lixo e o coreto vazio. Eu sabia o que era desmontar um palco depois de um show - o barulho e o caos mal controlado. Eu dormi durante esse tempo?

Inacreditável...

Decidi passar através do arame farpado, e não por cima dele, para que eu pudesse manter o equilíbrio segurando firme na cerca de arame trançado. Alguns cuidadosos momentos depois, eu estava no chão, caminhando para casa, meu primeiro e último show do Grateful Dead, agora oficialmente nos livros.

Graças à generosidade (ou pelo menos à tolerância) de meus pais, eu ainda morava em casa durante esse período. (Na verdade, só me mudei depois de me juntar ao KISS.) A essa altura, paramos de brigar sobre o que eu ia fazer da minha vida. Eu havia dado um pouco de tranquilidade a eles ao voltar para a escola, e acho que eles acharam que eu provavelmente estava mais seguro sob o teto deles do que pulando de um lugar para outro, incomodando meus amigos. De qualquer forma, eu não ficava em casa com tanta frequência e, quando voltava, era tarde da noite. Eu praticamente usava a casa como um lugar para dormir. Não havia muito diálogo entre nós. Eles estavam ficando mais velhos e tinham menos energia para lidar com as disparidades de nossos estilos de vida. De vez em quando, dava dinheiro para ajudar no aluguel, o que melhorava as coisas, e pelo menos os policiais não estavam me levando para casa à noite. Poderia ter sido pior, e mamãe e papai sabiam disso.

Basicamente, eu só tentava manter a paz. Qualquer insanidade - ou pelo menos a maior parte da insanidade - eu tentava manter fora de casa.

Toda a minha energia era direcionada para tocar música. Num determinado momento, eu estava em várias bandas, dando um jeito de fazer shows, ensaiar, às vezes tocando em dois lugares diferentes numa única noite. Fazia o que tivesse que fazer para ganhar algum dinheiro e aprimorar minha arte. Se isso significasse vestir um smoking e tocar num casamento ou bar mitzvah, era o que eu fazia. Se isso significasse ir de carro até Kutsher ou um dos outros resorts nas montanhas Catskill e tocar para famílias em férias, então eu fazia isso. Havia dignidade em tudo isso. Às vezes, também havia diversão.

Os shows em Catskill representaram minha primeira amostra da vida na estrada, e eu não achei nada atraente. As garotas judias lá em cima nos amavam (e nós as amávamos!), embora eu não saiba como seus pais se sentiríam se soubessem o que acontecia depois. Subíamos por alguns dias ou uma semana, trabalhávamos como a banda da casa, tínhamos quartos e refeições gratuitas e uma pequena quantia por nossos esforços. Nada mal. Era como umas férias grátis - com garotas, álcool e comida boa. Tudo o que tínhamos a fazer era tocar duas seleções de músicas por noite. Isso pode ser um pouco complicado - misturar um material que não ofenderia os pais com coisas que realmente queríamos tocar. Mas o mesmo acontecia quando você tocava em casamentos. Eu sempre conseguia misturar uma variedade de músicas de que eu gostava, uma seleção representativa de músicas populares de Creedence Clearwater Revival, Beatles e Stones, além de rock orientado para álbuns de Led Zeppelin, Cream, Grand Funk Railroad e Hendrix. A maioria das músicas que você ouvia na jukebox, pontuada por coisas mais ousadas e difíceis. De vez em quando, o gerente do resort dificultava as coisas para mim, mas eu sempre conseguia negociar com ele. O problema é que não havia como eu subir no palco e não tocar pelo menos algumas das músicas que eu realmente adorava. Eu sabia muito sobre a cena musical - sobre o que realmente importava - para tocar apenas músicas cover das “Top 40”. Merda, eu estava no Fillmore East em 1969 quando o Zeppelin fez sua primeira aparição em Nova York. Por incrível que pareça agora, eles abriram o show do Iron Butterfly naquela noite e absolutamente enxotaram a atração principal do palco. Ainda vejo metade da plateia saindo, desiludida, no meio da apresentação de Iron Butterfly.

Não há razão para não tocar “Whole Lotta Love” para o pessoal do Kutsher’s; eles superariam isso.

A mais profissional e refinada (e abertamente ambiciosa) das bandas com as quais eu tocava naquela época era sem dúvida a Molimo. O nome da banda, como eu entendia (embora nunca tenha verificado), foi tirado de uma palavra em português que poderia ser traduzida livremente como “música da floresta”.

Também me lembro de um dos caras da banda dizendo que o nome era uma palavra africana para um instrumento usado durante cerimônias sagradas de iniciação tribal.

Quem saberia dizer? De qualquer forma... totalmente anos 1960, certo?

Eu não sabia o que esperar da primeira vez que apareci para ensaiar com umas pessoas em seu loft na Rua Canal, no sul de Manhattan. Conceitualmente falando, Molimo era uma pequena banda hippie inspirada em Jefferson Airplane. Tínhamos dois vocalistas principais - um homem (Tom Ellis) e uma mulher (Christine Murphy) - que se alternavam no microfone. Era totalmente fora do padrão para mim, diferente de tudo que eu já tinha feito antes. E, para ser sincero, não me interessava muito. Mas eles escreveram algumas músicas boas e, como resultado, conseguiram um gerenciamento sólido e um acordo de gravação especulativo com a RCA Records.

Lembro como foi emocionante a primeira vez que entramos no prédio da RCA em Midtown para montar nossa demo - entrando no mesmo estúdio onde Frank Sinatra havia gravado. Se você se importa com música, esse tipo de história é palpável; você consegue sentir isso no momento em que entra na sala. Eu tinha 20 anos e estava tentando me tornar um músico profissional. Trabalhar com o Molimo foi o mais próximo que eu conseguira chegar disso. Fizemos alguns shows, incluindo um no Fillmore East, e parecia que estávamos no auge do grande momento (até que a RCA desligou a tomada, no meio da gravação do nosso primeiro álbum).

Entretanto, para mim, era uma busca mercenária. Eu me envolvi com o Molimo menos por ter me apaixonado pela música deles, mas porque via isso como uma possibilidade para me envolver mais profundamente com o negócio da música, em particular a parte final com a gravação. Eu considerava um show, não uma paixão; colocado de forma simples, eu fazia pelo ganha-pão, e é isso. Você faz o que tem que fazer para sobreviver.

Mas gostava das pessoas da banda - um grupo diversificado que incluía não só vozes masculinas e femininas, mas também um policial de Nova York que fazia bico como tecladista. Ele costumava pentear o cabelo para trás quando ia trabalhar e o colocava sob o quepe. Quando aparecia para tocar com o Molimo, ele penteava o cabelo para a frente e deixava-o cair sobre o colarinho. Também me tornei amigo do baterista Dave Polinsky e do baixista Barry Dempsey; na verdade, ao mesmo tempo em que estávamos trabalhando no Molimo, formamos um trio poderoso planejado para satisfazer nossos desejos de hard rock e colocar algum dinheiro extra em nossos bolsos. O nome desse pequeno grupo?

The Muff Divers.

Sem zoeira.

Obviamente, com um nome como Muff Divers (e esqueci qual de nós inventou o nome, ou por que achamos que era apropriado, embora você provavelmente possa adivinhar), não estávamos particularmente preocupados com o sucesso comercial ou a probabilidade de garantir um contrato recorde. O Muff Divers só queria tocar rock’n’roll pesado e rápido. O Molimo só tocava material original, por isso tinha um escopo limitado. Eu já tinha ficado entre as 40 melhores bandas cover antes, tocando músicas que as pessoas reconheciam, Dave e Barry também. Então, quando o Molimo não tinha tanto trabalho e todos precisávamos de renda extra, saíamos como Muff Divers.

Qualquer possibilidade de tocar era boa para mim. O nome da banda? O local? O tamanho da plateia ou mesmo o valor do cachê? Tudo irrelevante. Tentei tratar todas as apresentações em todas as espeluncas como se fossem a atração principal no Madison Square Garden. Arrogância não fazia parte do meu caráter. Acredite ou não, eu era inseguro. Nunca considerava nenhum show indigno de mim. Se alguém quisesse me pagar (mesmo que fosse apenas alguns dólares) e as pessoas estivessem dispostas a ouvir (mesmo que a plateia mal alcançasse dois dígitos), então eu ficava mais do que feliz em dar o melhor de mim.

Algumas noites, naturalmente, eram mais memoráveis que outras, embora não necessariamente por conta de algo que acontecia no palco. Houve brigas ocasionais em bares, por exemplo. Elas são inevitáveis quando você toca em espeluncas, com clientes barulhentos e bêbados que o desafiam para ter atenção da plateia. Geralmente elas terminavam bem, com apenas um soco sendo desferido. Porém, de vez em quando, a banda estava igualmente bêbada e, quando isso acontecia, não demorava muito para que um desacordo violento acontecesse.

Teve uma vez, em Paterson, Nova Jersey, quando fui convidado para fazer parte da banda de Tommy Doyle, porque faltava um guitarrista para a noite. Eu esperava um bar típico de Jersey, cheio de caras de camiseta e jeans, fumando e saindo com as namoradas, bebendo garrafas de Rolling Rock. Em vez disso, fui parar em um lugar que mais parecia um lounge informal, muito descontraído e melancólico, com homens de terno acompanhados de mulheres que provavelmente não eram suas esposas. Definitivamente, não era um local de rock'n'roll, mas não me importei. Comecei a beber cedo e muito e continuei virando o copo a noite toda. A cada cerveja, a forma com que eu tocava a guitarra ficava, se não necessariamente mais afiada, definitivamente mais alta.

Muito mais alta.

Provavelmente é justo dizer que não tive o nível apropriado de respeito nem limitação, dada a natureza da clientela e do local. Quando o proprietário se aproximou de mim durante um intervalo e reclamou do volume, eu o afastei. No final da noite, ele já tinha aguentado o suficiente. E eu tinha aguentado uma coisa (ou dez) demais. Quando desmontamos o palco e guardamos nossos instrumentos, perguntei a Tommy se fomos pagos. Ele explicou que a banda havia recebido a parte dela, mas que o proprietário havia originalmente prometido um pouco mais para mim, porque substituí outra pessoa com pouco tempo de antecedência. Dessa forma, Tom não precisaria me pagar do próprio bolso e os outros caras não se sentiriam enganados.

Encontrei o proprietário, que trabalhava atrás do balcão do bar, e pedi meu dinheiro para ele (com grosseria, tenho certeza).

"Cai fora, imbecil. Você já foi pago."

Essa foi provavelmente a coisa menos hostil que dissemos em uma troca profana que durou cerca de cinco minutos e terminou com o proprietário estendendo a mão sobre o balcão e me arrasando com uma mão direita tão sólida que, a princípio, pensei que ele tivesse quebrado uma garrafa de cerveja na lateral do meu crânio. Mas ele não tinha. O cara simplesmente usou o punho para calar a boca de um

guitarrista bêbado, e fez isso de um jeito eficaz. A próxima coisa que eu soube foi que os caras da banda estavam me carregando pelo estacionamento e me colocando na traseira de uma van. Eles me levaram de volta ao Bronx, me levaram para o meu quarto e me colocaram na cama.

Acordei na manhã seguinte me sentindo uma merda total. Meu rosto estava inchado e machucado e meu olho direito estava tão vermelho que parecia que o sangue estava vazando para a órbita do olho. Com o horror natural de uma ressaca de doze latas, esses sintomas me fizeram sentir como se estivesse à beira da morte. Mas só quando minha mãe me viu percebi o quão ruim devia ter sido.

"Oh, meu Deus!", gritou ela, colocando as duas mãos sobre a boca. "Você precisa ir para o hospital."

Quando sua mãe nem pede explicação, simplesmente pede para você buscar ajuda médica imediatamente, você sabe que está com problemas. Então fui ao médico da família, que imediatamente solicitou um exame de raio-X. O diagnóstico: uma maçã do rosto quebrada.

"A coisa toda está destruída", explicou ele. "Você precisa de cirurgia plástica ou terá problemas para respirar e comer durante o resto da sua vida."

Ele fez uma pausa.

"Sem mencionar que sua aparência está horrível."

Nossa família não tinha muito dinheiro, convênio médico caro nem qualquer coisa assim, o que tornava a perspectiva de uma cirurgia reconstrutiva assustadora, para dizer o mínimo. Felizmente, tínhamos um aliado em nosso médico de família. Esse cara estava me tratando literalmente desde o dia em que nasci - ele fez meu parto. Ele era um médico de família das antigas que queria um atendimento de qualidade para seus pacientes, independentemente de seu estado financeiro e, às vezes, ele intervinha em seu nome para garantir que tudo desse certo.

"Deixe-me fazer uma ligação", disse ele. "Verei o que posso fazer."

Ele fez bastante, arranjando os serviços de um cirurgião plástico da Avenida Park chamado dr. Lane, com quem ele estudara medicina. Esse cara era de primeira linha, um dos melhores cirurgiões de reconstrução facial da cidade. Ele é especialista em recompor pessoas que sofreram fraturas em acidentes de carro ou que foram vítimas de crimes violentos. O médico aceitou o meu caso por praticamente nada. Ainda me lembro bem da consulta, durante a qual ele me disse não apenas que eu não precisava me preocupar com o dinheiro, mas que eu tinha a sorte de estar vivo.

"Você chegou a um milímetro e meio de perfurar seu cérebro quando o osso zigomático quebrou", explicou ele. "Se isso acontecesse, você não estaria aqui agora."

O plano do dr. Lane era unir minha bochecha com arame. Era um procedimento complicado e tedioso, e com um potencial significativo de erro, que assustou a minha família. Na noite anterior à cirurgia, minha tia Ida, uma fanática religiosa ("renascida" em seus 40 e poucos anos, e uma crente fervorosa a partir daquele momento), e que estava disposta a orar em meu nome de qualquer forma (sem dúvida, eu precisava disso), incentivou toda a congregação em sua igreja a me manter em suas orações. Acho que minha mãe não conseguiu pregar os olhos

naquela noite. Tenho certeza de que papai também estava nervoso. Quando eles me anestesiaram, eu não tinha ideia de como as coisas terminariam.

Quando acordei na sala de recuperação, dr. Lane estava em pé perto de mim, sorrindo.

"Você não acredita no que aconteceu."

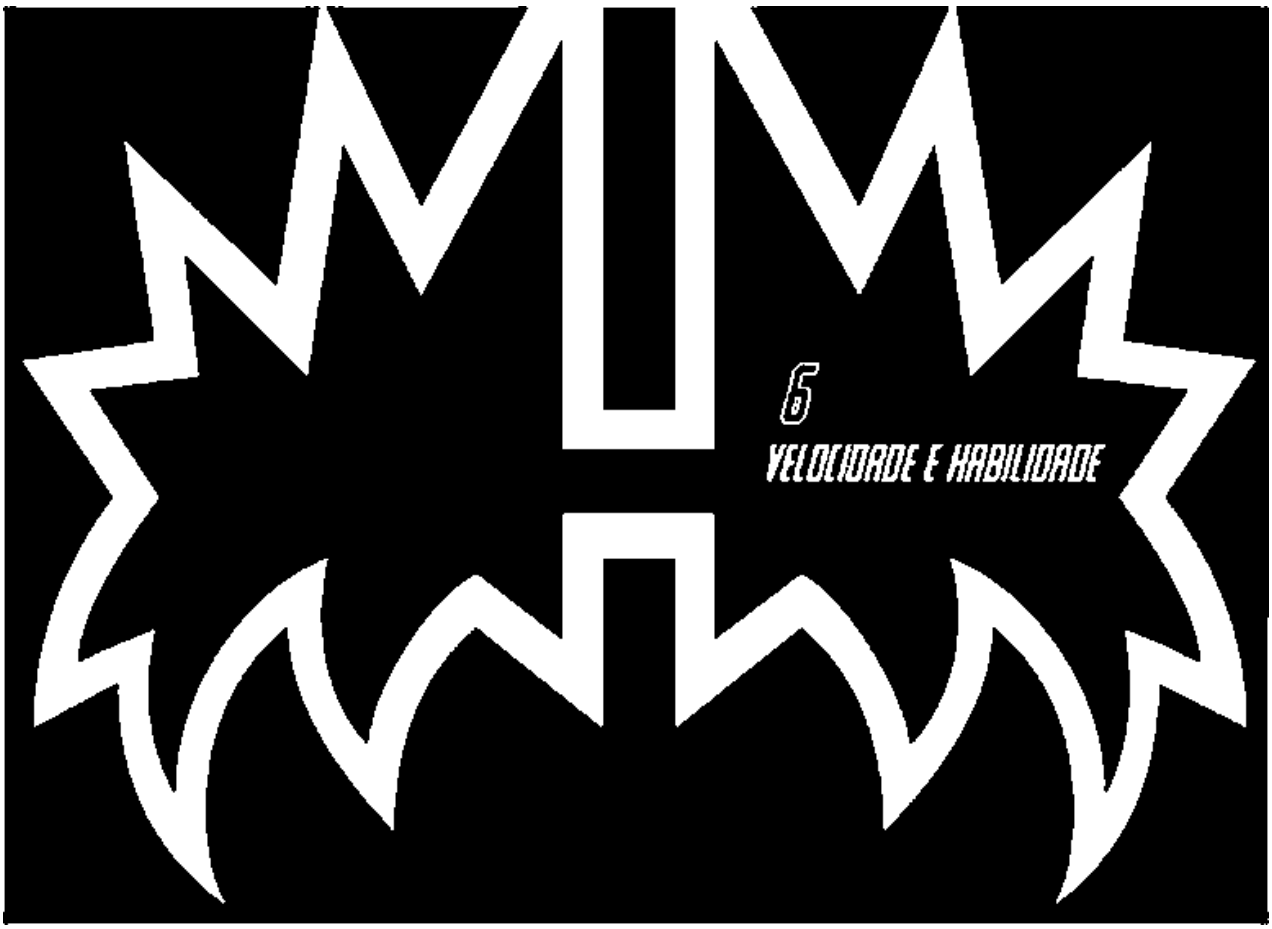
Murmurei algo incoerente em resposta. Minha cabeça estava quase tão ruim quanto na manhã seguinte à briga no bar.

"Não precisei prender nada com arame", disse ele.

Ele fez uma pausa e balançou a cabeça. Mais tarde, quando a anestesia passou, ele me contou com mais detalhes exatamente o que havia acontecido, comparando meu osso zigomático mutilado com a casca de um ovo cozido. Ele havia afundado e rachado em vários lugares, mas de alguma forma se manteve unido. Com um aperto suave, o osso voltou ao lugar, sem que nenhum fragmento se despedaçasse.

"Isso raramente acontece", disse o médico, incrédulo. "Você é um homem de muita sorte."

LOVE
HATE
NOTICE OF APPLICATION
COHOLIC BEVERAGES


6
VELOCIDADE E HABILIDADE

Velocidade e habilidade

É difícil saber exatamente quando é a hora de deixar seus sonhos de lado.

No outono de 1972, eu tinha 21 anos, estava falido, ainda morava com meus pais e tocava em várias bandas, esperando que uma delas se tornasse o veículo certo para a minha guitarra. Eu ainda acreditava em mim mesmo, ainda achava que poderia ganhar a vida como músico profissional. Mas não havia plano nem estratégia. Basicamente, havia muitos shows, treino e festa.

Durante todo esse processo, Jeanette continuou me apoiando, ainda que um tanto brincalhona. Eu me lembro de uma noite estar dirigindo seu carro (eu não tinha dinheiro para comprar o meu próprio), falando sobre o futuro, tentando explicar por que não queria um emprego fixo, por que eu achava que definharia e morreria no esquema das nove às cinco.

"É uma perda de tempo e talento", disse a ela. "Vou ser uma estrela do rock. Confie em mim - seremos ricos um dia."

Jeanette riu.

"Você está fora de si."

É verdade. Para começar, você precisa ser um pouco louco para ser artista (não olhamos o mundo como a maioria das pessoas), assim como você precisa estar um pouco distante da realidade para pensar que pode vencer uma chance em um milhão contra qualquer um que tente entrar no ramo da música. Em ambos os casos, eu me considero culpado. Também sou um cara inerentemente preguiçoso - se algo não me motivar de forma visceral, é improvável que eu aceite com qualquer tipo de disciplina ou entusiasmo. É por isso que eu era um mau aluno e por isso eu teria sido (e era) um péssimo funcionário. Eu adorava tocar guitarra e sabia que era muito bom nisso, então era isso que eu queria fazer da minha vida.

Não havia outras opções. Eu tinha que ser paciente e esperar a oportunidade certa surgir. O que aconteceu, na forma de um anúncio que apareceu no Village Voice em 17 de dezembro de 1972.

PROCURA-SE GUITARRISTA LÍDER
COM VELOCIDADE E HABILIDADE.
ÁLBUM EM BREVE.
SEM DESPERDÍCIO DE TEMPO,
POR FAVOR.
PAUL

Eu não sabia quem era "Paul". Também não sabia nada sobre a banda que ele liderava nem sobre o suposto contrato de gravação que eles haviam conseguido. Era um anúncio gratuito, um entre as centenas que li ao longo dos anos. Como qualquer músico de Nova York com um pouco de ambição, eu olhava os classificados

regularmente, procurando oportunidades novas e interessantes, especialmente com bandas que alegavam ter contratos de gravação ou turnês próximas. Esses anúncios não eram poucos; por experiência, eu sabia que a maioria era pura besteira e, portanto, poderiam ser facilmente ignorados. Porém, por alguma razão, esse era intrigante. Pensei: Porra, eu tenho velocidade, e com certeza tenho habilidade. Eu duvidava da parte de a banda ter um álbum "em breve", mas, no mínimo, parecia valer a pena investigar.

Então peguei o telefone e disquei o número que aparecia na parte inferior do anúncio do Village Voice. Ao telefone era o homem que colocara o anúncio, Paul Stanley. (Não muito tempo depois, descobri que o nome verdadeiro dele era Stanley Eisen. Ainda acho interessante o fato de eu ser o único membro do KISS para quem ele se apresentou com o sobrenome real.) Paul era profissional e eficiente ao telefone. Ele perguntou sobre minhas credenciais e minha aparência ("Eu me pareço um pouco com Keith Richards", falei, mostrando que eu era alto, magro e tinha cabelos longos - a mesma aparência de todos os guitarristas naquela época). Ele me contou um pouco sobre o projeto deles, sobre como eles queriam ser uma banda teatral que tocava rock barulhento e pesado; e então me disse que fariam audições em algumas semanas.

"Você está convidado a descer", disse ele.

Hesitei, em parte porque não queria parecer muito ansioso, mas também porque era naturalmente cético. Eu já tinha passado por isso antes, mais recentemente com o Molimo. A ideia de fazer um teste para um grupo de caras que provavelmente nem tinham um contrato de gravação e, até onde eu sabia, não podiam tocar nada que valesse a pena, não me motivava.

"Talvez", eu disse. "Vou pensar sobre isso."

Decidi ouvir o que meu amigo Chris Cassone, que também era guitarrista (e que mais tarde se tornaria um engenheiro de som bem-sucedido), tinha a dizer.

"Ei, Chris, sabe esse anúncio no Village Voice?"

"Sim", disse ele.

"Interessante."

"Eu sei, cara. Estou pensando em dar uma descida lá."

Houve uma pausa.

"Eu também."

Isso me surpreendeu. Chris era um guitarrista sólido, mas realmente não tinha uma aparência de estrela do rock. Ele se vestia como um jovem de alguma escola preparatória para entrar na faculdade e não tinha cabelo comprido.

"Não me leve a mal, Chris... mas não sei se você tem a imagem que eles querem."

A audição aberta estava marcada para 3 de janeiro de 1973, o que me deu algumas semanas para considerar o convite. Se soubesse a verdade na época, provavelmente teria ficado em casa naquele dia, o que obviamente teria sido o pior erro da minha vida. Felizmente, o que eu não sabia era que Paul e seu parceiro neste projeto, Gene Klein (que eu viria a conhecer como Gene Simmons), tocavam juntos em uma banda chamada Wicked Lester e, nesse tempo, eles realmente receberam

uma oferta de contrato da Epic Records, que fracassou. Portanto, o anúncio, como tantos outros que eu já havia encontrado, não era totalmente verdadeiro. No mínimo, era enganoso.

Mas tudo bem. Isso se tornou parte da mitologia do KISS e estou bem com isso, assim como fico tranquilo com o fato de algumas pessoas acharem que o anúncio do Village Voice buscava um "guitarrista com velocidade e colhões". Não. Os termos eram "velocidade e habilidade". Paul e Gene sustentam há muito tempo que o Village Voice se recusou a imprimir a palavra "colhões" e, em vez disso, substituiu-a por "habilidade". Não sei se isso é verdade ou não - parece improvável, considerando que o Voice era uma publicação liberal que nunca teve pudores em permitir blasfêmias em suas páginas -, mas acho que é uma boa história.

Aqui está outra história boa: minha mãe teve que me levar de carro para a audição.

Concluí que não tinha nada a perder. O que poderia acontecer de pior? Eu tocaria com alguns caras no centro da cidade. Se eles fossem uns picaretas sem talento e a coisa toda acabasse sendo fraudulenta, bem, e daí? Eu não teria investido nada além de algumas horas do meu tempo. E talvez, apenas talvez, acabasse sendo algo mais do que isso.

Na tarde da audição, arrastei meu amplificador Marshall de 50 watts (provido com oito alto-falantes de 10 polegadas, cerca de 25 centímetros) até o meio-fio e o enfiei no porta-malas do Cadillac de meus pais. Não havia exigência de que os aspirantes aparecessem com seu próprio amplificador, mas achei que isso me daria mais confiança e mais vantagem; também presumi que meu Marshall seria superior a qualquer coisa que esses caras teriam em seu loft. Era um ótimo amplificador e soava ainda melhor com a minha Gibson Rever se Firebird com captador único espalhando som pelos alto-falantes, o mesmo modelo que Clapton usava na turnê de despedida do Cream. Eu sabia como obter uma ótima sustentação e retorno com essa combinação e não estava disposto a me contentar com nada a menos. Houve vezes em que conectei a guitarra ao amplificador de outra pessoa. Os resultados foram quase sempre decepcionantes.

Vou dizer o seguinte sobre minha mãe: ela era bem legal com a coisa toda. Ela sabia que eu tinha talento e provavelmente imaginou que, se eu fosse me tornar algo na vida, a música seria uma possibilidade adequada. E, é claro, eu era seu garotinho, então ela se preocupava e se afligia com a minha felicidade e segurança. Quando eu disse a ela que precisava de uma carona para o centro da cidade para fazer um teste para essa banda nova (não dava para levar o amplificador de metrô e eu não tinha dinheiro para pagar o táxi), ela estava mais do que disposta a ajudar. Acho que ela não tinha a mínima ideia de que isso acabaria do jeito que aconteceu; você nunca sabe se alguma audição levará a alguma coisa, certo? A maioria delas não tem futuro. Enquanto ela se sentava ao volante do Cadillac e esperava eu colocar meu equipamento no porta-malas, tenho certeza de que sua mente estava em outro lugar - provavelmente tentando pensar no que teríamos para jantar naquela noite. Ela não teria como imaginar que eu estava prestes a me juntar ao que se tornaria um dos maiores grupos de rock do mundo.

Merda, isso também não tinha me ocorrido.

Porém, de forma curiosa, quando chegamos ao meio-fio da Rua 23, perto da Quinta Avenida, onde a audição ocorreria, senti um ataque estranhamente intenso de agitação. Era quase como se eu sentisse que havia alguma coisa importante nessa audição. Não havia razão para sentir isso, mas senti.

Saí do carro e me inclinei na janela.

“Espere aqui um segundo, mãe. Eu volto já.”

Corri em direção a uma delicatessen descendo um pouco a rua, enquanto minha mãe gritava: “Aonde você está indo?!”.

Voltei alguns minutos depois, com uma lata de cerveja de uns 500 mililitros dentro de um saco de papel marrom. Abri o porta-malas, tirei meu amplificador e minha guitarra e os levei para o pequeno saguão do prédio. Lá, sozinho perto do elevador, abri a lata e bebi.

Ok... melhor eu ir.

O loft era basicamente uma sala comprida, escura e estreita, com dezenas de caixas de ovos vazias coladas nas paredes e no teto para fazer o isolamento acústico. Já havia três pessoas na banda, e as três estavam lá naquele dia: o baterista, Peter Criss; o baixista, Gene Simmons; e o guitarrista rítmico, Paul Stanley, com quem eu já havia conversado por telefone. Era bastante óbvio que Gene estava encarregado da audição. Ele era o membro mais sério do trio e parecia não ter o menor senso de humor.

Minha apresentação aos caras do KISS (apesar de ainda não serem chamados de KISS) não foi particularmente agradável. Quero dizer, não diria que foi amor à primeira vista. Havia um fluxo constante de músicos entrando e saindo do loft o dia inteiro. Todos eram obrigados a preencher uma solicitação de emprego antes da audição. Bom, acho que nunca tinha preenchido uma solicitação de emprego na vida, nem mesmo para um emprego de verdade (a única exceção foi a época de férias alguns anos antes, quando trabalhei por pouco tempo para a Uncle Sam como carteiro). E eu não ia fazer isso para essa apresentação. Ser músico não era um trabalho para mim - era um estilo de vida. Se eles quisessem saber mais sobre mim, poderiam perguntar.

Eu me sentei, li algumas linhas da solicitação, depois a amassei e joguei no chão.

Sei que isso não pegou muito bem com os rapazes, assim como sei que eles não ficaram impressionados com a minha atitude. É, realmente me pareço um pouco com Keith Richards, como anunciado. Eu tinha o corte de cabelo desgrenhado, a estrutura óssea com veias saltando em meus antebraços. Eu usava camiseta e jeans indispensáveis, nada muito extravagante nem psicodélico. Apenas rock’n’roll direto.

Com uma pequena peculiaridade.

Meus tênis não combinavam.

Um pé era vermelho, o outro, laranja. Muito se falou disso ao longo dos anos - Ace estava no mundo da lua para saber o que estava fazendo? Nervoso demais para perceber que pegou um par de calçados que não combinava no armário? Era uma afirmação de moda?

Eis a verdade: eu estava com pressa e peguei dois pés de tênis, coloquei-os e saí correndo porta afora. Quando percebi o que havia feito, estávamos a caminho do centro da cidade. Mas eu não estava preocupado. Achei que parecia meio legal.

Gene e os rapazes, eu descobriria depois, tiveram uma reação diferente. Eles pensaram, na melhor das hipóteses, que eu era um fracassado; na pior das hipóteses, inadequado. Não ajudou em nada o fato de eu não respeitar totalmente o processo de audição. O protocolo determina que as pessoas façam silêncio enquanto aguardam sua vez, mas como o cara à minha frente estava terminando (o nome dele era Bob Kulick, ele se associaria ao KISS de várias formas diferentes ao longo dos anos, embora nunca como um artista que se apresenta ao vivo), peguei minha guitarra e comecei a me aquecer com algumas escalas no canto mais distante da sala. Minhas ações eram definitivamente uma distração. Enquanto eles conduziam uma entrevista pós-audição com Bob, continuei tocando, tentando me soltar.

Quando Gene viu o que eu estava fazendo, ele se aproximou e me confrontou.

"Sabe, isso é muito grosseiro. Por que você não guarda a guitarra, senta e espera a sua vez?"

"Oh... foi mal, cara."

Agora posso olhar para trás e rir. Talvez os caras também possam rir. No entanto, na época, tenho certeza de que eles não gostaram do meu comportamento e provavelmente não previram que eu seria a pessoa que acabaria na banda. Mas tudo se resume a uma coisa, no final: você consegue tocar a porra da guitarra ou não?

Eu sabia tocar e tinha uma imagem!

A audição em si foi tranquila - bem, sem contar a parte em que Gene ameaçou chutar meu traseiro se eu desperdiçasse seu tempo. Minha reação silenciosa a isso (afinal, eu ainda queria o trabalho) foi: Quem é esse idiota do caralho? Ele não sabe que eu poderia acabar com ele?

Em relação à execução, eu não sabia o que esperar. Às vezes, em uma audição, você toca algo familiar. Mas esses caras me colocaram à prova.

"Vamos tocar uma de nossas músicas ", explicou Paul. "Chama-se 'Deuce'. Veja se você consegue acompanhar."

Sinceramente? Acho que eles estavam tentando se livrar de mim o mais rápido possível. Não é fácil ouvir o material de outra pessoa pela primeira vez e tentar pular direto para a guitarra principal. Na verdade, é muito difícil.

Mas foi o que fizemos. Eles me disseram que escala tocariam e depois me deram uma demonstração. Depois de alguns minutos, fizeram uma pausa e me convidaram para tocar junto.

"Vou indicar quando for a hora do solo", disse Paul.

Assenti. No momento indicado, rasguei um solo intenso, tentei impressioná-los com cada lick arrojado que eu tinha no meu repertório. Eu não sabia o que eles estavam procurando, mas parecia a coisa certa a se fazer. Gostei da energia do ambiente, gostei do fato de eles tocarem alto e forte. E realmente gostei da música em si - muito. Lembro-me de pensar: se esse é o tipo de coisa que esses caras estão escrevendo, então poderiam estar por dentro de alguma coisa.

Tocamos por cerca de vinte minutos, talvez meia hora, e, no fim, eles me agradeceram pelo meu tempo e me dispensaram, oferecendo pouco em termos de avaliação.

“Bom trabalho”, disse Paul, apertando minha mão. “Obrigado por ter vindo. Vamos manter contato.”

Gene e Peter também apertaram minha mão e sorriram concordando. E enquanto eu caminhava em direção à porta, pude ouvir Peter conversando com Paul e Gene.

“Sim, muito legal”, disse ele com uma risada. “Adoro comida chinesa.”

Eu não sabia o que ele queria dizer na época, pois estava muito empolgado com o que acabara de acontecer, mas depois lembrei que às vezes as pessoas pensavam que eu era descendente de asiáticos. O ilusório aspecto cherokee no meu sangue confundia as pessoas às vezes. Acho que foi o que aconteceu com Peter. No entanto, tudo o que importava para mim era que esses caras pareciam saber o que estavam fazendo. Eles eram profissionais e pareciam focados e na mesma página que eu.

Não quero exagerar as coisas. Senti que tinha levado a melhor na audição e que esses caras tinham potencial, mas eu não tinha expectativas de mudar o mundo nem nada. Não era nada dramático. Seria algo se eu entrasse e eles usassem maquiagem e tivessem um contrato de gravação na mão. Mas eram apenas três caras sentados em um loft com caixas de ovos nas paredes. Muito profissional e discreto.

No entanto, eu queria entrar.

Nos dias seguintes, eu flutuava, me entregando a devaneios ocasionais sobre ingressar na nova banda e talvez atingir o grande momento. Deixei a audição me sentindo confiante de que conseguiria o show. Eles ainda estavam ouvindo mais algumas pessoas (cerca de trinta guitarristas finalmente fizeram o teste para o trabalho), mas eu tinha a sensação de que as coisas dariam certo para mim. E eu estava empolgado com isso. As músicas que tocamos eram cativantes, e Paul, Gene e Peter eram músicos sólidos. É verdade que mal conhecia esses caras, mas percebi que eles eram sérios. Em todos os anos que eu havia tocado música, nunca estive numa banda em que todos pareciam não apenas comprometidos com a causa, mas que também tivessem a habilidade necessária.

Além disso, eles deixaram claro que estavam dispostos a fazer o que fosse preciso para realizar seus sonhos. Eu também. Eles queriam ser um grupo de rock teatral, e eu estava totalmente de acordo com isso. Gene costumava dizer: “O KISS não apenas oferece algo para seus ouvidos, mas também para seus olhos”. Eu acreditava nisso. Fui bastante influenciado por Hendrix incendiando seu violão... por Pete Townshend destruindo sua guitarra. Eu gostava de bombas de fumaça, fogos de artifício e efeitos especiais.

Eu gostava do show. E eu entendia como os efeitos visuais poderiam complementar a música e tornar a experiência do show mais memorável. Por mais diferentes que fôssemos pessoalmente, por mais divergentes que fossem nossas histórias de vida, compartilhávamos uma visão e ambição coletivas. Tínhamos formas diferentes de lidar com as coisas. Você precisa entender que eu era um cara de sorte e estava seguindo o fluxo; pensei que talvez pudesse dar certo... talvez não.

Com o passar dos dias, “talvez não” parecia o cenário mais provável. Então os caras apareceram para me ver tocar num clube noturno. E, finalmente, em meados de janeiro, cerca de duas semanas depois da minha audição inicial, recebi uma ligação de Paul. Ele queria saber se eu poderia descer até o loft e sair com os caras novamente. Eu disse: “Claro, por que não?”. Quando cheguei, a esposa de Peter, Lydia, estava lá, assim como a namorada de Gene. Suponho que eles queriam outro par de olhos - olhos femininos - para determinar se o novo cara parecia adequado. Conversamos um pouco, tocamos um pouco e eles me ofereceram o trabalho. Nessa época, descobri que a banda não tinha um contrato de gravação, o que provavelmente deveria ter me deixado cético. Mas, na verdade, não. Bandas e músicos inflavam seus currículos o tempo todo. Por experiência própria, eu sabia que acordos de gravação eram tão frágeis quanto os próprios discos.

O importante era que eu gostava do material e tinha um bom pressentimento. Eu gostava da atitude de todos na banda. Era difícil dizer se eu me daria bem com eles pessoalmente e isso não pesava na minha decisão. Tudo o que importava era que eles eram ambiciosos. Eles queriam fazer isso profissionalmente. Eu estava tocando com outras pessoas, em outras bandas e sempre parecia que todo mundo tinha muita confusão em suas vidas. Tinham empregos diurnos e faziam shows nos fins de semana. Tinham esposas e filhos. Precisavam pagar financiamento de carro e aluguel. Alguns tinham até hipotecas. Eu não. Eu tinha minha guitarra e nada mais. A música era a minha vida, e foi bom me juntar a outros três caras que pareciam tão decididos.

Começamos a ensaiar quase imediatamente no loft da Rua 23 - um pé no saco para mim, já que eu ainda não tinha carro nem dinheiro suficiente para pagar táxi diariamente. É claro que eu não pedia para minha mãe me levar para o ensaio todos os dias, então tive que encontrar meios de transporte alternativos. Às vezes eu pegava o metrô para Manhattan; mas, com mais frequência, eu pedia ajuda aos amigos, principalmente para alguém chamado Eddie Solan. Eddie ia de carro até o Bronx de sua casa em Yonkers e depois íamos para o centro juntos em seu Fusca. Eddie não era músico, mas merece muito crédito pelo que o KISS conquistou no começo. Ele não era só um amigo leal e um bom mixador de som, mas também um mestre carpinteiro e especialista em eletrônica que construiu o sistema de PA, um esquema de instalação sonora direcionada para o público, para os nossos primeiros shows. Durante o dia, Eddie trabalhava em uma loja de suprimentos eletrônicos; à noite, ele era um membro não oficial do KISS - o primeiro assistente de apoio da banda (e muito mais). Eddie gostava muito de mixagem e som, e acho que seus esforços e contribuições durante a fase inicial da banda não foram suficientemente reconhecidos.

Ensaiávamos quatro, cinco, seis dias por semana - provavelmente um exagero, considerando que tínhamos menos de uma dúzia de músicas. Tocávamos repetidamente, por horas a fio, batendo no cavalo morto até que não restasse carne em seus ossos. Isso não era fácil para mim. Enquanto eu adorava tocar guitarra, minha abordagem era menos profissional do que alguns dos outros caras da banda. Adotava a abordagem do artista: quando a inspiração chegar, estarei pronto. Peter

era do mesmo jeito. Paul e Gene? Uh-uh. Eles eram viciados em trabalho, comprometidos em praticar até seus dedos sangrarem e, em seguida, voltavam a atenção para a parte dos negócios. Admirável, admito, mas não era assim que eu vivia a minha vida e, no começo, achava isso curioso.

Isso para não dizer exaustivo.

Mas me acostumei muito rápido. Passávamos muito tempo em lugares fechados nesses primeiros meses, ensaiando, planejando nossos shows, conversando sobre imagem e a direção que queríamos que a banda seguisse. Considerando todos os problemas e conflitos de personalidade que teríamos pela frente, vale a pena observar que todos nos dávamos muito bem no começo. Eu não diria que éramos melhores amigos, porque isso não seria verdade. Éramos pessoas muito diferentes. Por consequência, nossos relacionamentos eram a princípio (e muito tempo depois) mais empresariais do que qualquer outra coisa. Tudo era muito diplomático, com cada membro da banda dando pitacos em todos os assuntos, independentemente de quão importantes ou triviais eram. Paul e Gene compunham a maior parte do material no começo, mas, depois que peguei o jeito, comecei a escrever também. E Peter também, embora em menor grau.

Todos nós nos tornamos amigos, mas quando começamos a trabalhar juntos na estrada, Paul e Gene perceberam rápido que Peter e eu éramos um pouco diferentes deles. Gostávamos de festejar. Muito. Todos "festejavam", mas de maneiras diferentes e em graus variados. Gene, por exemplo, não bebe (e Paul quase não bebe). Mas Gene, em especial, era um completo devasso. Peter e eu éramos os mais tradicionais (e extremos) do grupo, com preferência por álcool e drogas, com mulheres fazendo parte da mistura. Como eu, Peter fora membro de uma gangue quando era mais jovem, e sua personalidade havia sido parcialmente moldada por essa experiência. Gravitávamos um em torno do outro enquanto a banda avançava.

Mas não quero sugerir que nós quatro não nos dávamos bem. Nos dávamos bem, sim, especialmente nos meses e anos de formação. Não dá para passar tanto tempo juntos, trabalhando em direção a um objetivo comum, sem criar algum tipo de vínculo. Assim como não dá para não se irritar depois de um tempo. Como padrão, não tínhamos recursos. Alguns tinham empregos de meio período - Paul e eu dirigíamos táxis, Gene trabalhava em uma revista -, mas nunca havia muito dinheiro. Isso parecia não importar. Todos acreditávamos que em breve estaríamos nos sustentando apenas como músicos. Tínhamos boas músicas, uma musicalidade sólida e acreditávamos que havia um mercado para o rock teatral. Queríamos ir além de todos os atos que nos inspiraram e influenciaram, como The Who, Hendrix, The Move, Alice Cooper e New York Dolls.

Dolls era um grupo pré-punk sem limites de gênero, liderado por David Johansen e Johnny Thunders. Seus membros usavam salto alto e maquiagem e geralmente preferiam roupas andróginas. Eles influenciaram muitos outros músicos na cena de Nova York e tiveram um efeito no KISS, tanto musical quanto estilisticamente.

Assim como Alice também teve influência, talvez até em maior grau, porque o som dessa banda era mais refinado e comercial, e seu show girava em torno da teatralidade. Na década de 1970, Alice Cooper levava muita violência ao palco,

combinando rock e arte performática de um jeito que não havia sido experimentado antes. Ele não era apenas um cantor; era um personagem de sua própria banda, e esse personagem fazia coisas loucas e repulsivas em nome da arte. Alice, assim como Dolls, usava moda andrógina com um toque sadomasoquista. Ele usava guilhotinas, cobras e baldes de sangue em seus shows. E as pessoas adoravam.

Bem, nem todas as pessoas, claro. Grupos conservadores (e mais do que alguns pais) pensaram que Alice estava fazendo o trabalho do diabo, corrompendo crianças e vendendo sexo e violência. Eles o odiavam, uma resposta que previsivelmente ajudou a aumentar as vendas de álbuns e ingressos de shows.

Alice sabia exatamente o que estava fazendo. Ele fazia rock melódico, mas pesado e comercial, e o vendia com um brilho de horror (além de subentendidos, devo acrescentar, embora nem todos tenham percebido), prometendo transformar todas as noites em Dia das Bruxas. Não era nada menos que brilhante. Ele agora é um dos ícones mais reconhecíveis do rock'n'roll. (Mal sabia eu que Alice e eu nos tornaríamos bons amigos no futuro.)

Sabíamos desde o início que queríamos seguir o exemplo dele. Queríamos usar maquiagem, fantasias estranhas e tocar hard rock. Fora isso, não tínhamos tanta certeza. Também não tínhamos certeza de como queríamos ser chamados. A escolha do nome certo era importante - tinha que ser uma boa opção, transmitir a imagem e a atitude certas. E todos nós precisávamos estar confortáveis com isso. Olhando para trás agora, percebo que uma das coisas que tornou o KISS uma banda única foi o fato de sermos uma organização muito democrática. Pode parecer difícil de acreditar agora, pois restam apenas Gene e Paul da formação original da banda, sendo que Gene sempre cultivou com bastante cuidado uma imagem de controle calmo. Mas éramos quatro parceiros iguais quase desde o momento em que a formação estava completa.

Os nomes foram trocados durante várias semanas, com a maioria deles sendo descartada em questão de minutos. A certa altura, provavelmente por raiva, alguém sugeriu que chamássemos a banda, de maneira simples e gráfica, de FUCK! Esse nome também desapareceu rápido. Queríamos ser radicais; queríamos realmente inovar de um jeito que nenhuma outra banda tinha feito. FUCK! teria alcançado o objetivo. E também tornaria impossível conseguir um contrato com uma gravadora, tocar nas rádios ou qualquer outra coisa que quiséssemos alcançar. Então isso não ia funcionar. FUCK! era algo sem futuro, da mesma forma que Muff Divers também teria sido. Você quer ser levado a sério como uma banda? Bem, então, seu nome não pode ser uma piada. E não pode ser tão irreverente que ninguém queira dizê-lo em voz alta (a menos que esteja realmente de saco cheio).

No fim, começamos a conversar sobre outras bandas em que estávamos, principalmente como fonte de inspiração. Um nome pode provocar uma faísca e, de repente, você começa a lançar ideias, até que finalmente decide por algo que parece certo. Eu já havia passado por esse processo várias vezes com outras bandas. Era puro brainstormingy e geralmente funcionava. Peter já havia estado numa banda chamada Lips e, em algum momento, a conversa foi nessa direção, até que, por fim, Paul sugeriu "KISS". A resposta coletiva foi: "É, não é ruim".

Foi simples assim, orgânico.

Aconteceu a mesma coisa com o agora famoso (ou infame) logotipo do KISS. Assim que decidimos o nome, fui para casa e comecei a brincar com várias representações estilísticas do nome da banda. Embora seja verdade que eu não era muito estudioso em cursos tradicionais, eu tinha habilidade artística. Na verdade, eu costumava dobrar o número de aulas de arte na DeWitt Clinton. Fui muito próximo do chefe do departamento de arte, Doc Goldberg. Ele incentivava meu interesse por esboços e desenho; ele até me dava presença quando eu chegava tarde. Doc estava acostumado a lidar com alunos que tinham problemas para se adaptar. A maioria dos jovens em seu departamento se sentia desconfortável em uma escola pública, mas isso não significava que eles não tinham talento. Eles eram só... diferentes. Eu era um dos melhores artistas da DeWitt Clinton. Até desenhei uma capa psicodélica muito legal para a revista bianual da escola, a Magpie. Minha ideia era traçar as palavras "Youth Revolts" [Revoltas juvenis] na capa, mas a orientadora do projeto achou que era provocador demais.

"Que tal 'Youth Dissents' [Dissidentes juvenis]?", sugeriu ela. "Isso pode ser melhor."

Não sei se entendi o significado da palavra "dissidente", mas fiz como ela me pediu e a capa ainda ficou muito legal.

Depois de passar para a Roosevelt High, meu professor de arte me levou a inscrever uma das minhas pinturas em um concurso de arte abrangendo todos os alunos do colegial nos cinco distritos da cidade de Nova York. Isso significa mais de 100 mil jovens! Fui bom o suficiente a ponto de ganhar um "Art Achievement Award" [Prêmio de Realização em Arte], o que fazia de mim um dos cem melhores artistas do colegial da cidade e minha pintura foi exibida no Museu de Arte Moderna de Manhattan. Nada mal para um rebelde urbano do Bronx.

Como Paul, eu provavelmente deveria ter frequentado a High School of Art and Design em Manhattan. Eu teria tido uma carreira acadêmica melhor, com certeza. Mas eu não desejava isso o suficiente. Eu amava arte, mas amava ainda mais a música, e sonhava constantemente com o lugar para onde isso poderia me levar. Como eu disse, me faltava foco e disciplina.

Empolgado com a minha nova banda, criei um esboço do logotipo original do KISS em pouco tempo. Não era muito diferente do logotipo de hoje. Meu conceito original mostrava os dois "S" iguais, com detalhes irregulares, como raios, e um pequeno ponto em forma de diamante sobre a letra "I". Depois transferi o logotipo para um bóton usando uma caneta hidrográfica e o apresentei ao grupo. Mais tarde, tirei o diamante sobre a letra "I" e foi isso. Criar um dos logos de rock mais reconhecíveis da história não foi tão difícil assim. Todo mundo adorou. Paul era um artista estudado, então, quando as coisas ficaram realmente sérias, ele aperfeiçoou meu design, tornando tudo agradável e limpo. (Obrigado, Paul!)

E foi assim que "Kiss" se tornou "KISS".

Aliás, nunca houve nenhum significado secreto no logotipo ou no nome. Fui acusado de tentar imitar o "SS" das tropas de choque nazistas. Porra, que ridículo. Eu não era tão subversivo nem niilista. Achei que os raios ficariam legais, e eu já

tinha decidido que meu personagem na banda se chamaria Spaceman, e que minha roupa seria adornada com raios. Então tudo isso se juntou.

O que dizer da ideia de que o KISS era algum tipo de banda satânica de metal, sendo seu acrônimo "Knights in Satan^ Service" [Cavaleiros a Serviço de Satã]? Besteira completa e absoluta. Toda essa merda satânica começou com um grupo com posturas retrógradas. Mais precisamente, com o "cinturão bíblico" do sul, onde muitos de nossos fãs foram criados. Lembro que, em algumas de nossas primeiras turnês, havia fanáticos religiosos do lado de fora dos shows queimando nossos discos, dizendo que éramos adoradores do diabo. Caralho, dá um tempo! Fui criado como luterano, Peter era católico e Gene e Paul eram judeus. Nenhum de nós jamais se envolveu com qualquer tipo de atividade satânica.

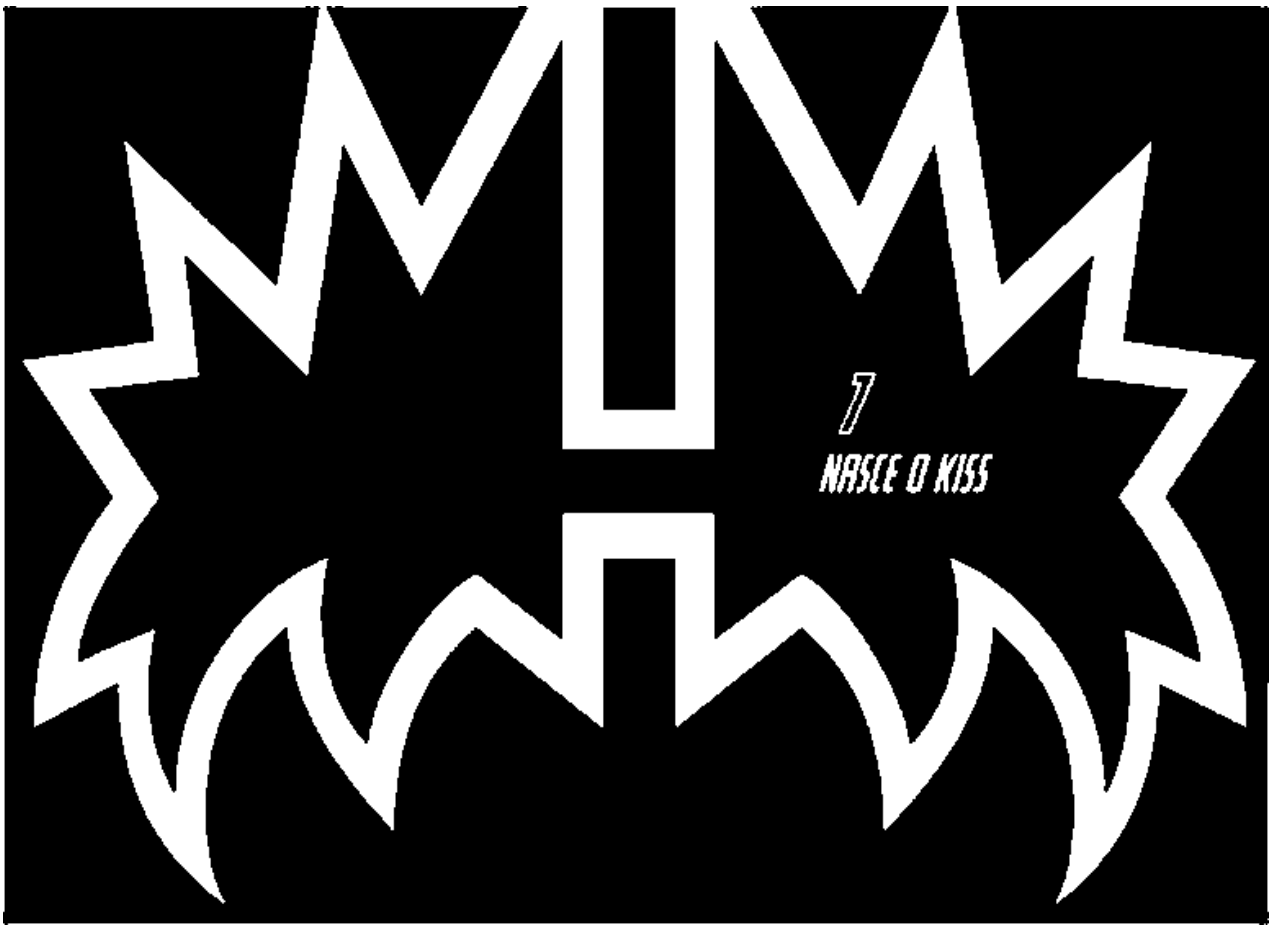
Ponto.

A verdade é que, além de não sermos uma banda satânica de metal, também não éramos uma banda de metal. Éramos só uma banda de hard rock melódico. Algumas de nossas músicas eram pop, outras eram de rock pesado, beirando o metal, mas eu nunca pensei em nós como uma banda de metal em si. Quanto aos manifestantes, bem, eu não prestei tanta atenção neles, mas meio que acreditei no velho ditado: "Toda publicidade é boa publicidade".

Na verdade, se o KISS representava alguma coisa, era um acrônimo muito mais comum: Keep It Simple, Stupid [Mantenha as coisas simples, idiota]. (Para mim, esse ditado acabaria tendo um significado muito mais profundo mais tarde em minha vida.)

Apenas toque a música, toque bem, toque alto.

E pareça ótimo fazendo isso.


7
NASCE O KISS

Nasce o KISS

30 de janeiro de 1973

No momento em que subimos ao palco para a nossa primeira apresentação, em um clube noturno do Queens chamado Popcorn, o interesse no KISS não tinha exatamente chegado a um crescimento estrondoso. Pode ter havido mais pessoas da banda e da equipe do que na plateia. Você tenta tirar experiências como essa da sua cabeça, mas nem sempre é fácil. Às vezes minha memória sofre, graças a todas as bebidas e drogas, mas o cérebro tem um jeito engraçado de catalogar os eventos como lhe convém. Você esquece algumas das coisas boas e se lembra de um pouco da dor. Muito dela, na verdade.

Claro, mesmo as coisas que machucam podem ser meio engraçadas. E, para mim, naquela época, quase tudo tinha seu lado cômico. Eu poderia ficar de pé ao lado de Paul e Gene, nós três disputando espaço no palco, sem saber como nos movimentar ou onde nos posicionar e, portanto, às vezes colidindo um com o outro ou enrolando as pernas umas nas outras até parecermos uma serpente de rocha dura de várias cabeças. E pude rir do absurdo de tudo isso, enquanto olhava a "plateia" e não via um rosto desconhecido. Alguns de nossos familiares e namoradas, e era isso. Uma banda menor poderia ter sido humilhada a ponto de desistir, mas não estávamos nem um pouco intimidados.

Tivemos menos de duas semanas para nos preparar para esse show, e suponho que, se alguém o tivesse filmado, e eu visse isso hoje, eu não me sentiria menos do que emocionado com a nossa apresentação. Não sei como conseguimos montar um repertório completo em tão pouco tempo, mas sei que conseguimos. O KISS só tocou músicas originais naquela noite - uma dúzia ou mais de músicas que Paul e Gene já haviam escrito, e que eu tentei absorver o mais rápido possível. Fingi muito, usando minha musicalidade natural para cobrir lacunas, esperando que ninguém notasse. Por outro lado, como o local estava praticamente vazio, não havia muito a perder.

Apesar de todas as minhas divergências com Gene ao longo dos anos, tenho que lhe dar crédito por ser um batalhador e autopromotor incansável. Nunca tive muito interesse pelo lado financeiro do negócio; Gene era obcecado por isso. Desde que o conheci, ele parecia alguém que valorizava tanto o marketing e o lado promocional do KISS quanto a música que produzíamos. Não me interprete mal. Gene era um compositor e baixista respeitável, e eu o respeitava nesse ponto. Mas estava claro para mim que ele considerava a música apenas uma peça do quebra-cabeça. Eu também era assim, mas em um grau muito menor. Vi Alice Cooper se enrolar em jibóias e improvisar execuções no palco e pensava: Uau... legal.

Gene viu a mesma coisa e pensou: Como podemos desenvolver isso e como montamos um modelo de negócios para garantir seu sucesso?

Sempre tive muitos amigos quando criança. Feliz ou infelizmente (e meus pais provavelmente diriam infelizmente), eu passava muito tempo longe de casa, saindo com meus amigos. Eu gostava de ser um dos caras. Na verdade, ainda faço isso, embora tenha muito mais cuidado com as pessoas que deixo entrar na minha vida atualmente. Mesmo quando o KISS explodiu, tentei manter uma vida real, principalmente saindo com meus antigos amigos, fazendo as coisas que sempre gostei de fazer: pescar, jogar sinuca, beber cerveja... e, claro, me meter em um pouco de problema.

"Galera, não me chamem de Ace", dizia eu. "Me chamem de Paul, ok? Ace é o cara do KISS."

Essa era a verdade absoluta. Embora alguns dos meus amigos me chamassem de Ace, o apelido continuava sendo só isso: um apelido, para ser usado em determinadas situações e por um grupo seleto de pessoas. Sempre fui "Paul" para minha família e para a maioria dos meus amigos. Quando entrei no KISS, decidimos que dois Pauis era demais.

"Não tem problema", falei. "Me chamem de Ace."

Então, para os caras da banda, nunca fui Paul Frehley. Eu era Ace. Quando voltava para casa, me tornava Paul de novo. Era um controle da realidade. As pessoas que me conheceram depois da fama costumavam me colocar em um pedestal e, deixe-me dizer, esse tipo de tratamento pode mexer com sua cabeça. Isso me deixava muito desconfortável.

Peter e eu tínhamos muitos amigos. Paul e Gene eram diferentes. Especialmente Gene. Era a coisa mais estranha. Quando entrei no KISS e descobri que Gene não tinha amigos, não sabia o que pensar do cara. Deveria sentir pena dele? Deveria mantê-lo a distância? Posso confiar nele? Nunca tinha conhecido ninguém assim. Gene era só alguns anos mais velho que eu, mas ele parecia... sei lá. Acho que eu poderia ser diplomático e dizer que ele era muito sábio para a idade dele, ou alguma besteira como essa, mas eu só achava que ele tinha um pau enfiado no rabo. Ele era como um contador de 50 anos no corpo de um rapaz de 23 anos. Um dos meus melhores amigos era nosso engenheiro de som; outro dos meus amigos era assistente do KISS. Meus amigos costumavam ir aos nossos shows regularmente. A esposa e os amigos de Peter apareciam o tempo todo, e os amigos de Paul apareciam de vez em quando. Mas Gene? Ele era um solitário. Todo o seu foco estava no lado comercial do KISS, criando algo grande e de sucesso, seja lá o que isso poderia significar. E Deus o abençoe, ele fez isso. Ele fez isso acontecer (embora não por si mesmo, o que acho que Gene às vezes tende a esquecer; afinal, estávamos todos montando o mesmo foguete). Mas houve momentos em que eu quis dizer e disse: "Gene... vamos lá, cara, relaxa, porra. Beba umas cervejas".

Ele nunca fez isso. Nem uma vez. Que eu saiba, o cara nunca se soltou na vida. Provavelmente sou a última pessoa do mundo que deveria defender o consumo de álcool - ele quase me matou -, mas Gene é um desses caras que poderia ter se beneficiado bebendo alguma coisa de vez em quando. Estou só cogitando.

Porém, para seu crédito, Gene era o membro mais responsável da banda e estava sempre pensando no futuro e fazendo brainstorming. Não me lembro de ninguém ter

ficado tão chateado com o fracasso no Popcorn. Por um lado, era fácil racionalizar a plateia minúscula. Existíamos havia apenas algumas semanas e anunciamos o show distribuindo folhetos nas esquinas de Nova York. Marketing não exatamente sofisticado. Acho que ninguém sabia que uma banda chamada KISS tocaria em um clube chamado Popcorn naquela noite. E, se as pessoas soubessem, bem, boa sorte para nos encontrar. Quando chegamos, o Popcorn já havia sido fechado e vendido e reaberto com um novo nome: Coventry. Então você tinha uma banda desconhecida, ainda no começo, tocando em um clube que tinha acabado de abrir.

Não é de se admirar que o lugar estivesse vazio.

Foi assim por três noites e três shows. Nós abordamos isso com o profissionalismo de um ensaio geral, o que realmente era. Um ensaio completo, por assim dizer, em termos de musicalidade e teatralidade. Cada um de nós tinha um personagem específico em mente a essa altura, mas ainda não tínhamos descoberto como dar vida a esses personagens.

Gene estava inclinado ao horror, porque esse era seu forte. Ele era obcecado por histórias em quadrinhos e filmes de terror. Eu estava inclinado para o astronauta porque era fascinado por viagens espaciais, ficção científica e tecnologia em geral. Paul? Não sei. Ele basicamente se tornou Paul - um cantor glamoroso com sex appeal. E Peter, bem, ele gostava de gatos. O que posso dizer? Parecia funcionar para ele. O engraçado é que ele provavelmente era o cara da banda cuja maquiagem era menos consistente com sua personalidade real. Às vezes eu ficava perto do Peter no camarim, observando-o colocar aquele pequeno nariz de botão, os bigodes graciosos e a gargantilha cravejada e pensava: Cara, você parece tão dócil Se as pessoas soubessem.

Admito - eu realmente era meio lunático. Mas Peter? Ele cresceu nas ruas (como eu), e esse fato, combinado com o uso de drogas, pode ter feito dele um cara durão para que ele pudesse lidar com isso.

Simplificando, ele nem sempre era um gatinho! Mas, por falar nisso, eu também não era.

Peter se tornou meu melhor amigo da banda e é um cara muito gentil e sensível e sinto falta de sair com ele.

Todos nós fizemos o melhor possível para nos tornarmos os personagens que escolhemos, mas os recursos eram limitados. Na maioria das vezes (Gene é uma exceção notável, pois ele tinha o emprego diário mais consistente e bem-remunerado), estávamos todos quebrados. Como não podíamos pagar estilistas ou figurinistas, nós mesmos assumimos esses papéis. Se você olhar as fotos do KISS da época inicial (estou falando dos primeiros meses), notará que estou usando calças de cetim e uma camisa preta com asas no peito. Gene está vestindo uma camiseta estampada com caveira e ossos cruzados. Minha mãe e eu trabalhamos juntos nisso. Eu desenhei as asas, o crânio e os ossos cruzados e até cortei o tecido. Então, mamãe, que era uma costureira talentosa, costurou tudo. Lembro-me de pedir ajuda à minha mãe. Ela não deu qualquer tipo de palpite, apenas assentiu e disse: “O que você precisar, Paul”. Mamãe não se chocava com facilidade, especialmente a essa altura. Eu tinha causado muitos problemas por vários anos nessa época. Ela já tinha

suportado as expulsões da escola, as prisões, a bebedeira, a música... muitos aborrecimentos e inconvenientes para se catalogar. Eu era um jovem estranho, e tinha sido desde o começo da adolescência, quando comecei a criar pinturas psicodélicas elaboradas, iluminando-as com uma luz negra pendurada no teto do meu quarto. Mamãe tinha passado por tudo isso. Quando eu tinha 20 anos, meu comportamento não a perturbava nem um pouco. Ela claramente me amava - vejo isso agora mais do que nunca. Mas também acho que ela desistiu de ter alguma esperança de me mudar. Então era melhor embarcar e esperar que o passeio não terminasse de forma trágica.

A maquiagem facial que usamos naqueles primeiros shows era desleixada e imprecisa. Gene parecia um mímico zangado com o rosto branco e asas de morcego; Paul aplicava um pouco de blush nas bochechas; eu cobria todo o meu rosto com tinta prateada. Se as pessoas tivessem nos visto no Popcorn/Coventry, com nossos sapatos de salto alto e maquiagem, teriam suposto que estávamos tentando imitar o New York Dolls... no ácido! Mas a essa altura o visual feminino do Dolls havia caído em desuso. Estávamos atrás de outra coisa. Algo mais original e chocante.

Mais de um mês se passaria antes de termos outra oportunidade de fazer um show ao vivo. Nosso empresário (embora eu não acredite que ele tenha esse título oficialmente) era um homem chamado Lew Linet, que havia trabalhado com Paul e Gene quando eles tocavam com o Wicked Lester. Por alguma razão, Lew não tinha muita fé no que estávamos fazendo. Ele achava a música muito alta e pesada, e os personagens, ofensivos e estúpidos. Não o que ele queria que fôssemos - algo um pouco mais na tradição “Top 40”, provavelmente. Não dá para culpar o cara. Acho que, para qualquer um, devia parecer que estávamos loucos. No entanto, Lew estava lidando com nossa carreira, então era sua responsabilidade encontrar algum trabalho para nós, e ele fez isso. O próximo show seria em um clube noturno chamado Daisy, em Long Island.

Em Amityville, para ser mais preciso, no início de março. Isso aconteceu alguns anos antes do lançamento do filme Horror em Amityville, mas nosso fim de semana na cidade foi tão estranho quanto qualquer coisa que eu já tinha vivido. Lembro-me de fazer a maquiagem antes do show e pela primeira vez pensar que talvez eu ficasse melhor com estrelas ao redor dos olhos. Você precisa imaginar a cena: quatro caras juntos num provador improvisado, usando espelhos de mão, aplicando maquiagem e arrumando o cabelo. Então subimos ao palco e nos transformamos. Foi como nosso primeiro show em Coventry/Popcorn, só que mais selvagem. O lugar pertencia a um homem chamado Sid Benjamin, e era óbvio que Sid não fazia ideia do tipo de apresentação que ele havia agendado em seu clube. Havia, talvez, entre cinquenta e setenta pessoas no local e, quando o KISS começou a tocar, a resposta não foi exatamente o que esperávamos. Nós os golpeamos com tudo que tínhamos, tocando o mais alto possível, até mesmo correndo para a plateia e tentando fazer as pessoas baterem palmas, levantarem e dançarem.

Em um momento no final do show, depois de deixar toda minha roupa suada e beber algumas cervejas, olhei para Peter, que tinha uma bateria espelhada, e pude ver meu rosto refletido na pele sintética, todo distorcido e alongado, como se

estivesse num labirinto de espelhos. Comecei a rir, enquanto continuava tocando, e Gene continuava cantando, e a plateia respondeu com um silêncio impressionado. Peter começou a rir também. A multidão deve ter pensado que éramos loucos.

O proprietário do clube noturno também. O pobre Sid não sabia se queria que voltássemos na noite seguinte, mas voltamos e o público dobrou em relação ao show anterior. Obviamente, a notícia havia se espalhado. Desta vez, havia menos pessoas paradas, muito mais pessoas bebendo e empolgadas com o show. De muitas formas, eu diria que essa foi a noite em que o KISS se tornou KISS.

E sabe por quê? Porque tivemos convicção. Parecíamos ridículos e, no entanto, queríamos ser levados a sério. Estávamos lá, com maquiagem, figurino e salto plataforma, mas não estávamos agindo como palhaços. Quer houvesse duas ou duzentas pessoas na plateia, não pegamos leve na execução. Desde o início, houve intensidade e seriedade em sermos bem-sucedidos, em estarmos totalmente comprometidos com o KISS, o que quer que isso possa significar. Muito mais do que qualquer grupo com quem estive no passado, o KISS carregava consigo um ar de confiança e profissionalismo. O fracasso não era uma opção, e acho que isso chegou ao público. Nós não estávamos apenas subindo lá e fazendo as coisas de qualquer jeito como uma banda de merda do "Top 40". Podíamos parecer rejeitados de um filme de ficção científica ou de terror, mas éramos muito sérios em relação ao que estávamos fazendo.

As músicas eram simples e diretas. Músicas sobre garotas e festas, carros e música - temas universais - entregues em ritmo alucinante e volume impressionante. Uma exceção era uma música chamada "Life in the Woods", escrita por Paul no que deve ter sido uma fase contemplativa e de coração mole. É uma música sobre amor e natureza, quase boba em sua sinceridade. Ela não se encaixava perfeitamente na imagem mais pesada que estávamos cultivando, e que nossos fãs adoravam, então a música nunca chegou a um álbum do KISS, por razões óbvias, mas, devo dizer, apenas para o registro, que eu realmente gostei dessa música e gostei de tocá-la no show. Foi uma mudança inesperada.

Nada parece acontecer rápido o suficiente quando você está desejando muito o sucesso. Mas a verdade é que o KISS estava indo rápido quase desde o dia em que a banda foi formada. Quando olho para trás agora, mal consigo acreditar na forma como as coisas evoluíram, como passamos de espeluncas quase sem público para atração principal em menos de um ano; como lançamos nossos três primeiros álbuns em um período de treze meses! Isso seria absolutamente inimaginável hoje. Céus, isso era inimaginável até então. Mas nós fizemos, e tudo começou com uma demo produzida ao longo de alguns dias na primavera de 1973.

Assim como tantas coisas que aconteceram nos primórdios do KISS, a demo parecia ser principalmente o resultado de sorte e timing. Mas esse não era exatamente o caso. A verdade é que muito pouco em relação ao KISS foi deixado ao acaso. Ensaiávamos constantemente. Horas eram dedicadas ao marketing de guerrilha e às relações públicas. Mais uma vez, darei os devidos créditos nesse caso. Paul e Gene estavam totalmente obcecados em criar uma marca KISS e em encontrar formas criativas de atrair atenção para a banda - não é uma tarefa fácil,

considerando que éramos completamente desconhecidos. Sempre que tínhamos um show se aproximando, Gene utilizava os recursos e suprimentos disponíveis em seu trabalho na revista para criar folhetos e listas de divulgação e aumentar a difusão sobre nossa apresentação.

Não éramos uma banda importante, mas agíamos como se fôssemos. É humilhante acondicionar seu próprio equipamento e dirigir de um clube pequeno para outro em um furgão alugado, sem saber se alguém vai aparecer para vê-lo tocar. Mas seguimos em frente, confiantes de que, com o tempo, as pessoas descobririam que estávamos fazendo algo único e interessante. Algumas das minhas melhores lembranças do meu tempo no KISS são daqueles primeiros shows, quando éramos apenas nós quatro, junto com talvez Eddie Solan e um amigo ou dois trabalhando como assistentes. Desempacotávamos nosso próprio equipamento, levávamos para o clube, ajustávamos, fazíamos uma rápida passagem de som e depois nos retirávamos para qualquer espaço disponível para colocar nossa maquiagem e nos transformar em KISS. Depois, tirávamos tudo e voltávamos para casa.

Em nome da precisão, devo reconhecer que, apesar de carregar minha parte da carga antes dos shows, raramente carregava os equipamentos depois. Eu gostava de beber enquanto tocava e, depois de oito a dez cervejas, não tinha condições de transportar alto-falantes ou amplificadores. Eu transportava algumas coisas no começo e todos concordaram que era melhor eu dormir na traseira do furgão. Mas isso não era um problema na época; não deixava isso afetar o show. Só muito mais tarde o volume de bebida aumentou até o ponto de meu julgamento ser comprometido e eu me meter em todo tipo de problema. Você pode se safar de muitas coisas quando tem 23 anos. Na verdade, eu acreditava que um punhado de cervejas durante um show acentuava minha habilidade na guitarra.

E talvez acentuasse. De qualquer forma, parecia que isso acontecia e era só o que importava.

Quando descobri que íamos montar uma demo, tentei não ficar muito empolgado. Eu já tinha passado pela experiência de gravação uma vez, com o Molimo, e não tinha dado muito certo. Mas então descobri onde gravaríamos e quem estaria no controle, e de repente não pude deixar de ficar empolgado.

Paul e Gene, ao que parecia, haviam realizado alguns trabalhos de estúdio no passado, pelos quais aparentemente não haviam sido recompensados da forma adequada. Eles também tiveram contato com um produtor chamado Ron Johnsen, da época em que faziam parte do Wicked Lester. Ron era afiliado ao famoso Electric Lady Studios, em Greenwich Village, e, como forma de reduzir a dívida do estúdio com Paul e Gene, ele ofereceu ao KISS um pequeno período de tempo de gravação. Eles poderiam ter brigado pelo dinheiro que deviam a eles, mas sabiamente optaram por aceitar o acordo. Quando descobri, fiquei emocionado. O Electric Lady existia havia apenas alguns anos, mas já tinha conquistado o status de estúdio lendário. O local foi originalmente construído por Jimi Hendrix e rapidamente atraiu a atenção de muitos dos principais artistas do início dos anos 1970, incluindo Rolling Stones, Led Zeppelin e Bad Company. O gênio da produção por trás dos álbuns gravados por esses artistas no Electric Lady era Eddie Kramer. Ele era um gigante no negócio,

e eu não conseguia acreditar que ele queria trabalhar com uma banda sem qualificação comprovada, especialmente uma banda tão incomum quanto o KISS.

Porém, aparentemente, eu estava errado.

Eddie foi arrastado para um dos nossos shows por Ron Johnsen e ficou impressionado com nossa energia e ambição; ele até gostava da maquiagem e do figurino. Então, quando entramos no Electric Lady para trabalhar em nossa demo, Eddie Kramer estava lá, ao lado de Johnsen. Os dois trabalharam juntos, com Eddie, por fim, assumindo. Para um garoto como eu, que cresceu idolatrando Hendrix, esse foi um momento surreal. Estar naquele estúdio, no mesmo local em que Hendrix estivera, com Eddie Kramer girando os botões... bem, como isso poderia estar acontecendo?

Mas estava acontecendo. Gravamos as faixas instrumentais no primeiro dia, os vocais no segundo, e mixamos tudo no terceiro. Em três dias, tínhamos uma demo com cinco músicas: “Deuce”, “Strutter”, “Watchin* You”, “Black Diamond” e “Cold Gin”.

A última delas, “Cold Gin”, representou minha primeira contribuição de composição para a banda. Era uma música sobre solidão e pobreza - tempos difíceis em geral - e o conforto que pode ser encontrado em uma garrafa, um conceito que conheceria bem no futuro, mas que eu entendia apenas de forma abstrata na época:

It’s time to leave and get another quart
Around the comer at the liquor store
The cheapest stuff is all I need
To get me back on my feet again

[É hora de sair e pegar outra garrafa
Virando a esquina na loja de bebidas
A bebida mais barata é tudo de que preciso
Para me colocar de pé novamente]

“Cold Gin” é uma boa música. Passou a integrar o show do KISS e se mantém bem hoje. Resistiu ao teste do tempo. Mas tenho que admitir: nem sei o que estava tentando dizer ou por que escrevi uma música sobre o gim (e muito menos gim gelado). Eu não bebia gim. Não bebia licor de qualquer tipo com muita frequência. Eu era um homem da cerveja na época, e nem assim era um conhecedor. Quando me davam uma lata de qualquer coisa que tivessem na geladeira, eu ficava feliz. Eu queria escrever uma música sobre bebida, e “Cold Gin” parecia um ótimo título. Então eu fiquei com ele.

Trabalhar com Eddie Kramer foi uma viagem, no melhor sentido da palavra. Desde o início (e trabalharíamos juntos em vários projetos), Eddie e eu nos demos muito bem. Tínhamos uma ótima relação de trabalho e, mais tarde, uma amizade também. Eddie não era apenas um produtor e engenheiro brilhante, ele era talentoso quando se tratava de gerenciar talentos. Não no sentido comercial, mas no sentido de

entender como tirar o melhor proveito de um músico no estúdio. Ele tolerava, talvez até apreciasse, peculiaridades e excentricidades, e eu tinha uma porrada de ambas as coisas. O que eu mais gostei em Eddie foi que ele parecia respeitar minha habilidade como guitarrista. Eu não era o cara mais seguro. Eu precisava de um tapinha nas costas de vez em quando. Eddie costumava elogiar e criticar em quantidades mais ou menos iguais. Pelo menos em relação a mim, ele era um cara generoso. Quando eu estava perto dele, eu queria tocar bem e dar o meu melhor. Eu precisava de incentivo e conseguia isso com Eddie.

Para ser justo, todos nós conseguíamos, e foi o incentivo e a habilidade de Eddie que ajudaram a tornar essa demo uma das melhores gravações que o KISS já fez. Acho que todos da banda concordariam que, apesar de serem apenas cinco músicas, a demo é um disco mais forte que o primeiro álbum "oficial" do KISS. Ele era mais limpo, mais pesado, melhor. Veio direto do coração... das entranhas. Estávamos todos orgulhosos e sentíamos que seria o cartão de visitas perfeito quando chegasse a hora de fazer um acordo com uma grande gravadora. E ele era exatamente isso.

Por mais que todos quiséssemos ter sucesso, não conseguiríamos fazê-lo por conta própria. Não havia como o KISS se tornar uma grande força sem um músculo sério por trás dele. Depois que terminamos de gravar a demo, nada mudou. Não imediatamente, pelo menos. Continuamos ensaiando e fazendo trabalhos estranhos para ajudar a pagar as contas. Uma série de shows em Nova York atraiu algumas pessoas da indústria - artistas e gerentes o que deixou bem claro que as notícias sobre o KISS estavam circulando. Em julho, alugamos um salão de baile em um lugarzinho desagradável chamado Hotel Diplomat, e mais de quinhentas pessoas apareceram para nos ver tocar. Nossa maquiagem havia se tornado mais refinada nessa época e nossos efeitos especiais finalmente começavam a aparecer, além de truques bobos que eram mais conhecidos como elementos dos Harlem Globetrotters (como jogar baldes de confete na plateia). No entanto, principalmente, a música era boa. A música era sempre boa, e nós a entregávamos com a intensidade e o volume de costume.

Em 10 de agosto, tocamos no Diplomat mais uma vez, em um evento que incluía as bandas Street Punk e Luger. Mas foi um evento totalmente nosso. Pagamos pelo salão e fizemos nossa própria publicidade e promoção. Como sempre, fizemos um show do tipo dinamite, surpreendendo completamente o público. Uma das coisas que tínhamos em nosso favor era nossa presença física. Com a ajuda de sapatos plataforma gigantescos, estávamos todos chegando a uns 2 metros de altura. Adicione o vestuário e a maquiagem e coloque-nos num clube pequeno e cheio de suor, e você terá uma atmosfera seriamente claustrofóbica e intensa. Sendo sincero, acho que algumas das pessoas que compareceram aos primeiros shows estavam literalmente com medo de nós.

Um homem que não estava assustado, em nenhum sentido da palavra, era Bill Aucoin. Bill foi uma das pessoas mais interessantes que já conheci, um cara eclético de verdade que, pelo menos na superfície, provavelmente parecia ser a pessoa errada para gerenciar a carreira do KISS. Por um lado, ele nunca tinha sido um empresário de rock'n'roll. Por outro lado, ele não parecia exatamente o cara mais badalado do

lugar. Mas Bill queria o trabalho e é por isso que ele foi ao Hotel Diplomat naquela noite - para nos ver pessoalmente e apresentar seus serviços.

Bill era um ex-produtor de televisão cujos créditos incluíam um programa chamado Flipside, que era sobre o ramo fonográfico. Gene sempre imaginou que o KISS era tanto um empreendimento de mídia quanto uma banda de rock, por isso ficou intrigado com a experiência televisiva de Bill. É por isso que Bill era um entre as centenas de executivos do setor que recebiam informações sobre o KISS regularmente. Gene saturava o mercado, visando qualquer um que pudesse ser útil à banda, em quase qualquer habilidade. E, lembre-se, na época, era preciso muito esforço para comunicar esse tipo de informação. Você não enviava uma enxurrada de e-mails.

Você escrevia cartas e fazia folhetos e livretos (às vezes incluindo resenhas falsas de seus shows), fazia centenas de cópias e depois colocava tudo no correio. Várias iscas jogadas na água, por assim dizer, esperando e com a expectativa de serem puxadas.

Nunca teríamos imaginado que Bill se tornaria o peixe grande ou, pelo menos, o peixe certo, mas ele era. Nessa época, ele tinha uma empresa que produzia comerciais de televisão, geralmente relacionados à indústria da música. Bill fora persuadido por nossa persistência. Acho que ele imaginou que valeria a pena investigar uma banda com tanta ambição. Então ele apareceu no Diplomat... e nós o surpreendemos. E muito rapidamente nossos papéis foram invertidos. Bill foi até os bastidores após o show e disse que queria gerenciar nossa banda. De repente, não estávamos mais atrás dele; ele estava atrás de nós. Ele apareceu nos bastidores de novo alguns dias depois, após outro show, desta vez fazendo um discurso ainda mais forte.

“Me deem duas semanas”, disse ele, “e vou conseguir um contrato para vocês”.

Eu estava cético. Acho que todos nós estávamos. Mas Bill parecia tão genuíno e entusiasmado que nos dispusemos a lhe dar uma chance. Enfim, o que tínhamos a perder? Não havia contrato, não havia risco. Apenas um acordo de aperto de mão com um cara que prometeu transformar o KISS num nome popular. Tudo o que ele queria em troca era uma pequena e exclusiva janela de oportunidade.

Então nós demos isso a ele.

Também lhe demos uma cópia da nossa demo, caso ele quisesse apresentar a música do KISS às pessoas do setor. Na verdade, Bill tinha alguém em mente. Alguém muito específico. Bill era um cara astuto, muito mais experiente do que parecia. Pense nisso. Quem, em sã consciência, garantida que ele conseguiria um contrato de gravação para uma banda desconhecida? Em um período de duas semanas? A menos, é claro, que ele tivesse uma relação pessoal e próxima com alguém do setor. Alguém que tivesse poder e influência.

Alguém que poderia fazer milagres acontecerem.

Alguém como Neil Bogart.

8
"ESTAMOS DE OLHO
EM VOCÊ, KISS"

“Estamos de olho em você, KISS”

Duas semanas se passaram sem nenhum sinal de que um contrato de gravação estava em andamento. Bill era muito mais esperto (e perspicaz) do que eu imaginava, mais esperto do que qualquer um de nós imaginava. Por mais impacientes que estivéssemos em relação à nossa grande oportunidade, todos presumimos que Bill era só um cara bom de papo. Duas semanas era um prazo ridículo, é claro, mas fora Bill que fizera a oferta, então achamos que deveríamos mantê-lo atrelado a ela.

Um dia, todos nós fomos ao seu escritório no centro de Manhattan, sendo que a ideia não era necessariamente nos livrarmos dele, mas apenas pedir uma atualização. Só que muita coisa estava acontecendo. Na verdade, como eu soube muito mais tarde, Bill colocou o mecanismo do KISS em movimento bem antes de nos conhecer naquela noite no Diplomat. O que percebemos como uma promessa ultrajante (“Me deem duas semanas!”), na verdade, era apenas Bill sendo o mestre do espetáculo que ele era. Como qualquer grande jogador (e o KISS foi, de longe, a maior aposta da carreira de Bill), ele fez sua lição de casa e manipulou as probabilidades a seu favor. Gerenciar uma banda de rock’n’roll é, na melhor das hipóteses, uma proposta arriscada; financiar essa banda e prometer torná-la uma das maiores bandas do mundo exige cérebros e colhões gigantes em porcentagens mais ou menos iguais.

Bill tinha as duas coisas.

Ele também tinha o conhecido ás na manga.

“Deixe-me apresentá-los a alguém”, disse ele naquele dia em seu escritório.

O “alguém” era Neil Bogart, presidente da Buddah Records e um dos homens mais poderosos (e interessantes) da indústria fonográfica. Neil e Bill mantinham uma amizade. Eles também haviam trabalhado juntos - a Buddah era um dos maiores clientes de Bill quando ele produzia comerciais de música. Antes mesmo de se encontrar conosco, Bill havia discutido a possibilidade de levar a banda para Neil, que estava saindo da Buddah e fundando sua própria gravadora. Era tudo uma merda muito clandestina e restrita, e eu não tinha ideia de que alguma coisa estava acontecendo. Francamente, eu não me importava. Eu só queria ouvir que tínhamos um contrato de gravação de verdade. Se Bill Aucoin era o cara que poderia fazer isso acontecer, então ele estava ok para mim. Duvido que mesmo Gene, que se orgulhava de ser um empresário astuto, soubesse o que realmente estava acontecendo nos bastidores.

Neil Bogart era um gênio do marketing cujo início de carreira (ele foi vice-presidente de uma gravadora quando estava na casa dos 20 anos) incluía a ascensão (se não a criação) do que passou a ser conhecido como “música-chiclete”. Ele era o homem por trás de sucessos como “96 Tears”, do Question Mark and the Mysterians, “Yummy, Yummy, Yummy”, do 1910 Fruitgum Company, e “Green Tambourine”, do Lemon Pipers. Não era exatamente a minha praia quando eu estava

aprendendo a tocar guitarra (a música-chiclete era uma porcaria descartável, para mim e para qualquer músico que se preze que amava os Stones, The Who e Hendrix), mas não havia como negar o talento de Neil. O cara havia demonstrado uma estranha capacidade de encontrar e promover apresentações que, de outra forma, poderiam ter passado completamente despercebidas. Bandas que eram... diferentes.

O KISS certamente entrava nessa categoria. Neil era o tipo de cara que podia erguer um dedo no ar e saber em que direção o vento estava soprando. Ele estava sempre um passo à frente de todos os outros no negócio.

Precisávamos de alguém assim. Em retrospecto, fica claro que ele e Bill Aucoin eram o time perfeito para o KISS. A visão e a ambição deles eram iguais às nossas e, sem eles do nosso lado, duvido que o KISS teria feito tanto sucesso quanto fez. Devemos muito a esses dois homens e a pelo menos uma mulher: Joyce Biawitz, que era parceira de negócios de Bill na Rock Steady Management e futura esposa de Neil.

Quando esses três entraram, tudo mudou para o KISS.

A principal coisa que lembro de Neil naquela primeira reunião era seu entusiasmo. O cara era incrivelmente enérgico e apaixonado. Ele nos disse que amava nossa demo e que queria fazer do KISS uma das primeiras bandas contratadas para sua nova gravadora. Ele prometeu que nosso álbum seria o primeiro a sair pela Emerald City Records. Acho que Neil era um grande fã de filmes clássicos; por alguma razão, ele decidiu mudar o nome da gravadora antes mesmo de assinarmos, mas ainda ficou com um tema hollywoodiano antigo. A nova gravadora se chamaria Casablanca Records e se tornou uma das gravadoras mais bem-sucedidas da década de 1970. Para o bem ou para o mal, Neil era o homem por trás de alguns dos maiores nomes da era disco, incluindo Donna Summer e Village People. O que quer que as pessoas possam ter pensado dele, não poderíam dizer que ele não sabia como vender discos.

Apesar disso, é engraçado. Por mais que Neil afirmasse gostar da nossa música, não sei se ele entendeu completamente o que éramos quando nos conhecemos. Ele tinha muitas ideias grandiosas sobre como transformar o KISS em um supergrupo de multimídia. Houve um monte de jargões de vendas naquela primeira reunião, conversas sobre promoção cruzada e marketing multinível, uma merda que não me atraiu nem um pouco, mas que era inegavelmente importante para o sucesso da banda. Eu só queria que alguém me dissesse que tínhamos um acordo, e depois me dissesse o que tínhamos que fazer para alcançar o maior número de fãs. E eu faria.

Querem que eu use maquiagem? Ótimo.

Querem que eu use saltos plataforma e roupas de elastano? Sem problemas.

Querem que eu atire rojões da minha guitarra? Legal. Também vou fazer isso.

O que for preciso.

Todos nós tínhamos essa atitude e estávamos entusiasmados para trabalhar com pessoas que pareciam compartilhar nossa visão e vontade de se sacrificar, de colocar tudo em risco.

Só mais tarde descobrimos que Neil não entendia completamente com o que estava lidando. Ele foi informado de que éramos um grupo de rock teatral, mas nunca nos vira tocar ao vivo. Por isso, não acho que ele tinha uma ideia clara do que isso significava. Afinal, o KISS era diferente de tudo que havia vindo antes. Fizemos Alice Cooper parecer dócil; fizemos Dolls parecerem um bando de colegiais.

Para esclarecer esse ponto e garantir o contrato com a Casablanca, o KISS tocou o que equivalia a uma audição privada no estúdio de dança LeTang, em Manhattan. O local ficava do outro lado da rua do Bell Sound Studios, onde o KISS gravaria seu primeiro álbum. O LeTang era pequeno, nada mais que um espaço de ensaios, mas nós o tratamos como se fôssemos fazer um show regular, com materiais pirotécnicos e bombas de fumaça, e ruído suficiente para comprometer a audição de qualquer pessoa na sala. Fomos até o "público", que consistia principalmente de Neil e Bill e algumas pessoas que trabalhavam para eles, e também alguns jornalistas. Forçamos as pessoas a se levantarem e baterem palmas.

Ao longo de meia dúzia de músicas e cerca de trinta minutos (incluindo solos), matamos isso. Lembro-me de olhar para Neil e pensar que ele parecia quase chocado, como se não soubesse se aplaudia ou se levantava e saía.

No entanto, era evidente que Neil estava impressionado, porque pouco tempo depois tínhamos um acordo com a Emerald City (que logo seria Casablanca) Records, e um acordo de distribuição com a Warner Bros. Neil tinha muita fé no KISS. Havia um pouco do velho anunciador nele, então ele pôde apreciar o que estávamos tentando fazer e ver o potencial para alcançar um público enorme. Mas até Neil pensou se não estávamos indo um pouco longe demais, para o nosso próprio bem. Ele adorou a música e a ousadia da nossa performance. Mas a maquiagem?

"Não sei se ela é necessária", disse ele.

Isso surgiu nas discussões iniciais, e novamente quando estávamos sendo fotografados para a arte da capa do álbum KISS. Lembro-me de Neil nos telefonando na véspera de nosso primeiro álbum ser lançado e dizendo: "Rapazes, vocês têm certeza de que querem usar a maquiagem?".

Sim, tínhamos certeza. A essa altura, os trajes haviam evoluído do jeans para o couro e estavam a caminho do elastano. Os tênis foram substituídos por sapatos plataforma. Cada um de nós havia refinado o penteado e a maquiagem de seu próprio personagem. Estávamos fazendo apresentações por toda a cidade e nos arredores como KISS, uma banda diferente de tudo que você já viu. Os personagens foram uma parte aceita (e altamente antecipada) do show. Não havia como voltar atrás. Se você quisesse o KISS, você tinha o pacote inteiro, com maquiagem e tudo.

Reconhecidamente, era uma fórmula não experimentada na época, então não estou surpreso que Neil possa ter tido alguns pequenos receios. Mas continuamos determinados. Uma vez que dissemos que faríamos algo, fizemos. Não tínhamos atraído a atenção dos principais executivos de gravadoras por segurança, e não estávamos prestes a começar agora. Neil concordou. Tanto ele como Bill (e Joyce) investiram tudo que tinham no KISS, e eu não estou falando apenas de tempo e energia deles. Esses caras, especialmente Bill, enfiaram a mão no bolso para manter a banda circulando nesses primeiros meses (e até anos). O KISS foi o primeiro

contrato da Casablanca, então, sob muitos aspectos, o sucesso da gravadora aumentaria ou diminuiria dependendo de nosso desempenho. O KISS também era o único cliente da Rock Steady Management. Bill não podia se dar ao luxo de falhar. Se falhássemos, a Rock Steady desmoronaria. Então, ele fez tudo que pôde para evitar que isso acontecesse, inclusive esgotando suas economias.

Uma das primeiras coisas que Bill fez foi nos convencer, enquanto membros da banda, que deveríamos estabelecer uma parceria igual. Para alguém de fora ou para alguém familiarizado apenas com o mundo dos negócios, isso provavelmente não parece um conceito tão novo. No negócio da música, no entanto, é altamente incomum. Bandas não são democracias. Ah, claro, elas começam assim às vezes - quatro jovens nas garagens dos pais, tocando música e sonhando com o estrelato, dividindo tudo (o dinheiro, as garotas, os carros) igualmente. Mas, quando o sonho se aproxima da realidade, considerações práticas tendem a atrapalhar. A verdade é que poucas bandas são compostas de partes iguais. Muitas vezes, uma ou duas pessoas fazem a maior parte do trabalho pesado: a composição, a música, o marketing. O cara na frente do palco tende a receber mais atenção e, portanto, mais dinheiro. O mesmo se aplica à pessoa que escreve a maioria das composições. As rendas com publicações podem realmente distorcer a renda de qualquer banda, deixando um ou dois membros principais (pense em Keith Richards e Mick Jagger, ou John Lennon e Paul McCartney) com contas bancárias maiores, egos maiores, bases de fãs maiores e admiradoras com peitos maiores. Quando isso acontecer... adiós, amigos. Os quatro caras na garagem se tornam facções em guerra, e a banda invariavelmente se divide. Bill Aucoin tinha visto isso acontecer muitas vezes no passado, e imaginou que isso aconteceria com o KISS antes mesmo de lançarmos nosso primeiro disco. Então Bill teve esta ideia única:

“Por que não formar uma parceria?”, sugeriu ele. “Com tudo dividido igualmente.” Parecia uma abordagem nobre para os problemas (ganância e ego) que não eram realmente um problema na época. Bem, não quero sugerir que éramos um grupo completamente altruísta. Todos nós tínhamos egos; todos nós gostávamos dos holofotes e ansiávamos por estrelato e sucesso. Não nego isso e tenho certeza de que Gene, Peter e Paul reconheceriam isso. Droga, Gene é uma das pessoas mais arrogantes e egoístas que já conheci. Essas características eram úteis quando estávamos construindo o KISS desde o início, e suponho que ainda o sejam hoje, apesar de eu ter ouvido falar que sua atitude convencida e abrasiva o colocou em problemas mais de uma vez. Mas, em 1973, quando estávamos começando, éramos um pouco como os três (quatro) mosqueteiros:

Um por todos e todos por um!

Eu gostava disso no KISS. Éramos uma espécie de família. Uma família estranha e disfuncional compreendendo partes desconexas e não relacionadas, mas uma família, apesar de tudo. Como compositores principais, Gene e Paul certamente poderiam ter pleiteado uma fatia maior da torta; para seus créditos, eles não fizeram isso. Bill os convenceu, e a todos nós, de que deveriamos investir igualmente no futuro da banda. Se tudo desse certo como Bill e Neil planejavam, o dinheiro cairia sobre todos nós e todos ficaríamos felizes. Não haveria querelas mesquinhas sobre

porcentagens e divisões. Tudo o que o KISS ganhasse, incluindo merchandising, receita de shows e vendas de discos, seria dividido igualmente entre os quatro membros fundadores.

O que poderia dar errado?

> *Eu gostava disso no Kiss. Éramos uma espécie de família, uma família estranha e disfuncional compreendendo partes desconexas e não relacionadas, mas uma família, apesar de tudo.*

No fim, muitas coisas deram errado, como acontece com frequência quando o valor dos cheques aumenta o suficiente. Houve um tempo lá no final dos anos 1970 em que o dinheiro entrava como água. Eu não conseguia gastá-lo tão rápido: carros, casas, barcos. E drogas, é claro. Muitas drogas. Mas sempre parecia que havia muito dinheiro, então não me preocupei. Em vez de os cheques de royalties serem divididos para cada membro da banda, todos os lucros eram canalizados de volta para a empresa, em uma única panela enorme e sempre fervente. Só mais tarde descobrimos que o acordo era um pouco fraudulento e acabamos processando nossos empresários e contadores, e encerramos a parceria com Bill.

No entanto, o que Bill recebeu por seu trabalho com o KISS provavelmente não foi suficiente. Num sentido muito verdadeiro, ele fazia parte da banda, seus conhecimentos e talento eram tão importantes para o nosso sucesso quanto qualquer outra coisa com que contribuíamos como músicos. Um ponto de vista forte, talvez, mas acredito nisso. Bill foi notável.

Por exemplo, antes mesmo de formalizarmos um acordo com a Rock Steady Management - antes de termos qualquer coisa por escrito -, Bill concordou em nos pagar do bolso dele para que pudéssemos nos concentrar em compor, ensaiar e preparar a gravação do nosso primeiro álbum. Embora o "salário" não fosse muito alto para os padrões de hoje - US$ 75 por semana para cada membro da banda foi um gesto que mudou nossas vidas. Você tem que entender: eu estava sem dinheiro, dirigindo um táxi duas vezes por semana e fazendo entregas para uma loja de bebidas para poder comer. Quando você não tem muito, US$ 75 é um bom dinheiro. Paul conseguiu deixar o emprego em uma delicatessen, onde era obrigado a usar o cabelo preso sob uma peruca para que ninguém surtasse enquanto ele fazia sanduíches. Gene foi a única pessoa da banda que continuou trabalhando,

provavelmente porque ele era o único de nós que tinha algo parecido com um trabalho legítimo. Acho que Gene gostava de entrar nos escritórios da Conde Nast. E, se o KISS acabasse, ele tinha algo a que recorrer. Eu não via o táxi como uma carreira. Era algo a ser tolerado. Era um meio para um fim, nada além disso. Assim que recebi meu primeiro cheque do Bill, coloquei minha licença de táxi numa gaveta da cômoda.

Na verdade, ainda tenho essa licença. Mas não é colocada no quebra-sol há quase quatro décadas.

Em 10 de outubro de 1973, o KISS entrou no Bell Sound Studios em Nova York para gravar seu primeiro álbum. Eu teria preferido trabalhar com Eddie Kramer novamente, mas a indústria fonográfica, como tantas outras, é regida, em grande parte, pela política e pelas relações pessoais. Kenny Kerner e Richie Wise, uma equipe de produção que havia trabalhado com Neil na Buddah, acabaram recebendo a tarefa de produzir nosso primeiro disco. Não dava para argumentar que elas eram as pessoas erradas para o trabalho ou que não eram qualificadas.

Kenny, pelo que entendi, tinha sido um forte defensor do KISS desde a primeira vez que ele ouviu nossa demo. Ele e Richie eram ex-músicos (eles haviam tocado juntos em uma banda chamada Dust, junto a Marky Ramone) que haviam trabalhado na parte da produção de várias bandas, com destaque para Badfinger. Eles eram tecnicamente sólidos e acho que eles entenderam exatamente o que o KISS estava tentando realizar com seu primeiro álbum.

A gravação efetiva do álbum ocorreu sem problemas, pois tínhamos praticamente todas as partes já elaboradas antes de entrarmos no estúdio. Não havia muito para compor nem improvisar. Isso acontece às vezes com álbuns. Você entra no estúdio com um projeto e, em seguida, melhora e expande e vê como tudo funciona. Com o KISS, nosso primeiro álbum, usamos exatamente a abordagem oposta. Estávamos ensaiando as músicas várias vezes. Nós as tocávamos ao vivo em todos os shows. O objetivo do KISS era simplesmente gravar as músicas - replicar, o mais próximo possível, o som das nossas performances ao vivo.

Para fazer isso acontecer, trabalhamos com rapidez e eficiência. Acho que fizemos o álbum inteiro em cerca de três semanas - primeiro gravando faixas básicas e depois adicionando vocais e solos. Eu era simplesmente o guitarrista líder na época, não fazia muitos vocais nem mesmo cantando em segundo plano. Eu me lembro de me estressar um pouco com os solos. Estava menos relaxado do que quando estávamos no estúdio para gravar nossa demo. Desta vez, havia muito mais em jogo e senti a pressão.

Há uma grande diferença entre os caras de sessões musicais e os performistas. Sempre fui um performista, tendo sucesso com a resposta da plateia e nunca repetindo um solo exatamente da mesma forma. Os caras de sessão se orgulham da precisão e repetição. São conjuntos de habilidades muito diferentes. Uma coisa é você estar tocando ao vivo e saber o que é o solo da guitarra, e poder ser um pouco independente. O público não ouve os erros, não percebe que talvez você tenha feito alguns pequenos ajustes. Executar performances ao vivo tem a ver com espontaneidade e energia. O público e o músico se alimentam um do outro. Não

importa se cada nota é perfeita ou se a música é executada exatamente como foi composta. Na verdade, não há duas interpretações exatamente iguais.

Eu estava confortável naquela estrutura de apresentação. O estúdio? Totalmente estranho para mim. A demo foi bastante desafiadora, mas pelo menos era isso: uma demo. Por definição, era imperfeita e temporária. Dessa vez era sério. Entrei no Bell Sound naquele primeiro dia com o coração disparado. Há algo em relação a entrar no estúdio e perceber que, quando você se senta para tocar, todas as notas ficam na história. É intimidador a ponto de distrair. Ou pelo menos era para mim. Durante a gravação do KISS, fiquei ansioso. Eu queria fazer os melhores solos de guitarra exclusivos que eu poderia fazer e não sei se consegui. Tocar ao vivo tem tudo a ver com... entretenimento. Você não precisa ser exato. Você tem que ter a atitude e o estilo, e precisa ser capaz de transmitir isso ao público. Estar no estúdio tem a ver com ser preciso e focado, e isso era muito desafiador para mim no começo (e por "começo" quero dizer o primeiro álbum inteiro). À medida que o processo continuava, álbum após álbum, percebi que você precisava abordar a gravação em estúdio de forma diferente do que faria em uma performance ao vivo, e você também precisava se preparar de forma diferente.

Além disso, eu ficava no mundo da lua a maior parte do tempo, porque estava bebendo ou ficava tão nervoso em relação a estragar tudo que não conseguia me concentrar. Eu levava meu trabalho como guitarrista muito a sério, mas sempre me perguntava se eu era bom o suficiente. Não ajudou em nada receber muito pouco feedback positivo dos outros caras da banda. Eu sempre achava que eles queriam que eu fizesse melhor, como se esperassem mais. Não era algo verbalizado; era apenas algo que eu sentia. Nunca sentia que eles me apreciavam tanto quanto as outras pessoas.

Quanto ao primeiro álbum, eu não sabia o que esperar. Lembro-me de pensar que parecia que estávamos trabalhando de forma árdua e rápida, e todo mundo estava empolgado em produzir um bom disco. Mas você realmente não sabe quando está no momento. Se você não está sentado à mesa de som, é difícil dizer exatamente o que está acontecendo ou saber se está bom. Éramos todos tão jovens e inexperientes e estávamos verdes como músicos de estúdio, mas demos o nosso melhor, e acho que as músicas se mantêm muito bem mesmo depois de todos esses anos. Várias delas - "Deuce", "Strutter", "Cold Gin" e "Black Diamond" - se tornaram clássicos do KISS. Eu adoraria refazer algumas dessas músicas hoje usando equipamentos de última geração.

Aos olhos de Bill Aucoin, nada era considerado ultrajante demais. Lembro-me de estar no escritório de Bill um dia, falando de novo sobre o que significava ser um grupo de rock teatral. Era um termo amplamente descritivo, aberto a todo tipo de interpretações malucas. Cada um de nós da banda tinha sua própria opinião sobre o que significa ser "teatral", então não havia nenhuma linha que não poderíamos (ou não iríamos) cruzar. Lembro-me de uma vez em que Gene me disse que iria ao palco vestido de tutu se as pessoas pagassem para vê-lo! As coisas mudariam ao longo dos próximos anos, em especial para mim, quando a música começou a ficar em segundo plano no show. Entretanto, antes de sairmos em turnê em apoio ao KISS, todos nós

estávamos igualmente comprometidos em fazer o maior show de rock'n'roll que o mundo já havia visto.

Bill tinha algumas ideias interessantes sobre o que isso implicava, então não deveria ter sido uma surpresa quando aparecemos no ensaio um dia e encontramos Bill esperando lá com um mágico.

Isso mesmo - um mágico.

"Até onde vocês estão dispostos a ir?", perguntou Bill.

E, é claro, a resposta foi: "Até onde nenhum homem foi antes!".

O mágico passou as horas seguintes demonstrando alguns truques da área, incluindo como usar papel flash, um tipo de papel que pega fogo muito rápido, e como cuspir fogo. Eu me lembro vividamente de ver o cara tomar um gole de querosene e segurá-lo na boca. Depois, ergueu uma pequena tocha a pouca distância do rosto e borrifou o querosene com toda a força.

> *Sempre fui um performista, tendo sucesso com a resposta da plateia e nunca repetindo um solo exatamente da mesma forma.*

Puta merda!", gritou Gene.

"Eu quero fazer isso!"

As imagens de Gene Simmons cuspindo sangue e soprando fogo, em sua maquiagem demoníaca, logo se tornaram uma assinatura do KISS, e ambas nasceram naquele dia no escritório de Bill Aucoin. Normalmente, o truque, como todos os outros em um show ao vivo do KISS, acontecia sem problemas. Mas havia riscos e erros ocasionais. Ficar com a boca cheia de querosene não é uma ótima ideia; basta um gole para ter um grande problema. Por isso, garantíamos que uma dose pesada de xarope de ipeca estivesse por perto quando nos apresentávamos. A ipeca é um emético altamente eficaz - em outras palavras, provoca vômito - e mais de uma vez Gene teve que sair correndo do palco depois de engolir acidentalmente um pouco de querosene. Ele tomava a ipeca rapidamente, vomitava e voltava ao palco para terminar o show.

Suponho que era um risco ocupacional, assim como era para mim a guitarra com fumaça, que às vezes funcionava mal e queimava minhas coxas e mãos; ou o equipamento de bateria levitante de Peter, que às vezes começava a balançar com a brisa e nos deixava com um nó na garganta. Coisas loucas e estranhas que fazíamos em nome do rock'n'roll!

Gene se tornou um verdadeiro aluno do ofício, praticando com o mágico por horas a fio com a expectativa de soprar fogo pela primeira vez na frente de uma plateia ao vivo. A oportunidade surgiu em 31 de dezembro de 1973, durante um show na véspera do ano-novo na Academia de Música. Esse show foi planejado para ser o lançamento oficial do KISS antes do nosso álbum de estreia. A Academia de Música era o maior local onde havíamos tocado, com capacidade para mais de 3 mil pessoas. A julgar pelos anúncios para o evento, o KISS foi uma escolha tardia; ou não exatamente uma escolha. Blue Öyster Cult era a atração principal, com Iggy Pop e uma banda chamada Teenage Lust como coadjuvantes.

KISS?

Não estávamos no anúncio.

Não que ligássemos. Subimos ao palco e fizemos com que ele fosse nosso, tocando um repertório feroz de meia hora. Perto do fim, durante a música "Firehouse", Gene cuspiu querosene em uma chama portátil, iluminando o palco e levando o público à loucura. Não era uma plateia do KISS, claro, porque ela não existia. Ainda não. Era apenas uma boa e sólida plateia de rock. Tenho certeza de que alguns ficaram perplexos com o que estavam vendo, mas também tenho certeza de que nenhum deles estava entediado! Percebi desde o início que as pessoas nos amavam ou nos odiavam. Por sorte, a maioria das pessoas ficava no primeiro grupo.

Você pode praticar o efeito que quiser em particular. Você pode exercitar uma cautela imensa e achar que conseguiu. Mas quando você chega ao palco e fica na frente de uma plateia, sua adrenalina está bombando e talvez você não esteja sendo tão cuidadoso quanto deveria. Portanto, tudo pode ficar fora de controle. Acidentes vão acontecer. É a lei de Murphy, certo?

O que vi em seguida foi Sean Delaney, amante e confidente de Bill, que se tornou um membro importante da equipe criativa do KISS, correndo para o palco e enrolando uma toalha na cabeça de Gene.

Seu cabelo pegou fogo!

E eu me lembro de ter tido a sensação mais estranha enquanto os observava lutando, Sean golpeando freneticamente a cabeça e os ombros de Gene, apagando as chamas, e eu podia ouvir a multidão bradando.

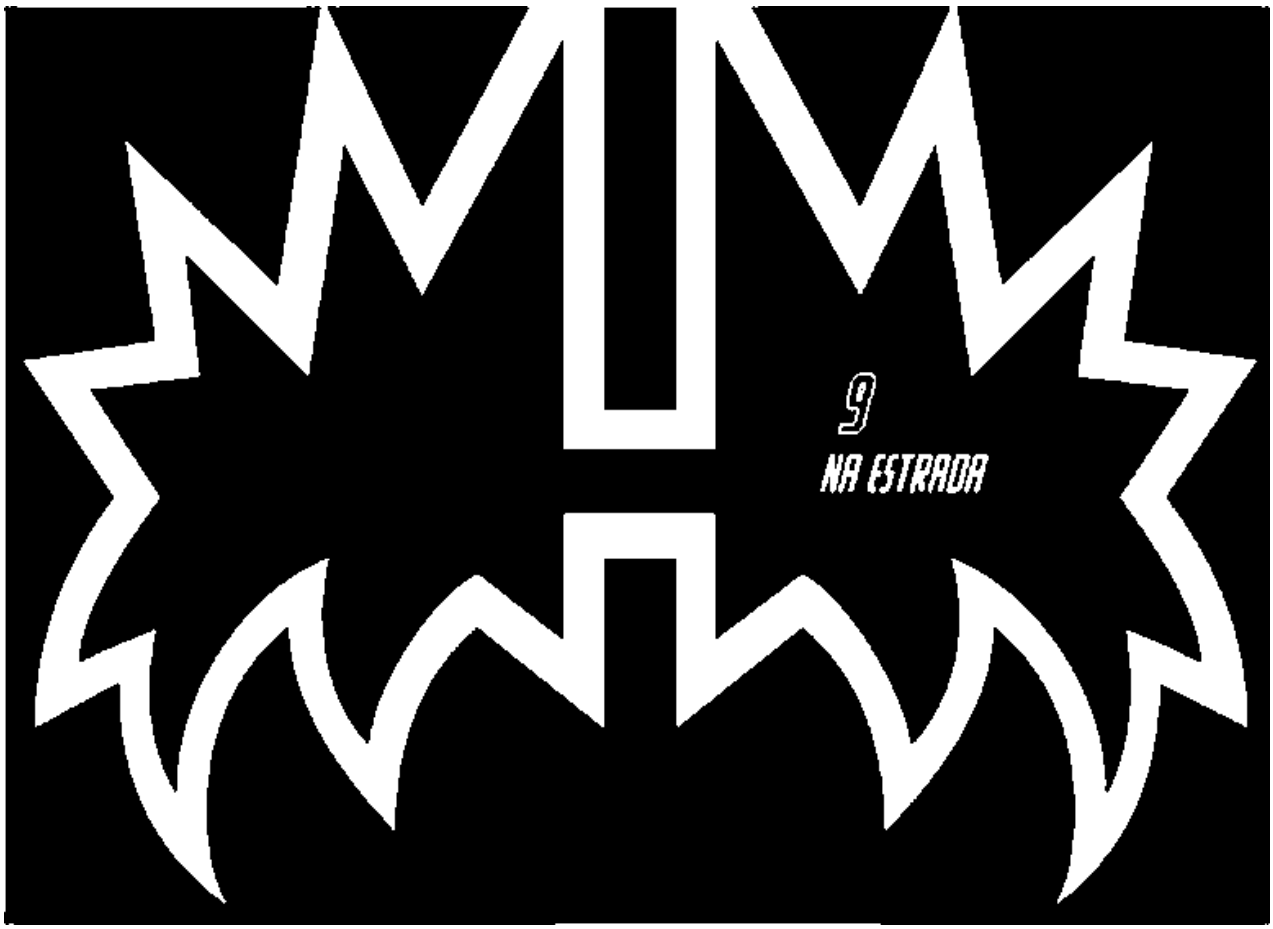
Legal pra caralho...

Acredite ou não, nada disso me pareceu estranho. Coisas acontecem. Nada nos deteria. A essa altura, estávamos fantasiados por inteiro, com a maquiagem completamente desenvolvida. Não éramos mais Paul, Gene, Ace e Peter.

Nós éramos KISS.

Após o show, enquanto o Teenage Lust se apresentou, fui para o vestiário e tirei a maquiagem. Então eu fui para a sacada (ninguém me reconheceu, é claro, já que eu não estava mais no personagem) e assisti ao repertório de Iggy Pop. Fiquei impressionado não apenas com o quão legal ele parecia, mas com o quão estranho era ter feito o show de abertura para ele. Pela primeira vez, tive a sensação de que estávamos em nosso caminho. Evento de ano-novo em Nova York... na Academia de Música... com Iggy Pop e Blue Öyster Cult.

Foi um ótimo negócio, e eu sabia disso. Eu podia sentir: É isso. Este é o começo de algo especial.


9
NA ESTRADA

Na estrada

Não nos tornamos superestrelas da noite para o dia. As pessoas esquecem isso às vezes. Três álbuns chegaram e passaram - gerando apenas vendas modestas e quase falindo a Casablanca Records, Bill Aucoin e Neil Bogart ao longo do caminho - antes que o KISS se tornasse a força que as pessoas reconhecem hoje. Ainda me lembro de um momento no final de fevereiro de 1974, pouco depois do lançamento do nosso primeiro álbum, que foi ao mesmo tempo um dos mais felizes e estranhos da minha vida.

O negócio da música era diferente na época. Para o bem ou para o mal, faltava a coesão e o poder que o marketing possui hoje. Em vez de aparecer magicamente nas lojas de todo o país, com campanhas publicitárias prontas, com frequência os discos eram lançados lenta e cautelosamente. O público começava a ser formado à medida que o álbum avançava gradualmente desde as áreas costeiras até a região central, das cidades maiores para os mercados menores. Os singles acompanhavam o lançamento de um álbum e, se as rodas apropriadas fossem lubrificadas (o jabá estava vivo e bem naquela época, quer as pessoas admitam ou não), você seria tocado nas rádios o suficiente para criar um burburinho. E, obviamente, você ia para a estrada por meses a fio, tentando criar um público para sua música, um público que sairia e compraria seus álbuns, geraria vendas de mercadorias e deixaria todo mundo feliz e rico.

Pena que nem sempre funcionava dessa forma.

Estávamos fazendo as coisas de maneira diferente no KISS, colocando o carro na frente dos bois, criando uma marca, com um conceito de marketing de exclusividade, antes mesmo de desenvolvermos um público. Então acho que não deveria ter sido uma surpresa enorme o fato de o primeiro disco não ter exatamente conquistado o mundo. Quase ninguém sabia quem diabos éramos, ou por que estávamos usando essa maquiagem ridícula. A banda era uma piada? Um truque?

Não, cara. Éramos muito sérios. Mas levou algum tempo para convencer todo mundo.

Naquele dia de fevereiro, entrei na (extinta) loja de departamentos Alexander's, na Rua Fordham, no Bronx, do outro lado da rua da Fordham University. A Alexander's ficava perto de um dos cruzamentos mais movimentados da cidade. Havia sempre uma multidão passando por ali, e o tráfego dentro e fora do local parecia nunca diminuir. Eu fazia compras na Alexander's desde pequeno - comprei grande parte da minha coleção de álbuns lá. Então dá para imaginar como me senti andando pela loja, meu coração disparado enquanto me dirigia para a seção de música. Você pode imaginar como deve ter sido para um cara que havia comprado seu primeiro disco do Hendrix - e seu primeiro disco do Led Zeppelin, seu primeiro disco do The Who - nesse mesmo local, de repente manuseando as pilhas de vinil, procurando um disco de sua autoria.

E lá estava o disco, olhando para mim de uma parede de lançamentos recentes:

KISS.

Peguei-o, segurei-o por um momento, virei-o de trás para frente. Sorri e ri um pouco enquanto olhava para o meu rosto pintado de prata, olhando estoicamente do canto superior direito.

Então fui até o caixa, peguei uma nota de dez dólares e paguei pelo disco sem dizer uma palavra.

Por que, você deve estar se perguntando, eu tive que comprar meu próprio disco? Bem, porque a Casablanca ainda não havia me enviado uma cópia. Ou talvez nosso gerente não tenha me dado uma cópia. Nem lembro. Só sei que, quando o álbum foi lançado, fui à Alexander^ para ver por mim mesmo e comprar minha própria cópia. Isso mostra como as coisas funcionavam devagar às vezes, e também mostra a pouca influência que tínhamos naqueles dias.

Eu não me senti ofendido pelo descuido. Eu estava principalmente emocionado por estar saindo da loja com meu próprio álbum. Eu queria tirá-lo da sacola e gritar para todos: “Ei, olhe para isto: fiz um disco!”. Mas não fiz isso. Também havia algum conforto no anonimato. Ninguém sabia quem eu era, portanto, mesmo que eu tivesse mostrado a capa do álbum, eles não teriam me reconhecido como a pessoa no canto superior direito. Esse seria um dos aspectos mais estranhos do fenômeno KISS: durante vários anos, quando saíamos em público, éramos vistos principalmente, se não exclusivamente, dentro dos personagens.

A vida como uma estrela do rock em seu nível mais alto é estranha além das palavras. Ela é ótima de muitas formas, é claro, mas também é desorientadora. Você começa a perceber rapidamente que faz parte de algo muito maior que você. Tudo o que você faz é planejado para ajudar a manter a máquina em movimento, as vendas de discos fluindo. Isso era especialmente verdadeiro com o KISS, uma vez que grande parte de nossa popularidade se baseou não apenas na música, mas na imagem. Depois de um tempo, a maquiagem tornou-se quase uma prisão. Não conseguíamos aparecer em nenhum lugar fora do personagem. Se chegássemos a uma cidade e tivéssemos uma entrevista de rádio agendada, tínhamos que acordar algumas horas mais cedo para nos maquiar antes de ir para a estação de rádio. Pense nisso. Fantasia completa e maquiagem para uma aparição no rádio, onde ninguém nos veria. Eu não era Ace Frehley quando representava o KISS. Eu era o Spaceman. Era assim que funcionava.

De novo, isso não é uma reclamação, apenas uma observação. Por um longo tempo, os benefícios de estar no KISS superaram em muito as desvantagens. Por mais estranho que fosse colocar maquiagem para todas as aparições em público, tinha o benefício adicional de permitir que cada um de nós mantivesse algum tipo de vida privada longe dos holofotes. Por um tempo, pelo menos.

> *Você não se junta a uma banda e usa maquiagem e roupas*

> *malucas se você quer que as pessoas o ignorem, certo?*

Não que eu me importasse muito com minha privacidade naquela época. Como o resto dos caras da banda, eu ansiava por atenção. Você não se junta a uma banda e usa maquiagem e roupas malucas se você quer que as pessoas o ignorem, certo? Então saí da Alexander^ e imediatamente comecei a ligar para os meus amigos e para Jeanette, e contar a eles sobre o disco. Toquei-o no meu quarto em casa, uma experiência tão estranha - ouvir meu próprio disco pela primeira vez, no mesmo prato que rodou Clapton e os Stones - que mal consigo colocar em palavras. Sentei-me na beira da cama, ouvindo KISS encher o quarto... ouvindo Gene cantar as palavras "Cold Gin"... ouvindo meus solos de guitarra... e comecei a rir alto.

Isso não pode ser real.

Mas era real, e um fato que deixou isso ainda mais claro algumas semanas depois, quando eu estava dirigindo com o rádio num volume muito alto, trocando de estação, tentando distraidamente encontrar algo de que eu gostasse, foi quando ouvi "Nothin' to Lose", o primeiro single do KISS, pulsando pelos alto-falantes. Fiquei tão distraído que quase dirigi meu carro para fora da estrada (não seria a primeira vez que isso aconteceria, aliás), mas depois de recuperar a compostura, aumentei o volume o máximo possível e abaixei as janelas (embora ainda fosse inverno).

Esses são os momentos para os quais você vive, momentos com os quais você sonha quando é um adolescente desajeitado aprendendo acordes sozinho em seu quarto, se perguntando se algum dia será bom ou se está perdendo tempo. Suponho que posso ter sido um pouco diferente da maioria das crianças; como eu disse, honestamente acreditava que estaria em uma banda famosa algum dia e, a partir do momento em que conheci Gene, Paul e Peter, pensei que o KISS seria o veículo para fazer isso acontecer. Ainda assim, não há nada como segurar seu próprio primeiro álbum nas mãos, tirar a embalagem de plástico e sentir o cheiro de vinil recém-prensado; algo ainda melhor era ouvir uma de suas músicas no rádio pela primeira vez.

É difícil imaginar qualquer cenário em que você está mais próximo de um grupo de pessoas do que quando está na estrada, em turnê com uma banda. Isso não é necessariamente uma coisa boa ou ruim, é apenas uma observação. O KISS construiu sua reputação através de apresentações ao vivo. No começo, principalmente, éramos guerreiros da estrada, no sentido mais verdadeiro do termo, vivendo com malas em hotéis meio bosta, viajando de ônibus (ou, se tivéssemos sorte, em voos baratos), dormindo algumas horas por noite, comendo no IHOP ou no Denny's e transando com quase tudo que se mexia. Uma cidade se misturava à outra enquanto cruzávamos a América do Norte, de Asbury Park a Atlanta e Anchorage... e depois voltávamos. Mais de cem shows individuais só no primeiro ano. Fazíamos turnês constantemente e, quando não estávamos em turnê, estávamos de volta ao estúdio trabalhando no segundo álbum. Vivemos juntos, comemos juntos, dormimos

juntos. Éramos quatro personalidades muito diferentes e únicas, mas de alguma forma fazíamos funcionar porque estávamos trabalhando em direção a um objetivo comum.

Você consegue aguentar muita coisa quando tem vinte e poucos anos. Seu corpo se recupera rapidamente de abusos infligidos pela vida na estrada. Bebida em excesso na noite anterior? Nada demais. Você acorda, vomita, toma algumas xícaras de café e continua o dia. Os caras da banda estão dando nos nervos?

Grande coisa. É só uma fase. Você vai superar. Apesar de a estrada perder seu apelo com o tempo, há algo legitimamente romântico e emocionante em viver essa vida nômade quando você é jovem. À medida que nos tornávamos cada vez mais ricos e famosos, a qualidade dos acessórios melhorava: garotas mais gostosas, mais drogas, hotéis cinco estrelas e jatos particulares. Mas não tínhamos queixas sobre a vida, mesmo no degrau mais baixo da escada de astro do rock.

As admiradoras estavam lá desde o começo, embora isso não fosse tão importante para mim quanto para alguns dos outros caras da banda. Eu nunca tive problemas para atrair mulheres. Comecei a ter namoradas quando tinha 12 anos, sexo não era um grande mistério para mim quando caí na estrada com o KISS. Não me entenda mal, eu poderia ser promíscuo com as melhores, especialmente quando Jeanette e eu estávamos num de nossos muitos períodos brigados. Mas eu não ia atrás de bucetas como se nunca as tivesse visto antes. Ouvi histórias sobre alguns caras que se tornam estrelas do rock e, de repente, ficam transando o tempo todo e basicamente perdem a cabeça. Quero dizer, eu já tinha estado com pelo menos cinquenta mulheres quando coloquei a maquiagem do KISS pela primeira vez. Se você esteve com apenas uma ou duas mulheres (e teve que implorar para conseguir o que quer que seja com elas), deve ser intoxicante de repente ter admiradoras se jogando em cima de você. Você deixa de transar uma ou duas vezes por ano para transar cem vezes com uma centena de mulheres diferentes. Pode ser um pouco desorientador.

> *Depois de um tempo, a maquiagem tornou se quase uma prisão, eu não era Ace Frehley quando representava o Kiss. Eu era o Spaceman. Era assim que funcionava.*

Eu meio que sentia que Gene se enquadrava nessa categoria. Não posso ter certeza, porque não sei muito sobre o histórico sexual dele antes do KISS, mas sei que, uma vez que caímos na estrada, Gene reagiu como um homem morrendo de fome em um bufê livre. Acredito que Gene seja viciado em sexo, assim como sou

alcoólatra. Todos nós temos nossos problemas e vícios, e vi o comportamento de Gene afetá-lo e também afetar a banda de maneira negativa algumas vezes. Talvez não do mesmo jeito que minha bebedeira impactou a banda, mas certamente houve consequências.

Gene sempre teve muitas coisas desagradáveis para dizer sobre mim ao longo dos anos. Algumas das críticas são legítimas. Estando sóbrio, assumo a responsabilidade e não posso negar que meu consumo de álcool e drogas acabou se tornando altamente disruptivo e problemático. Mas alguns dos golpes pessoais foram ainda mais difíceis, em parte porque éramos todos amigos por um tempo e fizemos algo incrível, mas também porque Gene não era exatamente o cara mais fácil de se conviver. Obstinado - para não dizer um completo cuzão - em sua vida profissional, Gene era uma bagunça total em sua vida pessoal. Acho que gostar de dinheiro não tem nada a ver com limpeza. Eu deveria saber - nas primeiras turnês, Gene e eu éramos colegas de quarto. Estranho, considerando que tínhamos tão pouco em comum. Uma combinação mais lógica seria Paul e Gene em um quarto, eu e Peter no outro. No começo, pensei que tinha algo a ver com o fato de Peter e eu sermos os caras que gostavam de festejar e, ao nos separar, o risco de comportamento catastrófico era minimizado. Mas não era esse o caso. Paul já conhecia Gene o suficiente para entender que ele era um péssimo colega de quarto. Como descobri rapidamente, Gene era um colega de quarto nojento. Lembro-me da primeira vez que estávamos no nosso quarto de hotel depois de um show, olhei para Gene e o vi cuspindo no chão repetidamente.

“Que merda você está fazendo, cara?”

Gene pigarreou, puxou um monte espesso de catarro e cuspiu no tapete.

“A garganta está me matando”, disse ele com uma voz rouca.

Por um lado, me senti mal por ele. Gene tinha um problema. Sempre que ele cuspia fogo, o que acontecia quase todas as noites, depois ele cuspia e tossia umas merdas durante horas. O querosene realmente agitava seu sistema, o que era compreensível. O que não era compreensível era sua insistência em cuspir por todo o chão. Eu ficava com medo de ir ao banheiro no meio da noite e pisar em um monte de muco.

“Jesus, Gene, você não pode pelo menos usar uma lata de lixo ou algo assim?” “Hwwwwwwwwk. ”

Outro tanto de catarro, outra poça no chão. Era nojento, embora não tão enervante quanto os chatos.

Na época, Gene parecia viver num estado de infestação perpétua. Ele transava com quase qualquer coisa (e acho que ele admitiu isso). Baixa, alta; rechonchuda, esbelta; atraente... meramente tolerável. Todos nós tínhamos companheiras de cama com certa regularidade, mas, de alguma forma, Gene era o único que acabava com insetos nos pentelhos. Eu sentia arrepios só de pensar nisso. Quando você está com um cara e sabe que ele tem piolhos pubianos... bem, é um pouco perturbador. Toda vez que eu coçava minhas bolas, eu pensava se os sugadores de sangue também haviam entrado na minha cama e me contaminado simplesmente por causa da proximidade.

Às vezes acontecia de eu ter sido contaminado. Não era só o fato de compartilhar um quarto com Gene que me deixava vulnerável. Naqueles tempos, fazíamos tudo na correria. Os palcos eram montados e desmontados em tempo recorde. Fazíamos as malas e viajávamos rápido. Como consequência, nossas roupas eram muitas vezes jogadas juntas em uma única pilha e colocadas em uma mala, às vezes sem sequer serem lavadas. Dá para imaginar como a coisa toda funcionava - a mala cheia de couro quente e suado, chatos pulando alegremente do Demon para o Starchild, para o Cat e o Spaceman. Devia ser como uma placa de Petri gigante. E, com certeza, depois de alguns dias, todos estaríamos andando por aí, puxando nossos sacos, coçando sem parar.

Gene apenas ria.

"Risco ocupacional, rapazes. Vocês vão ficar bem."

Veja bem, mesmo quando não estávamos compartilhando mulheres (o que fazíamos de tempos em tempos), ainda assim compartilhávamos a experiência e os efeitos posteriores. A questão é que, quando você é jovem e louco, isso não é um grande problema. Você vai à farmácia, aplica um pouco de pomada ou xampu medicamentoso e segue em frente. Quase nada nos incomodava naquela época. Em comparação com as consequências do sexo anônimo e desprotegido de hoje, os piolhos pubianos eram um inconveniente relativamente menor. Você não precisava se preocupar com doenças sexualmente transmissíveis - bem, nada que pudesse matá-lo. Lembro-me de quando a AIDS entrou em cena nos anos 1980: foi assustador. Antes disso, você se preocupava com chatos, ou talvez com sífilis ou gonorreia, se realmente tivesse azar. Essas coisas eram facilmente tratadas. A cada um mês ou dois, você consultava o médico e tomava uma dose de penicilina. Não necessariamente porque você havia contraído alguma coisa, mas era uma medida de precaução. Dado meu comportamento ao longo dos anos, tive uma sorte incrível. Nunca tive nada mais debilitante que uma infecção do trato urinário. Poderia ter sido muito pior.

O engraçado é que Gene era realmente um pouco tímido quando se tratava de suas aventuras sexuais. Ele era, por natureza, um homem reservado. Peter e eu ocasionalmente compartilhávamos mulheres. Paul e eu também! Às vezes nós três compartilhávamos mulheres. Mais tarde, quando houvesse mais mulheres e não conseguíssemos lidar com elas, nós as passaríamos para os nossos guarda-costas e para a equipe da estrada. Havia uma ordem hierárquica (ou ordem de foda), veja bem. Guarda-costas e assistentes recebiam sobras ou extras, nunca era o contrário. Gene raramente se juntava às comemorações. Zero orgia para Gene. Merda, ele nem tomava banho com nenhum outro cara da banda. Nós três tirávamos a maquiagem no camarim, entrávamos juntos no chuveiro, depois nos vestíamos um na frente do outro e voltávamos para o hotel. Era como estar em um time de beisebol ou algo assim, e este era o nosso vestiário. Entretanto, isso não era para Gene. Ele saía sozinho ou nos esperava até nos aprontarmos. Talvez ele nunca praticasse esportes coletivos quando era mais novo?

O que posso dizer? Gene é excêntrico. Sempre foi. Ele tinha muitas idiossincrasias. Tudo bem. Cada um é como é. Eu só achava que era um pouco

estranho.

Nossa primeira turnê começou no Canadá, no auge do inverno, e a principal coisa de que me lembro é estar inacreditavelmente frio o tempo todo. Eu não me importava. Lá estava eu, quase 23 anos, nunca tinha andado de avião, então toda a experiência foi nova e emocionante. Nosso primeiro show foi em Edmonton, Alberta. Havia cerca de um metro de neve no chão, e ainda assim as pessoas foram nos ver. Eu nem sei como eles faziam ideia de quem éramos. Talvez eles estivessem confusos. Claro que parecia assim às vezes. Subíamos no palco a 160 quilômetros por hora, detonando o teto do lugar, e as pessoas ficavam lá nos primeiros vinte minutos, com a boca aberta em descrença atordoada. Eu nem sabia se eles gostavam da música ou se a odiavam, ou se eles vinham só porque tinham ouvido falar sobre essa nova banda estranha que usava maquiagem e figurino, e eles só queriam ver do que se tratava.

Os efeitos especiais dessas primeiras turnês foram naturalmente limitados por tecnologia e recursos, mas fizemos o melhor que podíamos com o que tínhamos. Em uma de nossas primeiras viagens pelo Canadá, decidi sair e pegar algumas bombas de fumaça e fogos de artifício e tentar incorporá-los ao show. A parte física de uma Les Paul (minha guitarra Gibson escolhida na época - e eu ainda sou um cara da Gibson depois de todos esses anos) apresentava alguns obstáculos para o que eu queria realizar. Ela tinha uma placa traseira virtualmente impermeável, o que significava que tudo ia para o canal onde as cordas encontravam os captadores. Eu queria que a fumaça saísse da minha guitarra - fumaça real, não fumaça de gelo seco -, mas percebi que, se eu colocasse uma bomba de fumaça naquela câmara traseira e acendesse um pavio, toda a fumaça teria que sair dos captadores, porque esse era o único canal pelo qual ela poderia se mover. Então, no meio de um show, um pouco antes de um dos meus solos, peguei um isqueiro e acendi o pavio. Parecia tudo bem e a plateia parecia envolvida, mas eu queria mais fumaça. Infelizmente, logo descobri que, embora a fumaça não afetasse necessariamente minha execução, ela afetava o equipamento, danificando os controles de tom e volume. Então, todo esse conceito deixou de existir por um tempo, até que eu pudesse me reunir com um engenheiro e criar uma estrutura mais prática.

O mais importante foi que tocamos com convicção, independentemente de estarmos no palco ou abrindo para outro ato, e parecíamos uma banda séria - uma banda visual poderosa e emocionante. As pessoas foram fisgadas por isso. Normalmente, no fim do show, ou mesmo na metade dele, quando os efeitos especiais (o material pirotécnico, o nevoeiro, o fogo e as bombas de fumaça) aconteciam, as pessoas ficavam completamente envolvidas com o show e conquistávamos o público. Mesmo as pessoas que começavam sendo céticas invariavelmente aplaudiam e pediam bis e queriam mais.

Eles podiam não saber o que tinham acabado de ver, mas com certeza queriam mais.

Os críticos se impressionavam com menos facilidade. Fomos detonados no New York Times, detonados na Rolling Stone, detonados na CREEM. Jornalistas de rock sérios pareciam incapazes de olhar além da maquiagem e dos figurinos e analisar

objetivamente nossas performances ou gravações. Ou talvez eles simplesmente odiassem tudo sobre nós. Eu não sei. Mas as críticas negativas serviam principalmente para alimentar a curiosidade e a controvérsia.

Alguns críticos eram menos rancorosos, oferecendo um respeito relutante por nossa musicalidade e composição e, em especial, pela energia que levávamos para nossos shows. Apesar disso, foi principalmente o boca a boca o que se mostrou mais benéfico para o KISS. Construímos uma base de fãs à moda antiga, saindo e tocando noite após noite, em várias cidades, incentivando legiões de fãs a se juntar ao que viria a ser conhecido como "KISS Army".

Os momentos mais interessantes ocorreram quando o KISS tentou entrar no reino do entretenimento enfadonho e convencional. Bill Aucoin e Neil Bogart não deixariam nenhuma oportunidade de publicidade inexplorada, por isso, embora o KISS talvez fosse visto por alguns como uma banda de hard rock (na fronteira com o metal) cujos membros gostavam de imagens satânicas estranhas ou de fetichismo sadomasoquista (nada disso é verdade, é claro), nossa gerência ansiava por exposição a um público mais diversificado. Resumindo, eles queriam que o KISS fosse visto e ouvido por todos, desde adolescentes drogados em Nova Jersey até donas de casa no Meio-Oeste dos Estados Unidos.

Então gravamos três músicas durante uma apresentação no In Concert$_y$ de Dick Clark, que era um dos poucos espaços na televisão aberta (na época, a televisão a cabo era pouco mais do que um ponto de luz no radar) em que uma banda podia ser vista e ouvida. Gravamos o show no final de fevereiro - apresentando " Firehouse ", "Black Diamond" e "Nothin' to Lose" - e ele foi ao ar no fim de março. Dick era fantástico, tão esperto e gracioso quanto eu esperava que ele fosse. Cresci assistindo American Bandstand e sempre achei que Dick não era só um empresário astuto, mas também um fã de música de verdade. Ele nos tratou profissionalmente, sem um pingo de condescendência ou perplexidade. Em troca, tocávamos ao vivo e com nossa fúria habitual. Isso não era pouca coisa - a maioria das bandas que apareceram em programas de televisão nos anos 1970 optou pela segurança da música gravada e da sincronização labial. O KISS não. Fizemos a mesma coisa quando participamos do The Midnight Special da NBC. O KISS era uma banda que tocava ao vivo, um espetáculo. Não havia sentido em fingir.

KISS apenas tentando ser KISS - com cada um de nós mantendo o personagem, não importando as circunstâncias nem o local - poderia levar a momentos de hilaridade não intencional e genuína falta de noção do tipo "Que porra é essa?". Como na época em que aparecemos no Mike Douglas Show, em abril de 1974. Agora, para registro, devo dizer que meio que sempre gostei de Mike Douglas. Como Dick Clark, ele era um cara da Filadélfia aparentemente muito educado e agradável com a cidade que o tornara famoso. Um pouco antiquado também, mas tudo bem. Cresci assistindo ao American Bandstand nos fins de semana e ao Mike Douglas Show nas tardes de dias da semana. Era um talk show de TV simples, estranhamente reconfortante em sua suavidade. Você sempre poderia contar com Mike para sorrir durante um programa, independentemente dos convidados, e para

tocar uma música ou duas em seu pequeno lounge. Ele parecia um cara legitimamente legal, e eu não acho que era atuação.

Ainda assim, foi uma decisão bizarra para o KISS usar o Mike Douglas Show como fórum para sua primeira entrevista ao vivo na televisão nacional americana. Mas, como sempre, havia um método para a loucura, que surgiu em especial da mente loucamente fértil de Neil Bogart. Neil ouviu falar de um concurso promocional, criado por dois DJs da Flórida, que usaria o nome da nossa banda como um gancho para um concurso de beijos promovido por sua estação de rádio. Esse era o tipo de bobagem que poderia ajudar uma banda em seu início. Porém, muito disso poderia destruir a reputação de uma banda. O KISS sempre andava na linha tênue entre paródia e promoção. Era fácil vender a alma se você abusasse desse tipo de coisa, e Deus sabe que não eram poucas as pessoas que queriam explorar o fanatismo dos fãs do KISS.

Nesse caso, a idiotice começou com o que parecia ser um concurso de beijos bastante benigno. Mas Neil levou a ideia para o país inteiro e até sugeriu que o KISS fizesse um cover da antiga música de Bobby Rydell, “Kissin’ Time”, como forma de ajudar a promover o concurso.

Se houve um momento em que os rapazes da banda se uniram contra a opinião de Neil, foi aqui. Nós devíamos quase tudo ao cara, com certeza, mas uma versão cover de “ Kissin’ Time”, a melodia açucarada para adolescentes do final dos anos 1950?

Era espetacularmente inapropriado. Uma loucura da porra. E todos nós sabíamos disso. O KISS fazendo o cover de “Kissin’ Time” não tinha nenhum sentido. Seria zombar de tudo o que estávamos tentando fazer. Deveríamos ser barulhentos, nervosos, perigosos. Por que, em nome de Cristo, tentaríamos ser uma banda chiclete?

“Porque é brilhante”, argumentou Neil. “As pessoas vão adorar.”

Havia uma lógica distorcida na promoção e suponho que, no fim, tinha exatamente o impacto que Neil desejava, que era fazer as pessoas falarem sobre o KISS e criar mais oportunidades de exposição. Com Neil, as coisas nunca tinham a ver com música. Era sobre o espetáculo. Era sobre ganhar dinheiro e expandir a marca. Mas a que custo? Todos queríamos fama e adulação, mas nas semanas em que reescrevemos e gravamos “Kissin’ Time”, nenhum de nós se sentiu muito bem com o que estávamos fazendo. Foi a primeira vez que senti que nosso acordo com o diabo - escolher estilo e não substância - tinha consequências não intencionais e seriamente desagradáveis. E acho que todos os caras - até Gene, que nunca havia encontrado uma oportunidade promocional que não o envolvesse - se sentiram da mesma forma. Mas Neil era o chefe. Ele era dono da Casablanca Records. Ele poderia desligar a tomada quando quisesse. Ele poderia cortar nossos orçamentos de turnês e gravações. Ele era o diretor do circo e nós éramos parte do circo.

O show deve continuar, certo?

“Kissin’ Time” foi gravado como single e adicionado ao primeiro álbum quando ele foi relançado alguns meses após o lançamento inicial. Todos odiamos a música - muito mais do que odiamos a promoção do concurso, na verdade. O concurso foi estúpido, mas inofensivo; a música prejudicava nossa reputação.

Enfim, foi o concurso que nos levou à Filadélfia e ao The Mike Douglas Show, onde nos apresentamos ao vivo (“Firehouse”, e não “ Kissin’ Time”), mas só depois de Gene ser convidado para conversar com Mike e seu quadro (que incluía os comediantes Totie Fields e Robert Klein) por alguns minutos, pouco antes de apresentar os vencedores do concurso nacional de beijos.

Fazendo o papel de representante não oficial do KISS, Gene apareceu no palco enquanto os outros assistiam na televisão em circuito fechado nos bastidores.

“Temos um novo grupo de rock para você, Totie”, disse Mike, pouco antes de segurar uma cópia do KISS. “Mas antes de vê-los se apresentar, quero que vocês conheçam um dos membros desse grupo mais de perto.”

Enquanto os rapazes e eu uivávamos de rir nos bastidores e a plateia reagia com descrença, Gene sentou-se entre Mike e Totie.

“Você se importa se eu abrir as minhas asas?”, perguntou ele, desenrolando seu corpo esbelto (ainda mais alongado pelos sapatos de plataforma de 20 centímetros) e mostrando o torso em formato de morcego de seu traje.

Mike colaborou com bom humor, mas quando Gene se descreveu como o “mal encarnado”, Totie Fields lhe lançou um olhar que, a princípio, pareceu revelar nojo ou repulsa, mas logo se mostrou apenas um aborrecimento. Ei, Gene estava apenas fazendo seu truque. Ele estava sendo Demon, ou o que diabos ele achava que era. Se fosse eu, e eu deveria permanecer no personagem, teria ido lá e gargalhado estupidamente e dito: “Ei, Mike, eu sou o Spaceman! Prazer em conhecê-lo.” Nada disso era real ou deveria ser levado a sério. Era para ser divertido, e eu achei que Gene fez um ótimo trabalho com isso. Mas, à medida que a entrevista prosseguia e as respostas se tornavam mais mordazes, não pude deixar de agradecer por não ter sido solicitado a fazer esse trabalho.

“Não seria engraçado se, sob essa camada, ele fosse apenas um bom garoto judeu?”, disse uma Totie exasperada em um determinado momento.

A plateia bradou quando Gene sorriu timidamente.

“Se você soubesse...”, disse ele com uma risada. Era para ser uma piada interna. Gene, é claro, era 100% judeu, tendo nascido em Israel sob o nome Chaim Witz. Duvido que Totie Fields soubesse alguma coisa sobre o passado de Gene, mas ela não hesitou. Afinal, Totie era uma comediante profissional, e Gene não era páreo para ela quando se tratava de fazer piadas com um toque engenhoso.

“Eu sei”, respondeu ela. “Você não pode esconder o nariz!”

Gene franziu a testa e rosnou sem entusiasmo. Ele era esperto o suficiente para saber quando havia sido derrotado. A entrevista voltou-se para o tema do concurso nacional de beijos e os “vencedores” foram trazidos ao palco. Gene se levantou e envolveu os dois em suas asas de morcego, e alguns minutos depois todos saímos e tocamos “Firehouse”.

A coisa toda se desenrolou muito bem, pensei, e recebemos boas críticas pelo programa. Acredite ou não, algumas pessoas não sabiam o quanto deveriam levar Gene a sério. Foi brilhante assim, mesmo que não fosse necessariamente intencional.

Isso permitiu ao KISS manter o elemento perigo, que era uma parte muito importante da nossa persona inicial... e do nosso sucesso inicial.

Nem tudo foi encenação.

Embora não fôssemos exatamente “o mal encarnado”, éramos ameaçadores. Nossa base de fãs era composta em grande parte por adolescentes e jovens adultos, e que tipo de pai quer que seu filho ouça hard rock de uma banda que parece ter acabado de sair do set de um filme de terror? Parecíamos perigosos e, às vezes, nos comportávamos de forma imprudente e hedonista. Não tentávamos esconder nada disso. Bem, na maior parte do tempo, pelo menos.

Em agosto de 1974, fizemos uma pausa no meio de uma turnê e nos mudamos para Los Angeles para trabalhar no segundo álbum do KISS, Hotter than Hell. Como no primeiro disco, foi uma experiência intensa: três semanas com dias de dez horas no Village Recorders, com Richie Wise e Kenny Kerner fazendo a produção novamente.

Estávamos todos cansados e começando a sentir a pressão da Casablanca, pois o primeiro disco não foi exatamente um grande sucesso. Sim, ele vendeu cerca de 75 mil cópias, mas isso não foi suficiente para cobrir as despesas da banda. Esperávamos fazer melhor com o Hotter than Hell, mas tudo estava acontecendo tão rápido que estava ficando difícil dizer se estávamos no caminho certo.

Usando músicas que sobraram da demo e do material que escrevemos na estrada, montamos o disco em uma velocidade vertiginosa. Minhas contribuições foram muito mais significativas do que no primeiro disco. Escrevi “Comin’ Home” com Paul e também “Parasite” e “Strange Ways”, uma música que continua sendo uma das minhas favoritas, mesmo que o KISS nunca a tenha apresentado num show. Hoje gostaria de ter tido coragem de cantar “Strange Ways” naquele disco. É uma música emocionalmente exigente, pesada e rítmica, com um ótimo solo de guitarra no meio. Era toda minha e eu deveria tê-la reivindicado para o disco. Mas eu não confiava em minha própria capacidade vocal, especialmente perto de Paul, Gene e Peter, que prosperavam sob os holofotes e tinham uma forma de defender uma música - qualquer música independentemente de quaisquer limitações vocais. Os grandes cantores são talentosos, com certeza, mas também têm paixão. E eles geralmente são arrogantes também. Você não pode subir lá e cantar se não acreditar em si mesmo.

Eu sabia que era um bom guitarrista.

Eu não tinha ideia se podia cantar. Então, por muito tempo eu sequer tentei fazer isso.

“Parasite” eu ofereci a Gene, porque parecia adequado a ele e ele gostou. No entanto, em vez de dar “Strange Ways” a Paul ou Gene, eu a ofereci para Peter. Como baterista, ele era o membro menos visível do KISS (apesar da plataforma elevada onde ele toca!), então seu ego estava sempre machucado. Achei que ter uma faixa vocal no disco o faria se sentir menos ameaçado. Além disso, eu gostava da voz de Peter e achei que ela era a certa para a música.

Embora basicamente gravássemos o álbum ao vivo, as sessões do Hotter than Hell não tinham a espontaneidade e a emoção que experimentamos ao fazer o KISS. Isso não surpreende. Não há nada como o primeiro disco, quando tudo é novo e emocionante. Fazer Hotter than Hell parecia mais um trabalho... uma responsabilidade. Não ajudava o fato de sermos peixes fora d’água: quatro nova-

iorquinos em Los Angeles, isolados na Costa Oeste durante a maior parte de um mês. Já estávamos na estrada há meses e não queríamos mais nada além de voltar para casa. Mas Neil nos queria mais perto dos escritórios da Casablanca para que ele pudesse ficar de olho nas coisas.

No meu caso, o plano saiu pela culatra. Agora posso olhar para trás e dizer que comecei a beber mais durante a produção de Hotter than Hell, em parte como resposta à pressão e em parte porque eu não queria estar em Los Angeles. Essas são apenas desculpas e eu as apresento não porque quero simpatia, mas simplesmente como ponto de iluminação. Beber era minha muleta. Tinha sido desde que eu era adolescente, e permaneceu assim durante o meu tempo no KISS, apenas com consequências mais profundas.

Na noite anterior a uma sessão de fotos para Hotter than Hell, tive um dos meus primeiros acidentes de carro graves. Agora tenho a reputação de ser um dos piores motoristas do mundo, mas não a mereço completamente. Na verdade, sou um bom motorista; sou apenas um motorista bêbado muito ruim. Destruí muitos carros ao longo dos anos, mas, sóbrio, no máximo dei algumas batidinhas. O problema é que, desde meados da década de 1970 até meados da década de 2000, sempre que eu andava ao volante, as chances de eu estar bebendo eram muito altas.

Essa foi uma dessas vezes.

Estávamos hospedados no Ramada Inn em Sunset Boulevard, basicamente saindo e festejando sempre que não estávamos no estúdio. Ao longo dos anos, tentei lembrar exatamente por que deixei o hotel naquela noite em particular e ocupei o banco da frente do meu Chevrolet alugado. Este é o problema de ser um beberrão de 40 anos: isso afeta sua memória, deixando algumas lembranças surpreendentemente vivas e outras cheias de buracos. Sei que fiquei chateado com alguma coisa (provavelmente algo estúpido) porque me lembro de sentir raiva enquanto dirigia por Hollywood Hill, acelerando em curvas como se eu fosse um piloto de Fórmula 1. Achei uma rua nas colinas desafiadora, então, como um idiota, fiquei circulando nessas curvas várias vezes, tentando fazer o percurso um pouco mais rápido a cada vez. Devo ter feito isso pelo menos cinco ou seis vezes! A próxima coisa da qual me dei conta foi que meu carro estava girando fora de controle e um poste estava vindo rápido, se elevando de encontro ao para-brisa. O carro girou de lado no último minuto, apenas o suficiente para evitar uma colisão frontal, mas o impacto ainda foi grave o suficiente para que eu fosse catapultado para frente no para-brisa.

Quando a poeira baixou no acostamento da estrada, comecei a rir, um subproduto natural de quando se está bêbado e aliviado por estar vivo. No começo, eu tinha certeza de que não havia sido gravemente ferido - até sentir algo quente escorrer pelo meu rosto. Coloquei a mão na minha bochecha e limpei o sangue, mas o fluxo continuou. Olhei para o espelho retrovisor e descobri que ele havia sido quebrado, provavelmente depois de ter sido atingido pela minha cabeça.

O carro não foi totalmente destruído, mas também não era mais funcional. Felizmente o acidente ocorreu não muito longe do Ramada, então saí do carro e comecei a andar. Só posso imaginar em que estado eu estava, cambaleando ao longo da estrada, cabelos compridos emaranhados e sangue escorrendo pelo rosto. Ainda

não faço ideia do que aconteceu com o carro. Eu apenas o deixei lá. Os policiais devem ter chegado, rastreado o registro e entrado em contato com alguém da banda. Não me lembro de nenhum desdobramento legal, mas certamente houve consequências negativas.

Quando cheguei ao hotel, fui direto para o quarto do nosso gerente de turnê. Ele era um cara grandalhão chamado Junior, habilitado em tudo, desde administrar horários até brigar com promotores obscuros. Junior não era de se assustar, mas quando abriu a porta e me viu ali, seus olhos se arregalaram.

"Jesus, Ace! Que merda aconteceu com você?"

"Não importa", falei. "Mas acho que precisamos ir ao hospital."

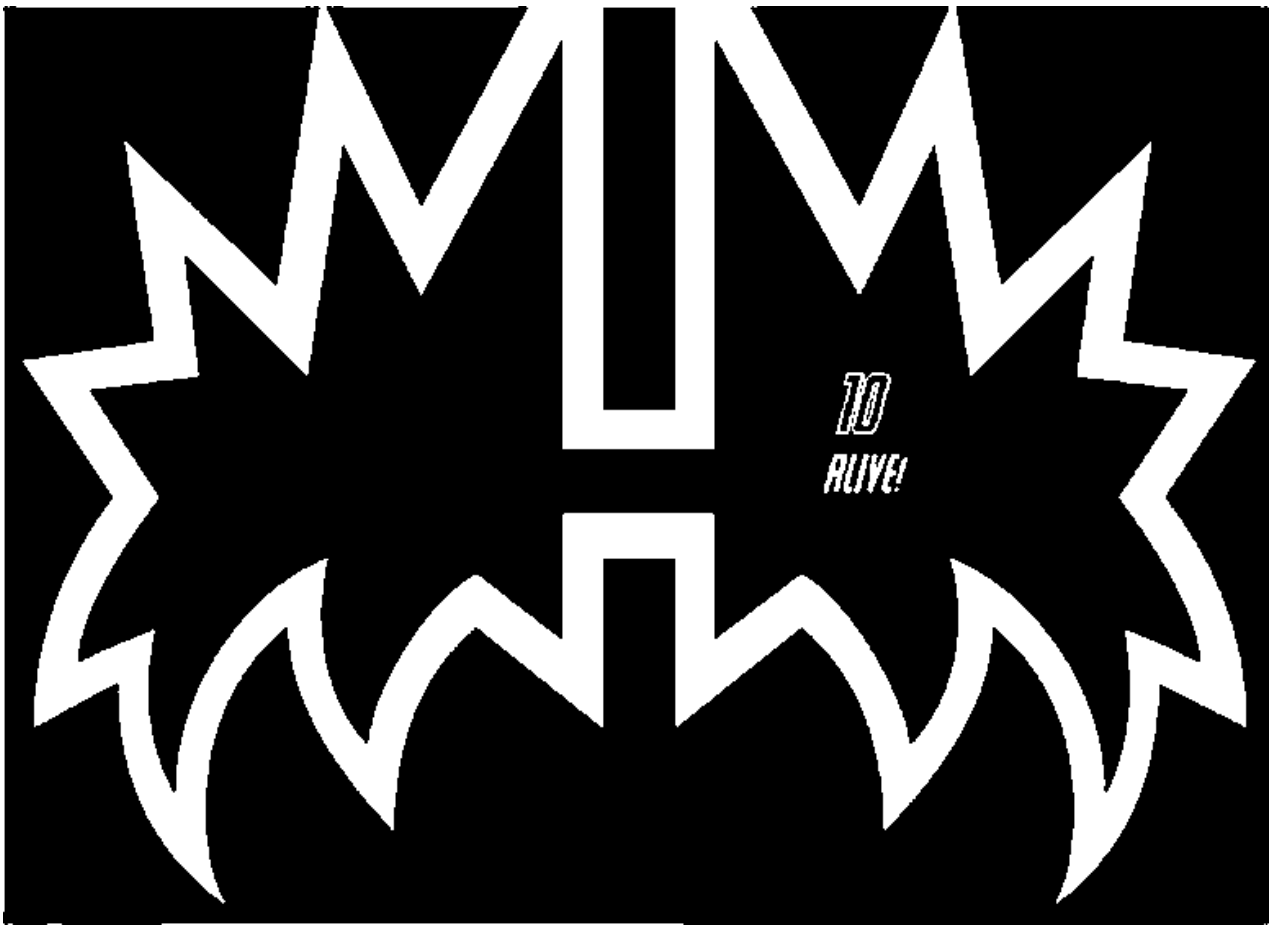
Incrustado com sangue e sujeira, com um corte grande e profundo na testa que estava começando a inchar, eu provavelmente parecia mais ferido do que realmente estava. No entanto, eu me senti uma merda. De qualquer forma, no pronto-socorro eles me limparam, me deram alguns pontos, analgésicos e antibióticos e me dispensaram.

Com uma ordem rigorosa: não é permitido usar nenhuma maquiagem.

"Se algo entrar nesse corte, é provável que infeccione", explicou o médico. "Confie em mim, você não quer isso."

Não, eu não queria isso. Mas, por acaso, eu deveria usar minha maquiagem no dia seguinte para uma sessão de fotos para complementar o novo álbum. Segui as instruções e apareci só com um lado do rosto maquiado, e é por isso que todas as fotos dessa sessão mostram apenas meu perfil!

Enquanto estávamos fotografando, os outros caras da banda demonstravam preocupação com minha saúde e balançavam a cabeça em descrença, como se dissessem: "Maldito Ace, cara. O que vem depois disso?".


10
ALIVE!

Alive!

Um dos meus maiores erros com o KISS foi não prestar atenção nos detalhes. Essa era a minha natureza naquela época (ainda é, até certo ponto). Eu não estava tão interessado no lado comercial. Estava do lado criativo e divertido, o que ficou problemático quando as coisas deixaram de ser divertidas. Nos primeiros dias, eu costumava dizer para mim mesmo: “Você tem o melhor emprego do mundo. Você faz o que gosta de fazer e é pago para fazê-lo”.

Então um dia acordei, olhei no espelho, com os olhos turvos e de ressaca, e pensei: Cara, eu não estou gostando nada disso.

Talvez, se eu tivesse sido um pouco mais atento e perspicaz quando batalhamos nos primeiros anos e tido um feedback mais positivo de todos sobre as minhas habilidades, eu teria conseguido oferecer mais e possivelmente ajudado a criar um cenário em que eu não teria me sentido compelido a sair. Vendo agora, cara, isso é um saco. E uma perda de tempo também.

Aconteceu muita merda nos bastidores durante as primeiras turnês e durante a gravação dos nossos três primeiros álbuns. É quase um milagre a banda ter sobrevivido. Estávamos ralando muito, fazendo turnês como loucos, refinando nosso show ao vivo, escrevendo material e produzindo disco atrás de disco, mantendo um ritmo que hoje seria inimaginável. Acordávamos muito cedo e íamos dormir tarde da noite, essa era a porra da nossa rotina.

Tenho certeza de que Gene, Peter e Paul estavam cientes dos desafios que estávamos enfrentando na época, mas eu não tinha noção. Quando soube que Neil Bogart queria que voltássemos ao estúdio apenas alguns meses após o lançamento de Hotter than Hell, fiquei surpreso. Eu conhecia o suficiente sobre a indústria da música para saber que não fazia muito sentido produzirmos um terceiro disco tão rápido. A menos, claro, que as coisas estivessem indo muito bem... ou muito mal.

Ainda mais estranha foi a notícia de que Neil planejava produzir nosso próximo álbum. Eu gostava muito do Neil. Costumávamos sair às vezes e festejar, e ainda acredito que ele foi uma das pessoas mais criativas que a indústria da música já conheceu. O KISS nunca poderá recompensá-lo pelo que fez e pelo tanto que ele apostou em nosso nome. Mas sejamos honestos: Neil não era um produtor de hard rock. Ele era executivo de uma gravadora cujos instintos criativos sobre nossa música não eram tão confiáveis quanto sua experiência em marketing. Minha primeira escolha de produtor, como sempre, teria sido Eddie Kramer. Minha segunda opção seria Kenny Kerner e Richie Wise. Mas a Casablanca era o bebê de Neil; ele conseguiu dar as cartas. E queria sentar à mesa de comando.

Não entendi a motivação de Neil e, para ser franco, não me importei. Mas eu não achava que aquilo fazia sentido e ninguém mais achava. Depois do fracasso de “Kissin’ Time”, ficamos céticos em relação à contribuição artística de Neil (Paul parecia o mais incomodado com a ideia). O que eu não entendia completamente na

época era que Neil estava lutando por sua carreira e também pela carreira do KISS. Nossos primeiros álbuns venderam razoavelmente bem - KISS vendeu 75 mil cópias e Hotter than Hell, cerca de 100 mil.

Nada mal, considerando que não estávamos tocando muito nas rádios e não produzimos nada próximo de um single de sucesso. Aparentemente, ainda não estávamos ganhando dinheiro para a Casablanca e, mais importante, para a nossa distribuidora, a Warner Bros. Naquela época, nosso orçamento para promoções e turnês era significativamente maior do que o que poderia ser justificado pelas vendas dos nossos discos. Para mim não parecia que vivíamos de forma extravagante. Nosso "salário" ainda era inferior a cem dólares por semana e continuávamos reservando quartos nas redes de hotéis menores, dividindo quartos em cada parada. Fast-food e cerveja barata faziam parte de nossos dias e de nossas noites. Claro, a maior parte disso era diversão, mas acredite: não era glamoroso.

> *Tenho certeza de que Gene, Peter e Paul estavam cientes dos desafios que estávamos enfrentando na época, mas eu não tinha noção.*

No entanto, o que eu considerava frugalidade, a Warner Bros. considerava um desperdício. Quando a Warner se recusou a dar o impulso promocional que Neil achava que Hotter than Hell merecia, ele basicamente disse a eles: "Vão se foder".

Aí ele nos disse para voltar ao estúdio.

Como no caso dos dois primeiros álbuns, Dressed to Kill foi montado rapidamente. Mesmo tendo de escrever muito do material enquanto estávamos gravando, e mesmo que Neil não fosse o produtor ideal, todo o processo foi mais agradável do que em Hotter than Hell. Neil sabia que odiávamos ficar em Los Angeles, então concordou em vir para Nova York e gravar o álbum no Electric Lady Studios. Portanto, estávamos em casa, o que melhorava bastante o nosso humor. Uma coisa que não entendi foi que, durante o processo de gravação, Neil fumava maconha quase sempre sem nenhuma objeção de Gene ou Paul, que eram tão antidrogas. Eles apenas fingiam que não viam. Vai entender...

Havia outras merdas acontecendo também. Neil começou a namorar Joyce Biawitz, e isso, óbvio, deu a entender que ela tinha um conflito de interesses. Joyce e Bill Aucoin eram nossos empresários e, embora empresários e executivos de gravadoras geralmente tenham relacionamentos cordiais, eles não deveriam estar transando uns com os outros. Eles transam, é claro. Acontece o tempo todo. Mas passa uma má impressão e deixa todo mundo desconfortável. Bill e Joyce deveriam estar atentos aos interesses mais importantes de seus clientes, sendo que o maior

deles era o KISS. E às vezes o que o KISS queria não era exatamente o que a Casablanca queria. É assim que funciona. Empresários de talentos e executivos de gravadoras devem discutir de vez em quando. E eles formam parceiros de cama estranhos, para dizer o mínimo. Joyce é uma garota fantástica e uma boa empresária, mas, quando começou a namorar Neil, todos ficaram em uma posição difícil. Por fim, Neil e Joyce se casaram e Bill se tornou o único empresário do KISS, que era a única solução prática. Senti falta dela por algum tempo, já que ela sempre tinha uma palavra gentil para interpor na hora certa e sempre me incentivou a fazer o meu melhor.

Pairando sobre tudo isso, havia a sensação incômoda de que talvez a Casablanca não fosse o lugar certo para nós. Principalmente por lealdade a Neil, recusamos ofertas de outras gravadoras que queriam comprar nosso contrato. Mas as apostas estavam aumentando. Todos nós precisávamos de uma guinada.

Dressed to Kill não era isso.

É um bom álbum, acho, embora não tão forte quanto os dois primeiros discos. Ter Neil no estúdio conosco foi meio viagem - tipo ter seu chefe olhando por cima do ombro enquanto você trabalha -, mas, logo no começo do processo, ficou claro que Neil opinava bastante sobre como deveria ser o som da banda e sobre quais tipos de música deveríamos gravar, só que ele não tinha conhecimento suficiente para dar vida a essas idéias. Paul e Neil sempre entravam em conflito. Por conta disso, muitas das decisões técnicas e criativas relacionadas ao Dressed to Kill foram tomadas pelos membros da banda (em conjunto com Dave Wittman, o engenheiro) e fomos creditados como coprodutores com Neil.

Duas coisas tornaram Dressed to Kill distinto. A primeira foi a capa do álbum, que mostrava os quatro na esquina da Oitava Avenida com a Rua 23, vestindo ternos e gravatas... e maquiagem completa. Fizemos algo semelhante para uma sessão de fotos da revista CREEM e gostamos tanto do conceito que incluímos no álbum. Aqui estamos nós, mundo: apenas caras comuns indo trabalhar!

A segunda foi uma música chamada “Rock and Roll All Nite”, escrita por Gene e Paul com a intenção específica de criar um hino do KISS - algo que os fãs esperariam a noite toda para ouvir quando fossem a um show ao vivo e depois ficariam berrando até que ela finalmente fosse tocada. Um hino é uma música marcante, aquela que todo mundo sabe cantar. Neil sentiu que o KISS precisava de algo assim e basicamente instruiu Gene e Paul a criar um. É uma abordagem de trás para frente na arte da composição, é claro. As músicas se tornam populares por milhares de razões, mas a mais óbvia é porque são boas. Você tenta escrever bem e se apresentar com honestidade, e então espera que seus fãs respondam. Há algo muito cínico com a ideia de criar algo planejado especificamente para provocar uma certa reação.

No entanto, era assim que Neil trabalhava e, nesse caso, ele estava absolutamente certo. Na primeira vez que ensaiamos “Rock and Roll All Nite” no estúdio, eu sabia que era uma boa música. Quando gravamos a faixa, tive a sensação de que seria algo especial. Para simular o efeito de milhares de espectadores cantando junto o refrão, convidamos nossos amigos para o estúdio. Foi louco - Neil e Joyce estavam lá,

grudados no microfone. Bill Aucoin, a esposa de Peter, Lydia, e outras pessoas da nossa equipe, todos gritando com os caras da banda:

"I WANNA ROCK AND ROLL ALL NIGHT! AND PARTY EVERY DAY!" ["QUERO ROCK AND ROLL A NOITE TODA! E FESTA TODOS OS DIAS!"]

Acho que todos sabíamos que tínhamos algo único nessa música e, de fato, ela se saiu muito bem como single. Mas só quando começamos a tocar "Rock and Roll All Nite" ao vivo (com um intenso solo de guitarra que foi acrescentado por via das dúvidas) ela se tornou o hino que esperávamos. Os fãs adoraram, e ela rapidamente se tornou uma das nossas músicas mais conhecidas e um excelente bis para apresentações ao vivo.

Infelizmente, muitas vezes não tivemos oportunidade de fazer um bis. À medida que nossa popularidade aumentava e a notícia de nossos shows ao vivo se espalhava, algo interessante começou a acontecer. Veja bem, ainda éramos quase exclusivamente uma banda que fazia abertura de shows nas duas primeiras turnês, mas, com o passar do tempo, começamos a perceber que uma porcentagem cada vez maior da multidão era de fãs do KISS. É complicado quando você cai na estrada para fazer shows de abertura. Você quer fazer um ótimo show; e também quer aumentar o público para a atração principal. Esses dois objetivos não são necessariamente complementares. Se você mandar mal, a multidão ficará de saco cheio e o expulsará do palco. Se você for bom demais, a atração principal ficará irritada e o demitirá da turnê, ou pelo menos se recusará a contratá-lo novamente. No começo, muitas pessoas simplesmente não sabiam o que fazer com o KISS, e nós as conquistamos de qualquer forma. Com o passar do tempo, descobrimos que, apesar de sermos a banda de abertura, o público cantava nossas músicas e às vezes ficava tão empolgado que queria um bis. Sempre fazíamos o bis - a não ser que a atração principal proibisse isso, o que aconteceu em mais de uma ocasião. É compreensível. Quero dizer, o KISS era uma banda extraordinária.

Dressed to Kill foi lançado em 19 de março de 1975; quando chegou às lojas, o KISS se tornou um fenômeno ao vivo. Não éramos mais apenas uma banda secundária ou um truque. Éramos uma banda que todo mundo queria ver, um circo itinerante que ganhava novos fãs a cada parada do caminho. Dois dias após o lançamento do disco, tocamos no teatro Beacon em Nova York. Este foi um dos pontos altos do meu tempo no KISS. Mais do que os outros caras, cresci na cena de clubes de Nova York. O Beacon era um marco histórico de Nova York, um antigo cinema que havia sido recentemente convertido em um salão para shows. Nos anos seguintes, seria um dos locais de música ao vivo mais populares da cidade. E o KISS estava na vanguarda.

Além disso, na primeira vez que tocamos lá, também fomos a atração principal. Que viagem, cara! Apenas algumas semanas antes, estávamos na Califórnia, abrindo o show de uma banda chamada Jo Jo Gunne. Quando chegamos a Nova York, os papéis haviam se invertido e Jo Jo Gunne estava fazendo o show de abertura para o KISS. Os ingressos para o show no Beacon esgotaram; na verdade, esgotaram tão rapidamente que um segundo show foi marcado. Mais de 6 mil ingressos foram

vendidos, um número incrível para uma banda que ainda não tinha um single nem um álbum de sucesso.

Eu me lembro de sentir uma incrível onda de orgulho e adrenalina quando subimos ao palco no Beacon, com a multidão do lado de fora entoando nosso nome. Era para alcançar isso que estávamos trabalhando tanto, e a satisfação era imensurável. Milhares de amigos meus estavam na plateia naquela noite. Jeanette estava lá. Meus pais também. Eu me lembro do olhar da minha mãe quando a vi depois do show. Era quase como se ela não pudesse imaginar que seu filho era a mesma pessoa a que ela estava assistindo. Era uma mistura de orgulho e descrença. A mesma coisa com o meu pai. Papai não falou muito, mas percebi que ele estava orgulhoso. Ou talvez apenas aliviado porque eu não havia me tornado a merda completa que ele imaginava que eu seria.

Não sou de me preocupar com o que os jornalistas têm a dizer sobre a minha música. Os críticos podem ser um bando de idiotas arrogantes que se dão muita importância. Descobri no início do KISS que eles não têm contato nenhum com o público em geral. Fizemos música para as massas; era entretenimento popular e éramos muito bons nisso. As coisas que os fãs adoravam no KISS - a simplicidade, a sonoridade, a energia e principalmente a teatralidade - eram coisas que fizeram tantos jornalistas nos odiarem. E, quanto mais presunçosa a publicação, maior a probabilidade de eles falarem merda dos nossos discos e das nossas performances.

Então imagine a nossa surpresa na manhã seguinte à nossa apresentação no teatro Beacon, quando uma crítica publicada no New York Times não era apenas justa, mas bastante lisonjeira.

“A plateia inteira ficou de pé sobre os assentos nos últimos 45 minutos, um evento, mesmo nesses dias de exagero emocional do rock... Pode ser um rock excessivamente simples e despretensioso, não tão cantado quanto gritado, mas o KISS transmite um senso de diversão e compromisso com a música.”

Sim, eu podería me acostumar com isso.

Os meses que se seguiram ao lançamento de Dressed to Kill foram, de certa forma, os mais estranhos do meu tempo no KISS. Não em termos de mau comportamento ou disputas dentro da banda ou algo assim, mas porque não estávamos fazendo progressos, comercialmente falando. Não fazia sentido. Aqui estávamos nós, tocando em locais maiores e atraindo um público maior. Os fãs estavam começando a aparecer com roupas e maquiagem do KISS. Eles cantavam junto durante o show. Nós vendemos umas 200 mil cópias de Dressed to Kill (novamente, sem o benefício de um single no Top 10). Nosso show ao vivo era tão popular que, de repente, éramos vistos como uma ameaça para muitas das bandas para as quais já havíamos feito shows de abertura.

Ao mesmo tempo, continuávamos ouvindo histórias de horror da administração sobre nossa terrível situação financeira. Depois de se separar da Warner Bros., a Casablanca estava com um grande problema. Neil estava financiando projetos do próprio bolso. O KISS estava vendendo um número decente de discos, mas aparentemente ainda não o suficiente para cobrir o custo das turnês. Fiquei me perguntando onde estava o dinheiro, até ouvir de Bill Aucoin que tudo era um

mistério, já que a Casablanca estava escondendo nossos relatórios de royalties. Bill começou a usar mais seus cartões de crédito para ajudar a manter a banda circulando.

Tentei ignorar a maior parte disso e manter o foco nas coisas que achava importantes: tocar e performar. Mas não pude deixar de me perguntar o que precisávamos fazer para tornar o KISS um sucesso financeiro. Como poderíamos aproveitar o entusiasmo (que estava rapidamente se tornando fanatismo) que víamos todas as noites do palco?

A resposta, em retrospecto, parece óbvia: fazer um álbum ao vivo. Mas você deve se lembrar que em 1975 os álbuns ao vivo não eram exatamente a galinha dos ovos de ouro. Várias bandas tentaram e falharam, então as gravadoras estavam compreensivelmente relutantes em apoiá-los. Os álbuns ao vivo geralmente eram reservados para supergrupos - bandas com uma base de fãs tão grande que dava para esperar vender pelo menos um número razoável de discos e, portanto, não perder dinheiro. A sabedoria predominante na indústria fonográfica da época era que os álbuns ao vivo eram basicamente uma perda de tempo e esforço, especialmente se a banda em questão ainda não tivesse acumulado um monte de singles de sucesso. Os álbuns ao vivo, na maioria das vezes, nada mais eram que pacotes de "grandes sucessos" reorganizados e servidos quentes a um público pronto. O KISS não tinha singles de sucesso nem discos de ouro.

Por que diabos alguém iria querer comprar um álbum ao vivo do KISS? Mais importante, por que alguma gravadora apoiaria a ideia?

Apesar disso, por alguma razão, pensamos que poderíamos reverter a tendência. Não lembro quem surgiu com a ideia e acho que ninguém jamais recebeu crédito por isso. Todos os envolvidos com o KISS entendiam que éramos principalmente uma banda ao vivo - um passeio emocionante de duas horas para frequentadores de shows. Nossos três primeiros discos eram sólidos, mas nenhum deles havia apreendido a experiência do KISS. Talvez a única forma de fazer isso fosse lançar um álbum ao vivo.

A ideia ficou pairando por meses. Uma noite, alguém veio com uma cópia de Uriah Heep Live, um conjunto de dois discos lançado em 1973, e que nos deu algumas idéias sobre conceito e embalagem. A ideia ficou em fogo brando por um tempo, até que Bill se envolveu e a levou para Neil. Durante muito tempo, não acreditei que a Casablanca daria sinal verde para o projeto, mas agora percebo que foi uma decisão nascida do desespero. Parte do argumento de Bill se concentrou no fato de que a produção de um álbum ao vivo seria mais barata do que um quarto álbum de estúdio; mesmo se ele fracassasse, haveria menos investimento para recuperar. Neil já estava se debatendo. Acho que ele apenas pensou: O que temos a perder?

Quando soube que a Casablanca havia optado por seguir em frente com o projeto ao vivo, fiquei intrigado e, quando me disseram que Eddie Kramer estaria no comando, me empolguei bastante. Não trabalhávamos com Eddie desde a época das demos e todos tínhamos muito respeito por ele. Mesmo com três álbuns em nosso currículo, eu sabia que ainda não havíamos gravado nada que tivesse um som tão

forte quanto a demo que montamos com Eddie. O cara era um maldito gênio. Se tinha alguém que poderia fazer justiça ao KISS - alguém que poderia produzir um álbum ao vivo de uma banda de hard rock teatral cansada de pegar estrada e transformá-lo em algo único - era Eddie. No fundo, eu sabia que ele era o homem certo para o trabalho.

Havia várias abordagens que você poderia adotar ao montar um disco ao vivo. O mais simples, e provavelmente o mais econômico, era montar equipamentos em um único show e tentar gravar as músicas e a experiência de uma noite na estrada. Eddie tinha idéias diferentes. Como é quase impossível ser perfeito em uma noite específica, ele decidiu gravar cinco shows diferentes e selecionar as melhores partes. Quando Alive! foi lançado, em setembro de 1975, quase ninguém sabia que essa tinha sido a nossa estratégia. A maioria das pessoas presumiu que o álbum era uma recriação exata de um único show do KISS, realizado em 16 de maio, no Cobo Hall, em Detroit. Não era o caso. A gravação e a remixagem do Alive! têm sido objeto de inúmeras especulações e fofocas ao longo dos anos, então tentarei esclarecer a gravação aqui.

> *O Kiss nunca foi conhecido como uma das maiores bandas musicais ao vivo. Éramos um show. Na verdade, foi isso que começou a me incomodar depois de um tempo, a noção inevitável de que com o Kiss a música era secundária.*

Eddie se juntou a nós na estrada e deixou claro desde o início que faria o que fosse necessário para gravar a experiência do KISS em vinil. E de jeito nenhum isso aconteceria em um único dia. Ele instalou equipamentos móveis em Detroit, assim como em Davenport, em Iowa;

Cleveland; e Wildwood, em Nova Jersey. Eddie estava totalmente imerso em todo o processo, e é provável que estivesse mais comprometido com isso do que nós. Na verdade, era meio estranho. Esquecíamos que ele estava lá ou que tipo de impacto sua presença poderia ter no show. Acho que nenhum de nós tinha noção de que um disco ao vivo seria o ponto de virada em nossas carreiras. Eu com certeza não. Antes desses shows, eu ficava no camarim, seguindo a rotina habitual - aplicando maquiagem, me aquecendo, bebendo algumas cervejas - quando Eddie entrava e nos dava uma palavra de ânimo, assim como instruções específicas.

“Lembrem-se, vamos gravar hoje à noite, rapazes. Talvez vocês possam me fazer o favor de tentar se movimentar um pouco menos. Não pulem tão alto.”

Eu só ria. KISS era KISS. Pedir para nos contermos no palco era como pedir a um cachorro que não latisse. Estava no nosso DNA.

Você tinha que ter um pouco de empatia por Eddie. Ele tinha um trabalho árduo em mãos. As coisas que mais importavam para ele como produtor - tocar os instrumentos de forma precisa, cantar com afinação perfeita - eram secundárias para nós. Não que não quiséssemos acertar as notas. Eu me orgulhava dos meus solos e sempre sentia um pouco de frustração ou tristeza depois de um show se eu tivesse feito alguma merda. Mas a realidade de tocar ao vivo em uma banda de rock teatral é que erros não são incomuns. Um show ao vivo é diferente de uma performance em estúdio. Quando a plateia está gritando e você está se movimentando pelo palco inteiro, suando e exausto, com o coração acelerado, acontecem coisas que seriam imperdoáveis num estúdio. O público raramente reconhece os erros - eles estão envolvidos demais com o show. Quando estávamos no palco e alguém cometia um erro, simplesmente deixávamos passar. Não havia outra opção. No fim, tudo que importava era que o público fosse para casa feliz.

Com um show do KISS, a missão era cumprida todas as noites. Era isso que queríamos projetar com o Alive! - a sensação de diversão, empolgação e energia que era uma grande parte da experiência do KISS. Eddie também queria isso, ele também queria fazer um ótimo disco. Para que isso acontecesse, explicou, alguns pequenos ajustes precisariam ser feitos.

“O que você quer dizer?”, perguntei a ele.

“Bem, pode ser mais fácil se você ouvir.”

Eddie começou a tocar algumas das faixas das fitas que ele havia gravado em nossos shows, e eu tenho que admitir: elas eram problemáticas. Ah, claro, elas eram estrondosas e animadas e, em geral, bem tocadas, o público estava envolvido, mas havia muitos erros, e não apenas da banda. Muita coisa pode dar errado quando você está gravando um show, tecnicamente falando. A mixagem pode estar desligada, o equipamento de gravação pode falhar, os instrumentos podem estar desafinados. Acertar na primeira tentativa, em um nível que agradaria as pessoas que pagavam dez dólares pelo álbum - principalmente fãs que já sabiam como o som das músicas deveria ser -, não é uma tarefa fácil.

“Não se preocupe”, Eddie nos garantiu. “Vamos consertar tudo no estúdio.”

Estúdio?

Foi o que fizemos: fomos para o Electric Lady e, durante quase três semanas, consertamos e fizemos pequenas alterações... e, às vezes, músicas com sons completamente sobrepostos. Ninguém saiu completamente ileso dessa tarefa. Havia momentos em que Eddie estava descontente com o canto de Paul ou de Gene. Embora ele, em geral, estivesse satisfeito com meus solos, não toquei todas as notas tão bem quanto deveria. Às vezes, Peter tocava a bateria fora de ritmo. À medida que as sessões de estúdio prosseguiam, nós ficamos cada vez mais flexíveis em termos do que considerávamos aceitável alterar. Todos concordávamos que Eddie tinha um ouvido competente e um ótimo senso de produção. Confiávamos que ele

poderia dar vida ao Alive! de um jeito que agradaria nossos fãs sem comprometer nossa integridade.

Eddie queria um disco que parecesse um álbum ao vivo, que lembrasse as pessoas de como era estar num show do KISS... sem precisar ceder às imperfeições de uma performance ao vivo. Isso significa que era uma farsa? Acho que não. O fim justifica os meios neste caso. De qualquer forma, Eddie não fez nada que os produtores de discos ao vivo, de uma forma ou de outra, não fizessem há anos. Ele apenas fez melhor. Eu me lembro da primeira vez que entrei no estúdio e vi esses longos circuitos montados, passando entre os suportes para microfone e gravadores, para adicionar aplausos gravados no processo de mixagem. Isso é feito o tempo todo em discos ao vivo, embora a maioria das pessoas não perceba. Você adiciona aplausos no fim de uma música ou no início de uma nova faixa, não apenas para aumentar a empolgação ou para dar ao disco a sensação de estar num show, mas também por uma questão de continuidade. Isso suaviza o som.

A mesma coisa com os vocais. Regravamos várias faixas não com a ideia de substituir músicas inteiras, mas para que Eddie pudesse pegar trechos e parecer que acertamos as harmonias no show. Hoje tudo isso parece bastante inofensivo, na era das estrelas pop pré-fabricadas, sem originalidade, com vozes de merda que só são escutáveis pela magia do Auto-Tune. Para ser bem sincero, eu nem pensava muito nisso naquela época. Estávamos apenas tentando tornar o disco um produto melhor. E vamos esclarecer uma coisa: não foi apenas uma ideia de Eddie, foi um esforço colaborativo. O KISS nunca foi conhecido como uma das maiores bandas musicais ao vivo. Éramos um show. Na verdade, foi isso que começou a me incomodar depois de um tempo - a noção inevitável de que com o KISS a música era secundária. Mesmo nesse ponto, a maioria das críticas focou menos em nossas músicas do que nos efeitos especiais e na maquiagem. Era assim e todos nós aceitávamos (eu menos que os outros, como depois ficou claro). Mas Eddie estava absolutamente certo. Não havia como escapar do fato de que as gravações originais dos shows precisavam de... aprimoramento. Suponho que, se tivéssemos sido uma banda com disco de platina antes da gravação do Alive!, poderíamos ter sido um pouco mais cautelosos ao alterar as faixas ao vivo. Nesse ponto, no entanto, estávamos todos desejando muito uma guinada.

Olhei para o álbum ao vivo como um jogo de dados. Qual era a pior coisa que poderia acontecer? As pessoas o ignorarem? Ou nossos fãs comprarem e termos outro disco modestamente bem-sucedido? A única coisa que eu não conseguia imaginar era que Alive! se tornaria um dos álbuns ao vivo mais vendidos da história, ou que mudaria completamente minha vida. Mas foi o que aconteceu.

Alive! foi lançado em 10 de setembro de 1975. Nosso quarto álbum em dezoito meses. Nossa, isso é incrível. Eu me lembro de me sentir sobrecarregado e cansado, mas quando olho para trás agora, o ritmo parece quase suicida. Quatro álbuns, incluindo um álbum ao vivo duplo - em um ano e meio. É uma quantidade absurda de música do KISS circulando num período muito curto de tempo. Ninguém faria isso hoje. Ninguém nem consideraria isso. Até os fãs mais dedicados das melhores bandas teriam uma overdose.

Não era o caso dos fãs do KISS. Eles devoraram Alive! em números que não poderíamos imaginar. Ele conquistou o disco de ouro, depois o disco de platina (um milhão de cópias vendidas)... platina dupla. “Rock and Roll All Nite” (com um novo solo de guitarra) se tornou nosso primeiro single do Top 20. O álbum chegou rapidamente às paradas da Billboard e ficou lá por dois anos.

Dois anos, porra!

Na última vez que verifiquei, Alive! havia vendido mais de 4 milhões de cópias ao redor do mundo; continua vendendo bem até hoje. O impacto do álbum foi evidente não só para nós, mas para toda a indústria da música. Um ano depois, Peter Frampton se tornou uma superestrela com o disco duplo ao vivo Frampton Comes Alive!. E com o lançamento do álbum ao vivo At Budokan, a Cheap Trick se tornou uma das bandas mais vendidas do mundo.

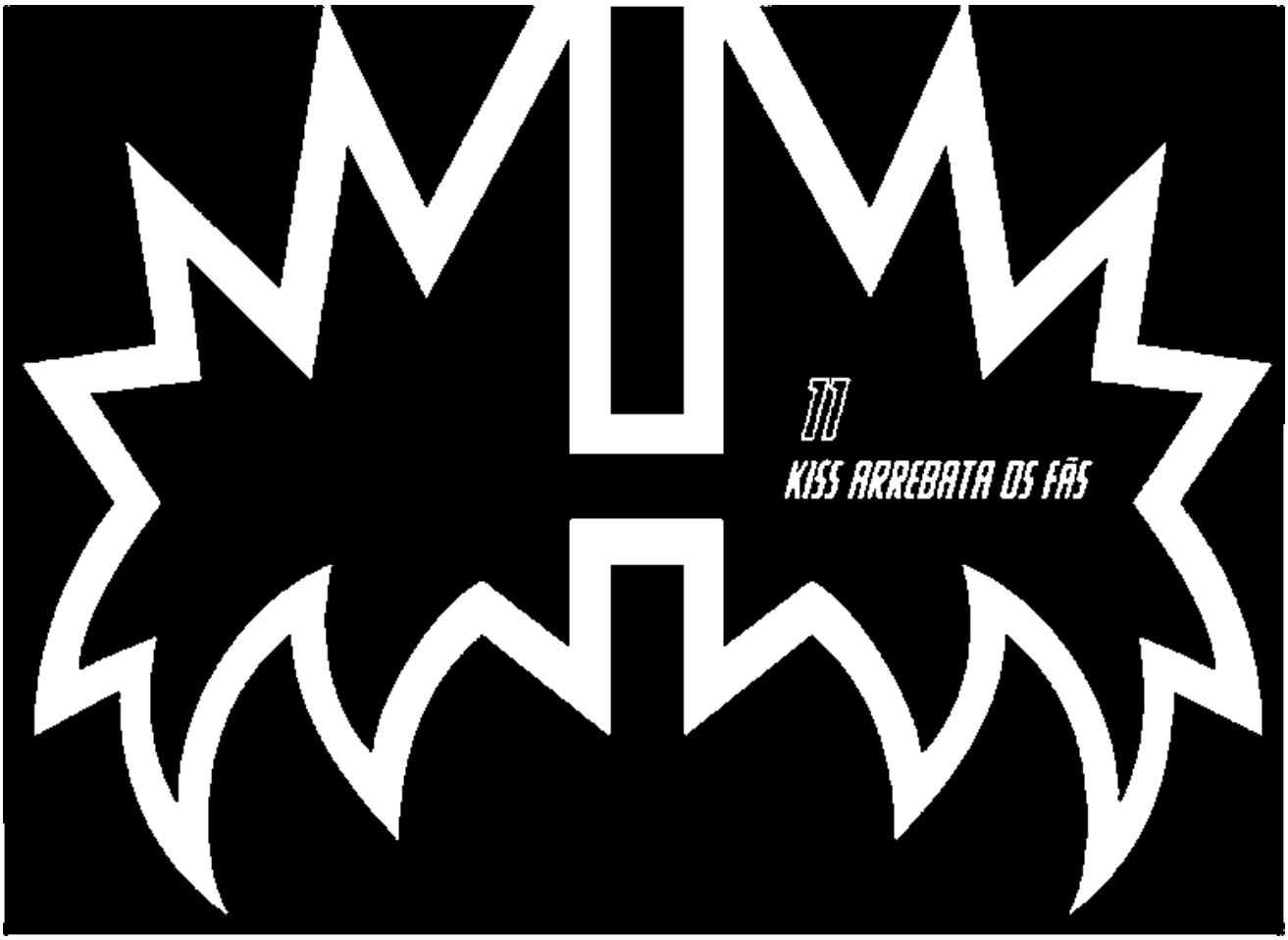
Eu gostaria de pensar que tivemos algo a ver com o sucesso deles.

Ninguém questionou se o álbum era realmente ao vivo ou se tínhamos um som tão bom pessoalmente. As pessoas simplesmente consumiam. Depois de quase uma década (e do meu hiato prolongado da banda), Eddie começou a falar sobre a produção de Alive! e a quantidade de trabalho de estúdio envolvido nele. Alguns fãs ficaram com raiva; muitos não se importaram. Se alguém me perguntar hoje se Alive! é um “álbum ao vivo”, em geral, responderei com uma pergunta e um dar de ombros:

“Isso realmente importa?”

É um álbum incrível, fiel ao espírito do KISS em todos os aspectos. Nada me dá mais orgulho do que ouvir um jovem guitarrista dizer que aprendeu a tocar ouvindo Alive! ou um guitarrista veterano (como meus amigos Mike McCready, do Pearl Jam, e Slash, do Velvet Revolver e Guns N’ Roses) me contar como se inspirou nos solos do Alive!. De muitas formas, isso é mais gratificante do que todos os discos de ouro do mundo. Alive! é um álbum icônico, que reflete da forma mais clara possível como era estar num show do KISS em 1975.

Não é isso que conta?


11
KISS ARREBATA OS FÃS

KISS arrebata os fãs

Será que é possível marcar uma data no calendário - um dia ou uma hora específica - em que você percebe que tudo mudou? Não sei. No ano seguinte ao lançamento do Alive!, minha vida foi virada do avesso, a ponto de eu mal reconhecer a mim mesmo ou a vida que estava vivendo. Aconteceu gradualmente, e de repente. Não sei explicar isso de outra forma. Você acorda uma manhã e descobre que trocou um quarto na casa dos seus pais por um apartamento em Manhattan ou uma mansão na floresta de Connecticut. Você não pega mais táxi nem depende da carona da sua namorada. Em vez disso, você dirige um Porsche (e outros três carros estão na garagem). Chega de Ramadas ou Holiday Inns. Só há hotéis cinco estrelas pelo caminho. Chega de Denny's (não há nada de errado com o Denny's, aliás), chega de IHOP.

Mas a maior mudança para mim - o lembrete mais evidente de que o KISS não era mais apenas quatro caras de Nova York com grandes sonhos e idéias estranhas sobre como fazê-los se tornar realidade - era quando saíamos para tocar à noite. Não só éramos a atração principal em quase todos os shows, mas estávamos tocando em algumas das maiores arenas dos Estados Unidos, e logo estaríamos em turnê na Europa e na Ásia. Com frequência os ingressos esgotavam. Dinheiro é bom, claro, especialmente quando você nunca teve muito antes. Dinheiro compra liberdade, se não necessariamente felicidade, e é um termômetro do sucesso. Mas, quando você é um músico sério, não há nada como tocar numa arena lotada, diante de 20 mil fãs gritando. Essa era minha fantasia quando criança, e de repente não era mais uma fantasia.

Na segunda metade da década de 1970, o KISS era o que havia de mais quente no rock'n'roll. Lembro-me de tocar três noites no Madison Square Garden, com minha família na plateia, e pensar: Como diabos isso aconteceu? Aqui estou, a ovelha negra da família e, com vinte e tantos anos, sou o garoto de ouro. Não posso estragar isso. Aquecia meu coração, de verdade, ver a reação dos meus pais e sogros e outros membros da família quando eles compareciam a um show do KISS em Nova York. Eu telefonava para eles e lhes dava o tratamento completo: passeio de limusine, passes VIP para os bastidores, meet and greet com celebridades. O pacote completo. E era maravilhoso poder fazer isso por eles. No entanto, para ser sincero, não sei o quanto todos realmente entendiam toda a cena do rock. A única coisa que eles sabiam era que eu era famoso e havia muito dinheiro sendo ganho, o que devia significar que eu era bem-sucedido. Todo mundo parecia orgulhoso disso, mas provavelmente isso os confundia um pouco. Quero dizer, merda... isso me deixava confuso também.

Como você se prepara para algo assim? Você não se prepara. Você não consegue. Dezoito meses antes, eu estava feliz, embolsando US$ 70 por semana de Bill Aucoin. E fazendo isso durar! Agora estávamos quebrando recordes de público em todos os lugares aonde íamos. Passamos de show de horrores para um nome de peso aparentemente do dia para a noite. O mundo desabou. Para todo lugar aonde íamos,

havia o fanatismo pelo KISS. Criamos uma base de fãs antes do Alive!, mas agora tudo tinha sido multiplicado por dez.

Em Cadillac, Michigan, a cidade inteira celebrou seu caso de amor com a banda, sediando o que equivalia a um festival do KISS de uma semana. Bill Aucoin achou que seria uma grande publicidade tocar na cidade, então voamos para Cadillac em 9 de outubro de 1975 e participamos do desfile de boas-vindas da Cadillac High School. Até fizemos um show ao vivo (uma versão mais dócil e familiar de nossa apresentação habitual) e o transformamos num grande evento de mídia. Eu me diverti muito fazendo isso porque era meio irônico e irreverente. Maquiamos o prefeito e algumas outras autoridades locais. Todo mundo entrou no espírito da coisa. Achei um evento fantástico, porque significava pensar fora da caixa; desviava-se da norma, algo de que sempre gostei. Gosto do inesperado. Não gosto de saber o que farei daqui a um ano ou daqui a cinco anos. Gosto de espontaneidade, é isso que mantém meus combustíveis da criatividade fluindo. Dito isso, não posso deixar de enfatizar que me envolvi muito pouco na promoção, marketing e merchandising da marca KISS. Eu estava apenas a passeio.

Muitas vezes era divertido, é claro. É divertido até... bem, até não ser mais divertido. Eu me senti invencível por um longo tempo - acho que todos nos sentimos. Havia um ritmo para cada show, e isso começava no camarim, enquanto estávamos fazendo a maquiagem. Como quatro garotas num salão de beleza, nos sentávamos em frente aos espelhos, passávamos a maquiagem e fazíamos fofocas, nunca olhando uns para os outros, mas continuando uma discussão a quatro interminável. O camarim era algo completamente fora do alcance para qualquer pessoa, exceto pessoas do nosso círculo mais próximo. Nem a entrada de esposas ou namoradas era permitida. Apenas membros da banda, nosso gerente de turnê e as garotas do figurino que nos ajudavam com nossos trajes. Mais tarde, contratamos um cabeleireiro para aplicar perucas aos membros da banda que precisavam de uma ajudinha. Sentávamos em nossas cadeiras, com trajes completos, enquanto nos transformávamos em nossos vários personagens e conversávamos sobre o que havia acontecido durante o dia (ou na noite anterior) ou sobre as pequenas mudanças que planejávamos para o show. Se alguém tivesse pisado na bola na noite anterior ou na passagem de som, ali era o lugar onde conversávamos sobre isso. Às vezes a conversa era direta:

“Preste atenção no ritmo!” “Vê se não fode de novo!” “Ace, não esqueça da porra do solo!”

No entanto, o clima costumava ser leve na maior parte do tempo. Gene frequentemente nos mostrava fotos de Polaroid das garotas com quem ele estivera na noite anterior e isso despertava reações contraditórias em todos nós. Às vezes, a ponto de rirmos de um jeito histérico.

Nós nos divertíamos, conversávamos sobre fazer um ótimo show e fazíamos piada sobre o quanto nos divertiríamos depois. Mesmo assim, para mim, a festa já havia começado. Eu começava a beber antes do show e continuava bebendo enquanto tocávamos. Depois, geralmente entrávamos numa limusine e voltávamos para o hotel, onde tomávamos banho, trocávamos de roupa e conhecíamos melhor os

membros mais atraentes do crescente KISS Army. Se precisássemos estar em algum lugar logo após o show, usávamos os vestiários da arena. Geralmente era o que acontecia. De vez em quando, havia uma festa no local, o que nos permitia satisfazer os desejos de fãs que estavam mais interessadas em fazer sexo com os personagens do KISS do que em fazer sexo com os homens por trás da maquiagem.

"Por favooooooooor, quero transar com o Spaceman!"

Às vezes eu fazia o favor. Cada um faz as coisas do seu jeito, certo?

Porém, era mais frequente irmos para o hotel e nos retirarmos na privacidade de uma suíte aconchegante, onde várias beldades estariam esperando. Costumávamos chamar isso de "Galinheiro", por razões óbvias.

Para qualquer pessoa normal vivendo uma vida comum, isso provavelmente parece bizarro. Mas era normal para nós. O comportamento hedonista e aberrante se torna um modo de vida quando você está no topo da pirâmide do rock'n'roll. Quem quer transar cinco vezes por dia, com cinco mulheres diferentes? Basta abrir a porta. Normalmente essa não era minha praia, mas Gene adorava cada minuto. Torna-se um jogo, uma forma de passar o tempo (ou, no caso de Gene, talvez um vício?). Você aproveita isso por vários motivos, sendo o mais óbvio o tédio e a disponibilidade. A mesma coisa acontece com as drogas. Tenho uma personalidade que tende ao vício. Sou alcoólatra. Não quero minimizar os danos que a bebida pode causar, mas por muito tempo eu me resumia a isto: um bebedor.

Quando começou a chover dinheiro, tudo isso mudou.

Houve um tempo em que a cocaína me assustava por completo. Não da forma como me assusta agora, que é basicamente como qualquer droga, incluindo o álcool, me assusta - um medo bom e saudável do tipo "se eu começar a usar isso de novo, vou morrer". Estou falando de um medo do nível visceral, do tipo que você tem quando é criança, um medo do desconhecido. Embora eu tenha começado a beber com pouca idade, experimentado cheirar cola e me tornado um usuário casual de maconha, durante todo o tempo em que estava no ensino médio, havia algo em relação à cocaína ou a qualquer droga pesada que me assustava. Quando era criança, achava que a cocaína e a heroína estavam no mesmo nível e eram capazes de provocar mais ou menos o mesmo grau de devastação. Eu não queria usar drogas pesadas, e naqueles dias a cocaína se enquadrava nessa categoria. Não era uma droga chique; não era legal ou descolada. A meu ver, a cocaína não era diferente de heroína, que era a droga perigosa... a droga dos perdedores.

Nunca usei heroína. Na verdade, além de uma ou duas vezes em que suspeito que alguém tenha misturado minha cocaína com ela, nunca experimentei heroína. Mas cocaína?

Ah, sim. Grande evento.

Nosso álbum seguinte, Destroyer, representou uma nova etapa para o KISS, e não apenas por causa da cocaína e do Courvoisier no console de mixagem. O produtor de Destroyer era Bob Ezrin, um mago do estúdio mais conhecido por seu trabalho com Alice Cooper, e um cara tão reconhecido como um gênio da produção que todo mundo estava disposto a fazer vista grossa quando ficou claro que ele tinha seus próprios vícios.

Essa era uma das coisas que mais me incomodavam em relação a Paul e Gene - eles eram muito seletivos em sua indignação moral. Bob era um produtor brilhante, então eles deram a ele um passe livre, assim como fizeram com Neil Bogart durante a produção de Dressed to Kill. Acho que a palavra hipócrita cairia bem nesse momento.

Eu me lembro da primeira vez que experimentei cocaína. Foi durante a gravação do álbum Destroyer, em dezembro de 1975. Observar Bob e outros compartilhadores do pó cristalino brilhante durante o processo de gravação e mixagem me intrigou e despertou minha curiosidade. Achei que, se um gênio como Bob fazia isso e era muito bem-sucedido no que fazia, talvez fosse o elo que faltava na minha vida. Perguntei a Peter se ele poderia me dar um pouco, já que eu sabia que ele tinha uma ligação com a coisa. Ele conseguiu um pouco de cocaína para mim e, a partir desse dia, minha vida mudou.

A primeira vez que cheirei algumas carreiras, senti como se tivesse descoberto algo quase tão bom quanto sexo. Meu corpo inteiro ganhou vida. A droga era um êxtase fantástico por si só e, no começo, me dava foco e clareza, mas sabe do que eu mais gostei na cocaína?

Ela fez de mim um bebedor melhor.

Eu já era um bebedor malditamente extraordinário, mas a cocaína me colocou num patamar diferente. Ela me permitiu beber por mais tempo e de forma mais pesada sem ficar inconsciente. Se eu quisesse, conseguia festejar até altas horas da madrugada, até a manhã e a tarde seguintes, talvez até a noite seguinte. Se eu desse minha cheirada, conseguia continuar ligado - como o coelhinho da Duracell. Por horas e horas de depravação. O que eu descobri - o que qualquer conhecedor de cocaína descobre - é a incrível capacidade do corpo humano para suportar abusos. A cocaína é um estimulante, o álcool, um depressor. Usados com perspicácia (note que eu não disse “com inteligência”), os dois produtos químicos se equilibram. É quase como uma speedball, com o álcool (ou, no caso de uma speedball de verdade, a heroína) deprimindo o sistema nervoso central e a cocaína sacudindo-o de volta à vida. Mas, claro, nunca experimentei uma speedball, nunca teria considerado isso. Misturar heroína e cocaína? De jeito nenhum. Perigoso demais. Pessoas que eu conhecia haviam morrido por causa dessa mistura. Você precisava estar fora de si para fazer isso. Mas cocaína e álcool? Ah, sim. A noite toda, baby.

Depois que comecei a usar cocaína, nada conseguia me fazer parar. Foi uma linha clara de demarcação, e começou com Destroyer. Por um tempo, isso não teve um impacto negativo enquanto eu tocava. Na verdade, a cocaína pode torná-lo mais afiado. Para mim, em doses menores, era como um café rápido. Experimentei metanfetamina algumas vezes e não gostei - me deixava muito nervoso. Mas a coca funcionava lindamente, em especial combinada com o álcool. Eu ficava confortavelmente entorpecido, como dizem.

A cocaína também andava de mãos dadas com o sexo, outra característica fantástica do produto. Dava para transar mais com cocaína. Dava para transar melhor com cocaína. Ao menos no começo, eu achava que era uma droga maravilhosa, o aprimoramento perfeito para a vida de estrela do rock.

Porém, como acontece com qualquer droga, você pode criar uma tolerância à cocaína e, depois de um tempo, ela não funciona tão bem. Você cheira mais carreiras para conseguir o efeito desejado. Fica sempre indo atrás da memória do efeito da primeira carreira, mas parece que nunca mais consegue aquilo. Então você precisa de mais álcool para desacelerar. Logo os pontos altos não são tão altos e os pontos baixos são esmagadoramente dolorosos. Existe um ciclo para isso. Você acaba tomando calmantes ou remédios para dormir para conseguir pegar no sono. Sempre chamei de tríade. Se você vai beber álcool e consumir cocaína em grandes quantidades, tem que ter sedativos à disposição, porque o álcool não é suficiente. Se você vai ficar acordado por dois ou três dias usando cocaína (o que fiz várias vezes), você precisa de tranquilizantes ou remédios para dormir. Depois de um tempo, você começa a tomar analgésicos para aliviar uma dor terrível na manhã seguinte - ressacas do tipo que você nem imagina. É uma coisa louca. Minhas ressacas eram terríveis, como a pior enxaqueca do mundo. Eu acordava e vomitava tanto que via estrelas. Fiquei tomando champanhe por um tempo, e isso me dava ressacas horríveis. Uma ressaca de champanhe e cocaína é inacreditável. Qualquer ressaca de álcool e drogas é pior do que uma ressaca só de álcool. Todo o seu corpo dói, porque a cocaína intensifica a dor de cabeça e faz você se sentir mais irritado quando ela desaparece. Seus nervos ficam esgotados.

Então, o que você faz? Para de beber? Fica longe das carreiras?

Óbvio que não. Você começa a tomar analgésicos e tranquilizantes. Todas as manhãs começam com Percocet e todas as noites terminam com Valium. Então a noite se transforma em dia, e logo você está pegando um punhado dos dois e, lentamente, começa a perder as habilidades que tinha e também sua mente. Um dia você acorda e percebe que cruzou uma linha e diz para si mesmo: “Cara, estou detonado.

E além de estar detonado, nem me conheço mais”.

Isso é bem assustador.

Isso acontece mais rápido para algumas pessoas do que para outras. A doença progride de forma diferente em cada pessoa. Para algumas, leva apenas um ou dois anos até elas se tornarem viciadas de verdade. Para outras, leva muito mais tempo. Eu estava levando uma vida totalmente dissociada da realidade. Passei de uma vida com pouco dinheiro ou poucas posses para uma vida de riqueza e fama surpreendentes. E eu não tinha a menor noção de como lidar com isso.

Como eu disse, tive algumas experiências ruins com drogas no ensino médio, então, por muito tempo, fiquei satisfeito em continuar com o que funcionava para mim, que era principalmente a bebida. A cocaína era extremamente cara em 1975. Não estamos falando de cocaína barata; não estamos falando de crack. Você não usava cocaína a não ser que tivesse recursos necessários para fazer isso direito.

Depois de Alive/, eu tinha os recursos e logo também tinha os contatos, o que me fez descer pela toca do coelho em pouco tempo. Por exemplo, um dos meus traficantes de cocaína era um cara chamado Geoff, que supostamente fora membro de um exército mercenário na América do Sul. Não sei se isso é verdade, mas o cara com certeza tinha uma aura intensa e perigosa. Ele também tinha um dos melhores

pós da cidade. Conheci Geoff através de Peter e, em pouco tempo, ele se tornou minha principal fonte de cocaína. Seja lá o que o cara tinha sido, ele não era desleixado na área das drogas. Seu material era puro e poderoso, e não era barato. Por isso, Geoff tinha uma clientela de elite, com muitas celebridades, além de vários tipos de médicos, advogados e caras de Wall Street. Eu me lembro de parar na casa dele na Rua Oito um dia e passar por um dos Stones na saída. Não que fosse grande coisa eles usarem pó. No fim dos anos 1970, era difícil encontrar alguém com dinheiro ou fama que não usasse cocaína. As pessoas cheiravam como bebem cerveja hoje em dia. Parecia quase normal.

Eu costumava ouvir histórias sobre Geoff e como sua clientela estava se expandindo além do ponto em que ele conseguia acomodar todos de forma razoável ou segura. Ele estava vendendo material puro, dizia a lenda, e receber pó puro da América do Sul contava muitos pontos. O boca a boca se espalhou e o trânsito dentro e fora do prédio de Geoff ficou desconfortavelmente agitado. Era a coisa mais estranha. Era evidente que ele estava administrando um negócio, mas não tratava a questão dessa forma, provavelmente porque ele próprio estava ocupado demais se fodendo. Às vezes ele entregava, e outras vezes eu tinha que ligar para ele, marcar uma hora e ir até sua casa no East Village. Na maioria das vezes, eu trocava dinheiro por carreiras e, em vez de sair logo de lá, eu ia dar uma volta e cheirar umas carreiras com Geoff e com quem mais estivesse por perto. Ele não era exatamente um amigo meu. Como muitas pessoas que eu conhecia naquela época, ele era só um cara com quem eu usava drogas.

Um dia, perdi um compromisso para dar uma cheirada. Esqueço o porquê ou o que aconteceu. Na verdade, não importa. O ponto principal da história é que, no dia em que eu deveria encontrar Geoff, ele e sua namorada foram mortos. Com tiros na cabeça - parecendo uma execução, disseram os policiais - no próprio apartamento. Eu me lembro de ver a história no noticiário e sentir uma mistura de tristeza e alívio. Não deveria ser uma surpresa Geoff ter sido morto. Se a história dele estivesse certa, é fácil imaginar um cenário em que ele havia descontentado seus distribuidores na América do Sul ou talvez ocupado um território controlado pela máfia de Nova York. Ele estava brincando com fogo. E, sendo um de seus melhores clientes e um de seus companheiros de festa, eu também. Se algo não tivesse acontecido, eu poderia ter estado lá no dia em que Geoff foi morto.

Acho que um anjo da guarda estava cuidando de mim naquele dia. Não foi a primeira vez e não seria a última.

Quando decidimos fazer Destroyer, Bob Ezrin foi trazido especificamente porque ele entendia os desafios de pegar um grande show teatral ao vivo e traduzir seu som para o estúdio. Até agora, o KISS não havia feito isso. Éramos uma banda ao vivo popular que alcançou um ponto de inflexão com a força de um álbum ao vivo. O próximo passo lógico era aproveitar essa nova popularidade gravando um ótimo álbum de estúdio, o que significava fazer algumas mudanças na forma como as coisas tinham sido feitas.

Na época em que ficamos com Bob, ele estava entre os produtores mais quentes do mercado, tendo trabalhado com o Dr. John, Alice Cooper e Lou Reed.

Considerando estritamente sua reputação e currículo, eu estava ansioso para trabalhar com Bob e, embora eu ache que Destroyer é um disco interessante e até inovador do KISS, o processo de gravação não é algo de que me lembro com muito carinho. Parte disso se deve ao fato de que às vezes eu era intimidado por Bob, em especial quando não conseguia ter uma ideia de solo de guitarra rápido o suficiente para atender às suas necessidades.

Você precisa entender de onde Bob vinha. Ouvi dizer que, quando ele trabalhou com a banda de Alice Cooper, contratou um guitarrista para fazer muitos solos, e tive a sensação de que havia a possibilidade de ele seguir o mesmo plano com o KISS se eu não produzisse rápido o suficiente. Havia muita pressão - e, tendo a ressaca como uma distração frequente, às vezes eu não conseguia fazer progresso.

Mas parte disso também se deve ao fato de Bob não ter sido muito paciente comigo. Eu tinha a sensação de que Paul e Gene poderíam ter contado sobre o meu problema com a bebida para Bob, e ele pode ter me colocado na mesma categoria que os caras da banda de Alice. A diferença é que eu tinha habilidade para tocar; ela só precisava ser refinada.

Bob era um cara interessante, com uma genialidade para música e produção, mas às vezes tinha o comportamento exigente e volátil de um treinador de futebol ou um instrutor de recrutas. Acho que dava para dizer que ele era do tipo artístico, o que nem sempre combinava bem com a minha personalidade descontraída.

Bob costumava levar um apito para o estúdio e, enquanto cortava faixas básicas, intimidava Peter colocando uma caixinha no microfone e batendo nela com uma baqueta, como se Peter não pudesse manter o ritmo adequado! Eu me sentia mal por Peter durante essas sessões. Às vezes era uma experiência muito desmoralizante para todos nós, e não importa o que qualquer um de nós dissesse, a palavra de Bob era a lei.

No início, na pré-produção, ficávamos em uma salinha, bem parecida com uma sala de aula, e Bob ficava na nossa frente em um quadro-negro, palestrando sobre o processo de gravação. Era como se ele estivesse dando aula - ele era o professor e nós, seus alunos. O engraçado é que Bob não era muito mais velho do que nenhum de nós. Ele tinha só vinte e poucos anos quando gravamos Destroyer, então não era como se ele fosse o adulto e nós, as crianças. Mas parecia que era assim. Bob se portou com um ar de maturidade e importância. Ele acreditava em si mesmo, o que provavelmente é metade da batalha ganha quando você quer ser um produtor musical. E nós queríamos acreditar nele.

Mas aprendi algo mais tarde, ao longo da minha carreira, sobre os deveres de um bom produtor. Seu trabalho não é apenas ajudar uma banda a fazer um ótimo disco, mas também tirar o melhor de seus músicos, criando um ambiente encorajador e confortável no estúdio, para que todos se sintam bem consigo mesmos. Essa era uma qualidade que Bob infelizmente não tinha.

Só para lembrar, ainda nos debatíamos com o fato de as pessoas nos chamarem de show de carnaval. De qualquer forma, eu me debatia com isso e tenho certeza de que os outros caras também, mesmo que não queiram admitir. Eu me incomodava em ler resenhas em que os efeitos especiais recebiam mais atenção do que a música que

tocávamos. É óbvio que não tenho o direito de reclamar disso. Nós nos propusemos a criar a maior banda teatral da história do rock, e foi o que fizemos. Inventei um personagem. Usava maquiagem. Descobri como disparar rojões da minha guitarra e ter fumaça saindo dos captadores. Eu comprava tudo e colhia os benefícios. Mas sempre havia um pouco de dissonância, uma sensação incômoda de que eu havia me vendido num nível que nunca tinha imaginado. E isso me atormentava de verdade. Eu queria ser respeitado pelos meus colegas e queria ser levado mais a sério como músico.

Um passo nesse processo era criar um álbum de estúdio que nem os nossos críticos mais severos pudessem rejeitar. Destroyer deveria ser esse álbum, e quase conseguiu. Porém, no meu íntimo, eu sabia que não tinha chegado perto de fazer o meu melhor trabalho. Eu ainda tinha muitas idéias musicais a serem descobertas e, com o produtor certo, talvez elas fossem trazidas à tona.

Bob Ezrin era brilhante, sem dúvida, mas seu estilo não se adequava à minha personalidade. Nunca fui bom em criar sob pressão. Portanto, quando Bob me dizia para fazer algo de uma forma específica e me dava pouco tempo para fazê-lo, nem sempre eu conseguia entregar. Você precisa entender - sempre me esforço para ter espontaneidade. Até hoje, meus melhores solos não são planejados. Aperto o botão de gravação e solto o som. Se eu estiver em um bom estado de espírito e houver boas vibrações na sala, consigo fazer um trabalho incrível com a guitarra. Por outro lado, se houver tensão, ou se eu não estiver criando as coisas tão rapidamente quanto as pessoas gostariam, eu desligo. Isso aconteceu comigo em algumas músicas durante a gravação de Destroyer, e é uma das razões pelas quais eu não estava presente em algumas das sessões. Eu tinha a sensação de que não estava contribuindo o suficiente e Bob estava sempre ameaçando levar um cara contratado. Às vezes eu tinha essa sensação, às vezes, não. E quando eu estava de ressaca ou estressado, eu não tinha.

Há muito tempo existem insinuações de que guitarristas foram contratados para ajudar no Destroyer, me substituindo nos dias em que eu não estava lá. Bem, a verdade é que isso aconteceu algumas vezes. Não posso negar. A maior parte do trabalho de guitarra no Destroyer é meu, mas não todo. Eu estava tocando muito nos clubes noturnos naqueles dias, vivendo a vida de uma estrela do rock. Às vezes, esse estilo de vida não favorecia a gravação de um disco. Eu estava começando a ficar fora de controle, mas provavelmente teria sido muito mais consciente, aparecido mais e chegado no horário, se tivesse recebido mais incentivo de Gene, Paul e Bob. Mas não era o meu disco. Na verdade, de todos os discos do KISS até aquele momento, Destroyer era o que menos era meu. Pertencia mais a Paul e Gene, e a Bob.

Interessante, na verdade, já que a música mais conhecida do Destroyer era de Peter Criss.

“Beth” era uma música tão estranha para o KISS na época, e as circunstâncias por trás de sua composição e gravação - e consequente ascensão nas paradas de singles - só aumentam sua lenda. Tudo era completamente improvável.

Como eu, Peter sempre hesitou um pouco em apresentar material para a banda, principalmente porque ele achava que seria recusado de qualquer forma. No caso de "Beth", sua relutância era compreensível. Primeiro, era uma balada, e o KISS não fazia baladas. Segundo, era uma canção de amor agridoce, cheia de ternura e arrependimento. O KISS também não trabalhava com carinho. O KISS tinha sexo. O KISS tinha intensidade sonora. Na superfície, pelo menos, tudo na música parecia... errado.

Mas Peter tinha coragem. Ele escreveu a música em coautoria com outro colega de banda havia alguns anos, antes do KISS. O nome original da música era "Beck", apelido para Rebecca (esposa de outro colega de banda). Na primeira vez que Peter tocou a música para os rapazes do KISS, a reação foi mista. Paul não gostou. Eu fui ambivalente, mas Peter e eu éramos amigos tão íntimos que geralmente me sentia compelido a apoiar suas sugestões. Gene achou que era interessante - o suficiente para ajudar a cumprir a missão de Destroyer, que era mover a banda em uma direção um pouco diferente. Bob Ezrin concordou, mas só se ele pudesse colocar sua marca na música (assim como ele colocaria sua marca em todo o álbum). Bob não era o tipo de produtor que acreditava em deixar os músicos pelo estúdio criando. Ele participava ativamente de todas as fases da produção. No caso da balada de Peter, isso significou reescrever e retrabalhar.

Você pode pensar o que for de Bob, mas ele merece um crédito significativo por "Beth". Foi ideia dele mudar o título (para algo que parecesse menos andrógino); também foi ideia dele suavizar o som da música com orquestração - cordas e piano. Bob era um músico com formação clássica e foi abençoado com um ouvido único. Essas duas coisas impressionaram muito a todos na banda, já que nem sabíamos ler partituras. Éramos todos autodidatas e, portanto, estávamos no mesmo barco instável. Até certo ponto, Bob nos intimidou no estúdio; nos sentimos inferiores a ele. Quando você está com um cara assim, especialmente se ele é um pouco arrogante, você tende a pensar que ele sabe o que está fazendo. E, embora tivéssemos dúvidas em relação ao futuro, é difícil criticar muito do que Bob fez com o Destroyer. "Beth" era uma música boa que ele transformou em algo extraordinário.

A história por trás do sucesso da gravação faz parte da tradição do KISS, pois foi originalmente colocada no lado B do primeiro single, "Detroit Rock City". Porém, como às vezes acontece, algumas estações de rádio começaram a tocar o outro lado do disco, e as pessoas começaram a ligar, falando o quanto gostaram e que não conseguiam acreditar que "Beth" era uma música do KISS. Depois o single foi reeditado, com "Beth" no lado A, e se tornou nosso maior hit. A música cresceu em mim ao longo dos anos. Óbvio que não é algo que representa o som do KISS, mas essa é uma das razões pelas quais eu gosto dela. "Beth" era uma música crossover, e o objetivo de uma música desse tipo (além da ambição artística) é expandir seu público - levar as pessoas para as lojas de discos, sendo que, de outra forma, elas nunca considerariam comprar um álbum do KISS. Era uma ponte - da mesma forma que "I Was Made for Loving You" tornaria o KISS acessível aos fãs de música disco alguns anos depois. A diferença, é claro, é que os anos têm sido bons para "Beth". A música se mantém muito bem.

“I Was Made for Loving You”?

Não tanto, na minha humilde opinião.

Sim, ela se tornou um single de sucesso e pude apreciar o refinamento por trás dela, mas nunca gostei dessa música e, para ser sincero, odiava tocá-la ao vivo - martelar aquele acorde chocho por cinco minutos seguidos não era apenas monótono, mas muitas vezes me dava cãibra no pulso. “Beth” era diferente. Eu não via isso como um compromisso. Eu a via como uma música boa que merecia ser um sucesso. Eu estava feliz por Peter. E ela também era boa para o show ao vivo - dava alguma variedade e mudava o ritmo. Em vez de apenas músicas metralhadas uma após a outra, “Beth” dava uma pausa agradável para o público e para os membros da banda. Da mesma forma que meus solos de guitarra dariam a todos um descanso, essa música funcionava como um interlúdio. Peter ia para o centro do palco e se sentava em um banco de batería, enquanto a multidão cantava suavemente, e as garotas se aconchegavam em silêncio ao lado de seus namorados, o restante de nós ia para os bastidores e ajeitava a maquiagem, tomava uma gelada, cheirava umas carreiras (certo, eu era o único a fazer isso, mas você entende) e geralmente recarregava as baterias. Então subíamos ao palco novamente e encerrávamos com um final espetacular. Não tenho nada de ruim para falar de “Beth”. Era uma balada sólida e um complemento perfeito para o hard rock que compunha 95% do nosso show ao vivo.

Tive pouco a ver com a composição ou produção de Destroyer, mas, se eu der um passo para trás e tentar julgá-lo de forma objetiva, devo dizer que é uma das melhores realizações em estúdio do KISS. Alguns de nossos fãs não concordaram, embora seu ressentimento provavelmente tenha menos a ver com a qualidade do material do que com o simples fato de termos tentado fazer algo diferente. Esse é outro risco quando você deixa de ser uma banda cultuada por um determinado público e se transforma num fenômeno mundial: as pessoas que o apoiaram no passado de repente se tornam proprietários. Os fãs que frequentavam nossos shows desde a nossa época das fitas demo se ressentiam pelas legiões de recém-chegados que nunca tinham ouvido falar do KISS, ou pelo menos não se importaram com o KISS até que “Beth” começou a tocar muito. E eles se ressentiram por expandirmos a marca de um jeito que parecia falso em relação às nossas raízes.

Apesar disso, havia muito mais em Destroyer do que “Beth”. Partes dele são legitimamente ótimas, enquanto outras - algumas estranhezas sonoras e efeitos de estúdio - não funcionam tão bem quanto era planejado. Como guitarrista, é difícil admitir, mas o solo de “Detroit Rock City” é um dos melhores momentos considerando todas as músicas do KISS. E eu não tive nada a ver com sua criação. Sempre adorei essa música e seria o primeiro a creditar Bob Ezrin por compor o solo da guitarra. Ele apareceu com a melodia, aprendi a tocá-la e Paul elaborou a harmonia. É um solo clássico de guitarra, tão bom quanto qualquer coisa que você encontrará em um disco do KISS. Eu gostaria de ter pensado nisso, mas não pensei. O crédito é todo de Bob.

Destroyer também tinha “Shout It Out Loud”, outro hino que se tornou um sucesso nos shows do KISS. No geral, ele é um álbum forte e diversificado que nos

deu mais credibilidade na comunidade musical e um pouco mais de respeito de nossos colegas, que era o objetivo quando Bob foi contratado como produtor. Se você ouvir esse disco agora, é evidente que estávamos tentando fazer uma declaração: Não somos só uma banda de adolescentes; não somos só um truque. Era o álbum certo na hora certa e ajudou a elevar nosso status na indústria, vendendo mais de 3 milhões de cópias e consolidando nossa reputação como uma das maiores bandas do mundo.

Difícil achar algum defeito nisso tudo.

Mas eu achei.

Eu tinha um relacionamento de amor e ódio com o KISS. Quanto mais crescíamos, mais dinheiro entrava, mais discos vendíamos... mais eu me questionava sobre o meu compromisso com a banda. Paradoxal, claro, já que eu gostava do dinheiro e era muito bom em gastá-lo. Mas com o sucesso do Alive! e do Destroyer, o KISS se tornou mais do que apenas uma banda: éramos uma entidade corporativa, cujo ramo de merchandising gerou mais receita do que jamais sonhei ser possível (US$ 100 milhões por ano em seu auge, no fim dos anos 1970). E uma parte angustiante disso veio das vendas de produtos direcionados para o nosso público mais jovem.

Havia lancheiras do KISS, miniaturas colecionáveis do KISS, kits de maquiagem do KISS, bonecos do KISS. Pense em qualquer coisa, nós vendíamos.

Eu me lembro de sentir que estávamos sendo comercializados demais para o nosso próprio bem, e que alguns dos brinquedos provavelmente desanimaram os roqueiros sérios que poderiam ter sido nossos fãs. Ao mesmo tempo em que estávamos tentando fazer algo diferente com um álbum como Destroyer, estávamos vendendo mercadorias para crianças de 10 anos de forma agressiva. Isso me incomodava. Achava irônico o KISS passar de uma banda de heavy metal supostamente do mal, que promovia o satanismo, para uma banda amiga da família cujos seguidores incluíam legiões de crianças.

No camarim, antes dos shows, em vez de falar sobre as garotas com as quais treparíamos depois, falávamos sobre limitar blasfêmias no palco por causa do grande número de crianças na plateia.

A balança começou a pesar do lado oposto. Achava absurdo que alguém acreditasse de verdade que éramos uma banda satânica, mas também achava ridículo criancinhas irem aos nossos shows. Fiquei repassando shows na minha cabeça e me encolhendo porque percebi que o público incluía muitos fãs mais jovens, e eu falava a palavra f* ou andava de um jeito sexualmente sugestivo. A apresentação se tornou algo difícil de equilibrar.

Era tão estranho que até precisávamos pensar sobre isso, mas éramos comercializados assim. Nós nos tornamos quase uma paródia do que éramos no início. Eu tinha amigos na indústria que diziam: “Cara, vocês tiveram uma ideia incrível, mas foram longe demais com ela. Vocês se tornaram tão comercializados que são quase uma piada”.

Cada membro da banda reagia a esse tipo de comentário à sua maneira. Gene era o melhor em não se importar. Quando as pessoas acusavam o KISS de “vendidos”,

Gene ria e dizia: “Isso mesmo, vendemos até os ingressos esgotarem todas as noites”. Em público, pelo menos, ele atribuía toda crítica, toda resenha negativa ao ciúme. Talvez ele realmente achasse isso. Não sei. Gene nunca teve vergonha de esconder sua cobiça por fama, adulação e dinheiro. O KISS lhe trouxe todas essas coisas. Trouxe-as para todos nós.

Mas elas nunca significaram muito para mim.

Acho que todos meio que nos sentíamos presos em nossos personagens, como se não pudéssemos nos libertar. O Spaceman era meu pacto com o diabo. Quando você gera centenas de milhões de dólares, seu trabalho tende a impactar outras pessoas. Abandonar as coisas é complicado e confuso. A questão é que, para mim, isso nunca teve a ver com dinheiro, tinha a ver com a música. Eu realmente acreditava em rock teatral. Desde o momento em que vi Pete Townshend quebrar a primeira guitarra, eu soube que era o caminho certo a seguir. Mas Townshend nunca usava maquiagem. Até Alice Cooper parou de fazer isso muito antes do que estávamos fazendo no KISS. Fomos tão além dos limites que no começo parecia louco.

Então foi aceito.

E, no fim, era esperado.

Nesse ponto, estávamos ferrados, criativamente falando. É como um show da Broadway: você precisa dar à plateia exatamente o que ela pagou para ver, nota por nota, ou todo mundo vai para casa decepcionado. Não é exagero meu. Quando atingimos nosso topo, no fim da década de 1970, um show do KISS não era muito diferente de um show da Broadway, no sentido de que todos os movimentos eram cuidadosamente coreografados, cada palavra das brincadeiras era roteirizada. Nossos shows eram tão tecnologicamente complexos - com pirotecnia, levitações, plataformas - que não dava para sair do que havia sido planejado. Eu não gostava dessa restrição. O que eu mais gostava em tocar ao vivo era a liberdade e a espontaneidade. Nas bandas anteriores (e mesmo nos primeiros dias do KISS), sempre mexíamos no set list, trocávamos músicas, trocávamos de lugar no palco. Quando alcançamos um certo nível de sofisticação técnica e popularidade, não conseguimos mais fazer isso. Era a mesma coisa todas as noites: deixas para a iluminação, deixas para o som, deixas para os efeitos especiais. Comecei a me sentir pouco criativo e insatisfeito. Comecei a me sentir como uma caricatura. Mais de uma vez, quando o KISS estava no auge de sua popularidade, fiquei no meu camarim, olhando para um espelho e balançando a cabeça ao ver o Spaceman.

“Acho que não consigo mais fazer isso. ”

No entanto, essas revelações - esses momentos de clareza - ocorriam com mais frequência pela manhã, quando eu tentava me livrar de uma ressaca enquanto me preparava para um compromisso em uma loja de discos ou canal de televisão. Eu não estava mais me divertindo.

O KISS não era mais um emprego dos sonhos. Era só um trabalho.

12
PARTINDO PARA
A CARREIRA SOLO

Partindo para a carreira solo

Maio de 1978

Estamos na montanha-russa gigante do parque Magic Mountain, apenas eu e meu amigo Don Wasley, o vice-presidente de marketing da Casablanca Records, e sua filha. Sempre fui fanático por montanhas-russas, desde que eu era criança em Nova York e andava na velha montanha-russa de madeira em Coney Island. Adoro a velocidade, a emoção, a sensação cuidadosamente controlada de caos e desastre iminente. Montanhas-russas são seguras e divertidas, mas são meio perigosas. Eu as procuro na estrada da mesma forma que algumas pessoas procuram museus, galerias de arte ou ótimos restaurantes.

A novíssima Colossus em Magic Mountain, uma imponente montanha-russa com dois trilhos e duas quedas de embrulhar o estômago acima de 30 metros de altura, está na lista de viagens obrigatórias para qualquer louco por montanhas-russas, e eu certamente me qualifico para isso. Então estamos na fila, conversando despreocupadamente enquanto a multidão serpenteia ao longo do caminho, todos nós dispostos a esperar quase uma hora para passar dois ou três minutos na Colossus. Quando finalmente chegamos no lugar onde você embarca na montanha-russa, o céu do sul da Califórnia ficou cinza e uma leve garoa começou a cair.

"Ah, cara", falei para Don.

"É, que azar. "

O protocolo geralmente determina que os passeios sejam interrompidos quase imediatamente em caso de mau tempo, mas a Colossus é nova e, de longe, a atração principal no Magic Mountain. Um grupo de estudantes universitários está operando o passeio e todos na fila estão reclamando de terem perdido uma hora sem ter o prazer de andar na montanha-russa.

"Ah, vai, só mais uma volta!", alguém grita.

"É, não está tão ruim assim."

Os universitários cedem e abrem o portão, e logo estamos ganhando altitude na primeira subida, o barulho dos trilhos enchendo o ar. Meu coração começa a disparar, como sempre acontece na primeira subida. Mas então, guando chegamos ao topo, algo acontece.

O tempo piora.

De repente, a chuva começa a cair mais forte e estamos berrando com a primeira gota, a chuva batendo em nossos rostos. As pessoas estão gritando, mas não sei se elas entendem o que está acontecendo. Quando fazemos a primeira curva, posso dizer que estamos indo mais rápido que o normal. Em geral, você consegue sentir os freios em uma montanha-russa, mas aqui há uma sensação palpável de aceleração em um ponto em que devemos desacelerar.

Ah, merda...

Principalmente nessas grandes e antigas montanhas-russas de madeira, muitas vezes você consegue sentir o trabalho dos freios e até ouvir o rangido. Agora, no entanto, quase não há nada, apenas o som de pessoas gritando e, em seguida, um leve ruído perturbador de metal contra metal... o som dos freios falhando. Você não precisa de um doutorado em física para entender o que está acontecendo: a chuva penetrou no sistema de freio e o tornou praticamente inútil! Percebo agora, quando nos aproximamos de uma das últimas curvas dessa volta, que estamos atingindo uma velocidade muito perigosa, uma velocidade que dá a sensação de que a montanha-russa pode até sair da pista! No fim, quando a montanha-russa se endireita no último trecho da viagem, solto um suspiro de alívio, pensando que acabamos de escapar de uma grande catástrofe! Infelizmente, o sentimento dura pouco, porque assim que entramos na reta onde deveríamos desacelerar e sair, fica claro que não vamos sair de nada, e meus piores temores se realizam: não vamos sair dessa montanha-russa do inferno - e inferno é o lugar para onde todos podemos ir se as coisas não mudarem rápido! Don e sua filha estão rindo alto; eles parecem não ter a mínima ideia da gravidade da situação. Mas para mim é evidente que estamos com um grande problema.

O restante das pessoas logo entende o problema, pois a montanha-russa ruge ao passar pelo local de saída! Agora o medo está estampado no rosto dos passageiros, mas também no rosto dos universitários que operam a volta - em combinação com um impotente olhar de perplexidade. Os freios se tornaram quase inoperáveis pela chuva, e uma sensação desesperadora de repente toma conta de todos. Começamos a subir o pico de 30 metros de novo, ouvindo o barulho da corrente gigante nos puxando para cima, cada vez mais perto do topo. Nossa situação parece grave. Que horror nos espera depois da primeira queda?

Acho que talvez seja hora de começar a rezar?

E não estou sozinho. Agora as pessoas estão ficando realmente assustadas. Todo mundo está ciente da nossa situação, principalmente depois que o céu despencou. Uma chuva forte bate contra a montanha-russa. Isso não parece mais uma emoção benigna. Eu me pergunto: isso é um sonho? Não pode estar acontecendo de verdade! Estou além da imaginação?!

Estamos em queda de novo agora, mais rápido do que nunca, nos inclinando em curvas, aparentemente fora de controle, sem freios, sem esperança de parar e nos movendo a uma velocidade que excede em muito os limites de segurança do brinquedo. Aparentemente em algum tipo de espiral mortal louca. Alguns passageiros da montanha-russa estão gritando, enquanto outros estão completamente em silêncio, com uma expressão de medo misturada com pânico e confusão. Todos estamos nos perguntando se vamos sair do trilho e acabar mutilados em algum lugar bem abaixo.

Logo, porém, pela graça de Deus, estamos nos aproximando da curva final de novo, pouco antes de o trilho endireitar e entrar no local de saída. Os freios não estão mais rangendo - provavelmente foram arrancados pelo atrito produzido pelas voltas desgovernadas. Os funcionários estão lá, juntos, cinco ou seis, discutindo sobre o que fazer. Giro no meu lugar e tento chamar a atenção deles.

"Desliguem isso!"

"O quê?!"

"Desliguem a porra do motor, seus idiotas!!"

Mais uma vez, começamos a subir ao topo da torre gigante para um final horrível quase certo. De repente, tudo para. Não há mais som de estalo da atividade da corrente. Não há mais gritos dos passageiros. Uma estranha calma toma conta de todos. Aparentemente, os operadores finalmente fizeram o que deveriam ter feito logo no começo: desligaram a energia do motor gigante que acionava a atividade da corrente. A montanha-russa para de repente. Estamos presos - na primeira subida gigante! Um pouco assustador, mas uma alternativa preferível considerando a outra. O show de terror acabou! Depois de um tempo, os seguranças sobem na passarela, acompanhados por suspiros de alívio e aplausos de felicidade de todos os envolvidos.

Devagar e com cuidado, um de cada vez, os seguranças nos escoltam pela passarela estreita para um lugar seguro. Don está segurando sua filha, que está visivelmente abalada. Ela não é a única. Nunca estive numa montanha-russa descontrolada antes, e me ocorre por um momento que é a metáfora perfeita para o que, em geral, sinto agora: como se minha vida estivesse completamente fora de controle. Como se estar no KISS fosse como andar em uma montanha-russa que simplesmente não para. E não há nada que eu possa fazer em relação a isso.

Essa é uma lição de alguém tentando me alcançar e me fazer perceber minha situação? Um mensageiro na forma de uma máquina gigante? Talvez sim, mas não vou perceber isso nem fazer nada a respeito até muito tempo depois.

> *Era como se estar no Kiss fosse como andar em uma montanha-russa que simplesmente não para.*

O ritmo nunca diminuía.

Lançamos mais dois álbuns de estúdio em sete meses: Rock and Roll Over, em novembro de 1976, e Love Gun, em junho de 1977. Em menos de três anos e meio o KISS abasteceu o mercado com uma quantidade incrível de música: seis álbuns de estúdio e um disco duplo ao vivo. Também nunca paramos de fazer turnês. Às vezes a estrada era algo incrível, às vezes, uma chatice. E de vez em quando era quase fatal.

Apenas algumas semanas depois do lançamento de Rock and Roll Over (em 12 de dezembro de 1976, para ser mais preciso), no início de um show no Centro Cívico de Lakeland (Flórida), fui eletrocutado e quase morto. Veja como isso aconteceu: Deveríamos entrar no palco caminhando por um lance de escada. Cada

entrada envolvendo escadas era um desafio para nós, por conta dos sapatos plataforma que usávamos. Em geral, segurávamos firme num corrimão para garantir que não escorregaríamos nem cairíamos. Bem, nessa noite específica, minha guitarra não estava aterrada do jeito adequado, então, quando toquei o corrimão de metal da escada, fui atingido por uma alta dose de eletricidade. Eu nem cheguei ao palco antes que isso acontecesse. Eu estava prestes a começar a descer, toquei o corrimão no topo da escada e fui atirado para trás na plataforma acima dos amplificadores. Acho que os outros rapazes da banda nem perceberam o que havia acontecido - talvez tenham achado que eu havia escorregado ou algo assim. Eles continuaram indo em direção ao palco e começaram a tocar. Enquanto isso, eu estava deitado de costas, atordoado e quase inconsciente.

Alguns assistentes da nossa equipe de turnê rapidamente me pegaram e me carregaram escada abaixo, enquanto a banda continuava tocando. Fiquei fora por um tempo. Eu estava com queimaduras na ponta dos dedos - esse era o nível de intensidade da corrente elétrica. No fim, os rapazes perceberam que eu não chegava, pararam o show e voltaram para a parte de trás dos amplificadores para ver o que estava acontecendo comigo. Eu ainda nem tinha voltado para o camarim - eu estava lá, desorientado, tentando entender o que estava acontecendo. Quando minha cabeça clareou, pude ouvir a plateia entoando:

"Queremos Ace! Queremos Isso aumentou minha adrenalina e, cinco minutos depois, voltei a tocar o show inteiro. Eu estava com uma dor de cabeça desagradável e meus dedos estavam um pouco dormentes, mas que diabos? O show deve continuar, certo? Todos nós nos apresentávamos abaixo do ápice da condição física de vez em quando. Havia algumas ocasiões em que eu mal conseguia andar por causa da dor no joelho e um dos médicos ia até os bastidores e me dava umas injeções, então eu saía para tocar. Paul ficou doente várias vezes e davam alguma injeção para ele conseguir fazer o show. Quando você tem 20 mil lugares vendidos, você faz o possível para subir ao palco. É assim que funciona.

Se houve algo de bom que veio daquela noite foi o fato de isso ter me dado ímpeto para criar uma das minhas músicas favoritas do KISS, e a primeira que tive coragem de cantar como vocalista principal. Os rapazes me estimularam a escrever sobre a minha experiência de quase morte e, embora a eletricidade percorra a música e tenha sido a centelha de inspiração, o resultado final é uma música que fala menos sobre fritar no palco e mais sobre transar depois disso.

Em outras palavras, uma boa música do KISS.

Shock me, make me feel better, oh yeah
Come on and shock me, put on your black leather
Baby, I'm down to the bare wire
Shock me, we can come together
[Me dê um choque, faça eu me sentir melhor, oh, sim
Venha e me dê um choque, vista seu couro preto
Querida, estou a fim de um fio desencapado

Me dê um choque, podemos ficar juntos]

Graças ao retorno de Eddie Kramer, meu produtor e engenheiro favorito, Rock and Roll Over foi uma experiência mais agradável do que Destroyer. É um bom disco, mais fiel à missão original do KISS do que Destroyer, e ajudou a apaziguar alguns dos fãs que ficaram irritados com os truques de estúdio de Bob Ezrin em Destroyer. Rock and Roll Over foi um sucesso absoluto, chegando a conquistar um disco de platina e a produzir outro hit cantado por Peter, "Hard Luck Woman", assim como "Calling Dr. Love", que se tornaria um clássico do KISS.

Eddie queria voltar ao som mais cru dos álbuns anteriores do KISS, então gravamos o álbum ao vivo no antigo teatro Nanuet Star, em Rock-land County, cerca de 32 quilômetros ao norte de Nova York, e depois o mixamos no estúdio Record Plant. A acústica do Star era incrível, e Eddie nos fez usar cada centímetro do lugar, montando instrumentos em lugares diferentes para obter diferentes tipos de sons. Em um determinado momento, ele até fez Peter tocar bateria no banheiro! Também havia outro recurso muito bom em relação à gravação no Nanuet. Recentemente, eu havia me casado com Jeanette e nos instalamos em Tarrytown, em Nova York, que fica do outro lado do rio Hudson. Tudo o que eu precisava fazer era sair da cama e disparar para o lado oeste pela ponte Tappan Zee e estava lá em dez minutos.

Acho que meu som de guitarra em Rock and Roll Over é sólido, e sei que me senti mais conectado ao álbum enquanto estávamos gravando. Isso provavelmente se deve a Eddie, mais do que qualquer outra coisa. Mas a verdade é que, embora eu goste muito do disco, foi o primeiro álbum do KISS em que não contribuí com nenhuma composição. Não me senti bem com isso. Pensava em mim como compositor e também guitarrista, e não tinha ninguém para culpar a não ser eu mesmo. Sim, é verdade que, em qualquer banda com quatro personalidades fortes e grandes egos, você gasta um certo tempo marcando seu território. Todo mundo quer compor e cantar; todo mundo quer ser o centro das atenções. Eu não era diferente. Mas se você não está colocando material na roda não pode realmente reclamar, certo?

Então me sentei e escrevi "Shock Me". Todo mundo adorou e concordou que a música pertencia ao próximo álbum, Love Gun. Meu pensamento inicial, como sempre, foi entregá-la a Gene ou Paul e deixá-los lidar com os vocais. Para minha surpresa, eles resistiram.

"Você deveria cantar essa aqui", disse Paul. "Já está mais do que na hora."

E foi assim que fiquei deitado de costas no chão de um estúdio no Record Plant, tentando relaxar, com as luzes apagadas e Eddie Kramer na mesa de som, me incentivando a cantar com alma.

Foi exatamente o que eu fiz.

Gosto muito de Love Gun; tenho orgulho do álbum inteiro. No entanto, existem algumas coisas que me fazem sorrir. Como algumas partes em que sou o protagonista... e o vocal em "Shock Me". Na verdade, nunca me ocorreu até aquele álbum que eu era um cantor viável. O que aprendi é que você não precisa ser um

vocalista treinado para ser um cantor de rock, assim como não precisa ser um músico com estudos clássicos para tocar guitarra. Apenas acredite no que você está fazendo e a plateia embarcará.

Ao olhar para trás agora, há muitas coisas na engrenagem de marketing do KISS que me fazem rir e outras que me fazem encolher. Toda vez que eu achava que havíamos alcançado um novo ponto alto (ou baixo), o ponteiro era levemente alterado. A "arma do amor" de papelão, incluída em todas as cópias de Love Gun, por exemplo. Para o alívio dos pais de adolescentes do mundo inteiro, esse truque era apenas uma arma de brinquedo, e não o vibrador gigante que alguns esperavam. Também incluímos uma página de tatuagens do KISS que eram cópias reais de tatuagens que tínhamos em nossos braços. Isso foi bom. Barato e eficaz.

Mais caro e mais ambicioso foi o primeiro livro de quadrinhos do KISS, produzido pela Marvel Comics em 1977. Conhecemos o grande Stan Lee, criador do Homem-Aranha e do Incrível Hulk. Achei Stan legal, mas Gene era o verdadeiro fã de carteirinha, indo atrás de Stan e fazendo perguntas sobre tudo o que ele havia escrito nos últimos trinta anos. Gene era e é um fanático por quadrinhos. Ele me disse uma vez que, quando chegou aos Estados Unidos de Israel, a primeira coisa que aprendeu a ler foi um livro de histórias em quadrinhos. Acho que ele nunca parou, o que pelo menos explica, em partes, como ele criou seu personagem para o KISS. Eu era um pouco fã, mas podia tanto ficar com essas histórias ou deixá-las. Eu ficava intrigado com o aspecto de super-herói dos quadrinhos, mas era a arte que chamava minha atenção.

Previsivelmente, os quadrinhos do KISS não tiveram autorização para simplesmente entrar no mercado. Como tudo que fazíamos, seu nascimento foi acompanhado por uma loucura publicitária. Todos nós nos reunimos no local de impressão em Buffalo, em Nova York, onde os quadrinhos seriam produzidos, e juntos doamos um frasco de sangue, que foi então derramado em um barril de tinta vermelha e misturado com a tinta real que seria usada para imprimir os quadrinhos. Não sei exatamente o que isso deveria significar, mas como uma sacada de marketing funcionou muito bem. Os fãs acharam incrível, os críticos acharam ridículo e os grupos conservadores e religiosos ficaram com repulsa, alegando que esse ato deu mais evidências de que o KISS estava fazendo o trabalho do diabo e que possivelmente éramos vampiros!

Ao que podíamos responder apenas: "Ahhhh, besteira."

A estupidez do marketing atingiu o auge com KISS contra o Fantasma do Parque, um filme de 1978 feito para a televisão com um enredo tão ridículo que começo a rir só de pensar nele. Interpretamos versões nossas como super-heróis, travando uma batalha com um cientista demente empenhado em dominar um parque de diversões popular, criando quatro androides que se pareciam conosco.

Como alguém poderia inventar essa merda?

Não era o melhor filme, mas isso nunca me incomodou porque eu não tinha a impressão de que alguém esperava que fosse qualquer coisa além de uma farsa ridícula - incluindo as pessoas que o escreveram, dirigiram e produziram. Se você olhar para o filme agora, ele parece meio caricato e legal. O problema é que não era para ser assim. Assisto agora e me divirto, mas sei que Gene se envergonha dele. E, de novo, Gene leva tudo tão a sério, o que é irônico, pois ele sempre alegou estar feliz porque o KISS estava esgotando ingressos em arenas e movimentando milhões de discos, mas não considerava a integridade artística. Como assim, você faz um filme chamado KISS contra o Fantasma do Parque e espera que as pessoas não riam? Também ouvi dizer que, quando ele viu Isto é Spinal Tap, não achou muito engraçado. Cada um com seus gostos. Eu achava esse filme histérico.

Havia muitas idéias ruins em torno desse projeto de filme de TV, e a principal delas era: quem em sã consciência achava que os quatro caras do KISS poderiam atuar? Você pode argumentar que todas as estrelas do rock são atores e, obviamente, mais do que algumas delas fizeram transições bem-sucedidas para a telona. No KISS, já estávamos usando maquiagem e interpretando personagens sempre que subíamos ao palco, então talvez parecesse que para nós isso seria mais fácil do que para a maioria. Quando ouvi falar pela primeira vez sobre o projeto, achei que parecia divertido. Mas não levei isso a sério e, em pouco tempo, descobri que atuar era muito menos interessante e agradável do que eu imaginava.

Eu deveria ter alguma ideia do que esperar quando recebi o roteiro original e descobri que eu não tinha uma única fala. Nenhuma! Toda vez que meu personagem deveria falar, a única coisa que saía de sua boca era o som de um papagaio: “Awk!”.

É exatamente isso que estava escrito na página. Três letras maiúsculas: A-W-K “Awk!”

Acho que os roteiristas perceberam uma peculiaridade da minha personalidade, embora eu não saiba de onde eles obtiveram as informações. Às vezes, quando eu estava bêbado e não queria conversar, eu imitava o grito de um papagaio até que a

pessoa desistisse e fosse embora. Bem idiota, admito. E essa era a persona de Ace Frehley que os roteiristas queriam apresentar. Ou talvez eles pensassem que eu estaria chapado ou bêbado demais para me lembrar das minhas falas, então tentaram mantê-las o mais simples possível. Quando vi o script pela primeira vez, não sabia o que pensar. Era uma piada? Nesse caso, não achei divertido.

"Que porra é essa?", perguntei para Bill. "Não tenho falas neste filme de merda? Por que estou perdendo meu tempo?"

Ele riu. "O que você quer que eu faça, Ace?"

"Diga a eles para reescrevê-lo."

Eles fizeram isso e, quase de forma mágica, eu tinha a capacidade de falar! Eu até tinha superpoderes incríveis que me permitiam transportar toda a banda para outro local quando quisesse. Respirei fundo e decidi dar o melhor de mim ao projeto.

Muito de KISS contra o Fantasma do Parque foi filmado no Magic Mountain, onde realizamos um show meio encenado do KISS, embora a maioria das cenas internas tenha sido feita no Culver City Studios. Independentemente de onde estávamos filmando, eu precisava estar no set às 8h da manhã, o que era uma chatice completa para mim naquela época. A banda ficava hospedada num hotel elegante em Beverly Hills, a uns bons 45 minutos de carro. E não que eu estivesse dormindo o sono de oito horas de beleza todas as noites. Eu estava ocupado sendo Ace - tocando nos clubes, às vezes festejando até altas horas da madrugada. Qual o maldito que quer acordar às 7h da manhã com uma ressaca? Eu não, com certeza. Especialmente quando eu nunca sabia exatamente quanto tempo seria necessário.

Não demorou muito tempo para descobrir que a maior parte do processo de filmagem era ficar no trailer o dia inteiro, esperando que alguém lhe dissesse que você era necessário no set. Algumas vezes durante o filme eu chegava bem cedo, colocava minha maquiagem e meu traje e me preparava para ir... e então ficava no meu trailer. Depois de uma ou duas horas, um dos diretores-assistentes passava por lá e dizia: "Sabe, Ace, vamos fazer alguns close-ups no Gene agora de manhã, então acho que não precisaremos de você até depois do almoço. Por que você não relaxa um pouco?".

Isso me deixava louco. Aqui estava eu, uma das "estrelas" do filme, você não acha que as pessoas poderiam ter sido um pouco mais atenciosas? Talvez me avisado na noite anterior? Essas pessoas do caralho não planejam as coisas? A verdade é que eu estava usando muita cocaína na época e meus nervos estavam ficando esgotados, para dizer o mínimo. Eu estava recebendo uns 30 gramas de pó no meu trailer mais ou menos uma vez por semana! Na verdade, o entregador era um dos atores do set (ele teve um papel menor no filme). Era realmente louco. Cada um de nós tinha um trailer próprio para aguardar. Eu enchia a minha geladeira de cerveja gelada e champanhe e, como havia muito tempo livre, eu costumava me jogar no pó branco com frequência e depois consumia o que estivesse à disposição (você ficaria surpreso com o que estava à disposição em um set de filmagem em Los Angeles nos anos 1970). O ator que me fornecia costumava colocar a cocaína no chapéu de seu personagem e agir como se fôssemos amigos indo beber uma cerveja juntos no meu

trailer. Com o passar do tempo, ele se tornou um ator coadjuvante bastante conhecido, com papéis em vários grandes sucessos de Hollywood.

Na maior parte do tempo, eu não tinha noção. Não sabia que era assim que os filmes funcionavam, que o tempo livre ocupava uma grande parte do dia de um ator - talvez a maior parte. E então, na terceira ou quarta vez que isso aconteceu, estourei. Explodi com o produtor. Quando confrontado, ele realmente não tinha muito a dizer em sua defesa a respeito de como o cronograma de filmagens estava sendo administrado, o que não me fez sentir melhor.

"Foda-se isso!", falei para mim mesmo. Então gritei: "Estou caindo fora!" (O que, como percebo agora, foi um comportamento extremamente não profissional.)

Voltei ao meu trailer, tirei rapidamente a maquiagem lavando o rosto e coloquei minhas roupas comuns, cheirei algumas carreiras e completei com uma gelada, depois entrei no meu Mercedes. Dirigi em silêncio para fora do estacionamento, tentando não chamar muita atenção, mas no espelho retrovisor eu podia ver meu guarda-costas e o gerente de turnê vindo atrás de mim em alta velocidade. Bem, não tão alta, na verdade. Deixei que eles me seguissem por um tempo, enquanto aguardava até chegarmos a uma área mais familiar. O tráfego estava ficando denso, e comecei a ziguezaguear, lenta e metodicamente, tentando fazer com que eles me perdessem de vista, até que apenas pisei no acelerador e me afastei, deixando-os presos atrás de um caminhão no sinal vermelho. No momento seguinte, quando me dei conta, estava sozinho, em algum lugar nos subúrbios de Los Angeles, em um bar, tomando alguns tranquilizantes com uma cerveja. Eu me acalmei depois de um tempo e logo comecei a me sentir muito culpado por ter esbravejado com o produtor. Que diabos, ele só estava fazendo o trabalho dele, e eu estava dificultando as coisas para ele. Talvez as mudanças de roteiro e cronograma tivessem ocorrido naquela manhã e não houvesse nada que ele pudesse fazer. E eu estava agindo como uma criança mimada! Agora percebo que toda a cocaína e todo o álcool estavam realmente começando a afetar meu julgamento e como eu percebia a vida em geral - não apenas dentro da banda.

Mas agora eu enfrentava um dilema: corro de volta com o rabo entre as pernas ou mato um dia de filmagem e espero que tudo seja esquecido? Às vezes eu tinha experiências semelhantes com o KISS. Algo me irritava, eu perdia a paciência e desaparecia por um tempo. Eu não gostava de confronto, então saía sozinho e me medicava até me sentir melhor. Era o comportamento típico de um viciado. Vejo isso de um jeito muito claro agora; infelizmente, eu estava cego em relação às minhas ações na época.

De qualquer forma, por algum motivo estranho, naquele dia deixei o bar e decidi tomar um ar fresco. O sol estava brilhando, mas não muito quente, e isso parecia melhorar meu humor. Acabei indo parar no La Brea Tar Pits, que é um dos lugares mais legais do mundo. Estacionei o carro, saí e comecei a andar por lá, tentando perdoar e esquecer o que havia acontecido antes. De repente, notei uma enorme placa promovendo uma nova exposição no Museu de Arte do Condado de Los Angeles, localizado um quarteirão abaixo. Parei de caminhar, surpreso.

Puta merda! A exibição do rei Tut estava na cidade!

Provavelmente um pouco de background seja necessário aqui. Sempre fui fascinado pelas pirâmides e pela cultura egípcia. Eu me lembro de ler um livro quando adolescente chamado Pyramid Power [O poder da pirâmide], que capturou minha imaginação e, desde então, eu sonhava em visitar as Pirâmides. Bom, naquele momento, a exposição de Tutancâmon estava em turnê pelos Estados Unidos e atraindo multidões enormes para onde quer que fosse. Todo mundo queria ver a máscara de ouro e os artefatos do Rei Menino. As pessoas ficavam na fila por horas em cidades ao redor do mundo. Uma música nova de Steve Martin chamada "King Tut" foi um single de sucesso naquele ano. A Tut-mania tomou conta dos Estados Unidos! Eu sei, porque eu mesmo tive uma boa dose dela.

O engraçado é que eu tinha esquecido que a exposição seria em Los Angeles enquanto filmávamos KISS contra o Fantasma do Parque, então fiquei totalmente surpreso quando me deparei com ela naquele dia. Pensei comigo: Uau, se eu pudesse apenas entrar lá, tudo ficaria bem. Mas não dava para entrar sem ingresso, e os ingressos para a exposição naquele dia haviam esgotado semanas antes.

Vaguei um tempo fora do museu, observando a janela, tentando imaginar como era o interior, até que, de repente, uma jovem se aproximou de mim.

"Com licença, senhor?"

Ela provavelmente tinha trinta e poucos anos e dois filhos a tiracolo.

"Sim?"

"O senhor gostaria de entrar? Eu tenho um ingresso extra." "Sério?", perguntei. "Quanto você quer por isso?"

Ela sorriu e balançou a cabeça. "Tudo bem. Apenas curta a apresentação."

Ela tirou o bilhete da bolsa e o colocou na minha mão. Então se afastou, me deixando ali sozinho, impressionado com a minha boa sorte. Essa mulher poderia ter vendido o bilhete por algumas centenas de dólares. Eu teria pago. Em vez disso, ela o deu, e acho que ela não fazia ideia de quem eu era. Eu era apenas um cara de cabelos compridos em frente ao Museu de Arte, parecendo precisar de um ingresso para a exposição do rei Tut.

Quem era ela? Possivelmente uma mensageira enviada de cima intervindo na minha vida? Não faço ideia, mas esse tipo de coisa já aconteceu comigo antes - com frequência demais para como ser descartada coincidência. As pessoas chegam do nada para ajudar ou demonstrar bondade. Uma sorte misteriosa parece sempre me tirar da merda profunda ou mortal. Sempre senti que a sorte e os anjos da guarda estavam comigo, e acredito que ainda estão comigo hoje.

Cinco minutos depois, eu estava dentro do museu, vagando, absorvendo alegremente a atmosfera egípcia, olhando para todos os artefatos fascinantes, sentindo como se tivesse sido transportado milhares de anos de volta ao passado. Quando saí do museu, cerca de três horas depois, eu me senti completamente à vontade comigo e com o mundo ao meu redor. Pensando agora naquela tarde e lembrando como estava chateado antes de visitar a exposição, existem realmente apenas duas palavras que melhor descrevem o que aconteceu comigo: intervenção divina.

Saí da exposição com uma sensação de bem-estar e paz extraordinários. Dirigi rumo ao set, me desculpei com o diretor e com o produtor pelo meu pavio curto e ausência e prometi que me comportaria melhor no futuro.

> *As pessoas chegam do nada para ajudar ou demonstrar bondade, uma sorte misteriosa parece sempre me tirar da merda profunda ou mortal.*

Eles aceitaram minhas desculpas e tudo parecia estar bem. Eu só soube muito mais tarde, quando vi o filme pela primeira vez, que as filmagens continuaram sem mim naquele dia, incluindo uma cena em que nossos personagens travaram uma batalha épica com o Frankenstein, o Drácula e o Lobisomem na Câmara dos Horrores do parque. Meu personagem tinha um grande papel nisso e, nas cenas de abertura, estou presente, mas quando a ação começa a ganhar força, alguém assume o controle. Na melhor das circunstâncias, a coisa toda teria parecido boba, mas a cereja do bolo foi o diretor ter contratado o serviço do meu duble para terminar as cenas restantes nessa cena. Normalmente, um duble é usado apenas em gravações distantes ou cortes rápidos. Mas, nesse caso, meu duplo era um homem negro. Um cara fantástico. Um duble bem grande, também, mas ele não era nada parecido comigo, e mesmo com toda a maquiagem, era dolorosamente óbvio. Quero dizer, você pode ver isso de forma clara se assistir ao filme. Durante a cena de luta na Câmara dos Horrores com Frankenstein, ele é derrubado e jogado contra um pilar com dois esqueletos amarrados a ele. Basta clicar no botão de pausa. “Ei, cara, esse não é Ace. É um cara negro!” Coisas muito engraçadas, e vamos encarar: você esperaria algo diferente dos produtores que fizeram os desenhos animados de Scooby-Doo.

Porém, o dia mais engraçado das filmagens provavelmente foi quando fizemos a cena na piscina, na qual somos confrontados pelo gerente do parque e pelo chefe de segurança sobre Gene bater em alguns seguranças na noite anterior. No começo, o gerente do parque entra rapidamente em cena e vem em nossa direção, do outro lado da piscina. Bom, na primeira ou segunda tomada, ele tropeçou em uma das pedras e caiu com a cara e as mãos no chão. Para cada tomada depois disso, fui tomado pela imagem mental dele tropeçando; devo ter arruinado pelo menos vinte e cinco tomadas com a minha risada! Nas primeiras tomadas, os outros rapazes também riram, mas depois disso fiquei praticamente sozinho. Foi muito embaraçoso para o outro ator e para mim, mas perdi o controle de mim mesmo. O incidente me lembra

de quando eu era criança e batiam em mim quando eu rachava o bico na escola ou na igreja.

Essa foi a parte mais engraçada do filme, mas a mais divertida foi à noite enquanto filmamos na Magic Mountain. Comprei uma moto enquanto estávamos lá. O parque ficou fechado para o público depois do anoitecer, então eu tinha passe livre nas estradas de asfalto macias no lugar inteiro. Entre as tomadas, eu subia na moto com um zumbido agradável e andava pelo parque inteiro sem me preocupar com o mundo. Apenas para lembrar: voltando ao Bronx, quando eu era criança, não tínhamos motos, então foi minha primeira chance de me divertir sem precisar me preocupar com o tráfego. Isso me fazia sorrir, com certeza, mas eu quase quebrei o pescoço algumas vezes.

No entanto, típico para mim. Só estava sendo Ace.

Ah, bom. Essas foram apenas algumas das muitas coisas que aconteceram (ou deram errado) no KISS contra o Fantasma do Parque. Nada disso significava muito para mim. A coisa toda era uma bobagem. Se você considerá-lo por essa perspectiva, tudo bem, era quase como um programa infantil de sábado de manhã ou um filme de ficção científica japonês. Vamos lá, quem não gosta de Mothra e Rodan! Desde o primeiro dia, pensei que seria excêntrico e bobo. Gene, infelizmente, levou todo o processo muito a sério e estava apaixonado por fazer filmes. Também acredito que foi essa faísca que o fez pensar que poderia se tornar uma estrela de cinema. Na verdade, ele fez mais alguns filmes depois, pensando erroneamente que poderia atuar. O KISS contra o Fantasma do Parque... foi uma enorme vergonha para ele, acho. Para mim? Dei algumas risadas, fiz novos amigos e tive uma experiência muito interessante fora do set. Não levei o filme a sério desde o início e não pensei muito sobre isso depois que ele acabou. Para ser sincero, achava que era um passo natural no retrocesso do KISS. Tínhamos exatamente o que merecíamos e exatamente o que a maioria das pessoas esperava.

Quando o filme foi lançado, ficou claro que todos estávamos ficando complacentes e queríamos fazer outras coisas. Nossos dois álbuns anteriores, Alive II e Double Platinum, eram basicamente compilações, elevando o total de álbuns do KISS para nove. Todos eles foram lançados no período de quatro anos. No fim das filmagens, eu me lembro de estar sentado ao redor de uma mesa com os outros rapazes da banda, com Bill Aucoin e alguns de nossos consultores de negócios e contadores, conversando sobre como ocuparíamos os próximos seis meses. Bill sugeriu que, em vez de fazer outro disco do KISS, cada um deveria considerar um projeto solo. Achei uma ótima ideia. Poderíamos ir atrás de nossos interesses musicais, virar os holofotes e oferecer aos fãs uma mesa de bufê virtual com os rapazes do KISS. Dos pontos de vista criativo e comercial, parecia fazer muito sentido e tinha a vantagem adicional de nos darmos um tempo uns dos outros. Passamos tanto tempo juntos nos cinco anos anteriores que as tensões foram inevitáveis.

Eu me senti bem com o meu projeto solo desde o início, principalmente porque sabia que teria a parceria de Eddie Kramer. Eu confiava muito em Eddie. Eu o respeitava e ele me respeitava. Formamos uma boa equipe nos álbuns do KISS e não

havia razão para pensar que não trabalharíamos bem juntos em um projeto solo. No entanto, aparentemente, ninguém mais compartilhava da minha confiança. Ainda me lembro de Gene e Paul dizendo para mim, na frente de pelo menos uma dúzia de pessoas: “Ei, Ace, se você precisar de alguma ajuda em seu disco, não hesite em ligar”.

Não foi dito com malícia, mas também não havia sinceridade. Havia um tom de condescendência, algo do tipo Você vai precisar de ajuda. Para lembrar: Paul e Gene dominavam todos os álbuns do KISS. Eles escreveram e cantaram a maioria das músicas. Eles eram as personalidades dominantes. Tenho certeza de que eles acharam que meu álbum seria um fiasco ou que talvez eu nem conseguisse fazer um álbum. Se você quiser dar a eles o benefício da dúvida, pode-se dizer que eles estavam tentando parecer generosos na frente da nossa equipe de gerenciamento, oferecendo ajuda se eu precisasse. Você sabe, porque eu era o Ace louco... Ace não confiável... o Spaceman. Apesar disso, eu me lembro de sair daquela reunião e pensar: Vou mostrar pra esses filhos da puta, e vou mostrar pro mundo!

Pela primeira vez em muito tempo, me senti motivado. Quando alguém me diz: “Você não consegue fazer isso”, me faz querer fazer tal coisa ainda mais. Mesmo quando eu era adolescente e meus pais diziam que eu era a ovelha negra, achava inspirador de um jeito estranho. Sim, eu tinha um problema com a bebida. Eu tinha um problema com as drogas. Me faltava um pouco de confiança, mas sabia que tinha habilidade. Afinal, eu era o guitarrista principal de um dos maiores grupos de rock do mundo. Eu sabia que tinha a capacidade de fazer um ótimo disco solo. Era só uma questão de manter o foco e fazer parceria com o produtor certo.

Admito que foco nunca foi meu forte (apenas mais tarde fui diagnosticado com transtorno de déficit de atenção). Não trabalho bem sob a pressão de um prazo e acho quase impossível me forçar a ser criativo. Gene me disse uma vez: “Ace, escrevo uma música todos os dias”. Não entendo isso. Como você pode se obrigar a escrever? Escrever precisa ser um processo criativo e, se você não estiver se sentindo criativo, não funcionará bem. Às vezes não escrevo uma música por semanas. Então, num determinado fim de semana, eu consigo escrever duas ou três músicas. Quando as idéias estão fluindo, você precisa estar pronto. Quando elas não estão fluindo, você faz outra coisa: vai andar de moto, pescar, dar uma festa ou talvez construir um helicóptero com controle remoto. Tanto faz. Preencha o tempo e desvie sua atenção até se sentir inspirado. Também nunca escrevo com uma fórmula. Às vezes começo uma música com um riff de guitarra, às vezes com um gancho ou uma melodia. Varia. As idéias vêm de todo e qualquer lugar - da minha vida pessoal, de livros ou revistas, filmes e às vezes até de sonhos. Uma boa ideia é uma boa ideia, não importa a fonte.

No caso do meu primeiro álbum solo, tive a sorte de já ter algumas músicas na gaveta, músicas que foram rejeitadas em discos anteriores do KISS. Isso me dava uma vantagem. Eu as peguei de novo, reescrevi e aprimorei um pouco, e isso ajudou a dar uma aliviada na ansiedade de me lançar sozinho. Outras músicas apenas surgiram - combustão espontânea, acho. Também ajudava o fato de eu ficar meio limpo (embora não completamente) durante a produção do disco, em geral,

limitando meu uso de álcool e drogas à noite, após um longo dia de gravação. Eu também sentia que não tinha muita escolha. Eu sabia que não poderia culpar ninguém se meu álbum solo fosse um fracasso. Se um disco do KISS fosse ruim, eu sempre poderia atribuí-lo à megalomania de Paul ou Gene. Agora não. Dessa vez eu estava sozinho. Quaisquer que fossem os elogios ou as falhas no disco, eu precisaria assumir a responsabilidade.

A primeira coisa que fiz (depois de colocar Eddie Kramer a bordo, é claro) foi sair e encontrar um ótimo baterista, já que Peter estava gravando seu próprio disco. Um velho amigo meu chamado Larry Russell (estudamos juntos no colégio e improvisávamos um pouco juntos na época) me indicou uma pessoa: Anton Fig. Eu nunca tinha ouvido falar de Anton e não sabia se ele era adequado para o projeto, até que perguntei a Eddie Kramer se ele tinha alguma sugestão.

"Bom", disse ele, "existe um cara com quem trabalhei recentemente chamado Anton Fig. Ele é inacreditável. Você deveria dar uma olhada nele!".

Na época, Anton estava tocando em uma banda com dois amigos muito próximos, Keith e Amanda Lentin. Ele tinha nascido na África do Sul, se mudou para os Estados Unidos no início dos anos 1970 e se estabeleceu em Boston, onde estudou no Conservatório de Música da Nova Inglaterra. Depois, ele se mudou para Nova York. Quando ouvi o nome dele de duas fontes não relacionadas, achei que era destino nos encontrarmos. Então, convidei Anton para ir a um estúdio no norte do Bronx, que era dirigido pelo meu amigo Eddie Solan, e improvisamos juntos por um tempo. Nós nos demos bem de cara, tanto no lado musical quanto no pessoal. Eu o contratei imediatamente para o trabalho e temos mantido uma amizade duradoura dentro e fora dos estúdios desde 1978 (ele tocou no meu projeto solo Anomaly, lançado em setembro de 2009). Anton teve uma das melhores apresentações constantes no show business nos últimos vinte e cinco anos como baterista da banda de David Letterman, com Paul Shaffer. Ele também é um dos bateristas mais ocupados da cidade de Nova York e trabalhou com todo mundo, Mick Jagger, Bob Dylan, Joe Cocker, Miles Davis, Richie Havens e Paul Butterfield.

Quando comecei a escrever as músicas para Anomaly, uma das composições era "Genghis Khan". Ouça o excelente trabalho de bateria nessa música e você entenderá o que torna Anton tão especial. Ele dá uma segurada, tocando um pouco atrás do ritmo, como John Bonham, do Led Zeppelin, faria. Se você ouvir com atenção qualquer música do Zeppelin, vai perceber que o que dá esse ritmo é a bateria de Bonham. Ele nunca está se apressando à frente da guitarra; ele está sempre se segurando. O mesmo com Anton. É um talento único, tocando um pouco atrás do ritmo. Não é algo natural para a maioria dos bateristas de rock, mas, quando executado corretamente, cria um ótimo ritmo e pode fazer uma música ter movimento. Anton é um dos bateristas mais versáteis que já conheci. Eu trago à tona o melhor dele, e ele traz à tona o melhor de mim. Temos um vínculo musical. Não preciso falar muito quando estamos no estúdio. Em geral, só algumas palavras sobre o ritmo e o feeling e algumas sugestões sobre onde posso querer uma execução. E ele entende, pura e simplesmente.

Quando escrevi “Genghis Khan”, pensei imediatamente: Cara, Anton vai arrasar com essa música! Toquei com outros dois bateristas antes de Anton, já que ele estava gravando, e parecia tudo bem, mas quando Anton se apossou da música, ele a levou para o nível seguinte. Exatamente como eu havia imaginado.

Ace Frehley foi gravado na vasta Colgate Mansion, na propriedade Filston, em Sharon, Connecticut, ao lado do autódromo Lime Rock Park. No passado a propriedade de mais de 40 hectares era elegante, mas ficou vazia por alguns anos e começou a enfrentar tempos difíceis. O gramado estava um pouco desleixado. Às vezes, pedaços de tinta e gesso caíam do teto. Mas partes dela ainda estavam intactas e eram impressionantes. Pensei comigo: Se essas paredes pudessem falar. A biblioteca, por exemplo, na qual gravamos grande parte do trabalho de guitarra, tinha um lindo trabalho em madeira esculpida e papel de parede texturizado da virada do século, ainda intacto. Era enorme e grandiosa; achei que era um local de trabalho inspirador e criativo. Usamos vários outros cômodos para criar diferentes efeitos acústicos. Em “Fractured Mirror”, por exemplo, colocamos microfones no topo de uma escada no segundo andar para obter um som de bateria enorme e reverberante.

Fizemos muitas coisas assim. Eddie gostava de trabalhar comigo porque eu não impunha muitas restrições a ele e o encorajava a experimentar técnicas de gravação pouco ortodoxas. Com o KISS, Paul e Gene geralmente queriam que as coisas fossem feitas de acordo com as regras. Eu nem tinha uma lista de regras. Eu estava mais interessado em me divertir e me arriscar.

Eu dizia: “Eddie, não tenha medo de tentar coisas loucas” e “Vamos tentar algo que você nunca fez antes. Foda-se! Pode fazer”.

Nunca esquecerei a primeira vez que Eddie virou a fita em um gravador de vinte e quatro faixas e duas polegadas. Eu estava um pouco confuso.

“O que você está fazendo?”, perguntei.

“Não se preocupe. Apenas toque para arrasar!”

Esse acabou sendo o meu primeiro solo de guitarra de trás para frente e tinha um som incrível. Perguntei: “Onde você aprendeu isso?”. E Eddie me contou como foi trabalhar com Jimi Hendrix no Electric Lady Studios.

Eddie sempre tinha histórias interessantes para contar. Às vezes, ele falava sobre quando trabalhou com os Beatles e os Rolling Stones, ou com os Kinks no Olympic Sound Studios, em Londres. Uma vez ele contou como foi gravar o Led Zeppelin II, incluindo trabalhar com Jimmy Page na mesa de mixagem do estúdio Record Plant, em Nova York, e fiquei ansioso para saber dessa história. Eddie também trabalhou com Dionne Warwick, Peter Frampton, Carly Simon e David Bowie.

Nem nos meus sonhos mais loucos pensei que estaria com um produtor que havia trabalhado com tantas pessoas que adoro e admiro. Eu me senti realmente privilegiado naquele momento e sempre quis dar a Eddie o meu melhor desempenho quando ele apertava o botão de gravação.

Às vezes, colocávamos quatro amplificadores diferentes em quatro lugares diferentes e misturávamos tudo na mixagem. Uma merda louca. Sempre indo além dos limites. Às vezes, fazíamos até execuções de bateria com a técnica double

tracking, quando a bateria era tocada em combinação com uma performance pré-gravada do próprio baterista... como os solos de bateria em “Rip It Out”. Em “Fractured Mirror”, Eddie e eu alcançamos um som metálico único de sino na guitarra. Eu estava tocando uma guitarra Gibson de braço duplo com uma pilha de amplificadores Marshall, o volume aumentando cada vez mais. Quero dizer, essa coisa estava pronta para explodir. Em um braço eu usava os captadores, por isso, se eu tocasse as cordas nesse braço, o volume teria sido muito alto, mas, em vez disso, eu dedilhava o outro braço, com os captadores desligados - o som saindo do amplificador era o corpo ressoando através dos captadores do outro braço. É assim que eu conseguia aqueles sobretons de sino. É uma técnica que ainda uso hoje e você pode ouvi-la na música instrumental “Fractured Quantum”, que gravei e produzi para o Anomaly. Também fui um dos primeiros guitarristas da história a usar uma guitarra sintetizadora. Eu a usei na música “Ozone”, o que foi muito divertido, e Eddie e meu engenheiro assistente, Rob Freeman, fizeram um ótimo trabalho ao transferir esse som para a fita. O dispositivo era chamado de ARP Avatar e tinha um design elementar em comparação com os sintetizadores disponíveis no mercado hoje.

Das músicas que escrevi para o primeiro álbum solo, “Fractured Mirror” acabou sendo uma das minhas favoritas mais únicas e duradouras. Tanto que, desde então, gravei mais três músicas instrumentais para a série Fractured, finalizando com “Fractured Quantum”. O que vem a seguir? Não sei. A música mais popular desse disco provavelmente seria “New York Groove”, uma música que nem escrevi e para a qual, francamente, não liguei muito na primeira vez que ouvi. O crédito é do assistente de Eddie, que sugeriu a música. Originalmente gravada por uma banda chamada Hello People, “New York Groove” foi escrita por Russ Ballard. Russ tinha uma banda chamada Argent nos anos 1970 e tive a sorte de vê-los tocar em um show quando eu era adolescente. Eddie se esforçou para incluir “New York Groove” no disco. Sempre fui o tipo de cara que dá uma chance, especialmente se eu respeitar a pessoa com quem estou trabalhando, então concordei.

O som característico de “New York Groove” é aquela trituração acka-acka no começo. Aquilo soa quase como se estivesse sendo criado em uma guitarra usando um pedal wah wah. Mas não é isso. Na verdade, foi produzido usando um dispositivo semelhante ao “talk box” usado por Joe Walsh e Jeff Beck e, de forma mais conhecida, por Peter Frampton em Frampton Comes Alive! Funciona assim: um alto-falante ou driver é colocado em uma caixa de metal, na qual um tubo é inserido. Em seguida, uma guitarra é conectada a um amplificador, mas a saída do alto-falante é acomodada passando pela caixa e o sinal é direcionado de volta a partir da caixa para o amplificador novamente. A outra extremidade do tubo fica na boca do músico, permitindo que ele cante ou fale de forma a parecer que as palavras estão sendo produzidas pelo violão de um jeito estranhamente robótico.

Quando isso é bem-feito e usado com moderação, o efeito é incrível.

Eu não conseguia dominar a técnica bem o suficiente para tocar sozinho, então meu amigo Bobby me ajudou. Tente imaginar a seguinte cena: Bobby parado ao meu lado, abrindo e fechando a boca ao redor do tubo enquanto eu tocava guitarra.

“ACKA-acka-acka... ”

Foi bem engraçado. Mas funcionou. Assim como uma outra ideia de Eddie. Ele sugeriu acrescentarmos palmas rítmicas e altas à música, imaginando que o som ficaria melhor quando a música fosse tocada ao vivo. Para conseguir esse efeito, pegamos uma grande caixa de madeira oca e, em seguida, três ou quatro de nós a pisoteamos juntos, o mais forte possível. E Eddie gravou a coisa toda.

Parecia meio bobo na época, mas na verdade era brilhante e inovador. Não fazem mais nada assim. Hoje as pessoas pegariam um stomp box e pronto. Ou, mais provável, pegariam uma amostra digital. Naquela época, tudo que você ouvia era real. Nós criávamos todos os efeitos. Hoje você só pressiona um botão ou dá um clique no mouse. Isso tira muito da diversão do processo. Sou a favor da tecnologia, mas acho que ela tem uma tendência a atrofiar a imaginação.

Depois de gravar as faixas básicas em Connecticut, fomos para o Radio City Music Hall, onde havia um estúdio de gravação no último andar. Era maravilhoso, e vou lhe dizer o porquê: as Rockettes costumavam aparecer e fazer visitas o tempo todo. Elas ensaiavam, faziam uma pausa, davam uma olhada para ver o que estava acontecendo. Então elas subiam um ou dois lances de escada e tomavam banho de sol no telhado. Era uma situação maravilhosa e favorável, para dizer o mínimo.

Ace Frehley foi lançado em 18 de setembro de 1978. Na verdade, todos os quatro álbuns solo do KISS foram lançados naquele dia, um golpe de marketing orquestrado por Neil Bogart na tentativa de maximizar a publicidade e as vendas. Ainda não sei se foi a melhor ideia do mundo. Talvez tivesse feito mais sentido lançar os discos mais devagar, ao longo de um período de vários meses, para dar a cada um o seu tempo sob os holofotes. Em vez disso, a Casablanca prensou meio milhão de cópias de cada disco e inundou o mercado num único dia.

Os resultados foram confusos, para dizer o mínimo. Falando de forma crítica, Ace Frehley foi o mais bem-sucedido dos quatro discos. Eu esperava isso. Meu objetivo era fazer um álbum de rock realmente sólido, com base na guitarra, e foi o que fiz. O choque, para quase todo mundo, foi que Ace Frehley também foi o mais bem-sucedido dos álbuns solo do ponto de vista comercial, superando a venda dos outros três álbuns e produzindo um single do Top 20, o “New York Groove”.

Fiquei atordoado e emocionado com a resposta, e especialmente com a popularidade duradoura de “New York Groove”. É uma ótima música para um cara do Bronx, que é o que ainda sou depois de todos esses anos. Era um afastamento total do KISS e do meu estilo e gosto pessoal, mas foi a música certa na hora certa. Em todos os níveis, ela funciona, e dou todo o crédito a Eddie Kramer. Ele fez isso acontecer, e ele é tão responsável quanto eu por “New York Groove” se tornar um sucesso.

Tenho orgulho desse álbum inteiro. Ele confirmou o que sempre senti: que meus instintos musicais eram fortes. Devido a todo o sucesso que tive com o KISS, a experiência conseguiu, de alguma forma, minar minha confiança e autoestima. O projeto solo me deu uma chance - deu a todos nós uma chance - de me esforçar um pouco, de me desafiar artisticamente. Não me importo em admitir que senti uma forte onda de competição durante a criação de Ace Frehley. Acho que há algo errado

se você não sente isso. Eu queria fazer o melhor disco que pudesse, e acho que fizemos isso. Na época, eu me lembro de ouvir todas as histórias sobre o que os outros rapazes estavam fazendo, como eles estavam montando seus discos e quais eram suas estratégias. Quando soube que Gene teria várias estrelas convidadas em seu disco, não consegui imaginar no que ele estava pensando.

Helen Reddy? Sério, Gene? Que porra é essa ?!

Mesmo no KISS, Gene às vezes fazia escolhas bem erradas. Sei que provavelmente parece ciúmes ou inveja mesquinha, já que o KISS continua sendo uma grande instituição do rock, mesmo depois de todos esses anos, mas, na verdade, não é. Houve algumas ocasiões em que tentei dissuadir a banda de tomar o que eu considerava decisões terríveis. Peter e eu éramos os caras com vivência de rua, com detectores de besteira, se você preferir. Paul e Gene não tinham nenhuma vivência de rua. Especialmente Gene. Ele levara uma vida ordenada e muito protegida. Mas sua opinião sobre certas coisas era incrivelmente cínica e clichê.

Às vezes, ele tinha idéias e eu dizia: “Você é um maluco do caralho? Você não pode fazer isso”.

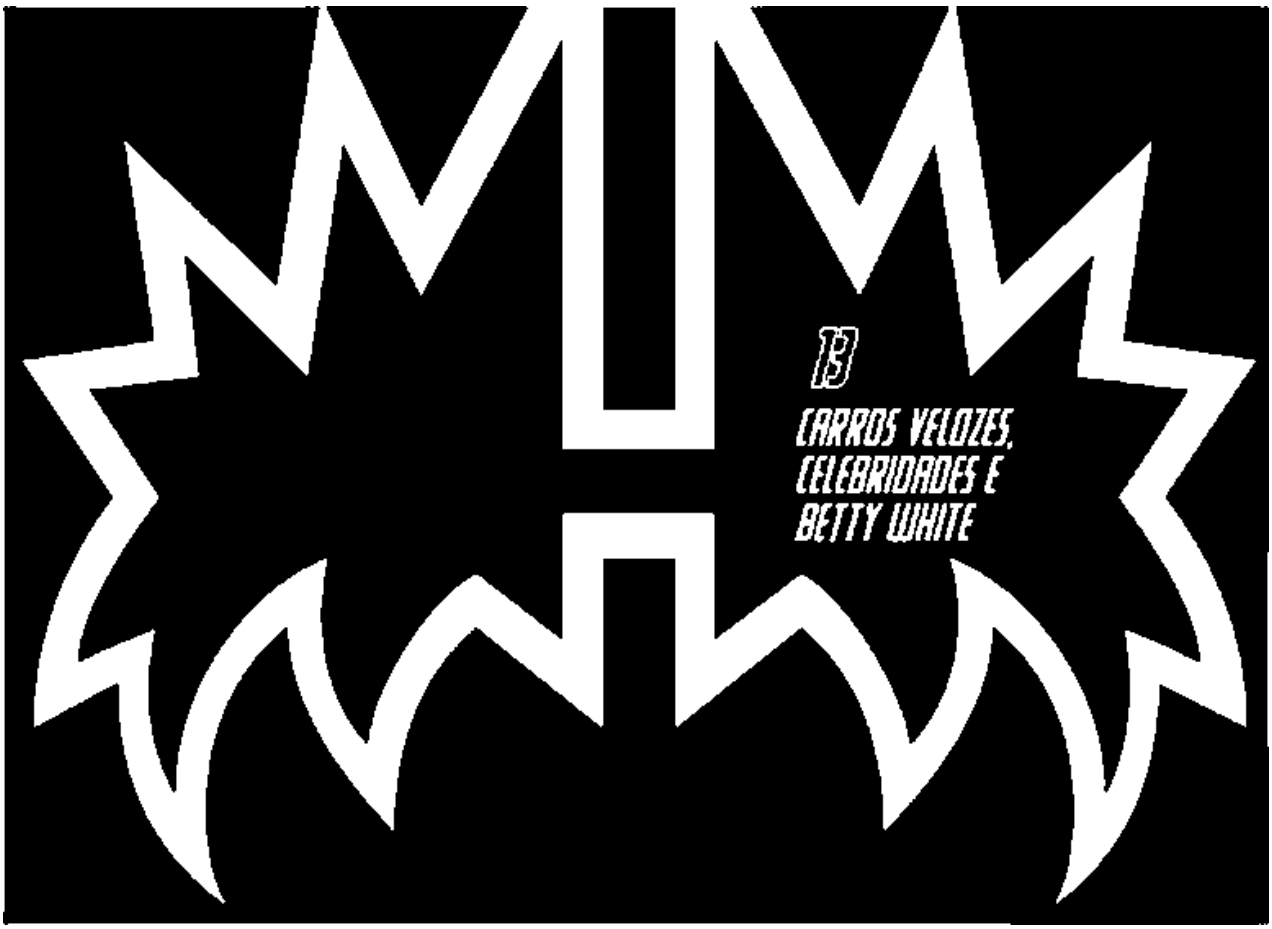
Tudo sempre tinha a ver com ganhar dinheiro, avançar e expandir a marca. Nunca tinha a ver com arte. Nunca tinha a ver com música.

Nunca.

Às vezes, eu ficava pasmo com as coisas que saíam da boca de Gene. Ele não sabia a diferença entre o que era legal e o que não era legal. Quero dizer, veja bem: Como você não consegue saber que Helen Reddy (nada pessoal, só para lembrar), em 1978, era uma péssima ideia? Só a presença dela é suficiente para fazer qualquer fã do KISS dizer: “Vá se foder, Gene. Não vou comprar essa merda”.

As pessoas com quem você escolhe trabalhar em um álbum solo dizem muito sobre você, mas acho que Gene não percebia. Ou talvez ele simplesmente não se importasse. Na metade do tempo eu não sabia o que estava se passando na cabeça de Gene.

Mas eu sempre conseguia ver cifrões refletidos em seus olhos.


13
CARROS VELOZES,
CELEBRIDADES E
BETTY WHITE

Carros velozes, celebridades e Betty White

O KISS estava trazendo milhões de dólares naquela época, e Jeanette e eu fazíamos um ótimo trabalho torrando boa parte disso. Nós nos livramos do nosso apartamento de três quartos em Tarrytown, em Nova York, e compramos uma casa na cidade vizinha de Irvington, onde construí um estúdio de gravação no sótão e tinha dois dobermanns treinados perambulando pelo quintal para nos proteger contra convidados indesejados. Nós nos mudamos depois de um ano porque alguns fãs e a imprensa descobriram que eu morava lá. As câmeras às vezes disparavam o flash quando eu saía pela porta da frente. Um dia, voltei para dentro e disse a Jeanette: "Vamos sair dessa porra de lugar".

A próxima parada foi uma grande extensão de terra em Connecticut, no meio da floresta.

Eu tinha acabado de gravar meu primeiro álbum solo e o interior de Connecticut parecia exatamente o que o médico receitou: uma fuga bem-vinda de fãs e fotógrafos. Decidimos comprar uma propriedade de mais de 2 hectares em Wilton. As coisas estavam aumentando em todas as frentes, e essa parecia uma boa decisão na época. A esposa de Eddie Kramer, Julie, nos ajudou a encontrar um lugar isolado e fizemos a mudança em pouco tempo.

Durante o tempo em que moramos lá, Jeanette e eu estávamos casados e felizes, e éramos um casal genuinamente divertido de se ter por perto - exceto quando brigávamos! Demos muitas festanças e churrascos e, na maioria dos fins de semana, entretínhamos amigos e familiares (em geral, eles acabavam ficando o fim de semana inteiro em nossa casa). Em julho de 1980, Jeanette deu à luz a nossa adorável filha Monique, então foi preciso contratar uma babá. Já havíamos tido várias criadas até então, e acabamos com duas agregadas bem-vindas à família Frehley. Nunca esquecerei nossa governanta, Ellie. Ela era de longe a melhor e mais engraçada da turma. Ainda consigo ouvi-la conversando com Jeanette: "Sinto muito. Espero não ter me metido em problema.

Aspirei o pó feliz do sr. F no porão!". Havia sempre alguma merda boba acontecendo lá em cima, e nunca faltava álcool e drogas.

Wilton foi nossa casa principal por mais de sete anos (embora também tivéssemos um apartamento no centro de Manhattan). Paguei apenas US$ 350 mil pela casa e pela propriedade, mas investi mais um milhão: paisagismo bonito, muros de pedra com portões de ferro forjado e uma ponte de paralelepípedos com uma queda d'água. Um pequeno lago na propriedade onde eu estocava trutas frescas, que se tornavam um delicioso almoço de vez em quando. Um longo caminho para carros levava a uma fonte circular e a um jardim de pedras na entrada principal. Banheiros de mármore e lustres de ouro e cristal faziam o lugar parecer muito mais luxuoso.

Na entrada principal, havia uma gigantesca lareira de seis metros, feita de pedra e quartzo. No porão, tínhamos a frente de um Jaguar roxo vintage acima da lareira de tijolos e uma sala com uma televisão de projeção gigante, mesa de sinuca e bar com pia equipado profissionalmente.

No caminho para carros na entrada da frente havia um Cadillac El Dorado branco, um DeLorean em aço inoxidável, um Porsche 928 preto e um Chevrolet Blazer K-5 marrom metálico. Todos estavam brigando por espaço para se movimentar ao redor da fonte.

O melhor em relação à propriedade Wilton era o estúdio de gravação que construí ao lado da casa. Era único e tinha acesso pelo lado de fora, através de uma parede de vidro, tijolo e uma sólida porta de carvalho de 5,5 metros de altura, ou através do porão da casa. A entrada do porão tinha uma clarabóia gigante de plástico acima da escada que levava à sala de controle. O interior do estúdio era futurista e luxuoso, com muito vidro e concreto e barreiras acústicas de madeira. A sala de controle tinha o formato de um octógono e era equipada com um dos primeiros consoles automáticos disponíveis. Eddie Kramer me ajudou a escolher a maioria dos equipamentos e era praticamente o que havia de mais moderno na época. Trabalhei com vários produtores diferentes ali e gravei alguns materiais originais, além de ótimas sessões improvisadas que ainda serão lançadas. Gostaria de deixar todos ouvirem algumas dessas fitas em algum momento no futuro próximo.

Quando o KISS não estava na estrada ou gravando um álbum, eu gostava de me retirar em Wilton e ficar com meus amigos. O lugar era tão grande que eu nem precisava ver outras pessoas que estavam lá se não quisesse. Eu poderia ficar num canto da casa e me isolar. Meus “amigos” eram muitas das mesmas pessoas que eu conhecia há anos, pessoas em quem eu podia confiar, ou pelo menos achava que podia confiar. Eu gostava muito deles, na verdade, porque eles conheciam o verdadeiro Paul Frehley. Não o Ace, o Spaceman. Só o Paul.

Sempre que eu caía na estrada, as pessoas me tratavam de forma diferente, porque eu era uma estrela do rock, mas a maioria dos meus amigos entendia que eu queria ser tratado como qualquer outra pessoa. Eu precisava de umas férias do personagem Spaceman por um tempo, porque às vezes parecia que eu estava perdendo minha identidade. Minha privacidade era importante para mim e meus amigos entendiam isso. Eu gostava de agir como um idiota sem me preocupar em acabar no rádio ou em uma revista. Eu os tratava bem também. Eu os deixava ligados, pagava a cocaína, as balas e tinha a melhor cerveja, o melhor champanhe e a melhor bebedeira. Eu lhes dava dinheiro quando precisavam, pois a maioria deles não podia pagar pelo meu estilo de vida. Gostava de fazer isso pelos meus amigos. Suponho que um terapeuta poderia fazer um trabalho de campo de um dia analisando esses relacionamentos e questionando sua saúde e as motivações das várias pessoas envolvidas. Nunca fui muito a fundo nisso. Eram meus amigos e eu gostava de ter a companhia deles. Gostava de ficar bêbado e me divertir de um jeito idiota, em geral inofensivo.

Eu não estava sozinho em minha autoindulgência. Peter comprou uma Mercedes e uma mansão em Greenwich, em Connecticut. Gene e Paul compraram lugares

bastante agradáveis em Manhattan. Estávamos todos vivendo a vida em alta velocidade, mas eu estava prestes a quebrar a barreira do som sem nem pensar duas vezes. A cada turnê sucessiva, a vida na estrada se tornava mais bizarra e surreal. Às vezes, quando não estava em turnê, encontrava conforto e refúgio na cena dos clubes noturnos de Nova York. Em meados dos anos 1970, a vida noturna de Nova York alcançou o auge da decadência. As pessoas estavam ocupadas em ser fabulosas, ter uma boa aparência e se vestir bem, e dizendo coisas do tipo: "Por que não fazer isso?" ou "Experimente um pouco disso". Muito dinheiro estava sendo gasto. Nova York, entre meados e final dos anos 1970, refletia um pouco a vida de muitas estrelas, escritores e artistas das décadas de 1920 e 1930.

Eu estava frequentando muitos clubes - lugares como Trax, Cat Club, Max's Kansas City, Area (completo com seu tanque de tubarões!), Café Central (onde meu atendente às vezes era Bruce Willis), CBGB e, claro, Studio 54.

Steve Rubell havia construído o palácio do prazer supremo, e eu me tornei um cliente regular lá. Se você fosse VIP e gostasse de se divertir, faria questão de ir ao Studio 54 quando visitasse Nova York. Se eu ficasse sem drogas lá, sempre poderia visitar Steve em seu escritório e encontrar uma montanha de cocaína em sua mesa. Ele sempre foi um amigo e um cavalheiro comigo, e também muito generoso com o que tinha.

Eu saía com a maioria das celebridades e estrelas do rock que frequentavam o Studio 54; bebia e usava drogas com elas. Dancei com Lindsay Wagner, saí com Keith Richards, Alice Cooper, Mick Jagger e John Belushi, para citar apenas alguns. Vi os endinheirados e pessoas usando drogas e transando nos banheiros e na varanda. Pelo preço certo, você poderia ter qualquer coisa que quisesse, de drogas a carne. Naquele momento, o Studio 54 às vezes parecia o centro do universo. Independentemente do nível de comportamento decadente, as pessoas sequer olhavam, porque estavam ocupadas demais se divertindo. Mas, mesmo no meio da euforia e do glamour, no fundo havia uma sensação estranha de que tudo isso duraria pouco - como uma bela e majestosa festa que lentamente desapareceria.

Nessa época, eu tinha uma namorada que lembrava muito uma atriz de Hollywood. Às vezes, apenas para rir, eu telefonava para ela e dizia: "Vamos sair. Vou buscá-la em uma hora. Vamos ao 54. Você sabe o que fazer."

"Você quer que eu arrume meu cabelo?"

"Uhum."

No momento em que essa garota entrava na limusine, ela estava vestida a caráter e, quando parávamos na frente do Studio 54 e as portas se abriam, os paparazzi enlouqueciam.

"Olha! Ace Frehley está com Natalie Wood!"

Era um tumulto burlar os fãs e fotógrafos que ficavam a noite toda do lado de fora do clube só para ter um vislumbre de alguém famoso.

Onde quer que eu fosse, as pessoas estavam cheirando carreiras na frente de todo mundo; os anos 1970 eram assim. Parecia algo natural, já que quase todo mundo fazia isso. Não consigo pensar em alguém com quem eu tivesse um contato regular

que não fosse pelo menos um usuário casual. Bom, certo, com algumas exceções notáveis: Gene Simmons e Paul Stanley. Ambos eram antidrogas.

Peter e eu muitas vezes bebíamos e usávamos drogas juntos e, à medida que a banda progredia, isso parecia cada vez mais um problema aos olhos deles. A dependência de analgésicos de Peter era uma grande preocupação para eles, e seu acidente de carro em Los Angeles não ajudou muito. Eu estava alheio a boa parte do caos e não ligava para o que a maioria das pessoas pensava.

Eu estava vivendo a vida de estrela do rock em sua essência, com muito sexo, drogas e rock'n'roll, e não queria parar. Eu me lembro de pensar que provavelmente não passaria dos 30 e poucos anos.

Peter e eu tivemos algumas noites épicas de diversão envolvendo várias mulheres e cocaína suficiente para fazer o coração mais forte parar. O fato de estarmos aqui hoje, bem vivos, parece um pequeno milagre para mim.

Peter era meu amigo do KISS, a única pessoa da banda que eu considerava um "amigo" e alguém em quem eu podia confiar. Curiosamente, ele também é a única pessoa da banda com quem eu já me envolvi em uma luta corporal. Aconteceu em uma turnê logo no início, no Canadá. Eu nem me lembro do que se tratava - eu estava bravo com alguma coisa e Peter estava chateado com outra coisa. Nós apenas discutimos no camarim, uma coisa levou à outra e os socos começaram a voar. Nossos assistentes de turnê nos separaram antes que alguém se machucasse. Pedimos desculpas um ao outro enquanto bebíamos uma cerveja e esse incidente nos aproximou.

Sempre criávamos formas malucas de nos divertir na estrada, algumas perigosas, outras simplesmente ridículas. Por um tempo, Peter interpretava um personagem chamado "dr. Rosenbloom". Ele se vestia como um médico maluco e usava um bigode falso, colocava o cabelo para trás e fazia personificações. Sua imitação cômica de Sinatra era incrível! Quando não tínhamos convidados, geralmente éramos apenas eu e nossos dois guarda-costas curtindo o show. Ficávamos no quarto de Peter, entornávamos o caneco e falávamos bobagem, rindo até o amanhecer.

Muitas vezes eu também saía com os caras da equipe de turnê. Assistentes e motoristas de caminhão sempre estavam dispostos a um bom jogo de pôquer, e eu estava sempre disposto a sediar o jogo em minha suíte e cuidar das festividades. Ninguém da banda jamais jogava pôquer, então eu não tinha muita escolha. Em geral, acabava ganhando a maioria desses jogos, mas quando perdia, tentava ser um perdedor tão gracioso quanto um vencedor.

Quando estávamos em turnê com outras bandas, invariavelmente os integrantes acabavam no meu quarto ou no quarto de Peter. O boca a boca era que tínhamos as melhores coisas e dávamos as melhores festas depois do show. Festeiros de plantão normalmente gravitam uns ao redor dos outros, e era isso que acontecia numa turnê do KISS.

Tenho muitas histórias de estrada, mas uma que sempre vem à mente é a turnê que fizemos no verão de 1975, com o Rush fazendo o show de abertura para nós. Sempre gostei de Rush (e ainda gosto). Depois de algumas semanas em turnê, comecei a conhecer os rapazes da banda, e seu gerente de turnê, Howie, que era

muito engraçado. Uma coisa levou à outra e, em pouco tempo, Peter e eu passamos a receber visita dos rapazes do Rush. Geralmente isso se transformava em tardes cheias de cerveja e erva e tudo que houvesse por perto. Alex Lifeson, o guitarrista da banda, costumava participar dessa rotina histérica com uma grande sacola de papel. Ele desenhava um rosto gigante ridículo na sacola com um marcador preto, fazia dois buracos para poder ver e respirar e depois a colocava na cabeça. A essa altura, todo mundo no quarto estava bêbado ou chapado, mas geralmente um pouco dos dois. De qualquer forma, Alex entrava nessa rotina com a sacola na cabeça e, enquanto fumava um baseado pelo olho, deixava todo mundo em total histeria. Ele tirava o máximo disso até todo mundo sentir falta de ar!

Quanto mais popular o KISS se tornava, precisávamos de mais segurança e nossa comitiva aumentava de acordo com isso. Tínhamos pessoas contratadas para fazer os arranjos necessários antes dos eventos, guarda-costas, empresários, gerentes de turnês, camareiros etc., além de várias namoradas e esposas. Por um tempo (antes de começarmos a alugar jatos particulares), voamos em voos comerciais e geralmente ocupávamos todos os assentos de primeira classe. Nossos guarda-costas pessoais eram caras com os quais você não gostaria de ter problemas. Se alguém da classe econômica tentasse invadir o nosso espaço (o que quase sempre acontecia), um dos guarda-costas só lançava um olhar do tipo “nem pense nisso” e, em geral, isso era suficiente para que as pessoas voltassem correndo para os seus lugares. Nossos guarda-costas eram todos oficiais de segurança treinados, mas também eram caras ótimos, sérios em relação ao trabalho e divertidos de se conviver. Eles já estavam no setor havia um certo tempo e geralmente sabiam o que esperar em qualquer situação. Eu confiava completamente neles e coloquei a minha vida em suas mãos em mais de uma ocasião.

Teve uma vez em St. Louis, por exemplo, no fim dos anos 1970. Quando viajávamos para alguma cidade, era comum nossos guarda-costas fazerem amizade com membros de órgãos de segurança locais. Era uma coisa inteligente a se fazer, não só porque você pode precisar de ajuda com fãs indisciplinados ou com o controle de tráfego num show, mas porque depois as coisas às vezes saíam do controle no hotel ou num clube local. Os guarda-costas sabiam que estaríamos numa posição melhor de barganha se os policiais locais estivessem do nosso lado. Sempre dávamos discos autografados, fotos e camisetas aos policiais e tirávamos fotos com eles e suas famílias como uma cortesia por seu apoio. Então, dessa vez em St. Louis, enquanto estávamos na cidade num dia de folga, dois policiais que não estavam a trabalho voltaram ao hotel para passar um tempo conosco. Um deles estava com um revólver .45. Depois de algumas horas por ali e tomando algumas bebidas, eu disse: “Cara, vamos sair e fazer alguma coisa”.

Todos concordaram, mas isso acabou sendo mais difícil do que imaginávamos. Fomos parar em um bar do outro lado do rio Mississippi, o que significava que havíamos cruzado fronteiras e jurisdições estaduais. Fomos informados de que era um lugar da galera rock’n’roll, mas era mais um bar de motoqueiros e eles não gostavam muito de roqueiros de fora do estado.

Peter e eu estávamos do lado de fora da porta, avaliando o ambiente.

“Ah, foda-se”, disse Peter. Ele apontou para os policiais e guarda-costas. “Quem vai mexer com a gente?”

Então, entramos sem reservas, sem saber o que estava prestes a acontecer.

Começamos a beber, jogar algumas rodadas de sinuca e dançar com algumas das garotas. Estávamos começando a relaxar e nos divertir quando as coisas começaram a dar errado. Alguém do nosso grupo (ok, fui eu) supostamente chegou de um jeito impróprio em uma das namoradas dos motoqueiros. Em seguida, só lembro de ter visto os caras brigando, xingando e ameaçando ferrar uns aos outros. Em geral, uma briga de bar termina ali, com os dois lados se afastando da briga antes mesmo de ter a chance de começá-la. Mas não em um bar de motoqueiros à 1h da manhã. Não quando você tem dois policiais e guarda-costas profissionais do seu lado.

Alguém fez um movimento rápido e punhos e garrafas começaram a voar. As coisas saíram do controle rapidamente e, a certa altura, meu guarda-costas, Eddie, me empurrou contra a parede e, como um agente do Serviço Secreto, me protegeu de um cara que tentava quebrar uma cadeira na minha cabeça. Eddie sofreu todo o impacto, mas isso mal o perturbou. As coisas estavam tomando proporções maiores e uma decisão sobre o que fazer precisava ser tomada rapidamente. Todos estavam brigando da melhor maneira que podiam, mas, depois de alguns minutos, ficou claro que estávamos em menor número. Meus guarda-costas decidiram que era hora de nos separarmos. Eles nos guiaram para o estacionamento e nos jogaram nas duas limusines, que estavam esperando com os motores ligados. Os motoristas da limusine queimaram os pneus ao sair, e levou um tempo para que todos nos acalmássemos antes de começar a avaliar os danos.

Alguns tiveram pequenos cortes e contusões, mas um dos policiais tinha um corte de quase 8 centímetros na cabeça que estava sangrando muito. E isso não era o pior.

“Filhos da mãe”, disse o policial machucado. “Eles pegaram a porra da minha arma”.

Eu conhecia um número de policiais suficiente para saber que isso era um problema dos grandes. Exceto por um tiro acidental, quase nada é mais embaraçoso e potencialmente mais prejudicial para um policial do que a perda de uma arma. O que dizer quando isso acontece quando você está de folga, bebendo em um bar, brigando com um monte de motoqueiros?

Não é bom. Nada bom.

Voltamos ao hotel e deixei o policial ferido tomar banho no meu banheiro. Tentamos limpar o corte em sua cabeça, mas era óbvio para todo mundo que ele precisava de pontos para que o sangramento parasse, então nós o levamos ao hospital. Eu me senti mal por ele ter perdido a arma, especialmente porque ele estava tentando salvar a minha pele! Nunca descobri exatamente o que aconteceu com ele, mas nunca esquecerei o que ele fez por todos nós.

Eu estava tão preocupado com toda a comoção no hotel e no hospital que não percebi que tinha perdido minha jaqueta favorita. De repente, isso me atingiu. Eu tinha deixado a porra da jaqueta no bar.

“Preciso que você volte lá e pegue a jaqueta para mim”, falei para o meu guarda-costas, Eddie. “E eu não me importo quanto vai custar para tê-la de volta.”

“Não se preocupe, Ace”, disse ele. “Vou pegá-la, não importa o que aconteça.”

Dei a ele mil dólares em dinheiro e disse: “Não volte sem ela”.

Como eu disse, esses caras eram destemidos... e leais. Para alguém do lado de fora, isso provavelmente pareceria uma missão suicida, mas cerca de uma hora e meia depois Eddie bateu à minha porta com a minha jaqueta na mão.

“O que aconteceu?”, perguntei.

Ele me disse que a maioria dos caras com quem brigamos tinha saído para curtir a noite, mas os seguranças ainda estavam lá. Bastou um pedido de desculpas e um pouco de dinheiro - um dia de trabalho normal para Eddie.

“Quanto?”, perguntei.

“Eu a consegui por quinhentos. Tudo bem, Ace?”

Eu ri. “Eu teria pago dois mil para recuperá-la, Eddie. Você fica com os outros quinhentos e vamos encerrar a noite. Falo com você de manhã, amigo. Boa noite e obrigado.”

Eddie era um cara legal, e sei que ele foi dormir com um sorriso naquela noite.

Pensando bem, não pude deixar de me perguntar como tudo isso aconteceu. Quando saímos do hotel, eu me sentia intocável, como se ninguém fosse mexer conosco. Isso me fez perceber que você nunca está realmente seguro, em especial quando você começa a se ferrar e há mulheres envolvidas. Você nunca sabe o que vai acontecer; mas não é isso que faz a vida valer a pena?

Quase morri em várias ocasiões. Acidentes de carro, overdoses, brigas. Quase me afoguei também. Duas vezes, na verdade. De forma curiosa, dada a nossa relação de amor e ódio, Gene Simmons me socorreu. O primeiro incidente aconteceu numa piscina de hotel em Atlanta. Era um dia de folga, na estrada, e estávamos reunidos à beira da piscina, tomando banho de sol e curtindo a vida. Tomei muitas cervejas naquela tarde e não deveria estar nadando. Por nenhum motivo em particular, enquanto eu estava caminhando na parte funda da piscina, eu me lembrei de um velho e engraçado episódio do Pernalonga. Aquele em que ele está se afogando de forma dramática: ele está embaixo d’água erguendo um dedo. Então ele volta para a superfície e desce de novo, desta vez erguendo dois dedos... e depois três. Eu me lembrei disso e comecei a rir tanto que comecei a engolir água. De repente, eu estava tossindo, cuspindo e tentando respirar.

E então afundei.

Merda... estou me afogando!

A sorte intercedeu, como costuma acontecer na minha vida. Gene, sóbrio como sempre, percebeu que eu estava com problema e, em segundos, pulou na piscina e me arrastou para a superfície. Depois ele me puxou para o deck da piscina e comprimiu meu peito até a água sair. Acontece que Gene foi um salva-vidas certificado quando era mais jovem. Quem adivinharia?

Nunca vou me esquecer da ressaca com que acordei na manhã seguinte e do terrível gosto de cloro na boca. Então lembrei. Quase me afoguei ontem! Puta merda! E Gene salvou minha vida!

Provavelmente foi uma das poucas vezes em que fiquei mais feliz do que um porco na lama pelo fato de Gene estar sóbrio. Eu lhe agradeci e me afastei coçando a

cabeça, pensando comigo mesmo: Isso realmente aconteceu? E, por sorte, Gene interveio alguns anos depois e me salvou uma segunda vez.

Aconteceu numa noite depois de um show. Eu tinha decidido dar uma pausa nas bebidas e nas festas, ficar no meu quarto e tomar um banho quente.

Tomei vários tranquilizantes para relaxar e, mergulhado na água quente, cochilei. Infelizmente, eu tinha me esquecido de desligar a água e, em pouco tempo, a banheira começou a transbordar e inundou o quarto (para o desgosto da gerência do hotel). Gene deve ter tido uma premonição naquela noite, já que ele normalmente estava muito ocupado entretendo uma ou duas adoráveis mulheres em seu quarto, mas, para minha surpresa, ele irrompeu pela porta com um segurança e me puxou para fora da banheira, com a bunda de fora, um pouco antes de o nível da água na banheira chegar nos meus lábios!

"Ace!", ele gritou. "Que porra você está fazendo? Você poderia ter se afogado!"

Fiquei ainda mais surpreso do que todo mundo, porque fui despertado de um sono relaxante. Levei um segundo ou dois para me dar conta do perrengue. Pensei comigo mesmo: Meu Deus, às vezes sou tão irresponsável. Quando é que vou aprender? Agradeci a Gene por salvar minha pele pela segunda vez e disse que ficaria bem pelo resto da noite. Gene não queria ouvir pretextos e acredito que ele estava realmente preocupado com meu bem-estar. Mesmo dizendo que estava bem, ele me ajudou a ir para a cama com cuidado e me deixou confortável. Ele decidiu dormir no meu quarto naquela noite e ficar de olho no irresponsável Spaceman. Na manhã seguinte, acordei sem lembrar de nada do incidente e, quando vi Gene no quarto, falei: "Oi, Gene! O que você está fazendo aqui? Fiquei por aqui ontem à noite e relaxei. O que você fez?". Ele olhou para mim com espanto, percebendo que eu não me lembrava de nada da noite anterior e que não tinha ideia do quão perto estive de me afogar pela segunda vez.

Mesmo quando me cansei de ficar preso à fórmula do KISS - com pirotecnia e efeitos especiais e deixas de iluminação para os atos seguintes ainda gostava de tocar ao vivo. Mas, depois de um tempo, até isso perdeu parte de sua empolgação, principalmente porque não havia espaço para a espontaneidade. Não podíamos desviar muito do plano sem correr riscos de ter danos corporais ou pelo menos estragar o show. Depois do meu acidente na Flórida, sempre tinha medo de ser eletrocutado. Uma bomba explodida aqui, ou um fogo se acenderia ali. E isso acontecia em um momento específico em cada apresentação. Então você praticamente fazia a mesma merda todas as noites e isso ficou meio entediante. Eu me lembro claramente de algumas vezes, no fim dos anos 1970, ficar sonhando acordado no meio de uma música. Isso acontecia na metade do show e eu me desprendia totalmente - meus pensamentos se afastavam do show conforme eu começava a dar uma olhada nas garotas da primeira fila, ou pensar se eu tinha cocaína e balas suficientes para a semana, tentando lembrar se tinha conhecido alguém na cidade na última vez que estive lá, sinalizando aos meus guarda-costas para distribuir convites para a nossa suíte de hospitalidade.

Depois que eu terminava meu solo de guitarra esfumaçante, em geral eu usava o piloto automático e pensava cada vez mais nos eventos que ocorreriam no hotel

depois do show. Nesse caso, acho que o termo “fora do ar” se aplica melhor do que “entediado”. Quando você sempre sabe o que vai acontecer, começa a procurar outras coisas para estimular seus sentidos e ocupar seus pensamentos. Isso começou a acontecer comigo de vez em quando, e eu apenas ia com o fluxo.

Você pode se acostumar a quase tudo e, às vezes, um excesso de coisas boas pode parecer menos atraente. Porém, em outras ocasiões, aproveitei os momentos sem me importar com o mundo, absorvendo todas as experiências sensuais. Eu me lembro de tocar num grande festival ao ar livre em Atlanta. Me deram uma suíte gigantesca no hotel e eu a enchi com uma dúzia de belezas sulistas, todas querendo me mostrar sua gratidão pelo meu desempenho. Não sabia exatamente como entreter todas elas. Felizmente, um DJ local muito popular me ajudou no processo de seleção e a me entregar às recompensas pelo meu trabalho até as primeiras horas da manhã.

Eu não tinha nenhuma vantagem em relação a esse cara quando se tratava de manter a energia. Ele estava no limite, e acabamos compartilhando meia dúzia de garotas ao longo da noite, bebendo e cheirando carreiras de cocaína em seus seios e torsos nus, trepando até ficarmos tão entorpecidos a ponto de não conseguir fazer mais nada. No fim, nós dois acabamos desmaiando entre vários corpos nus, apenas para ser despertados pelas carícias sensíveis de mulheres desejando um café da manhã especial. Foi uma experiência com a qual a maioria dos homens só fantasia. A popularidade do KISS estava atingindo seu auge no sul nessa época e, mesmo enquanto tudo estava acontecendo naquela noite, senti que nunca mais teria esse tipo de experiência exagerada de hospitalidade sulista.

E eu estava certo.

Depois de meses sendo atendidos por tantas pessoas diferentes e visitando tantos lugares diferentes, a estrada se tornou uma mancha. Apesar disso, de vez em quando, algumas noites se destacavam - seja pelo puro êxtase do evento, ou porque eu corria o risco de perder tudo. A próxima história é um exemplo desse último tipo e envolve um golpe de sorte enorme. (Sem trocadilhos; ou talvez só um pouco.)

Nós o chamamos de “o caso do clube de golfe”. Eu, Peter e Don Wasley tivemos a ver com ele. (Como mencionei anteriormente, Don era o vice-presidente de desenvolvimento artístico da Casablanca Records; Peter e eu o apelidamos carinhosamente de “o diretor”.) A história começa no hotel depois de um show. Nós nos encontramos para tomar umas bebidas e cheirar umas carreiras, sem esperar nada fora do comum. No momento seguinte, estávamos com três garotas. Pela aparência delas, parecia que estávamos prestes a ter uma noite muito agradável. Álcool, cocaína e metaqualona preencheram uma hora ou duas, enquanto saboreávamos os frutos dessas adoráveis damas. Mais tarde, alguns ficaram com fome e decidiram fazer um lanche. Como estávamos na suíte de hospitalidade, havia uma longa mesa de comida à disposição. Depois que comemos, começamos a pintar o corpo das garotas com pasta de cebola e molho para salada, pensando que isso poderia animar um pouco as coisas. Isso logo se transformou num concurso de melhor design de pintura corporal. Mais uma hora se passou e, depois de alguns derramamentos, alguns começaram a perder o interesse. Don, por exemplo, havia virado as costas para a tela feminina e começado a praticar seu swing de golfe. Peter

tinha colocado uma capa e estava mergulhando nos móveis, vai saber, fingindo ser o Super-Homem. Eu estava debruçado sobre a mesa cheirando uma carreira quando, de repente, ouvi um som de estalo e, pelo canto do olho, vi a garota perto de Don cair no chão com um baque. Don não viu que ela estava se aproximando por trás e a acertou na lateral da cabeça com seu taco de golfe. Ela caiu no tapete como um peso morto!

Eu me lembro de olhar para Don e de Peter dizendo: “Puta merda! Que tacada do caralho”.

Estávamos completamente chapados e todos começamos a rir, mas, em poucos segundos, nossas risadas se transformaram em profunda preocupação com o bem-estar da garota, já que ela não estava se mexendo. Lembro que pensei: Que jeito cagado de terminar uma festa tão boa! Eu podia até imaginar a manchete: “Groupie morta em suíte de hotel por jogador de golfe”.

Don expressava uma grande preocupação no rosto, já que ele encararia uma longa sentença de prisão se ela estivesse morta. O tempo parou por um momento enquanto tentávamos ressuscitar o anjo caído.

De repente, um leve gemido saiu de sua boca quando ela ficou de barriga para cima. Com os olhos entreabertos, ela levantou a cabeça devagar e, respirando fundo, se sentou no tapete. Segundos depois, com um olhar confuso, ela falou: “Que porra foi essa?”

Eu disse a ela: “Desculpe, querida. Você está bem? Don estava praticando seu swing de golfe e acho que você fugiu da visão periférica dele”.

Em pouco tempo, ela estava de pé novamente, curvada sobre a mesa, cheirando outra carreira de cocaína, alheia ao quão perto ela esteve de morrer. Apenas nos entreolhamos espantados, pensando: Caralho... essa foi por um triz!

Nossos anjos da guarda deviam estar nos vigiando naquela noite. O sol estava nascendo e a festa continuou até que todos adormecemos.

Tantas coisas não aconteceram por um triz, tantos desastres evitados. Não faço ideia de como ou por que ainda estou por aqui. Eu me arrisquei muitas vezes e fui além dos limites do destino até agora; às vezes quase parece que essas coisas nunca aconteceram de verdade. Mas aconteceram, e estou grato por estar vivo para contar e também por ter aprendido com meus erros.

Teve uma vez em uma grande cidade do sul, por exemplo, em que destruímos um quarto de hotel em grande estilo. Peter estava lá, conversando com uma das groupies mais conhecidas do rock, uma garota chamada Sweet Sweet Connie, do Arkansas (que foi imortalizada na música “We’re an American Band”, do Grand Funk Railroad). Eu sentia que merecia amor naquela noite e pulei na cama entre Peter e Connie, mas, depois de alguns minutos, ficou claro que eu era um hóspede indesejável, então me retirei para a segurança do meu quarto, onde outra festa estava começando. Meu amigo Donnie, de Westchester, apareceu (por que raios Donnie estava lá embaixo? Não faço ideia). E a quarta pessoa era um famoso piloto de stock car que permanecerá anônimo; digamos que ele era um grande nome na época. E isso aconteceu na região de Deep South, que, só para lembrar, era onde os pilotos de stock car eram tratados como... bom, como estrelas do rock.

A festa progredia, como costumava acontecer, com muito álcool, cocaína e tudo mais, até que tive a brilhante ideia de começar a jogar os móveis pela janela. Não inventei esse conceito, mas quase o aperfeiçoei. Meus amigos pareciam um pouco relutantes em participar, especialmente porque estávamos a uma altura de vinte andares e minhas janelas davam para uma rua movimentada. Mas, assim que comecei as festividades, pegando um abajur e atirando-o pela janela, eles logo decidiram participar do plano. Em seguida, foi uma cadeira de madeira e uma mesa lateral. Então uma escrivaninha voou pela janela... seguida por uma televisão. Cada item explodia de forma espetacular CRACK!! - quando atingia a rua, se estilhaçando em todas as direções e assustando os transeuntes. Em seguida, de alguma forma, jogamos uma poltrona de dois lugares pela janela. Mais uma vez, poderíamos ter matado alguém, mas, na época, só pensei que aquilo era hilário. A gravidade de nossas ações não me ocorreu, até que nosso gerente de turnê, Frankie Scinlaro, entrou correndo pelo quarto, em pânico e sem fôlego.

"Que merda vocês têm na cabeça?", perguntou ele. "Os policiais estão a caminho."

"Uh, oh", falei entre risadinhas.

"Não, cara, isso é sério." Ele apontou para Donnie e para o piloto de stock car. "Vocês, saiam já daqui."

Comecei a sair com eles.

"É o seu quarto, Ace", observou Frankie. "Eles vão te encontrar."

"O que você quer que eu faça?"

"Vá para a cama, se enfie debaixo das cobertas e feche essa maldita boca. Deixe que eu falo."

Os policiais estaduais chegaram minutos depois e eu escutei cuidadosamente a conversa debaixo dos lençóis, enquanto fingia estar dormindo. Eles estavam prontos para me levar embora sem discussão, e quem poderia culpá-los? Havia móveis voando para fora do meu quarto como mísseis. Mas Frankie, que sua alma descanse em paz, lidou com a coisa toda como um profissional. Frankie era um fingido do caralho, já sabia como as coisas funcionavam e conseguia enrolar os melhores deles. Frankie também havia gerenciado Alice Cooper antes de embarcar no KISS, então conhecia um pouco do excesso das estrelas do rock. No entanto, o KISS era quase demais para Frankie.

"Sinto muito, oficial", eu o ouvi dizer. "Ace fez uma festa com muitas pessoas no quarto, mas, infelizmente, ele bebeu demais e desmaiou na cama faz algumas horas. Ele não tem culpa aqui, as pessoas ficaram entrando e saindo do quarto a noite inteira. Eu nem conheço a maioria delas. Ace estava só tentando retribuir um pouco a hospitalidade do sul. Ele não teve nada a ver com esses idiotas que estavam jogando os móveis. Acredite, ele ficará puto quando acordar de manhã."

Incrivelmente, eles acreditaram. Ou não acreditaram, mas simplesmente não se importaram o suficiente a ponto de me punir para dar o exemplo. Em especial porque não havia testemunhas e ninguém se feriu nesse episódio insano. O KISS tinha esse tipo de influência. De qualquer forma, sem a intervenção de Frankie, tenho certeza de que acabaria na prisão naquela noite. Em vez disso, fiquei ali por

um tempo, aliviado e agradecido pelas habilidades de persuasão de Frankie, imaginando que aventuras me aguardavam na próxima cidade e se eu teria tanta sorte.

Durante as décadas de 1970 e 1980, a maioria das pessoas que usava muita cocaína também usava algum tipo de codinome ou apelido para a palavra "cocaína", principalmente quando falava sobre isso por telefone (você nunca sabia se o telefone estava com defeito). No meu círculo social, os nomes iam e vinham, mas um dos nomes que continuou sendo meu favorito ao longo dos anos foi "Betty White". Se eu estivesse conversando com um amigo por telefone e quisesse saber se haveria cocaína em uma festa em particular, eu apenas dizia: "Ei! A Betty vai estar na festa?". Sempre ríamos disso quando nos encontrávamos pessoalmente, como não rir?

Quero dizer, é engraçado demais, assim como a verdadeira Betty White. Eu a adoro demais e acho que ela é a comediante feminina mais subestimada do planeta.

Álcool e drogas eram minha companhia constante, meus melhores amigos - e piores inimigos. Às vezes, prejudicavam minha carreira e vida pessoal. No geral, acho que você argumentaria que eles eram principalmente uma coisa ruim, pois quase me mataram. Porém, às vezes, estar chapado funcionava de forma positiva para mim, como aconteceu em 31 de outubro de 1979, quando o KISS fez uma aparição memorável na noite de Halloween, no programa Tomorrow, da NBC.

Apresentado pelo simpático e às vezes confrontador Tom Snyder, Tomorrow foi um popular e bem-sucedido talk show noturno que atraía alguns dos maiores nomes da política e do show business. Para você ter ideia, John Lennon foi ao Tomorrow. Como o KISS poderia recusar? Bem, não podíamos, e nossa aparência era algo que deveria ficar para a posteridade.

Eu estava muito nervoso porque ia estar na TV - ao vivo! - diante de milhões de pessoas. Então comecei a beber um pouco de Stoli na parte de trás da minha limusine assim que ela passou pelos portões da minha casa a caminho da cidade. Eu poderia ter sido um bebedor formidável naqueles dias, mas eu não era um bebedor de vodca de verdade. A garrafa estava na porta da limusine e eu a peguei para escapar da ansiedade que estava sentindo. No momento em que chegamos aos estúdios da NBC no Rockefeller Center, eu estava bastante entusiasmado e todo o meu nervosismo havia diminuído.

Quando entrei no camarim, Bill Aucoin apareceu com uma garrafa de champanhe e tomei uma taça com ele e Jeanette. Pouco antes de sair do camarim, cheirei algumas carreiras para equilibrar todo o álcool e me dar um pouco de vantagem. No momento em que nos posicionamos ao lado de Tom, no set, com roupas e maquiagem do KISS, eu não estava me sentindo aflito. E eu estava pronto para qualquer coisa.

Minha diversão começou com uma narração introdutória em voice over, em que Snyder descrevia a nossa apresentação e, nesse processo, ao apresentar Gene, sua pronúncia como "baixista" soou como "peixista".

Quando ele me abordou, eu mal conseguia conter meu divertimento. Então, quando Tom disse: "Este é Ace Frehley, guitarrista principal", respondi: "Não sou o

guitarrista principal, eu cuido das trutas!”.

E então rachei o bico, e Tom também, para o desgosto de Paul e, principalmente, de Gene.

Gene seria o primeiro a admitir que é um maníaco por controle. Paul também. Eles sempre queriam controlar o KISS, e queriam me controlar. Mas eu tinha talento e uma mente própria e idéias diferentes sobre a direção do KISS. Gene e Paul foram pegos nessa dicotomia: Oh, merda de Ace. Nós o amamos, nós o odiamos. Não queremos mais aguentar as besteiras dele, e ele não aguenta as nossas. Mas não podemos nos livrar dele porque os fãs o amam!

“Você deve ser algum tipo de astronauta, certo?”, Tom me perguntou a certa altura, enquanto gesticulava para o meu traje.

“Não, na verdade eu sou encanador!”

Snyder riu pra valer e mandou de volta: “Ah, tenho um cano nos bastidores em que eu gostaria que você trabalhasse”.

Uma bola supostamente fácil de acertar, como se eu já tivesse visto uma! Apesar disso, completei a piada classificada como para adultos, acertando em cheio.

“Fale mais sobre isso!”

Não havia plateia ao vivo no estúdio, mas quase todo mundo lá, incluindo a equipe, se curvou de tanto rir.

Se você assistir ao vídeo, poderá ver que olho para Gene, levantando minhas mãos em um ponto e dizendo baixinho: “O quê?”, como uma criança que se comporta mal numa festa de família e quer que seu pai se solte e participe da diversão. Gene às vezes era incapaz disso, mesmo em um cenário que claramente exigia alguma espontaneidade e que agíssemos de um jeito bobo. Era tudo tão ridículo. Como você pode se levar a sério quando está sentado lá, com uma fantasia de super-herói e maquiagem cobrindo o rosto inteiro? Gene perdeu a coisa toda. Se ele se permitisse levar tudo com mais leveza e parasse de pensar em dinheiro o tempo todo, as coisas poderiam ter sido diferentes. Eu amo o cara, mas ele nunca, jamais, conseguiu fazer isso.

Dava para cortar o ar daquele estúdio com uma faca. Tom percebeu a negatividade de Gene, e pode-se dizer que ele não estava entendendo. A certa altura, Gene tentou fazer uma piada sobre vender algum terreno pantanoso em Nova Jersey para Tom, e Snyder o ignorou completamente e voltou sua atenção para mim. Era como se Gene não existisse. Tom Snyder era jornalista, mas logo percebeu que era mais divertido me deixar rir e contar piadas do que permitir que Gene entediasse todo mundo com seu humor tenso.

Depois, recebi toneladas de telefonemas me parabenizando pela minha “performance”.

“Você foi um sucesso, Ace! Você roubou o show!”

Sim, essa foi uma performance clássica, e pode ter sido a primeira vez que uma única aparição delineou tão claramente as diversas personalidades do KISS. O programa fala por si e é tudo o que vou dizer sobre isso. Todos devem julgar por si mesmos o que realmente aconteceu. Eu me diverti no programa e não estava tentando irritar ninguém. Eu estava apenas sendo o Space Ace. Depois da entrevista,

Tom voltou ao meu camarim e demos um aperto de mãos e outra boa risada. Eu o achei muito genuíno, e parecia que ele realmente tinha gostado da experiência.

Ser uma estrela do rock dava acesso a pessoas e relacionamentos que eu nunca teria tido de outra forma. Minha amizade com John Belushi certamente se enquadra nessa categoria. Conheci John numa noite no apartamento de Peter na cidade. Peter morava no East Side com sua esposa, Lydia, e sempre fui um convidado bem-vindo em sua casa. Entrei e John estava relaxando no sofá de Peter, tomando uma cerveja gelada e conversando um pouco. Todos nos cumprimentamos, e também abri uma gelada. Algumas cervejas depois, surgiu a pergunta óbvia: será que eu tinha um pouco de cocaína? Naquela época, eu quase sempre tinha pelo menos alguns gramas de cocaína comigo, mas naquela noite específica eu tinha conseguido um produto dos bons. Depois de anunciar as boas novas, todos na sala me notaram e começaram a compartilhar o pó brilhante.

Mais carreiras e cerveja gelada preencheram uma hora ou duas, com piadas passando de um lado para o outro da sala até que todos estávamos rindo histericamente. Lydia sempre foi uma companhia muito divertida (tínhamos o mesmo senso de humor) e compartilhávamos muitas piadas internas sobre a banda. Ela estava com Peter desde o início e, ao longo dos anos, ela se tornou uma amiga e confidente de confiança. Eu geralmente conseguia fazê-la rir num piscar de olhos, mas o mais interessante para mim era que John parecia estar rindo de quase todas as minhas piadas. Durante anos me disseram que eu era um cara engraçado, mas estar fazendo um comediante profissional rir era ainda mais gratificante.

Há um estranho processo de ligação que às vezes acontece entre duas pessoas quando há álcool e drogas. Essa ligação foi consolidada naquela noite entre mim e John, e permaneceu assim até o fim. Éramos famosos e amávamos música e comédia, e também gostávamos de nos ferrar. John e KISS ganharam destaque em linhas paralelas. Ele era uma das estrelas do Saturday Night Live em suas primeiras temporadas, que começou no outono de 1975. Enquanto o KISS lotava arenas e estádios ao redor do mundo no fim da década de 1970, John estava se tornando uma estrela de cinema também, primeiro com Clube dos cafajestes e depois com Os irmãos cara de pau.

John costumava me levar até seu bar particular, ao sul da Rua Canal, que ele tinha com o irmão, Dan Aykroyd. Que viagem era aquela! Esses caras gostavam de festejar (obviamente), e ainda assim não podiam sair em Nova York sem serem incomodados pelos fãs, que pediam autógrafos ou fotos, o que era outra coisa que tínhamos em comum. John e Dan compraram seu próprio bar e selaram as janelas com blocos de concreto. Uma porta de aço com um olho mágico servia como entrada da frente. Para o transeunte médio, o prédio parecia quase abandonado.

Essa era a beleza do clube: tecnicamente, nunca estava “aberto”. Eles o usavam principalmente nas noites de sábado como um ponto de encontro e para entreter os convidados depois do show. Qualquer um que estivesse dirigindo ou passeando num sábado à noite ou num domingo de manhã poderia pensar que era um ponto de encontro da máfia, porque a rua estaria cheia de limusines, mas, na realidade, o bar estava repleto com o elenco e os convidados do Saturday Night Live.

Fui lá em algumas dessas noites, e as festas eram ótimas, mas um pouco cheias demais para o meu gosto. Porém, durante a semana, o local era morto e, para mim, era um sonho que se tornara realidade. Quero dizer, imagine como seria legal ter seu próprio bar particular em Manhattan para sair e fazer o que quiser. Eu ficava atrás do bar e agia como um barman para John e quaisquer outras pessoas que havíamos convidado. Depois trocávamos de lugar, contávamos algumas piadas estúpidas e virávamos os copos. Limpávamos o bar, fazíamos duas carreiras de cocaína e tentávamos cheirá-las de uma vez. Depois, dançávamos em cima do bar ou pedíamos para algumas garotas que eu havia convidado fazerem um striptease enquanto John e eu tocávamos guitarra e bateria no pequeno coreto. Era uma decadência total, e aproveitávamos cada segundo.

Eu me lembro de cambalear do lado de fora com John uma vez nas primeiras horas da manhã, de subir no meu Porsche e dirigir para uma lanchonete próxima para comprar cerveja (sim, bebíamos toda a cerveja no bar!), e de desmaiar no carro na frente da delicatessen, apenas para ser rudemente despertado por executivos e secretárias a caminho do trabalho. Eles olhavam com curiosidade pelas janelas do meu 928 preto, tentando descobrir quem eram os ocupantes desgrenhados. John e eu apenas ríamos deles, dizendo, com vontade: “Seus otários! Fodam-se vocês e seus empregos! Não temos que trabalhar hoje de manhã!”.

E foi assim, às vezes por dias a fio. Eu me lembro de ligar para Jeanette uma manhã depois de uma ou duas noites com John e ouvir gritos do outro lado da linha. Jeanette estava compreensivelmente puta da vida, mas eu sabia que ela também era uma grande fã do John e do Saturday Night Live. Pensei comigo: se eu colocasse John para falar com Jeanette por telefone, talvez ele pudesse acalmá-la e isso me daria um tempo.

John pegou o telefone e fez sua famosa imitação de Marlon Brando em Um bonde chamado desejo. John começou a gritar: “Stella! Stella! Stella!”.

Depois de terminar, ele também disse a ela que precisava que eu o treinasse para uma esquete no programa.

Em alguns minutos, a raiva de Jeanette desapareceu. Ela disse a John que estava tudo bem para eu ficar fora por mais um dia. Voltamos ao bar ou ao meu apartamento ou ao apartamento de outra pessoa e continuamos a festa até desmaiarmos de novo.

A história mais memorável que posso compartilhar sobre John é aquela que reflete a sensibilidade e a insegurança inerentes ao homem. Veja bem, como muitos artistas, John não era o egomaníaco que aparentava ser no palco. Ou, pelo menos, acho que não. Eu estava no Palladium (antiga Academia de Música) numa noite no verão de 1980, logo após o lançamento do filme Os irmãos cara de pau [The Blues Brothers, em inglês]. Belushi e Aykroyd haviam embarcado em uma verdadeira turnê de apresentações, com uma grande banda de apoio, e todas as pessoas importantes e conhecidas de Nova York estavam no Palladium, na Rua 14, para ver os Blues Brothers se apresentando naquela noite. Eles tocavam por cerca de quarenta e cinco minutos, depois faziam uma pausa, com o entendimento de que voltariam para a segunda parte.

Eu estava nos bastidores com uma garota e todas as outras celebridades quando soube que ninguém poderia ficar no camarim para visitar os Blues Brothers. De repente, o promotor, Ron Delsener, veio correndo até mim.

"Ace, temos um grande problema."

"O que foi?", perguntei.

Ron me disse que John não queria voltar para a segunda metade do show, supostamente porque sua voz estava acabada.

"O que eu posso fazer?", perguntei.

Ron disse: "Você pode tentar falar com ele? Eu disse a ele que você estava aqui". Delsener fez uma pausa e depois apontou para a garota com quem eu estava naquela noite, uma modelo nova-iorquina muito alta e adorável. "Com sua amiga."

"Tudo bem", eu disse. "Vou tentar."

Enquanto eu subia as escadas para o camarim, todo mundo que andava pelos bastidores olhava para mim com espanto. Eu podia ouvir alguns dizendo baixinho: "Como Ace pode entrar para ver John e Dan e nós não podemos?". Paul e Gene também faziam parte do público e pareciam confusos. Minha amiga modelo usava uma saia muito curta naquela noite, e dava para ver sua calcinha transparente enquanto subíamos as escadas, acrescentando insulto à injúria de alguns espectadores. Um minuto depois, eu estava no camarim perguntando a John como ele estava se sentindo.

Ele balançou a cabeça.

"Eu não sei, cara, a porra da minha voz está arruinada. Não consigo cantar."

Apenas sorri.

Sua voz soava terrivelmente rouca e sugeri que ele bebesse um chá quente com mel. Enquanto ele bebia o chá, tentei animá-lo com algumas piadas estúpidas do Ace. Então subi o vestido da minha amiga para levantar o ânimo dele.

"Vamos lá, John", eu disse. "Você não quer decepcionar a Big Apple, não é?"

Ele apenas olhou para mim, seu rosto cheio de tristeza e fadiga.

"Acho que não consigo fazer isso, Ace."

Eu ri. "Ei, ninguém dá a mínima. Pare de se preocupar. Também não sei cantar. Eu só fingi na maioria das vezes, mas chego lá de qualquer forma. Droga, Mick Jagger não consegue cantar. Dylan não consegue cantar. Eles meio que falam as palavras. Todo mundo faz isso no rock'n'roll, principalmente quando estão em turnê e perdem a voz. Lembre-se, o show deve continuar e você é um profissional."

John sorriu.

"Acho que sim."

"Certo. Apenas fale do seu jeito. Todo mundo lá fora ama você. Vai ser ótimo!"

Fizemos mais algumas piadas, tomamos uma cerveja e cheiramos algumas carreiras de cocaína. Aos poucos, o humor de John começou a mudar para melhor. Depois de mais algumas falas e um pouco de entretenimento feminino, John decidiu terminar o show. Eu disse a John para arrasar e que o veria depois do show. Saí do camarim sorrindo e informei a Delsener que o show começaria em breve. Ron ficou tão emocionado que me abraçou e disse: "Não sei como te agradecer. Acho que é por

isso que eles te chamam de Ace. Você realmente salvou a porra do dia. Te devo uma, parceiro!".

No inverno de 1982, recebi uma ligação de John, como acontecia às vezes, em geral quando ele estava na cidade e queria que alguém saísse com ele ou quando precisava de uma cheirada. Eu não estava disponível no momento, porque ele me pegou durante um dos meus períodos de "limpeza". Isso era algo que eu fazia de tempos em tempos, provavelmente por instinto e, para ser sincero, acredito que é a única razão pela qual estou vivo hoje. Eu dava uma pausa no autoabuso, me dava a chance de voltar do precipício. Mesmo na estrada com o KISS, eu sabia o quanto meu corpo podia aguentar antes de precisar descansar. Às vezes, eu olhava o calendário, notava que ficaríamos em uma cidade específica por três ou quatro dias e parava tudo. Ficava sem álcool, sem cocaína, sem analgésicos, sem sexo. Colocava uma placa na minha porta dizendo "Quarentena pelo Conselho de Saúde!", tomava um monte de tranquilizantes e dormia por dois dias. Meus guarda-costas davam a todos ordens estritas para não ligarem nem baterem à minha porta. Isso permitia que eu recarregasse as minhas baterias. Em geral, eu acordava renovado, tomava um banho quente, café da manhã e recomeçava todo o ciclo maluco, sentindo como se tivesse comprado um pouco mais de tempo.

Quando John me ligou, ele tinha acabado de chegar da Califórnia, onde estava trabalhando no que seria seu último filme, Estranhos vizinhos, e ficaria na cidade por apenas alguns dias.

"Vamos, Ace", disse ele. "Vamos sair pela cidade."

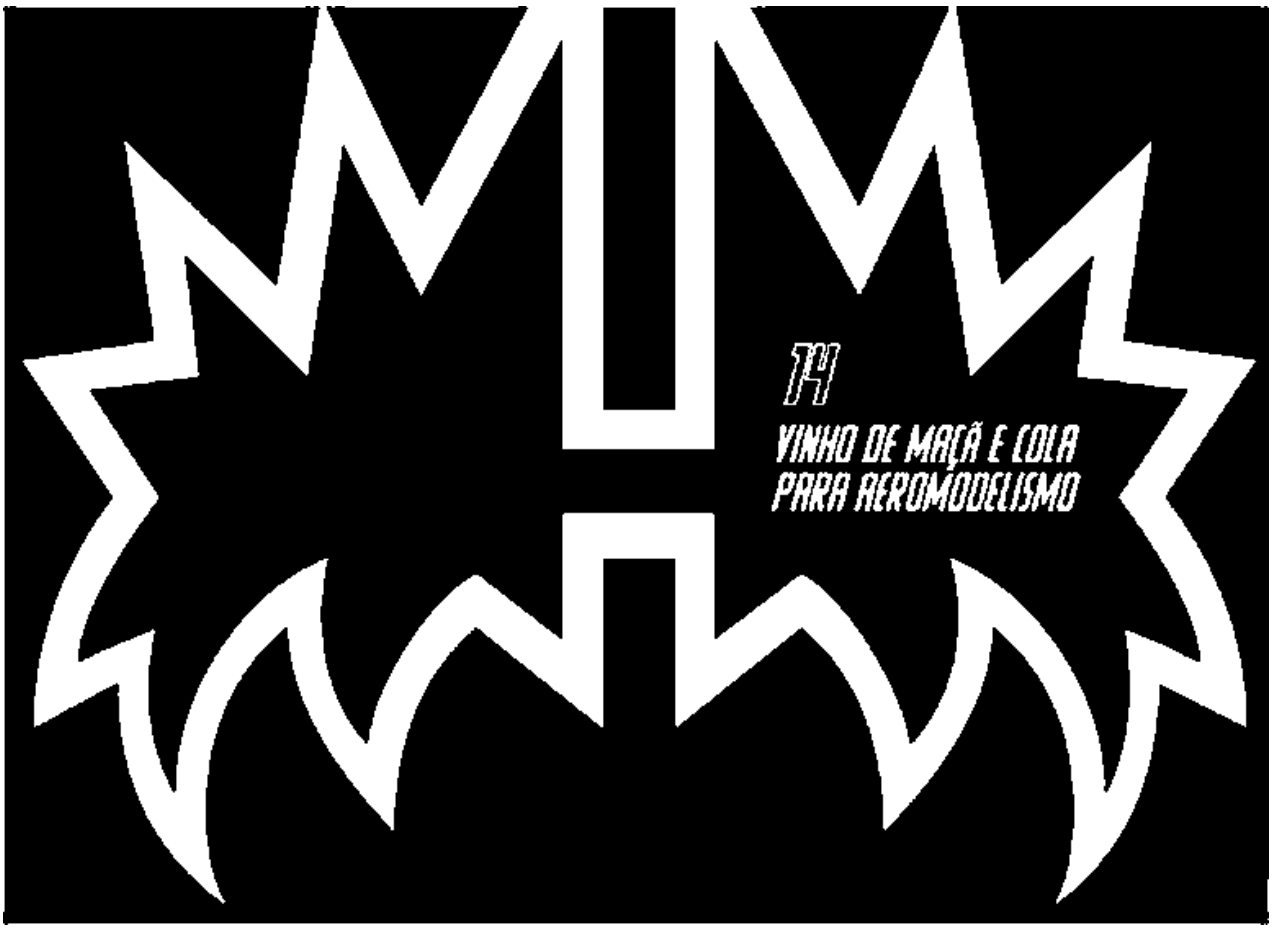
"Desculpe, John. Não posso fazer isso. Estou me limpando por um tempo. Eu só preciso de uma pausa da loucura."

Eu me lembro de sua risada do outro lado da linha. Suponho que parecia engraçada a ideia de eu não querer festejar. Uma ruptura com a loucura?! O que você quer dizer? Eu era o sr. Insanidade... do espaço sideral! Devo admitir que a oferta dele era tentadora e não o via há semanas, mas estava vivendo no limite e só queria parar de me sentir uma merda por um tempo. Eu também queria relaxar e sair com a minha filha de 2 anos, Monique, e ser pai por um tempo. Além disso, não se esqueça: sou totalmente taurino. Depois de me decidir, está decidido. Raramente mudo de ideia.

Demos mais algumas risadas e, por fim, ele desistiu e fez outros planos. Ele me disse que ligaria quando voltasse de Los Angeles da próxima vez e depois se despediu.

Não sabia que seria a última vez que falaria com John. Se eu soubesse, teria largado tudo e o encontrado na cidade, sem questionar nada. Algumas semanas depois, eu estava assistindo ao noticiário quando soube que John havia morrido de overdose de drogas em Los Angeles. Fiquei em choque, um enorme sentimento de tristeza tomou conta de mim. Nunca mais o veria. Eu gostava muito de John e de repente percebi que toda a diversão que tínhamos havia terminado. Ele havia me dito alguns meses antes que queria me colocar no próximo filme, já que eu era uma das poucas pessoas que sempre conseguia fazê-lo ter um ataque de risos. Agora isso era apenas um sonho.

Tínhamos uma admiração mútua. John Belushi era um cara legal e um artista talentoso. Tive muita sorte de tê-lo conhecido. Sua morte foi uma tragédia e foi o catalisador para eu ficar limpo durante os vários meses seguintes. Ainda penso nos momentos loucos que tivemos juntos e sorrio. Eu só queria que as coisas tivessem sido diferentes. John era um gênio cômico e ninguém jamais foi capaz de substituí-lo. Ele era único. Sinto falta dele. Acho que todo mundo sente.


74
VINHO DE MAÇÃ E COLA
PARA AEROMODELISMO

Vinho de maçã e cola para aeromodelismo

Enquanto alguns críticos nos censuraram por fazermos a vontade de nossos egos com álbuns solo, acredito que o interlúdio proporcionou uma saída artística crucial para todos. Se eu não tivesse tido a oportunidade de gravar Ace Frehley, provavelmente não teria durado o tempo que durei no KISS. O sucesso do meu álbum solo me deu uma confiança mais significativa como compositor quando o KISS se reuniu novamente para gravar nosso álbum seguinte, Dynasty:

O processo de produção começou a mudar com Dynasty: Quase não havia colaboração entre os membros da banda. Cada um de nós entrou no estúdio por conta própria para gravar demos que mais tarde apresentamos um ao outro e ao produtor, Vini Poncia. Esse processo criou uma luta de poder dentro da banda, já que várias músicas teriam que ser rejeitadas. Eu queria mais do meu trabalho representado nos discos do KISS e, na maioria das vezes, fui acomodado.

Tenho sentimentos confusos em relação a algumas das músicas do Dynasty. Por um lado, acho que é um dos melhores discos do KISS, com muito rock. Vini fez um excelente trabalho ao gravar um disco que agradaria aos fãs do KISS. Também gostei do fato de ele estar disposto a ouvir minhas sugestões e até incentivá-las, ao contrário de outros produtores.

Meu amigo Chris Cassone, o engenheiro interno do North Lake Sound Studio, teve a ideia de eu fazer um cover da música “2000 Man”, dos Rolling Stones. Ao ouvirmos pela primeira vez, não parecia uma música do KISS, mas lidei rápido com isso. Foi o título que originalmente chamou minha atenção e, com uma grande revisão e um pequeno rearranjo, eu a tornei algo especial. Sempre amei os Rolling Stones, e Their Satanic Majesties Request é um disco brilhante. Pelo que me lembro, era a resposta deles para o lançamento de Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band, dos Beatles. Vini adorou a ideia para o remake de “2000 Man”, e ela se tornou uma das faixas principais do álbum e também uma música pela qual eu era conhecido nos shows.

Além de “2000 Man”, havia “Hard Times”, uma música sobre meus dias de estudante do colegial no Bronx, e “Save Your Love”, que foi um pequeno distanciamento do meu rock’n’roll normal e direto. Pela primeira vez na “KISStory”, cantei mais músicas em um álbum do KISS do que Gene.

Houve problemas durante a realização do Dynasty. Peter havia se envolvido em um grave acidente de carro em Los Angeles e se tornara cada vez mais dependente de analgésicos. Às vezes isso afetava seu desempenho na batería e provocava mudanças de humor, o que desencadeava conflitos internos na banda. Quando seu desempenho no estúdio se tornou questionável, a banda optou por usar um baterista

contratado, e escolhemos Anton Fig, com quem eu havia trabalhado no meu álbum solo. Na época, eu queria acreditar que a ausência de Peter no estúdio seria apenas temporária, mas acabou sendo permanente.

A situação se deteriorou ao longo do ano seguinte e, quando gravamos Unmasked, a vaga de Peter na batería foi novamente preenchida por Anton, mesmo que a imagem de Peter tenha aparecido na capa. Tecnicamente, Unmasked foi o último álbum de estúdio a apresentar a formação original da banda.

Embora Unmasked não tenha sido um sucesso comercial tão grande quanto seus antecessores, ele ainda possui algumas faixas memoráveis. Novamente, fiquei com três músicas no disco: “Two Sides of the Coin”, “Torpedo Girl” e “Talk to Me”. Essa última se tornou um grande sucesso na Austrália, e eu a apresentei em shows ao redor do mundo.

Embora Peter estivesse ausente durante o processo de gravação de Unmasked, ele voltou para filmar o vídeo do primeiro single do álbum, “Shandi”. Peter estava obviamente muito chateado no fim da gravação, e senti um pouco de sua dor, sabendo que seria a última vez que usaria a maquiagem e o traje do KISS. Não acredito que Peter realmente quisesse deixar a banda, mas Paul e Gene estavam decididos a substituí-lo. Eu queria dar mais uma chance a ele, mas minhas mãos estavam atadas. Fui derrotado, e a decisão foi tomada para avançar sem ele, então aceitei a decisão com relutância.

Antes de Peter deixar a banda, sempre havia uma certa tensão criativa e pessoal. Porém, na maioria das vezes, isso era administrável. Sim, é verdade que muitas vezes jogávamos dois contra dois - eu e Peter contra Paul e Gene -, mas quando os ânimos se inflamavam eu geralmente tentava ser o pacificador. No calor da discussão, às vezes eu contava uma piada idiota para fazer todo mundo rir e aliviar o ambiente. Química e equilíbrio permitiam que a banda funcionasse, apesar das peculiaridades e egos de seus membros, mas, com a perda de Peter, logo percebi que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Encontrar alguém para substituir Peter não foi uma tarefa fácil. Fizemos testes com vários grandes bateristas, mas decidimos por um garoto relativamente desconhecido do Brooklyn chamado Eric Carr. Eric era um baterista sólido que havia tocado em várias bandas locais antes de se juntar ao KISS. Ele foi um substituto muito bom; só que ele não era Peter.

Aqui está um exemplo. Teve uma vez que estávamos em turnê no Canadá, pouco depois de Eric se juntar à banda, e um dia Eric e eu estávamos fazendo compras e acabamos em uma grande loja de brinquedos em um shopping. Ao passarmos pelos modelos de aviões e carros, fui tomado por um sentimento de nostalgia.

Uau... faz muito tempo que eu cheirei cola!

Eu sabia que havia uma diferença entre a cola dessa loja e a cola que estavam vendendo nos Estados Unidos. Os regulamentos no Canadá eram diferentes. Essa merda era a coisa real, como a cola que eu cheirava quando criança no Bronx. A curiosidade tomou conta de mim, então decidi pedir um favor a Eric.

“Cara, você pode comprar uns tubos de cola para mim?”

Eric olhou para mim como se eu fosse louco.

“Por que você mesmo não compra?”

Uma pergunta justa e que eu não consegui responder na hora. Tinha mais a ver com paranóia e com a sensação de que, com minha longa reputação de ficar chapado, se alguém me reconhecesse, poderia haver repercussões. Quase ninguém sabia como Eric era sem maquiagem. Ele poderia comprar alguns tubos de cola sem levantar suspeitas. E ele concordou com relutância. Voltamos ao hotel e, depois de alguns drinques, decidi satisfazer minha curiosidade. Esvaziei o tubo em um saco de papel e comecei a trabalhar nisso. Eu não sabia o que esperar e minha memória estava nebulosa. Eu me lembro de ter ouvido que cheirar cola era uma das coisas mais tóxicas que você poderia fazer ao seu corpo e cérebro. Como a maioria das drogas, os produtos químicos da cola são metabolizados pelo fígado. Eu sabia de tudo isso, mas achei que mais uma vez não me mataria. Droga, eu conhecia muitos caras que tinham cheirado cola centenas de vezes e ainda estavam andando por aí, apesar de terem perdido milhões de células cerebrais. Ei, não estou defendendo o uso de cola como droga. Não recomendo que as pessoas experimentem nenhuma merda que eu experimentei. Mas é a minha história, e ela é assim. Eu estava curioso principalmente para saber se cheirar cola era a experiência aterradora de que me lembrava.

Felizmente, não foi. Fiquei tonto e cheguei a um estado eufórico de curta duração. No pico alucinatório, vi elefantes cor-de-rosa flutuando pelo teto, como em Fantasia, da Disney. O barato durou só cerca de quinze minutos e depois desapareceu. Desiludido e frustrado, joguei a sacola em uma lata de lixo próxima e abri outra cerveja.

“Então, para que isso?”, você pode perguntar. Só isso: se fosse Peter comigo naquele dia, estaríamos cheirando cola juntos. Eric não era tão certinho quanto Gene e Paul, mas com certeza não era um cara louco por festas. Ele era apenas um bom garoto do Brooklyn tentando se encaixar em seu novo emprego com vários colegas incomuns.

“Emprego” também é a palavra certa. Eric era alguém contratado, trazido para substituir Peter, mas não para ser um parceiro igual. Era uma mudança drástica na estrutura fundamental da banda e que tinha um impacto profundo em todos nós, mas especialmente em mim. No passado, todos éramos parceiros iguais e votávamos em todas as questões importantes. Com frequência, quando discordávamos, a votação era dividida: eu e Peter, de um lado, Paul e Gene, do outro. Mas agora Peter se foi e eu estava com problemas. O equilíbrio de poder mudou fortemente em favor de Gene e Paul. Logo percebi que eles em geral votavam de um jeito, e eu, de outro. Quatro era um bom número. Com quatro havia justiça e democracia. Se um desempate fosse necessário, recorríamos a Bill Aucoin. Ele era como o quinto membro do KISS. Mas, no fim, Gene e Paul se livraram de Bill também. Eles eram loucos por controle, e a partida de Peter permitiu que eles exercessem esse controle a um certo ponto que eu não previa.

Eu deveria ter previsto.

Bob Ezrin é um produtor brilhante, mas, em relação ao nono álbum de estúdio do KISS (e o que seria, para todos os efeitos práticos, meu último álbum do KISS por

um tempo), Music from “The Elder”, discordei dele e da banda sobre muitas questões. Pude perceber isso desde o começo. Eu tinha o conhecimento das ruas e o bom senso para dar um passo gigante para trás e olhar o projeto com um olhar objetivo, e sabia que era um erro de julgamento colossal. Paul, Gene e Bob não entenderam. Eles seguiram em frente com todo esse conceito ridículo.

Para ser bem sincero, nunca entendi completamente sobre que diabos esse álbum deveria ser. Gene havia escrito algum tipo de história, e havia rumores de transformá-la num longa-metragem, filme de animação ou algo assim. Mesmo após a catástrofe de Kiss contra o Fantasma do Parque, Gene ficou fascinado com a cultura de Hollywood. Ezrin acendeu o fogo ao sugerir que a pequena história de Gene fosse usada como base para algum tipo de veículo multimídia grande e multiplataforma para o KISS. Parte do plano, aparentemente, era um disco “conceito”.

Como qualquer um que conhece o rock’n’roll pode dizer, os discos conceituais podem matar uma carreira, mesmo nas bandas mais talentosas. O problema é que, em vez de acabar com uma obra-prima como Tommy, você pode acabar com Saucy Jack, uma ópera rock não produzida do Spinal Tap sobre Jack, o estripador.

Escrevi duas músicas para o disco. Uma foi chamada de “Escape from the Island” e a outra foi originalmente chamada de “Don’t Run”, mas mais tarde foi renomeada para “Dark Light”, depois que Lou Reed reescreveu alguns versos. Não entendi o conceito e não dei a mínima para o personagem central (um velho sobre o qual ninguém sabia nada). Era ridículo. Eu continuava tentando dizer aos caras que, se lançássemos um álbum com bobagens autoindulgentes, com diálogos falados e instrumentos de sopro assustadores, seríamos massacrados. Nossos principais fãs ficariam chateados e críticos sérios de rock ririam disso. Ele estava condenado desde o começo.

Não importava o que eu dissesse. Eu era voto vencido.

Ezrin foi condescendente ao receber críticas por esse álbum ao longo dos anos e admitiu que estava usando muitas drogas na época, o que atrapalhou seu julgamento. Merda! Eu também usava muitas drogas, mas ainda via que o projeto seria um fracasso. Depois de uma reunião após a outra, fui gravar estando contra isso, mas os outros rapazes insistiram em seguir em frente.

Ainda mais estranho foi o fato de termos gravado uma grande parte de Music from “The Elder” no meu estúdio doméstico em Connecticut, mas evitei estar no estúdio a maior parte do tempo. Se eu não estava nos vocais ou em uma faixa de guitarra, em geral ficava no andar de cima, jogando sinuca e tomando uma gelada e dando uma cheirada. É verdade que não é assim que deveria funcionar. Se você está entusiasmado com um projeto, quer estar lá o máximo possível, mas fui tão contrário à direção do álbum que entrei no “modo evitar”.

Depois que o projeto foi para o Canadá, decidi ficar para trás a maior parte do tempo e continuei trabalhando em solos e overdubs (sobreposições de sons) de guitarra em casa. Para o meu desânimo, muitos dos solos que gravei estavam faltando na mixagem final. Vai entender.

Uma das maiores tragédias durante a gravação desse projeto (maior do que o próprio álbum, no que me diz respeito) foi a morte do meu cachorro, uma mistura de pastor e labrador, chamado Seamus. Ele era o cão mais amigável e leal que já tive e um ótimo cão de guarda também. Às vezes, ele latia demais, mas quando você é um cachorro, isso não é grande coisa. Nem todo mundo gosta de cães. Paul entrava nessa categoria. Ele tinha medo de Seamus, então concordei em mantê-lo fora de casa e do estúdio sempre que Paul estivesse por perto. Eu tinha uma área para cães ao lado da casa, fora da garagem, cercada por um aramado, e costumava colocar Seamus lá por apenas breves períodos ou quando havia trabalhadores na propriedade e eu não estava por perto. Ele normalmente não gostava de se separar de mim - acho que ele estava preocupado comigo e pode ter pensado que alguém estava tentando me machucar. Um dia, Seamus tentou abrir um túnel para fugir de lá e ficar perto de mim e acabou preso embaixo da cerca de arame. Quando o encontrei, ele havia morrido sufocado. Fiquei devastado. Se você é um amante de cães, provavelmente pode entender o quanto isso me deixou perturbado. Seamus não era só um animal de estimação, ele era meu melhor amigo e companheiro. Eu costumava colocá-lo no sofá ao meu lado quando estava chapado e falar com ele. E, juro por Deus, parecia que ele entendia tudo o que eu estava dizendo. Ele apenas olhava para mim e balançava a cabeça. Agora ele se foi e, em segredo, culpei Paul por todo o incidente.

O fato é que Music from “The Elder” não é realmente um álbum terrível. É apenas um álbum terrível do KISS. As músicas em si não são tão ruins, mas algumas simplesmente não são apropriadas para um álbum do KISS.

Mudamos de figurino e cortamos o cabelo, e eu embarquei nessa por uma questão de consistência. A coisa toda era ridícula. Quando vejo imagens de vídeo do KISS tocando músicas desse álbum na televisão, tentando parecer tão sérios e importantes, não sei se rio ou me encolho. Como eu sempre disse, vou tentar praticamente qualquer coisa ao menos uma vez, mas se eu tivesse que fazer tudo de novo, passaria a experiência de Music írom “The ElderAcho que todos nós passaríamos, e o KISS Army ficaria agradecido.

Eu me lembro de uma vez quando Monique era bebê e eu estava em casa em Connecticut, esperando uma limusine até o aeroporto. Quando o carro chegou, eu

estava no quarto fazendo as malas. Pude ouvir Jeanette gritar: “Vamos, Paul! Você vai se atrasar!”.

Tínhamos uma entrada grande para carros, circular e inclinada, com uma fonte no meio e, quando finalmente saí, a limusine estava estacionada à beira da entrada. Soube imediatamente que o cara estava com problemas. A entrada de automóveis era feita de asfalto com uma borda de paralelepípedos, e o motorista havia recuado o carro para o jardim com pedras e prendido a parte inferior da carroceria em algumas das pedras maiores.

“Desculpe, sr. Frehley”, disse ele, nervoso. “Eu vou tirar a gente daqui em pouco tempo.”

Pouco tempo era o que eu tinha. Lá estava eu, já atrasado para um voo para um show do KISS, com meu gerente de turnê me ligando, e todos estavam surtando porque eu tinha perdido voos no passado e haviam deixado bem claro que estavam ficando desapontados com meu papel no KISS.

“Saia já daqui, porra!”, gritei.

Então entrei no carro e acelerei. As rodas começaram a girar como loucas, mas o carro não se mexia.

“Motorista de limusine idiota”, murmurei baixinho. “Onde eles conseguem esses caras?”

O motorista começou a entrar em pânico. Pelo que sei, ele só trabalhava havia um dia ou quase isso e estava preocupado em ser demitido.

“Vamos ter que chamar um reboque, senhor”, disse ele.

“Besteira!”, gritei. “Vou tirar você daí.”

Corri até a garagem e liguei o Chevrolet K5, com tração nas quatro rodas gigantes. Parei na frente da limusine e amarrei o para-choque do carro na traseira do meu carro usando uma corda grossa de nylon.

Os olhos do motorista da limusine se arregalaram.

“Sr. Frehley, não sei se é uma boa ideia.

“Vai ficar tudo bem. Volte ao volante e coloque o carro em ponto morto. Vou puxá-lo daí.” Tive uma pequena ressaca na noite anterior e tomei umas metaqualonas para aliviar a dor. Comecei a acelerar o motor. O carro começou a se mover, acompanhado por um terrível som de arranhão - a parte de baixo da carroceria sendo arrastada pelas rochas. Mais tarde, descobri que o som assustara o motorista, fazendo-o jogar o carro de volta ao jardim. A física assumiu a partir daí. A corda arrebentou e meu K-5 foi catapultado para a frente - bem na frente da minha casa! O carro quebrou uma parede e foi parar no guarda-roupa embutido do quarto da minha filha (ela não estava lá na época, graças a Deus).

Saí do carro, atordoado e com o queixo sangrando. Jeanette estava gritando: “Paul! Pelo amor de Deus, você está no quarto de Monique!”. O motorista da limusine ficou chocado, e a cena seguinte foi os paramédicos entrando em cena e me examinando na minha sala de estar.

“Você precisa ir a um hospital, senhor.”

“Não é possível”, eu disse. “Preciso chegar a um show ou 20 mil pessoas vão ficar putas da vida”.

No fim, eles cederam e concordaram em me deixar ir, mas não até eu assinar um documento afirmando que eu estava recusando atendimento médico. Liguei para meu gerente de turnê e, com vergonha, expliquei que houve um pequeno acidente na minha propriedade, mas que eu estava a caminho do aeroporto. Ele reservou um voo posterior para mim, e eu me lembro de pegar o avião e engolir uns comprimidos de Valium com um Bloody Mary. Dormi a maior parte do voo e, ao chegar, entrei em uma limusine à espera e fui direto para o local, onde rapidamente coloquei minha maquiagem e fiz um ótimo show - como sempre.

Apenas mais um dia de trabalho comum.

Em abril de 1982, pouco antes de o KISS entrar no estúdio para começar a gravar Creatures of the Night, eu estava em casa em Connecticut, me preparando para a minha saída inevitável da banda. O que quero dizer com “me preparando” é simplesmente o seguinte: eu não estava escrevendo músicas para o KISS e não participava da maioria das coisas comerciais da banda, incluindo aparições públicas. Simplificando, eu havia perdido o interesse. Os dias se passavam num borrão de bebida e drogas, interrompidos por passeios ocasionais com amigos.

No primeiro dia da temporada de trutas, fui pescar com Anton Fig e um conhecido chamado Alf, que conheci por meio do meu roadie. Alf, que morava em Ridgefield, Connecticut, não muito longe de minha casa, era brilhante quando se tratava de encontrar e apanhar trutas (o que não é algo fácil de se fazer). Alf nos conduziu por cerca de metade de Connecticut para praticamente todos os córregos do estado. Pegamos uma dúzia de trutas de bom tamanho e depois voltamos para a casa dele para tomar uma bebida gelada (ou duas... ou três). Alf também fabricava bebidas caseiras e sua especialidade era vinho de maçã, que ele armazenava em grandes barris de fermentação em seu porão. Ele usava muito açúcar, então o vinho era bem doce, mas também forte - “ provavelmente 25% de álcool”, gabava-se Alf. “ Então vão com calma, rapazes”.

Anton e eu tomamos dois copos dessa merda cada um, o que, por si só, já seria suficiente para nos deixar agradavelmente altos. Mas, considerando que havíamos bebido cerveja o dia todo (qual é, quem não bebe cerveja quando está pescando?), ficamos muito chapados. Não que estivéssemos preocupados. Subimos no meu Porsche e voltamos para minha casa.

A última lembrança que tenho de antes do acidente foi ter falado para Anton colocar o cinto de segurança. Então, de acordo com o relatório do acidente, provavelmente entramos num trecho de areia no acostamento de uma daquelas estradas serpenteadas da Nova Inglaterra e perdemos o controle do carro. Fomos parar num muro de pedra, o que reduziu a velocidade do Porsche o suficiente para impedir a nossa morte, e depois batemos de frente contra um carvalho. Se fosse um carro barato, provavelmente teríamos morrido na hora.

No começo, não sabíamos da gravidade do acidente. Meu rosto e minha cabeça estavam sangrando um pouco e minha perna estava dolorida; as costas de Anton estavam doendo. Mas nós dois saímos do carro e nos afastamos dele - incrível, considerando que o carro estava amassado e tinha a metade do seu tamanho normal. Nós dois recusamos tratamento médico, e os policiais que investigaram o acidente

foram incrivelmente agradáveis e acolhedores, oferecendo-nos uma carona de volta para minha casa.

"Espere um minuto", eu disse. "Temos uma caixa térmica cheia de trutas no carro."

Abri a porta traseira do Porsche, sem saber que carnificina encontraria. Mas a caixa térmica estava intacta, então nós a transferimos para a viatura que nos daria carona para casa, que ficava a apenas cinco minutos.

Por incrível que pareça, não houve multas como resultado do acidente. O dano parecia estar limitado a bens pessoais: meu carro. A polícia local não ficava caçando encrencas. Eu morava em uma comunidade pequena e rica, e os policiais acreditavam que seu trabalho era proteger os contribuintes, em vez de intimidá-los. Eles faziam isso naquela época, especialmente em uma comunidade unida, onde as pessoas têm dinheiro e onde os policiais não têm muito o que fazer, exceto garantir que todos estejam bem. Os tempos mudaram, é claro.

Então o policial nos deixou em minha casa, onde Jeanette e a esposa de Anton estavam esperando por nós.

"O que aconteceu?", Jeanette perguntou.

"Nada. Deixa pra lá."

Ela estendeu a mão e gentilmente tocou meu rosto. "Seu nariz está um desastre." Eu me afastei e ri com desdém, depois coloquei a caixa térmica no balcão. "Vamos só preparar o peixe, certo?"

"Vocês parecem acabados", disse ela.

Tenho certeza de que parecíamos, mas, por causa da cerveja e do vinho de maçã, não sentíamos dor. Contei às duas uma história resumida sobre o acidente, deixando de fora a parte de toda a bebida, disse que estávamos bem e depois comecei a limpar a truta. Nas horas seguintes, cozinhamos, comemos e bebemos. Só às 23h daquela noite o tornozelo começou a latejar e depois a cabeça também.

"Minhas costas estão me matando", disse Anton. "Que diabos está acontecendo?"

A resposta, é claro, era que estávamos em choque, em parte devido à resposta natural do corpo à dor e ao trauma, mas também a todos os produtos químicos que estavam fluindo em nossos sistemas.

"Vamos lá", disse Jeanette.

"Vamos para o hospital."

Fomos à sala de emergência, onde os médicos me informaram que eu havia quebrado o nariz e sofrido uma fratura no tornozelo. Eu me sentiria um lixo por um tempo, talvez um longo tempo, mas ficaria bem. Anton, por sua vez, havia distendido as costas. E o que eles receitaram para melhorar o nosso desconforto? Percocet e Valium.

Que prêmio!

Voltamos para casa, repletos de analgésicos e tranquilizantes, e desmaiamos.

Só no dia seguinte, quando dei uma olhada no carro de novo, entendi completamente a sorte que tivemos. Se Anton não estivesse usando cinto de segurança, ele provavelmente não teria sobrevivido ao acidente, e acho que eu não conseguiria viver com isso - matar um amigo por estar chapado. Agradeço a Deus

por nunca ter machucado seriamente ninguém (além de mim) por causa da minha estupidez. Anton teve problemas nas costas por algum tempo depois disso. Se ele não fosse um amigo tão bom e leal, provavelmente teria me processado, mas esse não é o jeito que Anton faz as coisas.

Os ferimentos que sofri naquele acidente me afetaram por vários meses e contribuíram para minha falta de entusiasmo em voltar ao estúdio com o KISS. Na verdade, eu não tinha interesse em permanecer na banda. A separação não foi tão explosiva quanto você imagina. Isso aconteceu ao longo de vários meses, com inúmeras conversas e reuniões entre mim e os rapazes, e também com nossa equipe de gerenciamento. Paul foi até minha casa e nós conversamos um pouco. Fomos a um shopping em Stamford, em Connecticut, fizemos algumas compras e tentamos recuperar um pouco da nossa antiga amizade. Agora olho para trás e percebo que foi um gesto generoso da parte dele. Paul se esforçou muito naquele dia para me convencer a não sair da banda, mas não havia muito o que ele pudesse fazer para eu mudar de ideia.

"Paul", eu disse, "estou realmente infeliz. Não que eu queira sair, mas sinto que preciso sair".

Eu me lembro de uma conversa com meu advogado, em seu escritório. Ele batalhou para me convencer de que desistir do KISS era a coisa mais estúpida que eu poderia fazer.

"Sei que parece a coisa certa a se fazer neste momento", disse ele. "Mas não é. É uma péssima jogada para os negócios."

Eu sabia que, se não deixasse o grupo, eu morreria. Tudo na minha vida estava uma bagunça naquela época. Eu não sentia mais nenhuma conexão com o KISS e não estava feliz com a direção que a banda estava tomando. Eu me lembro claramente de acordar um dia e tomar uma xícara de café na cozinha enquanto olhava para a nossa bela sala de jantar com piso de mármore. De repente, me bateu um desespero e comecei a alimentar pensamentos suicidas.

Merda! Então é isso? Foi para isso que trabalhei e sonhei a vida inteira? É assim que vai acabar?

Eu me senti preso numa armadilha e, por isso, fiz o que sempre fazia quando estava ansioso: aumentava meu uso de álcool e drogas para me entorpecer.

É difícil apontar o dedo para um problema específico. Cada coisa alimentava outra: as drogas, a bebida, a banda, meu casamento. Obviamente, se eu não estivesse bebendo e usando todas as drogas, meu julgamento não estaria tão turvo e eu poderia ter tomado uma decisão mais inteligente e sólida. Mas não foi algo que decidi do dia para a noite. Fiquei pensando seriamente em deixar o KISS por mais de um ano, talvez mais. Após o sucesso do meu álbum solo, eu sabia que era mais criativo quando me distanciava dos outros rapazes da banda, então provavelmente era apenas uma questão de tempo até nos separarmos. E, de novo, para eles a coisa toda tinha a ver com dinheiro; para mim, nunca teve a ver com dinheiro. Fui até o escritório do meu advogado numa tarde e o ouvi argumentar. Os números eram surpreendentes. Acabamos de renegociar nosso contrato de gravação no valor de quase US$ 15

milhões. Isso não incluía receitas de merchandising ou shows, que, combinadas, provavelmente renderiam mais US$ 20 milhões.

Por pessoa.

“Por favor, Ace”, disse meu advogado. “Pense nisso com muito cuidado.”

Eu estava pensando com cuidado, se não de forma clara. Lá estava eu, um garoto do Bronx, um cara que sabia como era se virar com praticamente nada e agora ter uma mansão em Connecticut, uma frota de carros e mais dinheiro do que podia gastar. Mas quem eu conhecia ali? Quem eram meus amigos? O meu traficante de cocaína? Eu estava sofrendo com várias doenças, choque cultural e solidão, entre outras coisas. Eu estava perdendo o controle e não sabia como parar. O único lugar onde sentia que tinha algum poder era minha vida profissional. Talvez, se eu deixasse o KISS, todo o resto se encaixaria. Até hoje eu ainda acredito que, se eu não tivesse deixado a banda, teriam me encontrado morto em algum lugar. Eu teria tido uma overdose ou jogado meu carro contra uma árvore e acabado com tudo. Eu disse isso ao meu advogado e sua resposta foi de descrença.

“Mas Ace... são 15 milhões de dólares! Isso paga muita terapia.”

Apenas balancei a cabeça. “Você não está me ouvindo e não sei mais como explicar isso. Vou me matar se não sair dessa situação.”

Gene também deu sua opinião, tentou me convencer de que havia muitas oportunidades para eu fazer projetos paralelos, mesmo enquanto trabalhava com o KISS.

“Tire um tempo e faça seus próprios discos”, disse ele. “A gente não se importa. Divirta-se. Mas não saia da banda. Não precisa fazer isso.”

Ninguém entendia. Eu precisava me afastar deles. Eles não aprovavam meu estilo de vida e eu não aprovava o que eles estavam fazendo com a banda. Eu não conseguia mais fazer parte disso. O que é pior do que ter uma tonelada de dinheiro e não aproveitar o tempo? Com alegria, eu teria desistido de milhões para ir embora. Na verdade, desisti. Embora não tenha sido anunciado oficialmente até 1983, deixei a banda em 1982 e acho que isso salvou minha vida.

Ou quase isso.

15
AGARRA-ME SE
PUDERES (REVISITADO)

Agarra-me se puderes (revisitado)

21 de maio de 1983

Tudo começou na sexta-feira à tarde, por volta das 17I1, com um telefonema para Buddy, um amigo íntimo e parceiro de bebida que administrava uma bem-sucedida joalheria em Manhattan.

"Estarei aí daqui a pouco", falei.

"Você vem com o DeLorean?

Ainda não dei uma volta nele." "Claro, por que não?"

Nós nos encontramos na casa de Buddy, na esquina da Rua 19 com a Sexta Avenida e depois fomos para um barzinho chamado Harvey's, a alguns quarteirões de distância. Não sei exatamente quanto tempo ficamos lá, mas sei que, quando saímos, eu já estava muito alto para estar ao volante de qualquer automóvel, sem falar num DeLorean, mas eu não tinha consciência disso, e Buddy também não. Você deve achar que aprendi uma lição depois de quase matar Anton e a mim quando bati meu Porsche, mas a ficha nunca caiu por completo. Mesmo tendo seguido em frente com minha carreira, meu comportamento imprudente continuou.

No caminho de volta para Westchester, passamos pela parte alta de Manhattan, dirigindo loucamente. Uma viatura nos viu e nos perseguiu, mas felizmente os despistamos pegando ruas secundárias e passando por alguns sinais vermelhos. De alguma forma, voltamos à casa de Buddy sem sofrer um acidente nem sermos presos. Quando entramos em seu apartamento, logo desmaiei no sofá. Na manhã seguinte, levantamos e começamos a beber cerveja no café da manhã, e todo o processo começou de novo. Depois, naquela tarde, acabamos em White Plains, em um bar chamado Cheers, que pertencia ao primo de Buddy. Era o dia da corrida de cavalos Preakness, e todo mundo estava se divertindo, mas começamos a nos divertir um pouco demais e percebemos que precisávamos nos separar para evitar um confronto - ou coisa pior. Quando saímos do estacionamento, eu já havia batido em dois carros. Quando entramos num cruzamento da Rua Post, acabei batendo na traseira de um terceiro carro bem de leve. Infelizmente, nessa hora, um carro da polícia estava passando na direção oposta e testemunhou essa batidinha. O impacto foi tão leve que presumi que não havia danos em nenhum dos carros, mas o outro motorista saiu de sua porcaria de duzentos dólares parecendo irritado.

Também saí do carro, mas não encontrei nenhum dano. Nesse momento, o policial se aproximou e pediu minha carteira de motorista e documento do carro. Como eu estava com a carteira suspensa por dirigir sob influência de álcool, sabia que seria preso, voltei para o meu carro e fingi que a estava pegando no porta-luvas. Meus instintos de sobrevivência apareceram, e eu fiz um julgamento.

"Buddy, saia do carro."

"Hã? Do que você está falando?", perguntou ele.

"Apenas saia da porra do carro!"

“Ace, cara... não faça nada estúpido.”

Eu ri. “Não se preocupe com isso. Vou cair fora!”

Assim que Buddy saiu, puxei minha porta “asa de gaivota” e pisei no pedal, deixando um pedaço de borracha queimada pelo caminho.

Fiz muitas coisas loucas na minha vida, mas essa foi para o livro dos recordes. Durante a hora seguinte, joguei o Grand Theft Auto da vida real, sendo perseguido pela polícia em alta velocidade pelo Condado de Westchester. Passei voando por sinais vermelhos, ricocheteando em outros carros e barragens, evitando por pouco uma grande catástrofe. Embora eu tenha sido perseguido por meia dúzia de viaturas da polícia, apenas um policial teve a coragem de parar ao meu lado. Eu estava correndo a aproximadamente 100 quilômetros por hora contra o tráfego no Bronx River Parkway. Ele simplesmente apontou um dedo para o acostamento da estrada - um símbolo universal de “Pare, cretino”.

O policial não conseguiu me acompanhar em sua Chevrolet Nova não identificada. Quando mudei para a quinta marcha, sorri educadamente e dei tchau com a mão... e o deixei na poeira.

Depois de perder os policiais de vista, entrei numa lanchonete para fazer uma ligação. Vapor e fumaça subiam do capô e da parte inferior, e o carro parecia ter passado por uma zona de guerra. Examinei o dano e apenas ri para mim mesmo.

Entrei na vibe do filme “Agarra-me se puderes” e me livrei!

Em minha loucura, pensei em entrar na lanchonete, ligar para um dos meus amigos e pedir que eles viessem me buscar. Eu faria um boletim de ocorrência para o carro roubado e deixaria a polícia passar os próximos dias perseguindo alguns ladrões fantasmas que levaram meu DeLorean para passear. O que não percebi foi que o dono da lanchonete havia chamado a polícia depois de me observar e ver as condições do meu carro lá fora.

Liguei para o meu parceiro, Louco Joe. “Sim, me pegue em alguns minutos. Vou fazer um boletim de ocorrência do roubo do carro.”

Não percebi que a rua estava cheia de viaturas. Quando saí da lanchonete, fui confrontado por uma dezena ou mais de policiais com armas apontadas e mirando para minha cabeça. Isso me lembrou de uma cena de Os irmãos cara de pau.

“Levante as mãos!”, gritou um dos oficiais. “Não se mexa!”

Congelei enquanto eles algemavam minhas mãos atrás das minhas costas. Eu me perguntava como explicaria os mais de seis mil que eu tinha nos bolsos na época. Quero dizer, quem carrega tanto dinheiro, a não ser alguém querendo comprar drogas, o que obviamente era o que eu tinha em mente?

Felizmente, não consegui. Seis mil dólares poderiam comprar muita cocaína naqueles dias, e eu só posso imaginar as acusações que teria enfrentado se tivesse conseguido cometer um crime antes que a polícia começasse a me perseguir. Por assim dizer, eles me acusaram de dirigir embriagado e de forma imprudente. No entanto, tive sorte. Dois policiais sabiam quem eu era e imediatamente começaram a conversar. Quando chegamos à delegacia de polícia em White Plains, fui tratado como uma celebridade por vários oficiais mais jovens. Posei para fotos e dei autógrafos. Então tiraram uma foto minha - um guarda, se é que houve algum. Na

foto, estou vestindo uma camiseta com uma serigrafia Andy Warhol de Marilyn Monroe na frente. Os olhos de Marilyn eram feitos de plástico transparente com pupilas flutuantes e todo mundo se divertia. A maioria dos policiais e detetives era amigável, mas um policial não estava se divertindo nem um pouco. Ele era um sargento negro, novato no trabalho, e ficou cada vez mais agitado com o tratamento especial que eu estava aparentemente recebendo dos outros policiais.

"Coloque esse cara em uma cela!", o sargento gritou. "Não me importo em qual banda ele está."

O ambiente ficou em silêncio por um momento. Tentei quebrar a tensão com a seguinte fala:

"Ei! Estou no Temptations!"

Todo mundo riu. Bem, todos, exceto o sargento, que me olhou com desdém, da mesma forma que ele provavelmente olhava para qualquer bêbado espertalhão. Ele estava prestes a me jogar numa cela quando outro jovem policial se adiantou e interveio. O nome dele era Jimmy Jenter, e ele era o policial da Chevrolet Nova que, um pouco antes, havia sinalizado para eu parar.

"Ei, sargento", disse ele. "Posso levá-lo de volta ao meu escritório e ver se consigo alguém que pague pela fiança dele?"

O sargento não disse nada a princípio e depois acenou com a mão com desdém.

"Sim, claro. Leve-o daqui."

Jimmy me levou para uma sala dos fundos, me deixou fazer uma ligação e me deu uma xícara de café. Ele parecia um cara muito sério, um pouco mais velho do que aparentava, mas não estava chateado comigo. Seu comportamento era calmo e profissional. Enquanto esperava minha carona, ele me disse que era um alcoólatra em recuperação e estava sóbrio havia três anos. Recentemente, ele havia perdido um sobrinho por causa de um motorista bêbado, o que deveria tê-lo feito querer me arrebentar, mas ele não revelou um traço de raiva.

"Olha, eu provavelmente nunca mais vou te ver", disse ele antes de eu sair da delegacia. "Mas, se você se cansar de viver assim e quiser fazer algo a respeito, ligue para mim.

Ele me entregou um cartão dos Alcoólicos Anônimos com seu nome e número de telefone. Por gentileza, coloquei-o na minha carteira, agradeci por toda sua ajuda e saí com meu amigo Joe, que havia me socorrido. Na época, mal sabia eu que Jimmy acabaria sendo um amigo para a vida.

Houve consequências para o incidente DeLorean. Minha carteira de motorista foi revogada, tive que pagar uma multa alta e ganhei um monte de publicidade negativa nas manchetes internacionais. De certa forma, tive sorte. Se isso acontecesse vinte e cinco anos depois, as consequências teriam sido muito piores: uma foto no TMZ.com, vídeos da minha presença na sala de tribunal na CNN e imagens de celular da perseguição de carros que atrairiam milhões de acessos no YouTube. O pior tipo de notoriedade: uma celebridade decaindo muito. Sem mencionar as duras implicações legais que teriam recaído sobre mim. A outra consequência foi um período de duas semanas ordenado pelo tribunal em uma unidade de desintoxicação do hospital e algumas reuniões obrigatórias no A.A. Em uma das primeiras reuniões,

fui abordado por um cara que parecia familiar. Ele caminhou até mim, estendeu a mão e disse: “Oi, Ace. Você se lembra de mim?”.

Não sabia o que dizer, eu apenas encolhi os ombros.

Ele sorriu.

“Eu sou Jimmy, o policial que lhe deu o cartão quando você foi preso.”

Puta merda! Eu não o reconheci sem uniforme.

“Como você está?”, perguntou ele.

Eu ri. Parecia bastante óbvio como eu estava.

“Cumprindo o programa, acho. Vamos ver como vai ser.”

Jimmy acabou se tornando meu padrinho no A.A. e um dos meus amigos mais próximos. Estivemos em centenas de reuniões juntos ao longo dos anos e passamos muito tempo saindo e conversando. A diferença entre nós é que Jimmy nunca teve recaídas. Ele era uma rocha; eu era um roqueiro. Mas agradeço a Deus por ele ter entrado na minha vida. Ele nunca desistiu de mim, nos momentos bons e ruins.

Especialmente nos ruins.

Depois de embarcar em minha carreira solo, não prestei muita atenção ao que estava acontecendo com o KISS. Havia questões financeiras e legais que eu deveria ter tratado de forma mais profissional, mas eu simplesmente queria seguir em frente com a minha vida e deixar os anos do KISS para trás. Mas eu não estava me mexendo de verdade. Na melhor das hipóteses, eu estava no mesmo lugar. No fundo, percebi que nada o tira de uma situação mais rápido que o ressentimento. E ainda assim eu estava repleto disso. Eu nem queria que as pessoas mencionassem o KISS quando estivessem na minha presença, o que era ridículo, é claro, já que a banda tinha sido uma parte enorme da minha vida.

Eu não podia simplesmente fingir que nunca tinha acontecido. Em um sentido muito real, o início dos anos 1980 foi um período problemático, até que formei minha nova banda, o Frehley’s Comet. Foram anos desperdiçados em grande parte com drogas e álcool. Todo esse período passou como um borrão, pois eu me isolava em Connecticut. Tentei manter meu nariz limpo (por assim dizer). Como ainda estava num período de experiência, sabia que quaisquer transgressões futuras não seriam tratadas de forma leve. É realmente sério ter problemas quando você está em liberdade condicional. Você vai direto para a prisão, e a prisão não é um bom lugar para celebridades.

Eu me afastei do mundo das doze etapas depois de apenas algumas reuniões. “Isso é para os malditos pássaros”, eu disse a Jeanette um dia.

De tempos em tempos, eu alugava meu estúdio para amigos e outros artistas, simplesmente porque ele estava lá e era uma instalação fantástica e o que havia de mais avançado na época. Um grupo diversificado de artistas passou por aquelas portas: a cantora folk Melanie, dos anos 1960; Neil Smith e Dennis Dunaway, da banda original do Alice Cooper; o produtor dos Rolling Stones, Chris Kimsey; e o falecido Bob Mayo, da banda de Peter Frampton, para citar apenas alguns.

Em uma ocasião, tive uma ideia de música que queria terminar, mas havia alugado meu estúdio para alguns amigos. Quando isso acontecia, eu costumava ir para North Lake Sound, em White Plains. Esse estúdio em particular ficava a apenas

45 minutos da minha casa e se tornara uma espécie de ponto de encontro para mim no final dos anos 1970. Ele pertencia a Chip Taylor (cantor e compositor), Jon Voight (ator) e Joe Renda. (Aliás, Chip e Jon são irmãos.) Quando eu estava escrevendo minha ideia de música, alguns amigos deram uma passada para ver o que estava acontecendo. Fiz uma pausa e, depois de algumas bebidas e algumas carreiras, dei o dia por encerrado e decidi não gravar mais.

Em vez disso, convidei meus amigos para Wilton, para que eu pudesse verificar como as coisas estavam progredindo na minha casa. Eu estava com o Corvette de Jeanette e, de alguma forma, nós três nos espremememos nele. Eu, meu amigo Richie Ayers, Tommy e um litro de vodca Stoli, para começar! Nem é preciso dizer que, enquanto dirigíamos pela Alameda Merritt, todos nós nos entregávamos ao espírito russo e a algumas carreiras e, quando saímos da alameda em Norwalk, estávamos todos bem chapados. Meu julgamento estava um pouco prejudicado a essa altura e quase atropelei um policial que orientava o tráfego num cruzamento. Quando percebi o que tinha feito, entrei em pânico e acelerei. A polícia logo apareceu nos portões da minha propriedade para me prender, mas eu não os atendi. Em vez disso, liguei para o meu advogado e implorei que ele desse à polícia algum tipo de desculpa. De alguma forma, meu advogado fez um ato mágico aqui. Ele ligou para a polícia local e os acalmou até deixarem os portões da frente e decidirem não me prender. Até hoje, ainda não sei exatamente qual explicação fez com que eles fossem embora, mas me lembro de fazer uma grande contribuição para a Policemen' s Benevolent Association (PBA) local naquele ano!

Mas a festa não terminou. Depois que meus nervos se acalmaram, fiquei brincando com uma Magnum .357. Fugir das garras da lei me fez sentir invencível, então comecei a descer as escadas com meu Smith & Wesson de confiança do lado de fora da entrada do estúdio e a realizar um experimento. Eu estava interessado em descobrir quantas vezes uma bala Magnum .357 ricocheteava nas paredes de concreto antes de parar. Senti como se estivesse sendo científico, descobrindo a trajetória da bala, onde ela chegaria e a geometria dos ângulos que seu caminho seguiria. Para tentar tudo isso, só para lembrar, eu estava sob influência só Deus sabe de quais substâncias que eu havia consumido desde que escapei das garras da lei.

Dei pelo menos dois ou três tiros sem matar ninguém, graças a Deus, mas consegui esvaziar todo o estúdio e a casa! Eu me lembro de pensar: Para onde foi todo mundo? Não sou perigoso; não estou tentando machucar ninguém. Felizmente, esse foi o fim do treinamento de balística naquele dia, porque depois subi para tirar uma soneca. Minha lembrança deste evento era um pouco nebulosa, mas, ao consultar meu amigo Richie Ayers, ele confirmou todos os detalhes. Aliás, o pai de Richie é o famoso artista da Marvel Comics, Dick Ayers. Richie me disse: “Eu não conseguia acreditar em todos os cálculos precisos que você fez antes de disparar o primeiro tiro! Era como se você fosse um cientista louco em uma missão!”.

Pensando bem, agradeço a Deus por ter feito com que meus amigos e eu não nos feríssemos naquele dia. Não posso deixar de me perguntar, espantado, como o cérebro humano funciona. Ele ainda pode reter com precisão os eventos que

ocorreram sob a influência de substâncias mais de trinta anos atrás. É realmente muito fascinante.

Trabalhei intermitentemente em novas músicas, mas raramente estava focado. Os amigos iam em casa e tocávamos, bebíamos e assistíamos TV. Lentamente, quase dolorosamente, montei material suficiente para um álbum, mas não estava em condições de gravar. Eu acordava de manhã e, se não estivesse de ressaca, juraria passar o dia escrevendo e gravando. Invariavelmente, o trabalho dava lugar a pesca, bebida e a me ferrar. Eu abria minha primeira cerveja no meio da manhã e tomava alguns analgésicos para aliviar a ressaca das festividades da noite anterior. Se eu começasse a me sentir cansado, dava uma cheirada. Em seguida, tranquilizantes à noite para pegar no sono. Logo meu uso de drogas estava fora de controle. Prescrições de medicamentos eram relativamente fáceis de obter naqueles dias. Os médicos costumavam distribuir prescrições para tranquilizantes e analgésicos com pouca apreensão. Sentindo-se ansioso? Não tem problema, aqui está uma receita para noventa Valium. Com cinco refis! Ombro doendo de tocar violão? Não se preocupe. Tome alguns analgésicos. Não consegue dormir? Tome alguns comprimidos para dormir.

Nessa época, conheci dois médicos em Manhattan. Não lembro quem os recomendou, mas conhecia outras estrelas do rock que também eram pacientes. Esses médicos eram jovens e um tanto imprudentes. Os dois cheiravam e às vezes até aceitavam cocaína de mim como pagamento por uma visita a seus consultórios. Nosso relacionamento aumentou até o ponto em que começamos a passar algum tempo juntos na ocasião. Lembro-me especificamente de sair com eles uma noite e ir ao clube noturno Limelight, na Sexta Avenida, em Manhattan. Estava muito lotado, e acho que o Alice Cooper estava tocando naquela noite. Esses caras estavam me prescrevendo o xarope para tosse mais potente que você consegue obter, chamado Hycodan. Era como beber codeína líquida, mas tinha aparência e gosto de xarope de cereja. Todos nós pedimos refrigerante, fomos ao banheiro e o turbinamos com meu frasco de remédios. Lembro-me de rir disso, já que todos no bar supunham que estávamos bebendo vodca e suco de cranberry. Nessas circunstâncias, não senti que estava fazendo algo tão ruim, mas acabou me deixando em maus lençóis.

Aconteceu no Dia das Mães. No caminho para o jantar, entrei em uma farmácia para pegar uns remédios prescritos, e depois só me lembro de ser algemado e levado por agentes federais de narcóticos para a cadeia do condado de Westchester. Ser preso na sexta-feira era uma merda, porque havia grandes chances de você passar o fim de semana inteiro atrás das grades. Os juízes e os promotores não gostam de trabalhar nos fins de semana. Portanto, se você espera pagar uma fiança, é melhor conhecer alguém do alto escalão.

Fui fichado e colocado na cela A-27, e isso fez tudo parecer muito mais surreal para mim. Vinte e sete sempre foi o meu número de sorte - afinal, nasci no dia 27. De qualquer forma, neste momento, o Aceman começou a se preocupar. Eu estava assustado e nervoso, mas não pelas razões que você imagina. Eu não tinha nenhum medicamento comigo, e era apenas uma questão de tempo antes de começar a protestar. Dentro da minha cela, tentei parecer calmo e controlado, mas, na

realidade, estava começando a entrar em pânico. Decidi me deitar e tentar dormir um pouco, mas logo fui acordado por um guarda que apontava uma lanterna para o meu celular.

"Ei, Ace", o guarda disse com uma risada. "Como foi o show?"

Tentei ignorá-lo, mas isso aconteceu durante a noite toda e não consegui piscar os olhos. De manhã, meus sintomas de abstinência haviam realmente aumentado. Então me lembrei de algo que um amigo me disse uma vez. Se você for para a cadeia, fique muito perturbado e eles o colocarão na unidade forense. Geralmente é mais seguro lá, com pessoal médico treinado que se preocupa principalmente em garantir que ninguém seja morto. O melhor de tudo é que eles distribuem remédios para os presos. Então fiz isso. Fiquei histérico, gritando obscenidades, chorando, implorando por ajuda, dizendo a todos que queria morrer. A verdade é que eu estava me sentindo mais do que um pouco ansioso, mas esse era um embelezamento significativo. Na minha cabeça, eu era Jack Nicholson em Um estranho no ninho, fingindo para ser diagnosticado com esquizofrenia a fim de poder passar um tempo na ala psiquiátrica.

Claro, as coisas não deram tão certo para o velho Jack, e também não deram tão certo para mim.

Eles acabaram me colocando na unidade forense, tudo bem, mas não era exatamente o clube de campo que eu esperava. Na verdade, era uma versão menor e mais assustadora de onde eu tinha acabado de chegar - com uma grande diferença. Todos os loucos e detentos suicidas também estavam no meu bloco de celas.

Antes, eu tinha minha própria cela, mas na unidade forense fui colocado em uma cela com três homens. Lá estava eu, um astro do rock decaído e um louco fraudulento, cercado por psicóticos e criminosos insanos de verdade! Quase todo mundo sabia quem eu era também - os guardas, os internos e a equipe do hospital -, mas, na maioria das vezes, eu acabava sendo tratado com frieza.

"Está vendo isso?", um guarda me disse, apontando para o elevador da unidade. "Quando você sai deste lugar, você tem duas opções. Você sai por aquela porta em pé ou sai com as canelas esticadas. Sua escolha, idiota."

Finalmente, ao meio-dia, foi pedido para que ficássemos em fila para receber nossa medicação. E não era cedo demais para mim, já que meu corpo estava desejando drogas. Por fim, cheguei ao balcão, onde uma enfermeira me entregou um pequeno copo de papel com dois comprimidos chacoalhando no fundo. Suspirei quando olhei para eles.

"Benadryl? É isso que você está me dando? Uma merda de Benadryl?! Que porra eu devo fazer com isso?!"

"Desculpe", disse a enfermeira. "É o melhor que podemos fazer sem receita médica, e todos os médicos foram para casa passar o fim de semana. Você terá que esperar até segunda-feira por algo mais forte."

Eu não conseguia acreditar! Eu estava totalmente fodido, muito pior do que se tivesse ficado na cela A-27. Lá estava eu, sem drogas, me sentindo uma merda e trancado em uma cela com um trio de caras que pareciam querer transar comigo.

Depois, naquela tarde, meu sogro, Vinny, veio fazer uma visita, e me lembro de dizer a ele: "Pai, você tem que me tirar daqui".

“Estamos tentando, Paul”, disse ele. “Mas você tem que ser paciente. Mantenha-se firme. Jeanette está muito preocupada com você.”

Naquela noite, depois do jantar, quando estávamos todos trancados em nossas celas, ouvi alguns de meus colegas de cela planejando me bater. Eles falavam alto o suficiente para eu ouvir. A ideia deles, obviamente, era me assustar. Nesse ponto, minha inteligência de rua assumiu o controle e eu em lembro de dizer para mim mesmo: Se eles tentarem me derrubar, eu vou me mexer!

Decidi iniciar uma conversa com o terceiro homem, que era mais velho e parecia menos agitado do que os outros dois.

Ele provavelmente tinha quase 40 anos, enquanto os outros caras tinham vinte e poucos anos.

Imaginei que, se eu formasse algum tipo de vínculo com ele, talvez ele me ajudasse se as coisas saíssem do controle. Ele também era pai de uma filha pequena, e compartilhamos algumas histórias sobre nossas filhas. Ele também era viciado e, à medida que nossa conversa progredia, tive a sensação de que ele estava se solidarizando com a minha situação.

Uma mudança nos turnos de trabalho após o jantar trouxe um segundo vislumbre de esperança, na forma de uma policial que por acaso era amiga de infância de Jeanette. Contei a Kathy o que havia acontecido comigo, e ela parecia preocupada. Conversar com ela me deu ânimo.

Aqui está. Outra visita do meu anjo da guarda. Alguém para cuidar de mim.

Ou assim pensei.

A princípio, Kathy pareceu amigável e feliz em me ver, mas logo mudou de comportamento depois de receber olhares de desaprovação dos outros guardas. Percebi então que suas mãos estavam atadas e ela não seria capaz de me ajudar muito. O protocolo ditava que ela se afastasse e não mostrasse muita compaixão por mim.

Por volta das 22h45min, um dos guardas apareceu e anunciou que as luzes seriam apagadas em quinze minutos; isso significava que a ala ficaria trancada durante a noite. Meu coração disparou. Eu me enrolei no meu beliche, tentando manter a calma. Meu único pensamento era sobreviver a noite toda e comecei a rezar. Comecei a contar os minutos na minha cabeça, me preparando para o inevitável. Fui vencido por um sentimento de total desesperança. Então, apenas dois minutos antes de o lugar ser trancado, ouvi uma voz. Juro por Deus, isso aconteceu mesmo.

“Vamos, Ace.”

Eu me sentei, confuso. Eu não conseguia acreditar nos meus ouvidos!

“Ir aonde?”

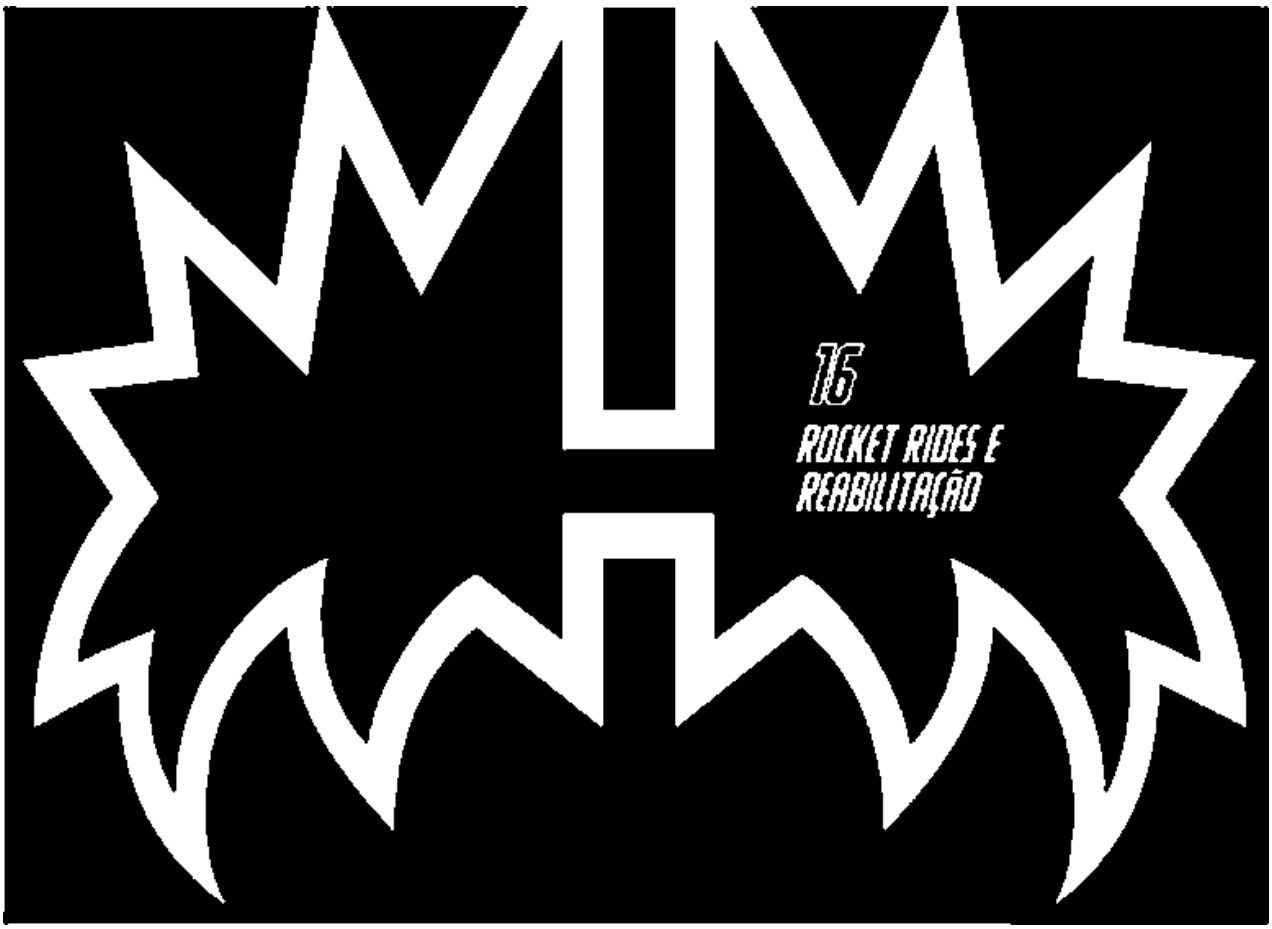
“Sua fiança foi paga. Você vai sair. Vamos.”

Parecia bom demais para ser verdade. Quase um milagre. Com as pernas bambas, eu me levantei e segui o guarda pela enfermaria. Ao sair, fui zombado por outros presos. Tive uma sensação estranha, como se estivesse num filme ou algo assim, e senti um alívio aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo. Juntei meus pertences, saí lentamente da prisão e fui para o estacionamento. Quando vi Vinny e Jeanette esperando ao lado de um carro com o motor ligado, suspirei de alívio. Em

suma, o avô de Jeanette, Joe T., vice-presidente do Teamsters, havia pedido um favor e conseguido que um juiz local saísse da cama e assinasse os papéis necessários para que eu saísse sob fiança. Nenhum de nós falou muito quando nos afastamos da prisão do condado e partimos para a noite.

Depois de chegarmos em casa, peguei um punhado de Valium para relaxar e me aconcheguei ao lado de Jeanette. Comecei a me perguntar: tudo isso realmente aconteceu ou foi apenas algum episódio psicótico bizarro causado por um estupor induzido por drogas?

A realidade se instalou bem rápido na manhã seguinte, quando olhei pela janela da cozinha e vi uma viatura vigiando a casa.


16
ROCKET RIDES E
REABILITAÇÃO

Rocket rides e reabilitação

Uma das piores coisas sobre o vício é que ele o torna fraco e vulnerável. Essa provavelmente é a lição mais importante que aprendi durante meu breve encarceramento na prisão de Westchester County. Isso também me ensinou a me preparar para o desconhecido. Se eu fosse viajar, me asseguraria de ter remédio suficiente até a volta. Contaria todos os comprimidos duas vezes e garantiria que todas as minhas prescrições fossem legais. E tentaria ter uma conexão preestabelecida no meu destino, em vez de carregar qualquer coisa que fosse ilegal. Ser viciado em drogas dá muito trabalho e ocupa muito do seu tempo.

Às vezes, não importava o quão bem eu tivesse me planejado. De alguma forma, ficava sem medicação. Uma vez fiquei muito doente no Japão. Fiquei sem Valium no meio da minha estadia. Eu não queria ser visto bebendo em público e também não queria álcool na minha conta do serviço de quarto. O interessante é que no Japão é socialmente aceitável ficar bêbado em público. Faz parte da cultura deles (ou pelo menos fazia na época). Mas, a essa altura, eu estava tentando projetar uma imagem sóbria. Eu precisava de algo para relaxar, então bebi tudo que tinha no minibar, principalmente uísque, como se fosse água. E o pior é que nunca gostei de uísque! Mas isso não importava. Eu queria me anestesiar de alguma forma, e isso era a única coisa disponível.

Acabei indo a um médico japonês e disse a ele que tinha ataques crônicos de pânico e extrema ansiedade. Ele não sabia exatamente do que eu estava falando, já que o inglês dele deixava a desejar, mas, no fim (com um pouco de pressão do meu gerente de turnê), ele prescreveu uma receita para Valium; infelizmente, a dose legal máxima de Valium no Japão na época era de apenas 5 miligramas (metade da quantidade prontamente disponível nos Estados Unidos), então tive que dobrar a dose e novamente ficar sem o medicamento em pouco tempo. Esse era o padrão típico de como eu precisava viver a minha vida. Como resultado, logo parei de apreciar os prazeres das drogas. Tudo o que eu estava fazendo era manter meu vício e vivia sempre com medo de que, se ficasse sem elas, ficaria doente.

Planejei um método de contrabandear cocaína que parecia funcionar perfeitamente, embora nunca o tenha experimentado fora dos Estados Unidos continentais. Provavelmente não deveria revelar isso, mas aqui vai...

Eu pegava uma prescrição com uma grande quantidade de antibiótico do meu médico e me certificava de que ele vinha em forma de cápsula. Então, esvaziava uma dúzia de cápsulas e as enchia com muito cuidado com cocaína. Depois que as cápsulas eram remontadas, eu as marcava com um pontinho para diferenciá-las do restante. Se alguém testasse as cápsulas em busca de drogas ilegais, as chances eram melhores que 6 para 1 em uma prescrição de noventa unidades de que a cocaína não seria descoberta. Esse tipo de planejamento insano certamente parece obsessivo para

uma pessoa comum, mas, se tiver interesse, essa quantidade de preparo meticuloso para uma viagem é quase comum.

Viajar para fora do país sempre era o pior, porque era muito arriscado tentar passar pela alfândega levando drogas ilegais ou qualquer outro medicamento sem receita médica legítima. Eu cogitava a ideia de vez em quando, mas nunca tive coragem de ir em frente. Eis o motivo.

Uma vez, eu estava viajando dos Estados Unidos para um país estrangeiro e decidi arriscar e colar alguns gramas de cocaína na sola do meu tênis. Era um voo longo e cochilei no avião depois de tomar um comprimido e algumas bebidas. Enquanto sonhava, tive uma terrível premonição de que, quando aterrissasse e saísse do avião, seria preso dentro do aeroporto e jogado na cadeia até apodrecer. Acordei em uma poça de suor e decidi que nenhuma droga valia o risco de ser preso. Especialmente em um país estrangeiro. Eu me lembro da aeromoça anunciando pelo sistema de comunicação: "Vamos pousar em breve. Por favor, apertem os cintos de segurança".

Em pânico, pulei e corri para o banheiro. A aeromoça me interceptou e me instruiu a voltar ao meu lugar.

"Se eu fizer isso, vou mijar nas calças", falei.

Relutante, ela me permitiu entrar no banheiro, dizendo: "Somente se você for rápido.

Estamos descendo, senhor".

Uma vez lá dentro, tranquei a porta e rapidamente tirei meu tênis. Rasguei a sola interna e tirei a fita que prendia a cocaína no lugar e comecei a jogá-la no vaso sanitário. A princípio, parecia que o pó ficaria preso no vaso e comecei a entrar em pânico. Houve outro anúncio pelo sistema de comunicação.

"Por favor, preparem-se para o pouso."

Desesperado, enfiei a mão na privada, empurrei a cocaína para baixo e a observei desaparecer na escuridão. Quando olhei para minha mão, estava levemente manchada pelo líquido azul do banheiro. Cor ri para lavá-la no momento em que a aeromoça interrompeu batendo à porta e me instruindo mais uma vez a voltar ao meu lugar. Sequei a mão apressadamente, coloquei meu tênis de volta e abri a porta do banheiro. A tripulação estava me olhando feio, então voltei correndo para o meu lugar e coloquei o cinto de segurança. Em poucos minutos estávamos em solo. Respirei fundo algumas vezes e, com paciência, esperei o sinal do cinto de segurança acender. Então peguei minha mala de mão e saí do avião com todo mundo. Estava bastante quente e úmido no aeroporto, e comecei a suar bastante.

Quando entrei na área da alfândega, havia dois policiais com cães farejadores de drogas vigiando todos que estavam saindo do avião. Tentei manter a calma, mas não pude deixar de me sentir apreensivo. Assim que passei pelos agentes, um dos cães começou a latir. O agente permitiu que o cachorro se aproximasse de mim e imediatamente começou a cheirar meu tênis! A primeira coisa que me passou pela cabeça foi que talvez houvesse algum resíduo de cocaína no meu tênis. Por um segundo, me perguntei se havia esquecido alguma coisa. Eu tinha colocado uma ou duas porções de 3,5 gramas no meu tênis? Momentaneamente inseguro, e mais do

que um pouco ansioso, devo ter parecido suspeito para o oficial. Ele educadamente me pediu para tirar meu tênis e começou a inspecioná-lo por completo. O pesadelo que imaginei no avião de repente começou a passar pela minha cabeça. Eu estava prestes a inventar uma desculpa quando o agente me devolveu o tênis.

"Ok, pode ir. Desculpe pelo atraso."

Eu estava ensopado, suando de forma tão profusa que me lembrei do dia em que escrevi "Rocket Ride" com Sean Delaney...

Devia estar pelo menos 32°C e o ar-condicionado acabara de quebrar em nossa casa em Irvington, em Nova York. Como o calor aumentava, meu estúdio no sótão estava ficando insuportavelmente quente. Estávamos derretendo lá em cima, mas continuamos trabalhando porque nossa criatividade estava fluindo - assim como a cerveja gelada e duas porções de 3,5 gramas de cocaína pura. Sean e eu tínhamos decidido que nada nos deteria em nossa busca.

"Rocket Ride" foi uma música que, ao longo dos anos, se tornou a favorita entre os fãs do mundo inteiro e quero que todos saibam exatamente como ela nasceu. Eu tinha um ótimo riff de guitarra e Sean começou a criar algumas letras e melodias. Ainda consigo ver o rosto de Sean, vermelho como uma beterraba, coberto de suor, mas completamente travado de tanto cheirar, cantando: "She wants a rocket ride! She wants a rocket ride!". Eu estava rindo de um jeito histérico e, ao mesmo tempo, apertando o botão de gravação no meu toca-fitas de oito faixas e duas bobinas.

"Ei, Ace. Essa parte do ritmo funciona muito bem", disse Sean.

"Sim, boa ideia. Vamos dobrar a duração dessa parte!"

Continuamos, num ritmo frenético, mas produtivo... até finalizarmos uma demo decente da música.

Terminamos por volta da hora do jantar e estávamos tão exaustos com o calor e o ritmo da sessão que desmaiamos nos sofás da sala de estar no andar de baixo e dormimos até a manhã seguinte.

No dia seguinte, montamos uma mixagem bruta boa o suficiente para dar a "Rocket Ride" um lugar no próximo álbum do KISS, Alive II.

"Rocket Ride" se tornou o segundo single do KISS em que fiz os vocais principais. Alcançou a posição 39 no Hot 100 da Billboard, tornando-se o sétimo hit do Top 40 do KISS.

Quando penso naquele dia, ainda me surpreende como todo o processo criativo se desenvolveu. Sean e eu devemos ter suado pelo menos cinco litros cada um e estávamos quase delirando com o calor e tudo que consumimos até o final do dia. Mas, de alguma forma, tudo deu certo e criamos algo mágico naquela tarde. Sean passou a trabalhar com Peter e Gene em outros projetos e nunca conseguimos trabalhar juntos em uma música de novo. "Rocket Ride" aparecerá na "KISStory" como a única composição de Frehley/Delaney, mas nunca esquecerei a experiência e tenho certeza de que ele também nunca esqueceu.

Sempre tenho boas lembranças de Sean. Ele era uma figura, para dizer o mínimo. Sean estava conosco praticamente desde o início do KISS. Ele contribuiu com idéias para os nossos figurinos e cenários e também apresentou a maioria dos movimentos que fazíamos no palco. Ele basicamente coreografou os primeiros shows do KISS

em nossos anos de formação. Sean estava sempre lá para ajudar quando alguém precisava. Ele tinha uma quantidade ilimitada de energia e nunca nos deu as costas quando algo precisava ser consertado, na estrada ou fora dela.

Sean sempre me apoiava, e à Jeanette também, e nós o tratávamos como alguém da família. Nunca esquecerei a vez que ele deu um grande beijo na boca do meu sogro, Vinny, no dia do nosso casamento! Vinny ficou tão surpreso que ficou lá parado, por um segundo, em choque. Então ele começou a rir. Quero dizer, o que mais ele poderia fazer, especialmente com tantas pessoas assistindo?

Sean sabia como quebrar o gelo com as pessoas e neutralizar qualquer tensão no ar. Ele era amante de Bill Aucoin - os dois moravam juntos - e tinha o dom de fazer com que as pessoas ao seu redor se sentissem à vontade, principalmente em relação à sua sexualidade. Sean nunca tentou esconder o fato de que era gay, e Bill também não. Ambos eram muito abertos sobre isso em nosso círculo próximo. Sean era um bom amigo e confidente de confiança, e sempre sentirei falta do seu grande sorriso e de sua personalidade grandiosa.

Ele era único.

Ao trabalhar com Sean e Bill, aprendi a nunca julgar as pessoas por seus gostos ou fetiches entre quatro paredes. Para mim, se é bom e não machuca ninguém, vá em frente e divirta-se. A vida é curta demais para se preocupar com o que as outras pessoas estão pensando. Existem muitas pessoas por aí que estão levando uma vida miserável porque não tiveram coragem de correr alguns riscos quando eram mais jovens.

Arrependimentos são filhos da puta. Graças a Deus aprendi a viver sem eles!

Um dia, em Wilton, recebi uma ligação de Buddy. Ele me convidou para sair com seu barco, que estava ancorado no lago Candlewood, em Connecticut, a cerca de 30 minutos da minha casa. Ele não tinha verificado o barco por algumas semanas e achava que também poderíamos pescar, além de descansarmos e nos recuperarmos. Buddy levou uma caixa térmica cheia de cerveja e eu contribuí com cocaína. Depois de verificar o barco dele, comecei a fazer longas carreiras de cocaína no convés. Alguns minutos depois, Buddy comentou: “Uau, essa merda é das boas. Mal posso sentir meu rosto!” Eu estava bem travado e ria enquanto bebia uma lata de cerveja da caixa térmica.

Em pouco tempo, os minutos se transformaram em horas e o sol começou a se pôr ao longe. Nunca desamarramos seu barco da doca para ir pescar. Estávamos muito ocupados nos divertindo. Quando escureceu, começamos a ficar meio alegres e decidimos inventar o plano B. Buddy me disse que ele tinha duas amigas bonitinhas que não moravam muito longe do lago e ambas adoravam cocaína. Falei para Buddy ligar para elas e, com um pouco de persuasão (o que significava avisá-las de que tínhamos um pó explosivo), elas decidiram nos convidar para ir à casa delas. Quando chegamos lá, elas estavam sentadas, parecendo desinteressadas. Decidi fazer um monte de carreiras, e logo a festa estava em alta velocidade. Ainda tínhamos metade da caixa térmica de cerveja - a cobertura do bolo, você poderia dizer - e continuamos a festejar até o sol nascer. Naquela manhã, depois de agradecer às meninas por uma estadia muito agradável, Buddy pegou seu Rolls-

Royce e convidamos outras duas garotas para praticar esqui aquático no lago. Finalmente conseguimos afastar o barco dele da doca, mas realmente não estávamos interessados em esquiar com as meninas. Em vez disso, nos entregamos a outras formas de entretenimento, que obviamente incluíam drogas e álcool. À medida que a hora avançava, Buddy achou que seria uma boa ideia voltar para a doca. Todo mundo estava bastante chapado e, de alguma forma, convenci Buddy a me deixar dirigir o barco de volta para a doca. Infelizmente não sou um bom marinheiro, mesmo quando estou sóbrio; quando estou chapado, sou ainda pior. Confundi marcha a ré com acelerador e acabei levando a doca do vizinho! A polícia apareceu, mas, de alguma forma, resolvemos o problema culpando o acidente pela transmissão defeituosa do barco. Acho que os policiais suspeitaram de trapaça, mas, quando descobriram quem eu era e viram o grande Rolls-Royce prateado no estacionamento, decidiram deixar para lá.

Mal sabíamos que muitos anos depois uma coincidência engraçada aconteceria. Em 2008, pedi a Buddy que me ajudasse com a segurança num evento de autógrafos que eu estava promovendo em Nova Jersey. Ele concordou e acabou trabalhando com a segurança na fila de fãs que esperavam para me cumprimentar. De repente, um fã começou a conversar com Buddy. O garoto ficou falando que era um grande fã e, no fim, ele disse a Buddy: "Ninguém sabe desse pequeno detalhe, mas, quando eu era criança, Ace destruiu a doca do meu pai em Candlewood Lake!". O garoto não sabia se Buddy tinha acreditado nele, já que estava sorrindo de orelha a orelha depois de ouvir sua história. O garoto começou a oferecer ainda mais detalhes sobre o incidente, achando que Buddy não estava acreditando nele, quando Buddy interrompeu.

"Ei, essa era a merda do meu barco!"

Quando o garoto finalmente foi me conhecer, todos rimos muito disso. Autografei algumas coisas dele de graça, me sentindo um pouco culpado pelo que havia acontecido muitos anos antes, mas parecia que ele não guardava ressentimento. Ele estava realmente feliz por conhecer seu guitarrista favorito, então deixamos o passado para trás.

Meu traficante de drogas em Connecticut era um personagem real. Quando eu queria uma grande quantidade de cocaína, ele geralmente entregava. Quando ele aparecia em casa, muitas vezes tentava ficar ali por um tempo, mas eu sempre inventava uma desculpa para me livrar dele. Ele não era uma companhia muito divertida, pois sempre parecia paranoico e nervoso. Eu tentava concluir nossas transações o mais rápido possível, mas, quando comprava cocaína no valor de cinco mil dólares, eu gostava de testá-la quimicamente quanto à sua pureza e pesá-la na minha balança para garantir que estava obtendo a quantidade certa. Um dia ele apareceu à minha porta com a camisa virada do avesso e estava coberto de suor. Ele me disse que achava que estava sendo seguido por policiais. Eu apenas ri.

"Não seja ridículo. Você está deixando sua imaginação correr solta. Ninguém está lá fora. Relaxa."

Eu lhe dei uma cerveja e dois comprimidos de Valium, e o despachei de volta. Cerca de duas semanas depois, liguei para ele e disse que queria uns 30 gramas da

mesma coisa. Ele disse que tinha acabado de receber uma nova remessa e que era ainda melhor que o último lote. O único problema? O carro dele tinha quebrado e, se eu quisesse a cocaína imediatamente, precisaria buscá-la. Comecei a ficar um pouco desconfiado, mas meu desejo superava meu medo. Eu disse a ele que tinha que passar no banco para pegar algum dinheiro e depois estaria lá.

Fiz algumas compras não planejadas e acabei me atrasando por algumas horas. Quando cheguei, eu o encontrei agindo como louco e paranoico. Ele pensou que estava sendo vigiado e que, quem quer que fosse, estava se aproximando dele. Para aliviar sua ansiedade, eu lhe disse que tinha olhado em volta antes de entrar e não tinha visto ninguém observando o apartamento. A cena toda era estranha, e pensei comigo: Provavelmente é uma boa ideia fazer uma transação rápida e dar o fora daqui. Larguei o dinheiro em sua mesa da sala, agarrei um pacote de pó e saí. Quando saí da casa dele, comecei a ficar ansioso, mas tinha tomado muito Valium naquele dia e decidi ignorar todas as minhas reservas. Entrei no meu Chevrolet 4x4 e fui direto para casa. Fiquei verificando meu espelho retrovisor para ver se alguém estava seguindo, mas não havia nada lá.

Alguns dias depois, recebi uma ligação de um amigo que me informou que meu revendedor havia sido preso. Ele disse que o sujeito estava sob vigilância dos agentes da Administração de Repressão às Drogas havia algum tempo e que seu apartamento foi invadido e ele foi levado algemado. Comecei a visualizar cenas de todos os filmes que tratavam de temas como esse e de como elas se desenvolviam. Você sabe - quando um policial tenta fazer um acordo com o criminoso, extraindo informações em troca de uma sentença mais leve. Comecei a entrar em pânico.

E se ele falar? E se ele disser aos policiais que eu sou cliente?

Comecei a jogar fora toda a minha parafernália de drogas: minha balança, meu kit de testes químicos, frascos de cocaína *etc.* Enterrei toda cocaína que eu tinha deixado na floresta atrás do pátio, sob uma grande pedra. Os dias passaram devagar, e acabaram se transformando em semanas. Por fim, decidi que precisava me limpar. E não apenas por razões de saúde. Imaginei que, se meu revendedor tivesse me denunciado, seria muito melhor para um juiz se eu estivesse procurando ajuda de forma ativa.

Minha primeira e única experiência real com a reabilitação tradicional foi num hospital psiquiátrico chamado Silver Hill, em New Canaan, em Connecticut. Eles também se especializaram em reabilitação de álcool e drogas. Era uma reabilitação clássica para pacientes internados - uma estadia de um mês em um lugar extremamente caro num cenário campestre encantador.

Silver Hill era um lugar interessante e atendia principalmente aos ricos e famosos. Em Silver Hill, fui levado a acreditar que um renascimento estava chegando, e a jornada seria conduzida num ambiente de spa completo com refeições gourmet, piscina, quadras de tênis e até artes e ofícios.

A primeira tarefa ao chegar à reabilitação era preencher uma tonelada de papelada. Eles precisavam da minha assinatura em pelo menos uma dúzia de documentos. Em seguida, veio uma avaliação - física e psicológica. O objetivo principal da avaliação era determinar o nível de dependência do paciente, para que o

processo de desintoxicação pudesse começar imediatamente e ser tratado da maneira mais eficiente e confortável possível. Algumas pessoas naturalmente mentiram sobre a quantidade de medicação que estavam tomando, pensando que seriam iniciadas com uma dose muito maior para ajudar a facilitar o processo de desmame. Fiz uma abordagem diferente. Decidi que a honestidade seria a melhor política. Como eu estava tomando uma quantidade enorme de Xanax, imaginei que qualquer exagero me faria parecer desonesto desde o início. Quando disse à enfermeira que estava tomando cerca de vinte comprimidos de 1 miligrama de Xanax por dia, ela parou de escrever por um momento e tentou me avaliar.

"Cerca de vinte? Você tem certeza disso?"

"Tenho."

Ela suspirou profundamente e continuou escrevendo, imperturbável devido aos relatórios sobre meu uso de álcool e cocaína, que, em comparação, devem ter parecido razoáveis. Após a consulta, voltei para o meu quarto e descansei um pouco, até que um dos médicos apareceu para uma consulta.

"Sr. Frehley", disse ele com um sorriso irônico. "Qual a quantidade de Xanax que você está tomando... de verdade?" Dei de ombros.

"Como eu disse à sua enfermeira, cerca de vinte comprimidos por dia. De verdade."

O sorriso deu lugar a um olhar severo.

"Essa dosagem mataria a maioria das pessoas."

"O que posso lhe dizer, doutor? Estou aqui."

Ele assentiu. "Claro que está. Ok... Acho que precisaremos enfrentar o Desafio do Ativan." O Desafio do Ativan foi desenvolvido para testar a tolerância de pacientes a medicamentos. Ele basicamente envolvia ingerir uma dose prescrita de Ativan em intervalos consecutivos até que o paciente apresentasse sinais de dano. Isso permitida à equipe determinar o verdadeiro nível de dependência de drogas.

Depois do jantar, eles começaram com dois Ativan a cada 45 minutos. Três horas depois do desafio, eu estava uma rocha sóbria, falando sem problemas, andando em linha reta com facilidade. Quatro horas se passaram, depois cinco. Por volta da meia-noite, o médico entrou e me examinou. Eu ainda parecia relativamente sóbrio e, nesse momento, o médico ficou frustrado e rapidamente saiu da sala e gritou para a enfermeira:

"Ele começa com 120 miligramas de Valium amanhã e veremos como ele se sai."

No dia seguinte, ele parou para me olhar.

"Nunca vi ninguém com esse tipo de tolerância a tranquilizantes", disse ele. "É notável."

"Bem, doutor, ser uma estrela do rock é um trabalho muito estressante."

A dosagem que o médico prescreveu me deixou fora do ar por um tempo e tornou todo o processo mais tolerável. Depois de alguns dias, alguém mencionou que meu chalé era o mesmo que Gregg Allman havia ocupado uma vez. Acho que era reservado para VIPs, mas isso não o tornou mais atraente. O que o tornava mais atraente era o fato de ser ocupado principalmente por mulheres. Na verdade, o outro cara no local tinha cerca de 70 anos. Ele fora deixado por sua família uma semana

antes de eu chegar lá. O pobre do cara estava se desintoxicando do álcool e parecia muito instável. Eu me senti mal por ele, pois ele parecia ter bebido a maior parte de sua vida e talvez estivesse passando por delirium tremens.

Entre meus colegas residentes no chalé, havia duas garotas de vinte e poucos anos e duas donas de casa: uma na casa dos trinta e outra com quarenta e poucos anos. A única outra mulher no chalé além das enfermeiras era uma mulher mais velha, de quase 6o anos. Um grupo interessante e diversificado de personagens, mas estávamos todos no mesmo barco. Obviamente, me aproximei das duas garotas na casa dos vinte anos, e ambas estavam ansiosas para me conhecer. Não havia nenhuma chance de nos pegarmos, mas eu gostava de flertar com garotas mais jovens e todos nos tornamos bastante amigáveis nas semanas seguintes. Depois do jantar e de uma reunião do A. A., geralmente assistíamos TV juntos ou jogávamos baralho. Às vezes trocávamos algumas de nossas histórias sobre drogas e álcool e ríamos do que estávamos passando.

Depois que começaram a diminuir minha dose, comecei a sentir a abstinência, mas era administrável. E funcionou. Saí de Silver Hill sem o desejo físico de álcool e drogas. Meu corpo estava limpo pela primeira vez em vários anos, mas minha mente continuava viciada em meus velhos hábitos e estilo de vida. Eu não sabia se conseguiria seguir com uma vida de completa abstinência, mas estava disposto a tentar.

Por favor, não me entenda mal. Eu realmente não quero parecer que estou pregando ou me posicionando contra drogas e álcool. O fato é que não acredito que haja algo errado com nenhum deles. Infelizmente, em excesso, eles não são muito saudáveis para você. Mas muitas pessoas funcionam muito bem enquanto usam drogas ou álcool em uma base recreativa. O truque é moderação. Se você consegue lidar com isso, vá em frente. Liberte-se! Acredite, se eu conseguisse tomar apenas uma ou duas cervejas, ainda estaria bebendo hoje. Aceitei o fato de que não consigo e finalmente estou bem com a minha decisão.

Resumindo, é isso. Acredito que é uma escolha pessoal e não deve ser feita de forma descuidada. A única razão pela qual falo sobre essas coisas é porque sou uma celebridade e influenciei milhões de pessoas ao longo dos anos. Eu só quero esclarecer as coisas e contá-las como aconteceram:

Isto é o que aconteceu comigo.

Se ouvir minha história tiver uma influência positiva sobre alguém - se eles estão em uma encruzilhada em suas vidas e decidem não seguir o mesmo caminho que eu nem cometer alguns dos mesmos erros isso está bom o suficiente para mim.

17
XAROPE, SANDUÍCHES
DE PEIXE E VODU

Xarope, sanduíches de peixe e vodu

Quando cheguei em casa de Silver Hill, senti um renovado senso de compromisso com minha música e minha carreira. Os rapazes do KISS estavam dizendo algumas coisas horríveis sobre mim depois dos meus problemas legais e pessoais. Estavam chutando cachorro morto. Em geral, eu só ignorava isso ou usava como um fator de motivação.

Um novo começo estava certo, e parte do processo envolvia a separação legal da minha esposa. Jeanette decidiu seguir em frente e estava se relacionando com outro cara. Decidi me mudar de Westchester e focar minha atenção na Big Apple. Escolhi um novo arranha-céu no Upper West Side. Morar no quadragésimo terceiro andar tinha suas vantagens. Eu não só tinha uma vista espetacular de Manhattan, mas a maior parte da agitação da cidade estava muito abaixo de mim. Quando as janelas estavam fechadas, às vezes até esquecia onde estava.

Eu conhecia bem o bairro, já que Anton Fig e Lydia (a primeira esposa de Peter Criss) moravam a apenas alguns quarteirões de distância. Meu restaurante japonês favorito ficava ali na esquina e a maioria dos restaurantes da região faziam entregas. Gostei do fato de, ao contrário de Westchester, você não precisar dirigir por toda parte. Você podia caminhar até a maioria das lojas, e outros lugares ficavam a apenas uma corrida rápida de táxi. O Studio 54 já estava fechado e Manhattan não era a cúpula de prazer que tinha sido nos anos 1970. Isso era uma coisa boa, pois eu esperava passar a maior parte dos meus dias compondo e gravando. Às vezes, eu passeava no Central Park com a minha bicicleta de dez marchas ou me exercitava na academia do meu prédio. Eu realmente queria descobrir o lado saudável de Nova York e finalmente ver como a outra metade das pessoas vivia.

Parte do plano era reagrupar o Frehley^ Comet. A formação original incluía Anton Fig na bateria, John Regan no baixo, Arthur Stead nos teclados e Richie Scarlet na guitarra também. Essa formação gravou várias demos e fez alguns shows na região metropolitana de Nova York em 1985.

Meu bom amigo Ed Trunk tinha uma posição de A&R na Megaforce Records e me abordou sobre um contrato de gravação. Ele me apresentou Jon Jonny Zazula, o fundador da gravadora, e eu decidi assinar na linha pontilhada.

Recrutei meu produtor favorito, Eddie Kramer, e entramos no estúdio e começamos a gravar faixas básicas. Nessa época, eu havia feito algumas alterações na formação original, deixando Arthur Stead e substituindo Richie Scarlet por Tod Howarth, que já havia trabalhado com Ted Nugent e Cheap Trick. Tod era da Califórnia, então ele se mudou temporariamente para o meu apartamento enquanto trabalhávamos no disco. Trabalhei intensamente no primeiro disco do Frehley's Comet, coproduzindo com Eddie e escrevendo sozinho ou em parceria oito das dez músicas do álbum. Antes mesmo de terminar, eu sabia que tinha feito alguns dos

melhores trabalhos da minha carreira e estava ansioso para ver como ele seria recebido pelo público.

Depois que o álbum estava pronto, passei vários dias dando entrevistas para apoiar o disco. Num determinado dia, Ed Trunk me pegou em uma limusine. Ele havia agendado várias entrevistas de rádio na área de Nova York/Nova Jersey. Além de suas funções no departamento de A&R (Artistas e Repertório) na Megaforce, Ed também era DJ no WDHA em Nova Jersey, e essa era a nossa última parada programada. Durante o dia, havia tomado alguns tranquilizantes para relaxar e também tinha me esquecido de comer. Para consternação de Ed, acabei desmaiando no fundo da limusine. Já estávamos atrasados, e ele ficou muito nervoso quando não conseguiu me reanimar completamente. Quando entramos no estacionamento da estação de rádio, pude ver o pânico no rosto de Ed.

A limusine foi imediatamente cercada por fãs que queriam autógrafos. O que piorou as coisas foi o fato de o chefe de Ed também estar lá, esperando impacientemente. Fiz um gesto para Ed se aproximar e sussurrei três palavras: "Sanduíche de peixe..."

Ed respondeu: "O quê?".

"Dois sanduíches de peixe! AGORA!"

Mediante meu pedido, Ed instruiu o motorista da limusine a seguir em direção ao McDonald's mais próximo. Felizmente, havia um na mesma rua. Quando chegamos, Ed enviou o motorista com instruções e uma nota de 20 dólares. Não pude deixar de rir ao ver Ed fazendo tanto barulho. No entanto, como sempre, ele tinha as melhores intenções comigo. No caminho de volta à estação, ele começou a me alimentar com um sanduíche após o outro. Quando chegamos lá, eu já estava reanimado.

Notavelmente, acabei dando uma ótima entrevista. E, até hoje, Ed nunca subestimou as qualidades rejuvenescedoras de um sanduíche de peixe do McDonald's.

Frehley's Comet vendeu mais de 500 mil cópias e alcançou o número 43 na parada de álbuns da Billboard. A resposta crítica também foi forte. O single de maior sucesso do álbum foi "Into the Night", escrito por Russ Ballard, que também escreveu "New York Groove". Mas a música que perdurou ao longo dos anos e é amada pela maioria dos fãs com certeza é "Rock Soldiers". Coescrita por Chip Taylor (um músico e escritor talentoso cujos maiores sucessos foram "Angel of the Morning" e "Wild Thing", do Troggs), "Rock Soldiers" foi inspirada em minha infeliz viagem ao DeLorean, mas também evoca imagens do acidente que quase matou Anton e eu. É, mais do que qualquer outra coisa, uma música sobre o excesso de estrelas do rock, e foi escrita com muita honestidade sobre minhas próprias experiências de vida, que, como se viu, estavam longe de terminar.

It was back in the summer of '83

There's a reason I remember it well I was slippin ' and slidin drinkin' and drivin '

And bringin ' me closer to hell And the devil sat in the passenger's side Of DeLorean's automobile He said: Hey Frehley, Frehley let's not be silly There's a life out there to steal Rock Soldiers come

Rock Soldiers go
And some hear the drum
And some never know

Rock Soldiers! How do we know?
ACE is back and he told you so
With a trooper in the mirror
And Satan on my right

We went wrong way down a one way road Hittin ' everything in sight
I cried I am invincible
Said I was high above the law But my only high was just a lie And now I'm glad I saw
Calling Rock Soldiers
You! Rock Soldiers
Calling Rock Soldiers
Hard Rock Soldiers

Hup! Two three four Rock!
Two three four Hup!
Two three four Rock!
Two three four

Friends say they'll stay with you Right through the danger zone But the closer you get to that fieryhole You'll have to make it alone
When I think of how my life was spared From that near-fatal wreck If the devil wants to play his card game now He's gonna play without an ACE in his deck!!

[Foi no verão de 83
Há uma razão pela qual me lembro bem
Eu estava escorregando e deslizando, bebendo e dirigindo E me aproximando mais do inferno
E o diabo se sentou no banco do passageiro Do automóvel DeLorean Ele disse: Hey, Frehley, Frehley não vamos ser idiotas Existe uma vida lá fora para roubar
Soldados do rock vêm
Soldados do rock vão
E alguns ouvem o tambor
E alguns o desconhecem

Soldados do rock! Como sabemos?
ACE está de volta e ele falou para você

Com um soldado no espelho
E Satanás à minha direita

Fizemos o caminho errado em uma estrada de mão única Acertando tudo à vista
Gritei: “Sou invencível”
Eu disse que eu estava bem acima da lei
Mas meu único ponto alto foi só uma mentira E agora estou feliz que vi
Chamando soldados do rock
Vocês! Soldados do rock
Chamando soldados do rock
Soldados do Hard Rock

Hup! Dois três quatro Rock!
Dois três quatro Hup!
Dois três quatro Rock!
Dois três quatro

Os amigos dizem que ficarão com você
Através da zona de perigo
Mas quanto mais perto você chegar desse buraco ardente Você terá que fazer isso sozinho
Quando penso em como minha vida foi poupada A partir daquele naufrágio quase fatal Se o diabo quiser jogar seu jogo de cartas agora Ele vai jogar sem um ACE no baralho dele!!]

O vídeo de “Rock Soldiers” foi filmado no Canadá. Usamos cerca de cinquenta fãs como extras, todos tocando guitarra conosco no refrão. Ele foi produzido pelo irmão de Geddy Lee, Allan Weinrib, e eu me diverti muito dentro e fora do set.

Quando pegamos a estrada após o lançamento de Frehley’s Comet, eu não poderia estar mais empolgado. Fiz turnê pelos Estados Unidos e pelo Canadá, e um dos shows que mais se destaca em minha memória é a noite em que tocamos no Beacon Theatre, em Nova York. Sempre gostei de tocar em teatros antigos, pois a acústica fazia tudo parecer muito melhor. E, com o público da cidade natal, a energia era simplesmente incrível. Várias celebridades apareceram para o show e para a festa mais tarde, incluindo Paul Stanley e o presidente da Atlantic Records Ahmet Ertegun. Eu me lembro de ter sido recebido calorosamente por Paul na festa.

“Ótimo show!”, disse ele. E acredito que ele foi sincero. Ele estava realmente feliz por mim. Ahmet parecia igualmente impressionado com a minha performance. Fiquei feliz por finalmente ter a chance de conversar com essa lenda da indústria fonográfica.

Quando eu estava tocando na Flórida, tive uma chance de me encontrar com uma modelo. Estávamos tocando em um teatro local em Miami e todo mundo estava animado para o show. Chegamos cedo à cidade e acabei ficando à beira da piscina, absorvendo o sol da Flórida. Notei algumas modelos fazendo uma sessão de fotos na quadra de tênis, mas não prestei muita atenção até ver uma loira muito impressionante. Tive que voltar para o meu quarto e me vestir para fazer a passagem

de som, mas, antes de sair da piscina, decidi convidar todas as garotas na sessão de fotos para o show. Elas aceitaram o convite e eu rapidamente voltei para o meu quarto e depois fui para a passagem de som. Fizemos um ótimo show naquela noite e, depois de três bis, o público ainda queria mais. Não pude deixar de notar a linda loira que convidei, porque, durante o show, seus olhos estavam focados em mim na maior parte do tempo. Depois que voltei ao hotel, não conseguia me lembrar se as garotas que eu havia convidado também estavam hospedadas lá. Fiz o que normalmente fazia naqueles dias. Tratei de ficar limpo e fui até o lounge do hotel para ver se estava acontecendo alguma coisa. Encontrei Kim, a loira linda, por lá. Conversamos um pouco e depois eu a convidei para ir ao meu quarto, também chamei sua amiga e Tod Howarth. Depois de algumas bebidas, deixei Tod sozinho com sua nova amiga e fomos para o quarto de Kim, onde acabei passando a noite.

A atração entre nós era inegável. Por incrível que pareça, descobri que ela morava a poucos quarteirões da minha casa na Big Apple. Quando voltei para casa, começamos a namorar e, no final do mês, decidimos morar juntos. Um dos benefícios adicionais do nosso relacionamento era que outras modelos sempre visitavam a casa e às vezes passavam a noite lá.

Em um fim de semana, uma das amigas de Kim apareceu e acabei gravando um vídeo das garotas sincronizando a música “Rock Soldiers”. As duas estavam em uma pequena jangada de borracha na minha sala de estar, tocando guitarra usando roupas íntimas. Nós três nos divertimos muito naquela noite e, ao longo dos anos, o vídeo ficou carinhosamente conhecido como “The Seahawk”.

Enquanto Kim e eu morávamos juntos em Nova York, comecei a gravar o álbum de estúdio seguinte do Frehley’s Comet, Second Sighting. Foi o meu único álbum solo em que Anton Fig não tocou bateria. Alguém sugeriu Jamie Oldaker e, quando soube que ele havia trabalhado com Eric Clapton, decidi tentar.

O Megaforce também queria que eu publicasse um vídeo ao vivo, então voamos para a Inglaterra e gravamos uma apresentação ao vivo no Hammersmith Odeon, em Londres. No mesmo período, também gravamos um vídeo para “Insane”, o primeiro single lançado no Second Sighting. Ele foi filmado nos estúdios SIR, em Nova York, e teve mais de uma dúzia de modelos fantasiadas de enfermeira. Pedi que Kim participasse e ela topou. Infelizmente, a pressão das turnês acabou afetando nosso relacionamento, e seguimos caminhos diferentes no fim daquele ano.

Como Kim estava fora de cena, acabei passando um pouco mais de tempo com meus outros amigos na cidade. Um dia, fui à casa de Anton Fig e começamos a beber. A esposa dele estava viajando, então... bem, sabe como é: Quando o gato está fora, os ratos fazem a festa!

Eu já tinha dado a Anton uma prova do meu xarope favorito, e ele gostou tanto quanto eu. Eu tinha acabado de pegar uma nova prescrição e contei a Anton sobre esse esquema bobo que inventei. Por sorte, havia uma garrafa vazia, que era tudo de que eu precisava para concluir a tarefa. Fomos até a farmácia local descendo a rua para ver se o esquema funcionaria.

Naqueles dias, os frascos de xarope eram feitos de vidro e não de plástico. Imaginei que, depois de ter a prescrição, eu poderia virar a esquina e derramar a

maior parte do xarope no frasco vazio, quebrar o frasco original dentro da sacola e voltar correndo para a farmácia gritando: “Quase fui morto por um maldito táxi”.

Entregando para o farmacêutico o saco de papel, pingando xarope e vidro quebrado, perguntei se ele poderia substituí-lo. Isso exigiu um pouco mais de atuação da minha parte, mas, depois de alguns segundos de ponderação, ele comprou a história. Ele me entregou uma garrafa cheia e voltamos para a casa de Anton, rindo da nossa boa sorte.

“Não acredito que funcionou!”, exclamou Anton. E, pelo resto da noite, tivemos o dobro de diversão.

Para divulgar o Second Sighting, caímos na estrada com o Iron Maiden, mas eles cancelaram a turnê prematuramente. O último show foi em Nova Orleans, depois a banda e a equipe embarcaram no ônibus de volta a Nova York. Nunca gostei de fazer longas viagens de ônibus, então optei por ficar para trás e voar no dia seguinte. Eu estava me sentindo um pouco deprimido desde que a turnê terminou tão abruptamente e, quando voltei ao hotel, meus sentimentos de desespero haviam aumentado. Comecei a beber e tomei alguns sedativos para relaxar.

Desde minha lembrança mais remota, sempre senti uma vibe estranha de vodu em Nova Orleans. Não era nada tangível, mas, sendo um cara sensível, eu conseguia sentir essas merdas. À medida que a noite avançou, fiquei realmente deprimido. À meia-noite eu estava flertando com pensamentos suicidas. Todos, de tempos em tempos, experimentam momentos de desespero e, às vezes, até pensamentos fugazes de suicídio, mas isso era diferente. Era algo de que eu não conseguia me livrar e quase me senti possuído.

Na minha hora mais sombria, eu me lembrei de que sempre podia extrair força de um poder superior. Fui criado em uma casa religiosa e, embora tivesse parado de frequentar a igreja regularmente há muito tempo, ainda mantinha contato consciente com Deus. Abri a gaveta da mesa de cabeceira e peguei a Bíblia. Quando comecei a ler algumas das minhas passagens favoritas, todos os sentimentos de desesperança começaram a se dissipar e, no fim, recobrei meus sentidos. Depois de fazer algumas orações, adormeci. Acordei no dia seguinte e pensei comigo mesmo: Que porra de pensamento foi aquele?! Graças a Deus por Gideão!

Em 1989, voltei ao estúdio com Eddie Kramer para gravar Trouble Walkin’. Decidi ficar com Richie Scarlet na guitarra e Anton Fig na bateria. O álbum também incluiu alguns convidados muito especiais - principalmente Peter Criss, com Sebastian Bach, Dave Sabo e Rachel Bolan, do Skid Row. Meu velho amigo Eddie Solan (mixador de som original do KISS) ajudou Eddie Kramer no processo de produção, e meu amigo do Bronx, Peppy Castro, do Blues Magoos, acrescentou alguns ótimos vocais de fundo. Também convidei Eric Carr para tocar bateria em uma faixa e ele aceitou de imediato. Ele estava empolgado com a perspectiva de trabalhar comigo de novo. Infelizmente, alguns dias depois, recebi um telefonema de Eric, que parecia muito chateado. Ele me informou que Gene e Paul se opunham à ideia; portanto, ele precisou recusar o convite com pesar. Eu também estava chateado, pois a situação de Eric trouxe lembranças desagradáveis de como eles poderiam ser foda às vezes.

O primeiro single do álbum foi um cover da música do Move, “Do Ya”, e tive o prazer de gravar o vídeo no histórico teatro Apollo, no Harlem.

Também cobri uma faixa chamada “Hide Your Heart”, escrita por Desmond Child, Holly Knight e Paul Stanley. Durante o processo de mixagem, recebi um telefonema interessante de Gene Simmons. Eu não conseguia acreditar que ele tinha coragem de pedir que eu retirasse minha versão de “Hide Your Heart”. Seu raciocínio era de que eles também haviam gravado uma versão e planejavam lançá-la como o primeiro single do novo álbum. Eu o informei que havia investido muito tempo e dinheiro no processo de gravação e fiquei emocionado com os resultados, por isso não quis atender seu pedido. Fiquei pasmo. Mas que porra inacreditável!

Após o lançamento de Trouble Walkin’ iniciei uma turnê bem-sucedida, durante a qual foi um verdadeiro prazer me apresentar novamente com Richie Scarlet. Optei por não gravar outro álbum de estúdio por um bom tempo, apesar de continuar tocando ao vivo na “Just 4 Fun Tour”, em 1992, e na “Kick Ass Tour”, em 1994.

Durante esse período, comecei a passar boa parte do tempo em Danbury, Connecticut, saindo com Richie Scarlet e seu círculo de amigos.

Fui apresentado a uma cabeleireira bonitinha chamada Colette, e começamos a passar muito tempo juntos. Colette era amiga da esposa de Richie, Joanne, e nós quatro gostávamos de sair e dar algumas risadas. Mais tarde, Colette e eu decidimos arrumar um lugar para morar juntos.

Num domingo à tarde, enquanto jogávamos bola, tranquei minhas chaves dentro do meu 4x4. Tive que quebrar a janela lateral para destrancar a porta e, quando cheguei em casa, usei fita adesiva do tipo gaffer, feita de tecido, para tampar o buraco e logo me esqueci disso. Na noite seguinte, fui com Richie e alguns outros amigos para um bar. Acabamos indo embora mais ou menos na hora em que o lugar fechava. Os policiais deviam estar vigiando o local e, vendo meu SUV, talvez pensaram que ele poderia ter sido roubado por causa da janela quebrada. Dirigi apenas alguns quarteirões saindo do bar quando vi luzes piscando no meu espelho retrovisor e fui orientado a encostar. Meus instintos de sobrevivência surgiram. Num piscar de olhos, joguei meu canivete de abertura automática e um frasco de cocaína debaixo do tapete de borracha.

Fui abordado por dois policiais e eles me pediram para apresentar minha carteira de motorista e documento do carro. Após algumas verificações, parecia haver algum problema com os documentos e me pediram para sair do veículo e colocar as mãos no capô. Enquanto eu estava sendo interrogado, o outro policial começou a fazer uma busca no interior do SUV. Eu me lembrei das coisas embaixo do tapete e temi que eles achassem. Então, o policial que estava me interrogando me disse para colocar as mãos para trás. Ele puxou um par de algemas.

“Ei, o que você está fazendo?”, exclamei. “Sou Ace Frehley! Este é o meu carro e fui eu quem quebrou a janela!”

O outro policial, cuja busca estava se aproximando perigosamente do tapete, parou de repente.

“Você está falando sério?”, perguntou ele.

Eu disse a ele para verificar o porta-luvas e ele encontraria umas fotos de 20x25 cm e dois CDs. Depois de conferir e ver que eu era o cara nas fotos, os dois policiais perceberam que eu não era um ladrão de carros. Passados alguns minutos, depois de pedir alguns autógrafos, eles decidiram me deixar ir. Quando me afastei do acostamento, não pude deixar de imaginar o que teria acontecido se eu não tivesse aberto a boca tão rápido. Eu teria sido acusado de porte de arma letal e de substância ilegal. Qualquer acusação por si só seria suficiente para eu ser colocado na cadeia; juntas, elas teriam selado o meu destino.

Com o passar do tempo, percebi que meu anjo da guarda interveio mais uma vez. E não pude deixar de me perguntar: Quantas chances de ser salvo ainda tenho antes de minha sorte acabar?

18
O RETORNO DOS
BAD BOYS

O retorno dos bad boys

Em 1995, embarquei em uma turnê em parceria com Peter Criss nos Estados Unidos e no Canadá. Ela foi anunciada como a turnê dos Bad Boys. Todas as noites, no fim do meu set, Peter voltava ao palco e se juntava a mim para um dos bis. Nessa mesma época, Paul e Gene começaram uma turnê de convenções "oficiais" do KISS. Quando a turnê chegou a Los Angeles, Peter fez uma aparição especial com sua filha, apresentando "Hard Luck Woman" e "Nothin' to Lose".

Peter e eu fomos convidados para participar da convenção do KISS de Nova York no fim de julho, mas nossa programação de turnês tornou isso impossível. Um mês depois, o KISS estava agendado para se apresentar na popular série Unplugged da MTV. Peter e eu fomos novamente convidados a participar e decidimos aceitar. Fomos para Nova York depois de terminar a turnê dos Bad Boys, e nosso primeiro encontro real com Paul e Gene aconteceu nos estúdios SIR, onde começamos a ensaiar para o show. O evento foi bem documentado em vídeo e faz parte do DVD Unplugged, que foi lançado alguns meses depois.

Em 9 de agosto de 1995, o show Unplugged aconteceu nos estúdios da Sony, em Nova York. A formação atual do KISS começou o show e, depois de um tempo, Paul pegou o microfone e anunciou que alguns membros da "família" estavam nos bastidores. O público começou a aplaudir imediatamente e, quando Peter e eu saímos, eles enlouqueceram! Depois de receber um abraço de Paul e Gene, cumprimentei alguns dos animados fãs da primeira fila, incluindo minha filha Monique. Depois de me sentar ao lado de Paul, peguei o microfone e gritei: "Acho que ninguém esperava isso, não é?". Logo começamos com "2000 Man" e seguimos com uma versão acústica de "Beth".

Depois de mais algumas músicas, terminamos o show; então alguns fãs na plateia começaram a gritar: "turnê de reencontro!".

Depois da apresentação do Unplugged, as negociações começaram entre os dois campos, na esperança de uma possível turnê de reencontro. Os fãs queriam, e achei que poderia ser divertido usar a fantasia e a maquiagem de Spaceman pelos velhos tempos. As discussões duraram vários meses, culminando com uma reunião em Manhattan, na qual Peter e eu conversamos com Paul e Gene em Los Angeles por videoconferência. Foi a primeira vez que experimentei esse tipo de tecnologia e achei fascinante. Durante a reunião, discutimos vários assuntos e, no fim, chegamos a um acordo verbal para avançar com a turnê de reencontro. Os detalhes finais dos contratos seriam tratados por nossos respectivos advogados. Em retrospecto, percebo que poderia ter negociado um acordo melhor para mim, mas concordei com os termos deles para o benefício de todos os envolvidos, e especialmente para o bem dos fãs.

Nada foi anunciado à imprensa naquele momento. Em vez disso, aproveitamos a empolgação de todos os rumores, fazendo uma aparição inesperada no Grammy

Awards com maquiagem e figurino completos. Finalmente jogamos a bomba em uma enorme conferência de imprensa a bordo do porta-aviões USS Intrepid em Manhattan. Ela foi apresentada por Conan O'Brien e transmitida por satélite para o mundo inteiro. A resposta foi incrível e, quando os ingressos foram colocados à venda para o primeiro show no Tiger Stadium, em Detroit, os 40 mil ingressos se esgotaram em apenas 47 minutos.

A expectativa que antecedeu esse show alcançou proporções épicas entre nossos fãs, e eles não ficaram desapontados. A noite de abertura foi eletrizante! Decidi fazer com que Jeanette e Monique também viajassem, para que elas pudessem fazer parte de toda a experiência. Eu estava especialmente empolgado com Monique, porque ela era apenas um bebê quando o fenômeno KISS estava no auge, e eu sempre quis que ela entendesse melhor exatamente como a coisa toda era louca. Conforme Monique crescia, às vezes eu mostrava fotos e vídeos para ela, mas acho que ela nunca entendeu completamente. Essa noite seria sua chance, e eu estava mais animado por ela do que por mim mesmo. Afinal, essa era minha segunda rodada.

Quanto mais perto chegava a hora do show, mais uma estranha sensação de déjà vu permeava o ar. Quando subimos ao palco, 40 mil fãs se levantaram aos gritos e a empolgação continuou até o bis final. Quando o show terminou, nos parabenizamos nos bastidores; havia um sentimento de camaradagem genuíno no camarim. A turnê continuou ao longo do ano e foi a turnê com a maior bilheteria de 1996.

Quando terminamos a turnê de reencontro e entramos no estúdio para começar a gravar Psycho Circus, Paul e Gene já estavam acionando meus gatilhos por não me incluir em várias decisões que afetavam a minha vida. O plano era que nós quatro nos reuníssemos no estúdio pela primeira vez desde que gravamos o Dynasty em 1979. Eu me lembro de apresentar três ou quatro demos ao produtor Bruce Fairbairn e à banda. Antes de enviá-las, Jeanette me alertou, dizendo: "Não envie tantas músicas para eles; eles vão roubar suas idéias!". Apenas ri, mas, enquanto pesquisava para escrever este livro, revisitei o que ela disse e me lembrei de que uma das músicas que enviei se chamava "Life, Liberty, and the Pursuit of Rock^Roll". Depois de uma análise mais minuciosa das letras, percebi que algumas delas espelhavam uma das músicas de Paul em Psycho Circus, "I Pledge Allegiance to the State of RockVRoll".

Isso me escapou na época, porque eu estava mais focado em outra música que escrevi, "Shakin' Sharp Shooter". Senti que essa música era a melhor do grupo, mas ainda recebia resistência de todos. Eu estava determinado a conseguir pelo menos uma música no disco porque queria ser representado como compositor. Os outros rapazes gostaram da música, mas tiveram problemas com a letra, então me ofereci para reescrevê-la. Gene deu o novo título da faixa, "Into the Void". Foi a única música do Psycho Circus na qual todos os quatro membros originais se apresentaram, e foi muito bem recebida pelos fãs. Eu também a apresentei ao vivo na turnê Psycho Circus.

Enquanto estávamos na turnê do disco, também nos envolvemos com um filme chamado Detroit Rock City, sobre fãs do KISS a caminho de um show em Detroit. Paul, Peter e eu tivemos uma participação mínima no filme, exceto por uma

apresentação ao vivo no final; era principalmente a menina dos olhos de Gene. Durante as filmagens, Gene me abordou e perguntou se Monique estaria interessada em fazer uma participação especial. Achei que, se a namorada dele, a srta. Tweed, e a esposa de Paul tinham sido incluídas no elenco, por que não Monique? Achei que era um gesto muito legal e amigável convidá-la para viajar para Los Angeles e estar em uma cena com o personagem principal, Edward Furlong. Então liguei para ela e contei sobre o convite. Ela adorou a ideia, então organizamos hotel e voo para ela, e ela foi para Los Angeles na hora de filmar sua cena.

Todos no set foram extremamente legais com Monique, e ela foi tratada como se fosse uma estrela. Ela realmente gostou de toda a experiência e também fez novos amigos. Foi como se um sonho tivesse se tornado realidade para ela, uma vez que ela tinha interesse em atuar e essa era sua chance. Monique ficou em Los Angeles por quatro ou cinco dias e tivemos a sorte de passar um ou dois dias juntos com qualidade. Quando ela voltou a Nova York, contou a todos sobre como havia se divertido no set. Eu me lembro de como ela estava ansiosa e animada ao ver o corte final do filme. Ela ficava falando: “Pai, será minha estreia como atriz!”. Fiquei muito feliz por ela e gostei de vê-la tão animada com algo de que eu fazia parte e que ajudei a tornar possível.

Por fim, conseguimos uma cópia final do filme. Nunca esquecerei o olhar de Monique, enquanto aguardava, ansiosa, que sua cena com Edward se materializasse em nossa tela de TV gigante. Quando chegamos nessa parte, para nossa surpresa, ela havia sido editada. Ela ficou com o coração partido. Todo esse trabalho e preparação - voar quase 5 mil quilômetros para Los Angeles, decorar suas falas, conversar com o diretor, sentir como se fizesse parte da equipe - para ter o tapete debaixo dela arrancado. Ela simplesmente não conseguiu segurar as lágrimas, mesmo com outras pessoas na sala. Nunca esquecerei seu olhar quando ela se virou para mim.

“Papai, por quê?”

Eu sabia que não era um acidente. Gene estava envolvido no processo de edição todos os dias. Até me lembro de ter recebido fitas dele, no início, com cenas e finais alternativos, mas a cena de Monique estava sempre lá. Eu sabia que Gene provavelmente estava irritado comigo por algo que eu tinha feito, mas se vingar de mim machucando minha filha? Quero dizer, para início de conversa, foi ideia dele, então que porra ele estava fazendo?

Nunca senti a mesma coisa por Gene depois disso. Ele havia atingido um nível mais baixo comigo, e esse ato desprezível em particular contribuiu muito para a minha segunda saída do KISS.

No verão de 2000, eu estava em Dallas, Texas, durante a Farewell Tour. No meu dia de folga, recebi um convite do meu primo Bill para um churrasco. Ele tinha uma propriedade de 4 hectares numa região afastada da cidade, e fiquei empolgado com a perspectiva de atirar, pois sabia que ele tinha uma coleção de armas. Bill estava na força aérea e conhecia muitas pessoas interessantes. Quando cheguei à casa de Bill, fui recebido por ele e meu primo Scott, e também por um amigo deles que era veterano do Vietnã.

Depois de algumas cervejas e um baseado, nos aventuramos nas matas de sua propriedade em uma missão de busca e destruição. Experimentei vários dos rifles automáticos de Bill e decidi usar uma Uzi. Estabelecemos vários alvos e, depois de fazer centenas de disparos, fizemos uma pausa e começamos a acertá-los. O amigo de Bill me disse que ele era um especialista em demolições na guerra. Fiquei bastante fascinado por algumas de suas histórias e perguntei se ele podería demonstrar alguma de suas técnicas de fabricação de bombas. Ele concordou, mas como não tínhamos dinamite nem C-4, fomos ao supermercado e pegamos alguns itens domésticos. Voltamos ao rancho com quase 4 litros de Clorox, várias caixas com bolas de naftalina e um pouco de bicarbonato de sódio.

Logo ele inventou uma receita com os ingredientes, colocando a mistura dentro de um recipiente de quase 4 litros. Ao fechá-lo com a tampa e instalar um fusível, ele informou a todos sobre o perigo potencial, uma vez que aquilo se tornara um explosivo muito poderoso. Fiquei um pouco cético no começo, mas quando olhei para Bill e Scott e vi a reação deles, percebi que esse cara não estava brincando.

“O que vamos explodir?”, perguntei, animado.

Bill sugeriu uma represa antiga que ficava no canto mais distante de sua propriedade. Ela fora construída com grandes toras e dormentes de ferrovia e não teve nenhum uso prático real. Quando chegamos lá, seu amigo rastejou até o leito do rio e colocou a bomba improvisada na base da barragem com o pavio exposto. Como ela estava no fundo do rio, eu não podia vê-la, mas imaginei que estaria a salvo a poucos metros de distância.

“Vocês terão cerca de um minuto para sair daqui depois que eu acender essa coisa”, disse ele.

Os outros caras concordaram.

“Não brinquem”, disse ele. “Eu não estou brincando.”

Quando ele acendeu o pavio, Bill e Scott começaram a correr imediatamente e gritaram: “Paul! Porra, mexa-se!”.

Rapidamente segui Bill, parando a cerca de 45 metros do leito do rio, atrás de uma árvore. Enquanto esperava pacientemente pela explosão, ele me disse para tapar meus ouvidos. De repente, houve uma explosão estrondosa, como nada que eu havia visto. O chão tremeu por alguns segundos e notei Bill olhando para cima.

“Cuidado com os detritos que estão caindo!”

Em segundos, grandes pedaços de madeira e pedaços de dormentes começaram a cair do céu. Eu não conseguia acreditar no nível de destruição que o dispositivo havia provocado. Isso também me fez perceber quão mortal essa mistura seria se caísse nas mãos erradas. Metade da barragem foi destruída; tudo o que restava eram troncos quebrados e dormentes lançados aleatoriamente, como se uma criança tivesse ficado frustrada com suas peças de Lego.

Após a explosão, tomamos mais algumas cervejas e decidimos acabar com o resto da munição. Eu tinha vários pentes para a Uzi e comecei a atirar de forma implacável. A arma superaqueceu e emperrou. Continuei apertando o gatilho, frustrado, até que de repente uma rodada explodiu dentro da câmara, explodindo estilhaços para fora do buraco de onde os cartuchos são ejetados. Um fragmento

deve ter me atingido no peito, mas eu estava tão entorpecido com tudo que havia consumido que quase não senti nenhum desconforto.

Depois desse incidente, meu primo achou melhor encerrar o dia, e voltamos para casa para o churrasco. Enquanto eu estava comendo, Bill notou que minha camiseta estava coberta de sangue. Fiquei perplexo, porque ainda não sentia nenhuma dor significativa. Então tirei a camisa e a torci. Todos ficamos surpresos com a quantidade de sangue que escorreu para o chão.

"Merda", disse Bill. "Que diabos aconteceu?"

"Devo ter sido atingido por alguma coisa quando a Uzi emperrou."

Bill queria me levar para o hospital, mas recusei. Eu disse a ele que estava bem e pedi que me levasse de volta ao hotel para poder tirar uma soneca.

Acordei por volta da meia-noite me sentindo desorientado e enjoado. Comecei a ficar realmente preocupado - talvez tivesse me machucado mais do que imaginei. Decidi ligar para a recepção e pedir ajuda.

"Posso ajudá-lo, sr. Frehley? ", o funcionário perguntou ao atender o telefone.

"Acho que fui baleado!"

Eu provavelmente deveria ter escolhido minhas palavras com mais cuidado, pois não demorou muito para as sirenes soarem do lado de fora do hotel e meu quarto ser invadido por técnicos em medicina de emergência e policiais, todos naturalmente pensando que houve um disparo no meu quarto.

"Onde está a vítima?", perguntou um dos policiais quando entrou no meu quarto. "Bem aqui! Sou eu!"

O detetive parecia confuso. "Onde está o criminoso?"

"Foi um acidente", tentei explicar. "Você poderia, por favor, me levar a um hospital?"

Com ajuda do nosso empresário, Doc McGhee, tudo se acalmou em pouco tempo e fui levado de ambulância para a emergência. Doc seguiu em seu carro para me dar apoio. Ao chegar ao hospital, fui examinado e os raios X foram feitos, revelando pequenos fragmentos de bala no peito.

"Você tem sorte", explicou o médico de emergência. (Cara, quantas vezes eu ouvi isso?) "Mais alguns centímetros à esquerda e um desses fragmentos teria perfurado seu coração; você teria sangrado até a morte."

Aparentemente, minha caixa torácica havia impedido que o estilhaço avançasse. Essa era a notícia boa. A má notícia era que os fragmentos precisavam ser tirados. Mesmo bêbado e anestesiado, eu conseguia sentir o médico tentando desenterrar aqueles malditos. A certa altura, o cirurgião pediu a uma enfermeira uma sonda magnética para ajudar a localizar os fragmentos.

"Acho que não vai dar certo", falei, não conseguindo pronunciar direito as palavras.

"Desculpe, não entendi", respondeu o médico.

"As balas são feitas de chumbo, certo? Como você vai encontrá-los com uma sonda magnética? O chumbo não é magnético!"

Eu poderia ter ficado um pouco fora de órbita por causa da injeção que me deram para dor, mas ainda me lembrava da ciência básica do ensino médio.

No fim, eles desistiram e deixaram alguns fragmentos no meu peito. Então me mandaram de volta para o hotel, munido com alguns analgésicos e antibióticos. Dormi por cerca de doze a catorze horas e fiz um show na noite seguinte. Os outros rapazes sabiam o que havia acontecido, mas não pareciam muito perturbados ou preocupados. Acho que eles estavam acostumados com a loucura.

Após uma pequena pausa na turnê, voltei para casa em Nova York para uma visita. No dia em que eu estava me preparando para voltar à Califórnia para um show, tivemos um grande problema em nosso quintal. Um cervo havia caído na piscina através da cobertura de lona e se afogou. O incidente foi muito perturbador e demorou um pouco para eu acalmar todos em nossa casa. Ligamos para a polícia e para a unidade de emergência, e foi uma provação enorme tirar o animal morto da nossa piscina. A coisa toda desviou meu foco a ponto de eu acabar perdendo o voo. Todos na costa oeste ficaram preocupados se eu faria o show. No último minuto, pedi a Monique que voasse comigo, porque não estava com vontade de viajar sozinho naquele dia. Ela rapidamente fez as malas e fomos para o aeroporto. De alguma forma, tínhamos perdido o segundo voo e, nesse ponto, todos começaram a entrar em pânico. Conseguimos reservar um último voo, o que me daria pouquíssimo tempo para fazer as coisas. No avião, Monique e eu tomamos alguns drinques. Ela tinha acabado de arrumar o cabelo e usava óculos escuros muito grandes. Eu me lembro de a aeromoça pensar que Monique era minha namorada, e ela fez esse papel ao máximo como uma piada.

Antes de decolarmos, eu disse a Doc que precisaríamos de um helicóptero nos esperando para fazer o show, então, assim que o avião pousou, o copiloto estava no portão de desembarque e rapidamente nos levou para o heliporto. Naquela noite, faríamos um show com ingressos esgotados no Irvine Meadows. Nós decolamos no helicóptero e pousamos no estacionamento. Corri para o camarim e me disseram que o show estava programado para durar cerca de trinta minutos. Fiquei surpreso ao ver meu gerente de turnê, Tommy Thayer, com minhas roupas e maquiagem. Acho que eles realmente não achavam que eu chegaria lá a tempo, mas eu estava determinado a fazer o show. Rapidamente coloquei minha maquiagem e meu traje e subimos ao palco. O show ocorreu praticamente sem problemas, o que deve ter surpreendido quase todo mundo.

Depois do show, voltamos ao hotel e apagamos de cansaço. Como Monique teve muito pouco tempo para fazer as malas, esqueceu vários itens. No dia seguinte, decidi levá-la para fazer compras na Avenida Melrose. Depois de algumas horas, acabamos em um restaurante japonês. Bebi um pouco de saque demais e, ao sair do restaurante, acho que fomos vistos por alguns policiais. Entramos no carro, liguei o motor e um carro da polícia parou imediatamente atrás de nós com as luzes piscando. Dois policiais - um homem e uma mulher - saíram e se aproximaram por trás. A policial pediu a Monique que entrasse na viatura enquanto o policial pedia minhas informações. Enquanto a policial questionava Monique, se equivocaram com a identidade dela. Assim como no avião, a policial presumiu que Monique fosse minha namorada e começou a questioná-la sobre álcool e drogas.

"Ele não é meu namorado!", Monique exclamou. "Ele é meu pai!"

A policial ficou tão constrangida que começou a se sentir mal por Monique e decidiu me dar um tempo. Ela se aproximou do carro com Monique e disse: "Sr. Frehley, não vamos prendê-lo, mas não podemos permitir que você dirija o carro na condição em que está. Você terá que deixá-lo estacionado aqui e pegar uma carona".

Depois de fazer algumas ligações e não ter sorte, liguei para minha faxineira, Wendy, que cuidava do meu apartamento em Los Angeles (eu estava morando nas duas costas naquele momento). Ela correu para o local e nos deu uma carona. Monique olhou para mim e disse: "Papai, essa foi por um triz!". Fiquei muito constrangido com o que tinha acontecido, principalmente porque Monique estava comigo.

Pedi desculpas a ela por minhas falhas.

Ela só olhou para mim e sorriu.

Em 13 de abril de 2001, a turnê terminou com um show esgotado no Carrara Stadium, na Austrália. Tínhamos uma regra de que a entrada de nenhuma namorada ou esposa era permitida no vestiário antes ou depois de um show, mas de tempos em tempos, ao longo da turnê, quando a namorada de Gene ou a esposa de Paul apareciam, a regra era quebrada. Quando isso acontecia, eu fazia vista grossa pelo bem do show e da harmonia da banda.

Nessa noite, depois do show, eu estava sentado no camarim, tirando a maquiagem, quando minha namorada Shannon apareceu do lado de fora da porta. Paul e Gene já haviam voltado para o hotel, então pensei: Foda-se. Todo mundo foi embora e a turnê acabou.

"Entre, querida", falei. "Não vai dar problema."

"Tem certeza?", perguntou Shannon.

"Sim, vai ficar tudo bem." Assim, Shannon entrou e esperou que eu me vestisse.

Em questão de minutos, Tommy Thayer entrou no camarim, olhou e demorou um tempo para reagir.

"Ah, Ace. Você sabe que ela não deveria estar aqui."

Pensei: Bem, talvez ela não devesse estar, mas isso realmente importa nesse momento?

"Cuide da sua vida", falei. "A turnê acabou."

Tommy se manteve firme. "Não, ela precisa sair."

Nessa hora, caminhei em sua direção e dei um soco em sua mandíbula. Ele caiu por um momento, mais atordoado do que machucado.

De tempos em tempos, durante a turnê, Tommy e eu tínhamos pequenos desentendimentos, mas, em geral, eu dava de ombros e continuava meu dia. Sempre senti que ele estava infeliz em sua posição como gerente de turnê e secretamente fantasiava em me substituir no KISS, já que ele havia se vestido com minhas roupas e maquiagem no início de sua carreira enquanto atuava em uma banda cover do KISS. No fim da turnê, até senti uma pitada de ressentimento. Quando ele falou sobre a presença de Shannon, achei que não fazia o menor sentido, e isso me enfureceu.

Minha reação foi rápida e deliberada. Era o ápice de sentimentos negativos que eu vinha guardando havia um bom tempo, e meus instintos do Bronx assumiram o controle. Mas, pouco tempo depois de dar um soco nele, comecei a sentir remorso. Mais tarde, em nosso jato, pedi desculpas, mas ele parecia relutante em aceitá-las.

Meses depois do incidente, Tommy finalmente conseguiu o que queria. Eu havia recusado o convite de Gene para me apresentar em mais uma turnê do KISS, então Paul e Gene contrataram Tommy para se vestir com minhas roupas, usar minha maquiagem e se apresentar no meu lugar. Eu me senti muito desconfortável com a decisão deles, já que criei o personagem Spaceman e a maquiagem. Minha primeira reação foi: “Não há nada sagrado para esses caras?”. Mas logo percebi que o desejo por dinheiro superava qualquer senso de justiça ou lógica da parte deles.

Muitos fãs do KISS ficaram indignados, mas, ao longo dos anos, Gene e Paul tentaram reescrever a história minimizando minhas contribuições para a banda. Em vários lançamentos de CD até excluíram minhas músicas; nos lançamentos em DVD, editaram muitos dos meus close-ups, concentrando - se principalmente em si mesmos. Parecia que eles estavam tentando me apagar e também apagar minhas músicas da mente dos fãs do KISS. Os novos fãs não tinham ideia desse subterfúgio, e os fãs mais velhos deram as costas para a banda ou apenas encararam a situação.

A princípio, Gene e Paul tentaram esconder o fato de eu ter deixado a banda. Em anúncios promocionais e mercadorias, eles ainda continuavam usando minha imagem em vez da de Tommy, e a minha saída da banda foi minimizada na imprensa. Eu me lembro de receber vários telefonemas estranhos de conhecidos que procuravam ingressos para shows locais do KISS.

“Não estou mais na banda”, eu explicava. “Na verdade, já faz alguns anos.”

“Sinto muito, Ace”, eles respondiam, espantados. “Eu não tinha ideia de que você tinha deixado a banda.”

Se, ao ler isso, alguém achar que estou exagerando ou tentando distorcer a verdade, faça sua própria pesquisa e analise os fatos. Desde 2001, todas as medidas adotadas pelo KISS foram premeditadas e fazem parte de um plano bem-estruturado. Nada, incluindo suas tentativas de minimizar minhas contribuições, tem sido feito ao acaso.

Então você pode se perguntar: “Como Ace se sente em relação ao KISS hoje?”.

Isso é justo. Eis a minha resposta:

Neste ponto da minha vida, só preciso deixar as coisas acontecerem. Manter ressentimentos pode fazer com que a gente fique doente, então deixarei o trabalho sujo para os meus advogados. Posso resumir a situação do KISS em palavras bem simples: “Tudo que vai, volta”. Não importa o que acontecer, vou ficar bem.

Dito isso, na verdade, acho que são apenas um monte de putas podres. Urgh!

19
INTO THE VOID

Into the Void

Quando Shannon e eu retornamos da Austrália para os Estados Unidos, senti que não havia apenas terminado a turnê de despedida, mas também que queria me despedir do KISS para sempre. Eu estava me sentindo da mesma forma que em 1982: completamente desencantado. A ideia de trabalhar com eles de novo se tornou menos atraente para mim com o passar do tempo.

Poucas semanas depois de voltar, meu publicitário me notificou de que eu estava sendo colocado na "Calçada da Fama do Bronx". Foi uma honra prestigiosa, e fiquei muito empolgado com isso. A cerimônia aconteceria no Grand Concourse, em frente ao Palácio de Justiça do Bronx, a poucos quarteirões do estádio dos Yankees. Uma placa com meu nome seria colocada no topo de um poste de luz, a cerca de seis metros da rua. Eu estava sendo apresentado a várias outras celebridades, incluindo o diretor indicado ao Oscar Stanley Kubrick, o ator Burt Young, o jogador aposentado do New York Mets Ed Kranepool, a atriz Diahann Carroll e o secretário de Estado dos Estados Unidos Colin Powell. Após a cerimônia da tarde, houve um evento formal à noite, durante o qual cada um dos homenageados ficou de pé e disse algumas palavras à plateia. Gostei de todo o evento e me diverti conhecendo um grupo tão impressionante e diversificado de VIPs.

Shannon e eu continuamos aproveitando nosso intervalo das turnês, mas lentamente comecei a perceber que ela queria coisas diferentes da vida, e eu não podia dar a ela. Ela queria engravidar e ter uma família. Eu já tinha passado por isso e estava mais interessado em focar em minha carreira e viajar. Por isso, decidimos terminar nesse ano e ela voltou para o Canadá. Shannon acabou se casando e teve dois filhos, mas continuamos amigos ao longo dos anos.

Depois que Shannon partiu, eu me reconectei com minha antiga namorada, Ronnie. Eu estava me encontrando com ela na época em que meu pai faleceu em 2000 e ela realmente me ajudou a passar por um período difícil.

Ainda me lembro da manhã em que recebi a ligação do meu irmão, Charlie. Eu sabia que meu pai não estava indo bem após o derrame, mas estava tão ocupado trabalhando em Los Angeles com o KISS que não sabia o quanto ele havia se deteriorado. Na noite anterior a essa ligação, Ronnie e eu ficamos acordados até tarde entretendo alguns amigos. Em geral, eu teria levado pelo menos trinta minutos para sair da cama depois de uma festa, mas o dia em que meu pai faleceu foi muito diferente. Eu me lembro de ter pulado da cama cedo naquela manhã como se alguém tivesse me chacoalhado. Ainda mais estranho foi o fato de eu me lembrar de estar bem acordado na época. Também me lembro de sentir uma presença estranha no quarto, como uma brisa fresca entrando pela porta, passando lentamente pela minha cama e saindo pela janela. Na época, eu não tinha ideia de que alguma coisa havia acontecido com meu pai, mas quando meu irmão me disse a hora exata em que ele faleceu, fiz um pouco de cálculo na cabeça e percebi que era quase a mesma hora em

que eu havia acordado de forma tão abrupta. Lembro que minha mãe me contou alguns segredos familiares sobre experiências paranormais e sempre acreditei que tinha a capacidade de me comunicar com o outro lado.

Ao receber as notícias, reservei um voo de volta para Nova York e ajudei em alguns dos preparativos para o funeral, embora meu irmão e irmã tenham lidado com a maior parte disso. Eu estava com uma agenda muito apertada porque uma turnê do KISS estava prestes a começar, e a banda precisava de mim no oeste. A maior parte disso passou como um borrão, mas lembro que Jimmy Jenter estava ao meu lado o tempo todo me dando coordenadas e me oferecendo um ombro amigo.

A cena no cemitério foi surreal. Os fãs estavam do lado de fora do mausoléu, onde meu pai estava sendo colocado para descansar. Tudo o que eu queria era prestar homenagem à memória de meu pai e estar presente para minha mãe e família, mas o público do lado de fora fazia com que eu não conseguisse relaxar nem ter foco. Depois que o culto terminou, Jimmy rapidamente abriu caminho entre os espectadores e me levou de limusine para o aeroporto de Westchester. Quando chegamos, um jato particular estava com os motores ligados; Jimmy me deu um abraço e eu fui embora. Cinco horas depois, cheguei na Califórnia e comecei a filmar um comercial da Pepsi que parecia não acabar mais. A turnê começou no dia seguinte. Nunca tive oportunidade de ficar de luto pela morte do meu pai.

Depois que voltei a Westchester, Ronnie chegou com uma dúzia de malas e se mudou para minha casa sem cerimônias. As coisas começaram bem, mas, com o passar das semanas, ficou claro para nós dois que havíamos perdido alguma coisa ao longo do tempo e que não a recuperaríamos. Uma noite, tivemos uma grande briga, e ela começou a me dar socos. Na verdade, eu não estava com disposição para nenhuma bobagem naquela noite e com certeza nunca aceitei a ideia de bater em uma mulher. Então liguei para o meu guarda-costas, Mac, e pedi para ele lidar com ela. Ele a levou para sua casa a meu pedido e as coisas ficaram um pouco difíceis depois disso. Mac também não estava com disposição para esse tipo de coisa naquela noite e decidiu deixar a polícia lidar com ela. Essa não era a melhor forma de lidar com o problema, mas ele me disse que ela havia se tornado violenta demais para ele. Os policiais chegaram e decidiram deixá-la na ala psiquiátrica. Não sei exatamente qual história louca ela contou ao médico e às autoridades locais, mas eles planejavam me prender enquanto aguardavam uma investigação dos fatos. Eu não tinha ideia dos planos deles, mas Deus abençoe Jimmy Jenter!

Quando Jimmy e meu amigo Mike descobriram que a polícia estava planejando invadir minha casa, eles rapidamente intervieram e explicaram que as acusações de Ronnie não eram confiáveis. Agora, na maioria dos casos, isso não mudaria nada, mas Jimmy e Mike eram delegados federais e muito respeitados por seus colegas oficiais e demais colegas. Eles explicaram que me conheciam pessoalmente e que eu havia entretido os dois em minha casa. Após alguns momentos tensos de ambos os lados, a polícia decidiu seguir os conselhos deles e interromper o plano. Depois de recuperar a calma, decidi tentar ajudá-la. Fizemos um acordo com o médico dela no hospital. Ele disse que, se eu garantisse um programa de reabilitação que a aceitasse como paciente, eles a liberariam sob minha responsabilidade. Fiz algumas ligações,

assinei um cheque e a coloquei em um local para reabilitação. Liguei para Mac e pedi a ele para buscá-la no hospital, acompanhá-la no voo e levá-la para a reabilitação. Ele fez tudo conforme instruí, e ela está muito melhor hoje.

Enquanto escrevia essa história, tentei imaginar como seria minha vida se não tivesse conhecido Jimmy em 1983. É algo que nem consigo visualizar. Mas ele não é o único que esteve ao meu lado.

Também teve outro cara que acabou salvando minha pele em mais de uma ocasião. Chris McNamara (o já mencionado "Mac") namorava minha cunhada, Anita. Quando descobri que ele era segurança e guarda-costas, não demorei muito para convidá-lo para trabalhar para mim de um jeito semelhante. Eu o levava para a estrada para me proteger quando estava em turnê com o KISS. Tivemos algumas situações que não acabaram mal por um triz ao longo dos anos, e essa é uma dessas histórias.

Em uma noite de folga na turnê, me deu vontade de sair e jogar sinuca, então Mac encontrou um lugar perto da alameda onde estávamos. Havia dezenas de mesas de sinuca, jogos de videogame, um touro mecânico, um bar e restaurante e um clube de striptease - tudo sob o mesmo teto! Lembro-me de dizer a Mac: "Se tivéssemos lugares como esse no leste, eles ficariam lotados o tempo todo!".

Tomamos algumas cervejas e jogamos várias rodadas de sinuca. Mais tarde, dois parceiros se juntaram a nós. Fizemos uma refeição rápida e depois achamos que seria divertido conferir as strippers do outro lado do clube. Em geral, eu não era um grande fã de clubes de striptease. Nunca gostei da ideia de estar numa situação em que, se me empolgasse, não poderia fazer nada a respeito. Sempre achei isso frustrante.

Bem, à medida que a noite avançava, pedi champanhe para todos, e começamos a ficar muito idiotas e barulhentos com as garotas. Estava começando a ficar tarde, então Mac sugeriu sabiamente que seria uma boa ideia voltar para o hotel. Nos últimos dez minutos de nossa estadia, encontrei uma antiga namorada, Audrey, e decidi convidá-la para o meu quarto. Eu tinha uma limusine nos esperando no estacionamento e, quando estávamos saindo, corri para o banheiro por um minuto enquanto todos saíam. Quando saí, Audrey parecia chateada.

"O que aconteceu?", perguntei.

Ela apontou para um sujeito alto encostado na parede e explicou que ele havia dito algo desagradável para ela. Eu imediatamente me aproximei e confrontei o cara. Perguntei o que ele havia dito. Assim que ele começou a falar, dei um golpe em sua cabeça, e ele caiu. Infelizmente, o que eu não havia notado era que ele não estava sozinho. O cara tinha vários amigos com ele, e o maior deles estava vindo direto na minha direção. No entanto, Mac viu o que estava acontecendo. Ele logo interceptou o cara que se aproximava e lhe deu um soco de direita no queixo.

Pow!

Todos no estacionamento ouviram o som da mandíbula do pobre homem se quebrando. O restante de seus amigos parou na hora. Mac os assustou apenas o tempo suficiente para entrarmos na limusine. No entanto, nesse meio-tempo, um segurança no estacionamento atingiu Mac com spray de pimenta, e ele ficou

temporariamente cego. Fechamos a porta com força e gritei para o motorista da limusine: “Vamos dar o fora daqui!”.

Quando chegamos à rua, seguimos para a rampa de acesso à rodovia, mas no fim da rua nosso caminho estava bloqueado por uma BMW preta e uma Mercedes preta. O motorista da limusine parecia relutante em avançar, mas rapidamente joguei duas notas de cem dólares no colo dele.

“Vai!”, gritei. “Suba na porra da calçada ao redor deles ou estamos mortos.”

O motorista agiu por impulso e fez exatamente o que eu disse para ele fazer. Passamos pelos dois carros e subimos a rampa para a rodovia. Eu me virei e vi que os dois carros pretos estavam dando a volta e nos perseguindo pela rampa. Olhei em volta da limusine. Todo mundo parecia bem - exceto Mac, que disse que mal conseguia enxergar. Eu disse ao motorista da limusine para pisar no acelerador e não parar para nada. Então liguei para o 911 e disse que estávamos sendo perseguidos por dois carros com armas. Dei a eles nossa localização na estrada e esperei pacientemente. Os dois carros estavam se aproximando e as coisas estavam ficando tensas na limusine. Eu não tinha certeza se eles realmente tinham armas e também não queria descobrir. Alguns segundos se passaram. Então, por milagre, um carro da polícia subiu a rampa de acesso à nossa frente com as luzes piscando, seguido rapidamente por um segundo carro da polícia. Olhei pela janela traseira e vi a Mercedes e a BMW desacelerarem e darem meia-volta. Eu disse ao motorista da limusine para parar imediatamente. Queria explicar aos policiais o que havia acontecido no bar e agradecê-los por nos salvarem.

Quando expliquei quem eu era e o que havia acontecido, os policiais foram bastante compreensivos. Eles até nos escoltaram até o hotel apenas por segurança, um gesto que apreciei de verdade. Quando voltamos, a visão de Mac estava voltando e ele fez uma rápida inspeção na limusine. Ele disse que pensou ter ouvido alguns tiros durante toda a loucura, mas eu não tinha tanta certeza; eu não tinha ouvido nada. Após uma inspeção mais minuciosa, descobrimos dois buracos de bala: um no para-choque lateral e outro no radiador, que agora começava a soltar vapor. Olhei para Mac e comecei a rir.

“Merda! Essa foi por pouco.”

Um dia, em novembro de 2007, cheguei em casa e encontrei uma mensagem na minha secretária eletrônica. Para minha surpresa, Gene Simmons estava fazendo um convite para eu participar de seu programa de televisão. Ele ficou dizendo que seria vítima de gozações num programa de humor, e que queria que eu fizesse parte dele. Seria algo grande, jurava ele, com Cher e Steven Tyler entre a lista de celebridades que participariam.

Ouvi a mensagem algumas vezes e, a cada reprodução, ficava mais convencido de que podia sentir um leve tom de desespero em sua voz. Pensei comigo mesmo: Gene, desesperado? Provavelmente não. Mas decidi pesquisar um pouco e descobrir exatamente o que estava acontecendo com o programa. O produtor dele me enviou vários e-mails solicitando uma resposta, mas eu não queria responder de imediato. Pensei em alguns desses programas de comédia que vi no passado e me lembrei de

ter sido convidado para um programa assim, de Hugh Hefner, no qual me sentei no tablado entre Patty Hearst e Deborah Harry.

Acabei perdendo a paciência em uma festa depois desse evento. Eu estava conversando com Hugh e sua comitiva de companheiros de brincadeira quando, pelo canto do olho, vi um cara derramando uma garrafa de champanhe na cabeça da minha filha! Larguei tudo e corri na direção de Monique. Agarrei o cara e comecei a socar a cara dele. Só recebi três ou quatro golpes antes de os seguranças intervirem. Tendo visto todo o incidente, eles só puxaram o cara das minhas mãos e arrastaram o idiota meio inconsciente para fora do clube. Eles me pediram desculpas pelo incidente, mas eu estava muito mais preocupado com a minha filha. Felizmente, Monique estava bem; só estava um pouco abalada.

A maioria dos programas assim de que lembrei consistia em pessoas que eram amigas ou colegas de trabalho da pessoa "homenageada". Foi quando, de repente, me ocorreu: Gene não tem amigos! Nunca teve - ou pelo menos não me lembro. E todo mundo que já trabalhou com Gene no passado foi demitido ou se demitiu. A única pessoa que permaneceu com ele ao longo dos anos foi Paul Stanley. Nesse momento, decidi ligar para Paul e ver se ele participaria do programa. Fomos direto ao assunto, então eu lhe fiz a pergunta.

Houve uma pequena pausa enquanto Paul considerava sua resposta com cuidado.

"Não vou fazer o programa, Ace. Não é a minha praia."

Eu não o pressionei sobre o assunto. Conversamos por mais alguns minutos, nos desejamos coisas boas e nos despedimos.

Nos dias seguintes, continuei fazendo ligações na tentativa de descobrir quem mais participaria. Peter disse que recebeu um convite de Gene: "Mas eu disse a ele que estava ocupado". Não me ocorreu ligar para Eric Singer ou Tommy Thayer, já que eles eram apenas caras contratados usando nossa maquiagem.

Depois de mais algumas ligações para algumas das pessoas que poderiam estar envolvidas, decidi que seria melhor se eu apenas gentilmente agradecesse.

Quando finalmente respondí ao produtor de Gene, recusando o convite, ele pareceu um pouco agitado. Imaginei que ele estava ficando frustrado com toda a ideia de Gene Simmons na berlinda, já que a maioria das pessoas com quem eu havia falado não tinha intenção de participar. Eu não deixaria isso me incomodar. Decidi tirar tudo da cabeça e me concentrar na gravação. Vários meses se passaram. Eu tinha esquecido sobre o programa até que um amigo me ligou e disse que o programa já havia sido exibido.

"Como foi?", perguntei, não me importando com a resposta.

Meu amigo riu.

"Muito mal."

Ele explicou que a maioria dos convidados envolvidos pareciam ser comediantes pagos pela rede para aparecer no programa. Por um momento, quase me senti mal por Gene. De verdade. Que vergonha.

Já foi documentado em não poucas publicações que tive alguns encontros e avistamentos de alienígenas.

Uma das minhas casas está localizada na parte mais baixa do vale do Hudson, um conhecido ponto de OVNIs, onde milhares de avistamentos verificados ocorreram ao longo dos anos. Tenho visto coisas muito estranhas às vezes (sóbrio e sob influência de substâncias). A maioria das pessoas da área meio que dá isso como certo, eu não me incomodo nem um pouco com isso.

Meu encontro mais memorável aconteceu em 2002. No começo, pensei que toda a experiência era um sonho. O que me fez mudar de ideia foi o que aconteceu depois. Acordei uma manhã e estava deitado no chão, na porta da frente da minha casa, meu corpo metade dentro de casa e metade na entrada da garagem. Acordei em muitos lugares estranhos na minha vida, mas esse ganhou o prêmio. Eu me levantei devagar e entrei para tomar uma xícara de café. Conforme minha mente clareava, pude me lembrar de um sonho estranho, de estar dentro de uma nave espacial. Não parecia tão estranho, já que, no passado, eu às vezes sonhava com OVNIs e alienígenas, e nem pensava sobre isso. Desta vez, porém, parecia diferente... mais real.

Talvez porque eu nunca tivesse acordado na porta antes.

Quanto mais eu pensava no sonho, mais vivido se tornava em minha mente. Depois do café da manhã, decidi sair e dar uma olhada no quintal. Eu me deparei com uma impressão circular na grama, quase como uma queimadura gigante. Parecia ter cerca de 30 pés (9 metros) de diâmetro, mas depois de inspecioná-la mais de perto com uma fita métrica, vi que, na verdade, tinha 27 pés (8 metros).

27...

Meu número da sorte!

Mais tarde, no banho, procurei marcas no meu corpo - algum sinal de ter sido sequestrado. Mas não havia nada estranho nele. No dia seguinte, a impressão na grama havia desaparecido, e eu continuei a fazer minhas coisas como se nada tivesse acontecido. Imaginei que, se o que sonhei tivesse acontecido de verdade, não havia muito o que fazer.

Encontros - reais, imaginados ou fabricados - faziam parte da minha vida havia muito tempo. Às vezes, eles eram apenas uma fonte de diversão, como na época em que eu estava em uma caçada com meus amigos Frank e Bob.

Tudo começou com um convite de Frank, cuja família possuía cerca de 28 hectares de terra no interior de Nova York. Minha primeira experiência real com caça e armas de fogo aconteceu nesse lugar. Frank atirava muito bem e, mais tarde, tornou-se um revendedor federal licenciado de armas de fogo. Ele foi o cara (com a ajuda de seu irmão mais velho, Kenny) que me ensinou a atirar. Desde os anos 1970, tenho um caso de amor com armas e as uso sempre que tenho oportunidade (o que não é tão frequente, devido à minha agenda agitada).

Esse incidente em particular ocorreu provavelmente na minha segunda ou terceira visita à casa de Frank. Na época, nós três gostávamos de drogas e álcool, e não éramos exatamente amadores nisso. Era o último dia de uma longa viagem de fim de semana. Havíamos usado todas as nossas munições e explodido algumas outras coisas na propriedade de Frank, e agora estávamos procurando algo diferente para

fazer. Lembrei que tinha alguns balões meteorológicos no porta-malas e toda a loucura começou a partir daí.

Estávamos bebendo o dia todo, e Frank e eu decidimos que seria divertido vestir Bob como um alienígena e ver se ele pareceria um alienígena de verdade! Como não tínhamos trajes espaciais prateados, maquiagem verde ou pistolas de raios, decidimos improvisar. Acabamos pegando alguns itens domésticos comuns: um lençol branco, uma rolha de cortiça e uma lanterna.

E o balão meteorológico.

Um dos meus filmes favoritos de ficção científica é Os invasores de Marte. A maior parte do filme carece de autenticidade em termos de efeitos especiais, mas sempre adorei a aparência de um personagem em particular, um líder alienígena envolto em uma esfera de vidro. Se você já viu o filme, vai lembrar que o alienígena tinha uma testa e um cérebro grandes, características que esperávamos replicar em Bob. Para obter o efeito desejado, esticamos o balão meteorológico sobre a cabeça dele, o que não foi uma tarefa fácil. No começo, ele o usava no pescoço e nenhum de seus traços era visível. Ele parecia tão ridículo que Frank e eu caímos na gargalhada. Rimos tanto que eu vomitei!

Quando finalmente recuperamos a compostura, ajudamos Bob a reposicionar o balão logo acima dos olhos. No começo, havia muito ar no balão, mas, depois de deixar escapar um pouco, ele começou a parecer vestido como um alienígena: parecia totalmente estranho. Para finalizar sua fantasia, nós o enrolamos no lençol, queimamos a rolha de cortiça e a esfregamos ao redor dos olhos e lhe entregamos uma lanterna.

Ajudamos Bob a passar pela porta da cabana, o que foi mais difícil do que você imagina, já que precisamos apertar o balão e direcioná-lo sem estourá-lo. Então as coisas ficaram realmente interessantes.

Conduzimos Bob pela colina e dissemos para ele caminhar ao longo da estrada, mas não perto demais. Nove metros, mais ou menos. Enquanto ele caminhava lentamente, colocou a lanterna dentro do lençol e sob o queixo. De longe, no escuro, ele parecia, bem... algo que não é desse mundo.

Logo um carro passou. Frank e eu estávamos escondidos nos arbustos. O carro diminuiu a velocidade momentaneamente quando passou por Bob e depois se afastou. Isso aconteceu mais algumas vezes com resultados semelhantes. No fim, um caminhão de dezoito rodas apareceu e, quando o motorista avistou Bob na beira da estrada, pisou no freio e quase dobrou o veículo em “V”.

Isso foi além do que esperávamos.

“É melhor levá-lo para dentro antes que alguém atire nele”, disse Frank.

Poucos minutos depois, fomos abordados por uma caminhonete - uma que já havia passado antes. Havia dois caras nela e um porta-armas na carroceria. Esses caras com certeza queriam dar uma segunda olhada. Talvez eles tivessem saído para caçar alienígenas.

“Desligue a lanterna!”, gritei para Bob.

De repente, a estrada ficou escura e todos nos escondemos em silêncio até a caminhonete ir embora. Então levamos Bob de volta para a cabana e demos a noite

por encerrada.

Alguns dias depois, o jornal local publicou uma matéria com a seguinte manchete: “Morador avista alienígena nos arredores de Port Jervis”.

Não conseguimos fazer nada além de rir de toda a experiência. Aparentemente, Bob tinha sido ainda mais convincente do que imaginávamos.

Depois que meu estúdio começou a funcionar, continuei escrevendo e gravando material novo. Em meados de 2007, mais uma vez entrei em contato com Anton Fig, e também com um novo baixista, Anthony Esposito. A primeira faixa em que trabalhamos foi “Pain in the Neck”, e em poucos meses as músicas realmente se juntaram. Em outubro, Ed Trunk ligou e perguntou se eu queria me apresentar em uma festa de Halloween que ele daria no Hard Rock Cafe, em Nova York. Conversei com Anthony e ele concordou em me ajudar a montar uma banda para a apresentação. Contratei Scott Coogan na bateria e Derrek Hawkins na guitarra para finalizar a nova formação.

Eu disse a Ed que adoraria fazer isso, mas, na verdade, fiquei um pouco apreensivo. Esta seria minha primeira apresentação ao vivo em mais de cinco anos com minha própria banda. E estava sóbrio havia apenas um ano (após uma recaída em Las Vegas). Mas todos os meus medos se diluíram naquela noite no Hard Rock. Subi ao palco com um set poderoso e o show acabou sendo um grande sucesso. Anton Fig sentou-se na bateria para uma música, para deleite dos fãs, e as críticas relataram que eu tinha uma aparência ótima e soava melhor do que nunca.

Quando cheguei em casa naquela noite, fiquei feliz e agradecido pelo resultado, que parecia ainda mais notável considerando a luta na qual estive apenas dezoito meses antes.

A dificuldade começou numa noite no início de fevereiro de 2006, quando minha irmã Nancy ligou para dizer que minha mãe estava muito doente. Ela estava em uma casa de repouso em Saginaw, em Michigan, onde minha irmã morava com o marido, Ron.

Pela voz de Nancy, eu sabia que a situação era grave, então decidi entrar num avião no dia seguinte. Para complicar, era o fim de semana do Super Bowl e o jogo estava sendo disputado em Detroit. A maioria dos voos estava lotada, mas consegui uma passagem e voei para Detroit naquela sexta-feira à tarde. No avião, antes de pousar, o piloto mencionou que havia uma tempestade de neve na área e fiquei preocupado; pensei que meu plano poderia estar em risco. No entanto, depois que pousamos, consegui alugar um carro e entrei na I-75 em direção a Saginaw. Em geral, essa viagem é feita em duas horas de carro, talvez menos. Mas a neve já havia começado a cair e, pouco depois de entrarmos na estrada, o tempo piorou dramaticamente. Houve alguns momentos tensos na estrada, mas cheguei ao meu destino - várias horas atrasado, mas inteiro, graças a Deus. Tive a chance de ver minha mãe por um breve período naquela noite, e meus piores medos se tornaram reais: ela estava perto da morte. O médico disse que ela provavelmente não viveria até o fim de semana.

Eu estava dominado pela dor, mas também muito agradecido por ter tido a chance de me despedir da minha mãe. Passei o fim de semana na casa de repouso e precisei

voltar para Nova York no domingo. Antes de sair, eu disse à minha mãe que estava tudo bem ela se juntar ao papai no céu, e que ele estava esperando por ela. Eu estava segurando a mão dela nesse momento e, embora não pudesse falar, ela apertou minha mão e pareceu entender o que eu estava dizendo. Dei um beijo de despedida nela e disse que a amava e depois voltei para Detroit para pegar o meu voo de volta para casa. Mais tarde, minha irmã disse que ela faleceu poucas horas depois que saí.

Algumas semanas depois da morte da minha mãe, recebi a notícia de que o KISS seria homenageado pelo canal VHl como parte da primeira premiação Rock Honors da rede em Las Vegas. Eu sabia qual papel eu desempenharia na cerimônia, já que Tommy Thayer estava usando minha maquiagem e meu figurino e se apresentando com o KISS. Lembro que Ed Trunk me ligou, dizendo, com raiva: "Não consigo acreditar nesses caras! Esse é o seu prêmio. Você foi cofundador da banda e criou a maquiagem e o figurino do Spaceman!".

Eu não sabia bem o que pensar. Como eu disse a Ed: "Bom, acho que vou receber uma ligação de Paul ou Gene?".

O telefone nunca tocou, então Ed teve a ideia de me fazer tocar com uma banda de estrelas que também se apresentaria no show. Na época, eu estava um pouco relutante em ir a Las Vegas para a gravação sem um convite formal do KISS, mas Ed me convenceu.

"Você tem que ir, Ace. Não deixe que eles se safem assim dessa. Eles estão sempre tentando dar a entender que você nunca existiu. Eles que se iodam!"

Então concordei e reservei um voo para Los Angeles e comecei os ensaios com Slash, Gilby Clarke, Scott Ian e Tommy Lee.

Nós ensaiamos alguns dias e, em seguida, entramos num jato particular e fomos levados para Las Vegas pelo VHl.

Havia muita empolgação em torno do evento. Além do KISS, Def Leppard, Judas Priest e Queen seriam homenageados. Quando cheguei ao set, percebi que era um negócio muito maior do que eu havia previsto. Como sempre, Ed Trunk me dera o conselho certo. Eu ainda estava me perguntando por que nunca recebi uma ligação de Paul ou Gene em relação ao programa, mas eu não queria pensar nisso. Apenas fingi que estava tudo bem; quando vi os caras do KISS, eu os cumprimentei como se nada tivesse acontecido, posei com eles para algumas fotos e agi como se fôssemos amigos que haviam se afastado há muito tempo. No entanto, a verdade é que comecei a me sentir mal com toda a produção e como minha contribuição para o KISS estava sendo minimizada de novo. Eu estava sóbrio havia algum tempo, mas antes do show comecei a me sentir ainda mais ansioso e, quando Slash me ofereceu uma bebida nos bastidores, não consegui recusar. Eu não queria mais sentir minhas emoções e ainda estava muito chateado com a morte da minha mãe.

Rob Zombie se juntou a nós nos vocais principais e, juntos, performamos uma versão incrível de "God of Thunder". Um pouco antes do show, sugeri ao Slash que tocássemos o riff de "Bring It on Home", do Led Zeppelin, entre os nossos solos de guitarra, e ele concordou. Fiquei impressionado com o fato de termos conseguido fazer isso de um jeito perfeito, em harmonia, sem ensaiar nada. Foi um arraso!

O evento avançou. No fim, o KISS tocou algumas músicas. Eu me perguntava se eles se sentiam estranhos durante a apresentação, sabendo que eu estava assistindo a todos os seus movimentos. Todos nós posamos juntos para a imprensa no fim do evento, e então tudo terminou.

Voltei para minha suíte de hotel sabendo que havia perdido minha sobriedade e, mesmo que quisesse culpar o KISS ou a morte de minha mãe, no fundo, eu sabia que a culpa era minha. Mais tarde, Slash me pediu desculpas por me entregar minha primeira bebida. Ele estava se sentindo um pouco culpado, já que ele também lutou contra o vício, mas garanti que, de qualquer maneira, eu estava pensando em me ferrar e, se não fosse ele, teria sido outra pessoa.

Fiquei em Vegas por mais alguns dias e continuei na farra, depois voltei para Nova York. Eu deveria ter ligado para alguns dos meus amigos sóbrios e contado o que aconteceu, mas não queria encarar as consequências. Continuei bebendo e me automedicando e logo esse ciclo ficou fora de controle. No fim do verão, eu estava uma bagunça. Se não fosse a intervenção da minha filha Monique, não sei o que teria acontecido.

Um dia Monique me ligou e demonstrou estar preocupada com o meu bem-estar.

Disseram para ela que eu estava tomando todas, e ela estava bem ciente do meu comportamento destrutivo. A própria Monique também esteve no mesmo lugar e percebeu que eu estava descendo uma ladeira da qual não voltaria. Ela começou a chorar e de alguma forma isso me atingiu. Quando desliguei o telefone, olhei no espelho e disse: “Bom, e agora?”. Eu sabia que estava em um ponto em que não havia perdido o controle ainda, mas estava muito, muito perto disso. Eu só estava bebendo e tomando comprimidos, mas estava pensando seriamente em cheirar um pouco de cocaína. Se eu desse esse passo, provavelmente não teria conseguido parar. Eu estaria no carrossel de novo, sem nenhum desejo ou força para descer dele.

Naquela noite, orei um pouco, fiz uma autoanálise e decidi ligar para Monique e dizer que ficaria sóbrio. Ela ficou emocionada com a perspectiva e prometi me manter firme na minha decisão. Nas semanas seguintes, optei por diminuir lentamente a dose de todo o lixo que estava consumindo. Então, em meados de setembro, eu havia parado com tudo. Liguei para Jimmy Jenter e disse que gostaria de participar de alguns encontros naquela semana. Acredito que ele tenha ouvido de alguns amigos em comum que eu havia voltado a beber. Ele concordou em se juntar a mim, e eu lentamente comecei a recuperar minha sobriedade - um dia de cada vez. Não tomo nenhuma bebida nem opiáceos ou tranquilizantes desde 15 de setembro de 2006. Quando este livro foi lançado originalmente em inglês, em 2011, comemorei cinco anos de sobriedade!

A vida é cheia de reviravoltas, mas existem apenas dois caminhos que você pode seguir. A escolha é sua.

Mesmo trabalhando no meu novo álbum na época, tive vontade de pegar a estrada e me apresentar ao vivo com a minha banda recém-formada. Contratei um agente e rapidamente organizamos uma turnê nos Estados Unidos. Percebi que tocar sóbrio era muito divertido, e continuamos acrescentando datas à nossa agenda da turnê.

Eu queria provar a todos que aquilo que Gene Simmons havia dito sobre mim era mentira. Ele caluniou meu nome na imprensa dizendo a todos que eu ainda era um bêbado e viciado em drogas. Além disso, ele disse que eu não era confiável como artista... e não empregável. Não era a primeira vez que isso acontecia, e eu precisava mostrar ao mundo que Gene estava doente da cabeça. A turnê continuou nos Estados Unidos e depois passou pelo Canadá sem contratempos. Apareci em todos os shows e cumpri todas as obrigações contratuais exigidas. Sempre fui o tipo de pessoa que tira forças de adversidades e esse era apenas mais um exemplo da minha resiliência.

Mais tarde naquele ano, fizemos um show com ingressos esgotados no Hammersmith Odeon, em Londres, e recebemos ótimas críticas. Com a turnê na bagagem e uma imprensa positiva para rebater a campanha negativa de Gene, decidi voltar ao estúdio e terminar de gravar meu novo álbum.

Apesar dos muitos altos e baixos que tive com o KISS ao longo dos anos, não pude deixar de me lembrar de toda a diversão que compartilhamos em nossos anos de formação. Alcançamos a grandeza na indústria da música e tivemos várias conquistas inovadoras no novo milênio. Até hoje eu ainda os considero meus irmãos do rock'n'roll e os adoro.

Quando voltei para Nova York, entrei no estúdio e gravei o restante das músicas do meu novo álbum de estúdio. Após a conclusão dos overdubs, concentrei meus esforços na Califórnia e contratei Marty Frederickson para mixar e masterizar o CD com a ajuda de Anthony Focx. As faixas estavam com um som ótimo e, enquanto estava mixando em Burbank, na Califórnia, comecei a me sentir sozinho e liguei para uma velha conhecida.

Conheci Rachael Gordon em 2008, quando estava me apresentando na House of Blues, em San Diego. Seu bom amigo Victor (que era um grande fã meu) a levou ao show sem saber o que esperar. Ao conhecer Rachael, fiquei imediatamente intrigado e a convidei a ir ao meu hotel para uma visita. Quando ela apareceu à minha porta com um grupo de amigos, pedi que ela deixasse sua comitiva do lado de fora, exceto sua amiga Vanessa. Meu guitarrista de turnê, Mark, estava no quarto e ele quis conhecer a amiga de Rachael. Elas entraram educadamente no meu quarto e, depois de alguns minutos, cerquei Rachael e comecei a conversar com ela para tentar conhecê-la melhor. Enquanto conversava com ela, nossos olhos se encontraram e tive uma sensação muito estranha. Parecia que eu a conhecia a vida inteira. Mas como isso era possível? Havíamos acabado de nos conhecer. A única coisa que consegui imaginar era que provavelmente havíamos tido um relacionamento numa vida passada.

Estávamos conversando quando o telefone tocou. Era o meu gerente de turnê. Eu tinha um show em Los Angeles na noite seguinte, e ele me informou que todo mundo estava indo para lá naquele momento e sugeriu que eu também fosse. Eu disse a Rachael que precisava ir, mas não sem convidá-la para ir a Los Angeles no fim de semana. Infelizmente, ela recusou.

"Não sou esse tipo de garota", disse ela.

Mantivemos contato esporadicamente nos meses seguintes, mas, devido às nossas agendas, só conseguimos nos encontrar mais de um ano depois. Em abril de 2009, Rachael aceitou meu convite para me encontrar em Burbank, onde eu estava terminando meu novo CD. Passamos o fim de semana inteiro juntos e estabelecemos um vínculo sólido. Ela voltou algumas semanas depois e passamos outro fim de semana juntos. De forma lenta, mas segura, nos apaixonamos. Rachael era a primeira mulher que eu sentia que me entendia de verdade. Ela também me ensinou a aproveitar a vida novamente sem o uso de álcool e drogas.

Fiquei surpreso ao descobrir que Rachael também era cantora. Ela havia lançado alguns CDs e feito algumas turnês também. Com tanto em comum, nosso relacionamento floresceu e, em julho, decidimos morar juntos em Los Angeles. No outono, ela me acompanhou em uma longa turnê europeia. Ao voltar aos Estados Unidos, decidimos nos recuperar para os feriados em Las Vegas. Depois de pensar um pouco, decidimos ficar noivos na véspera do ano-novo de 2010. Estamos juntos desde então[1].

Meu álbum Anomaly foi lançado em 15 de setembro de 2009, com ótimas resenhas, exatamente três anos depois que fiquei sóbrio. Ele estreou no número 27 da Billboard 200, o que foi novamente especial (lembre-se: 27 é meu número de sorte).

Mas esse outono foi um momento de celebração e tristeza. Pouco antes de Anomaly ser lançado, um amigo da Gibson Guitars me ligou e informou que o grande Les Paul havia falecido. Conheci Les havia muitos anos e achava sua companhia ótima. Tive a sorte e o prazer de tocar com Les e nunca esquecerei esse dia. Les sempre estava animado e positivo e nunca fazia críticas negativas para ninguém. Às vezes ele até fazia piadas idiotas. Por exemplo...

"Ace, você sabe por que eu gosto de mulheres com mãos pequenas?"

"Não sei", respondi.

"Porque elas fazem meu pau parecer maior!"

Les era um grande ser humano e um gênio criativo.

Ele inventou a gravação multicanal e a guitarra elétrica... e muito mais.

Algum tempo depois, recebi outra ligação e me perguntaram se eu faria uma apresentação no Hall da Fama de Nova Jersey para o filho de Les Paul, Russ. A cerimônia homenageou os nova-iorquinos que fizeram contribuições inestimáveis para a sociedade com o Lifetime Achievement Award (Prêmio Grammy de Contribuição em Vida). Além de Les, os homenageados incluíram Danny DeVito, Susan Sarandon e Jack Nicholson, para citar alguns. Achei uma honra ser convidado para apresentar o prêmio a Russ Paul, e rapidamente aceitei.

Rachael me acompanhou à cerimônia, e também meu empresário, Dave Frey, e meu assistente, John Ostrosky. Foi um evento repleto de estrelas, e aproveitei cada minuto. Fui com a minha guitarra Les Paul Ace Frehley Signature e expliquei à plateia que era uma das criações de Les Paul - com uma pequena ajuda minha. Era uma noite para relembrar. E sei que Les estava no céu, olhando para nós com um grande sorriso.

1 O casal teve uma briga no final de 2019.

Epílogo

Nova York 5 de outubro de 2010

Agora, eis um momento curioso.

Estou andando pelos bastidores do Carnegie Hall - Carnegie Hall, porra! esperando a minha vez no microfone. Qual a probabilidade de eu estar aqui, participando de algo chamado Redemption Song, um evento anunciado como "uma noite de conversas e performances explorando a relação entre arte, dependência, recuperação e longevidade"?

Quão improvável?

Quão notável?

Não que eu não fizesse parte disso...

Arte, dependência, recuperação e longevidade.

Com certeza sei algumas coisas sobre os primeiros itens dessa lista. E estou aprendendo sobre o terceiro. O último item - longevidade - ainda me deixa um pouco perplexo. Há momentos em que acordo de manhã e sinto que posso facilmente refletir sobre o funcionamento interno da mecânica quântica, mas em outras manhãs tenho sorte se conseguir achar minha própria bunda com as mãos. Independentemente disso, tiro as cobertas, saúdo o novo dia com um sorriso e continuo tocando a vida. Deus sabe que estou tentando fazer certo dessa vez.

Acredito nisto: só temos hoje; ontem se foi e amanhã é incerto. É por isso que ele se chama presente. E a sobriedade é realmente um presente... para aqueles que estão dispostos a recebê-lo.

Há alguns anos, fiz uma apresentação no Hall da Fama do Rock and Roll, em Cleveland, onde estavam homenageando Les Paul, pouco antes de ele falecer, com uma semana de comemoração por suas realizações na indústria da música. Conheci Henry Juszkiewicz (CEO da Gibson dos Estados Unidos) cerca de vinte anos antes e nos tornamos bons amigos ao longo dos anos. Fiquei de pé diante de todas essas pessoas, falei sobre minha carreira e minha sobriedade e contei a elas sobre a última vez que Henry e eu passamos algum tempo juntos.

“Henry é um cara muito generoso”, eu disse. “Ele deu uma grande festa de aniversário para mim. Eu deveria estar lá às sete e meia da noite e acho que apareci por volta de uma hora da manhã.”

A plateia riu, o que era bom, mas a lembrança me fez estremecer - todas aquelas pessoas esperando que eu chegasse, mas eu estava muito bêbado e perdi meus voos. Henry e meus outros amigos da Gibson se dispuseram a organizar uma festa de aniversário, e eu estava cego para todo o árduo trabalho que tiveram.

Pedi desculpas publicamente naquela noite no Hall da Fama do Rock and Roll. “E agora que estou sóbrio”, acrescentei, “não preciso mais me preocupar com coisas assim”.

Fiz uma pausa.

“Quero dizer, ainda estou atrasado o tempo todo... mas pelo menos estou limpinho.”

Todos riram novamente, depois aplaudiram. Foi bom tirar isso do peito, já que estava guardando há anos.

Ainda estou trabalhando na minha sobriedade e vou aos encontros quando posso. Preciso lembrar como eu era e como me sentia péssimo tanto física quanto mentalmente perto do fim. Quão irresponsável eu era e como isso afetou meus colegas de trabalho e entes queridos. Acredito que todos os erros e voltas perigosas eram coisas pelas quais eu precisava passar para chegar onde estou hoje.

Tiro força da dor pela qual passei, e só agora estou começando a perceber que isso fazia parte de um plano muito maior que está se desenrolando continuamente, todos os dias. Agradeço muito por ter tido uma segunda chance na vida. Hoje gosto

de tocar ao vivo, compor, gravar e viajar mais do que nunca. Sinto como se meus olhos estivessem abertos.

Depois de ir ao funeral de Bill Aucoin em junho de 2010 na Flórida, Rachael e eu decidimos fazer uma viagem e dirigir pelos Estados Unidos até voltar a Los Angeles. Mesmo que eu tenha estado na maioria dos lugares que visitamos enquanto estava em turnê com o KISS e a Ace Frehley Band, vi tudo sob uma luz diferente e fiz descobertas que me impressionaram! Visitar Monument Valley e o monte Rushmore me fez sentir com 10 anos de idade novamente. Agora estamos planejando uma viagem para visitar as pirâmides de Gizé.

E isso nos leva de volta à Redemption Song e ao Carnegie Hall, e a uma noite que eu nunca poderia ter imaginado. Meu padrinho, Jimmy, também está presente e faz um pequeno monólogo sobre a noite em que nos conhecemos após minha viagem errada pelas White Plains em 1983, e a improvável amizade que surgiu desse encontro. Essa história é apenas uma introdução. Esse é o formato para a noite - um pouco de conversa e muita música, interpretada por um grupo eclético de artistas: Rickie Lee Jones, baterista do Guns N* Roses, Steven Adler, líder do Run DMC, Darryl McDaniels e eu. É claro que somos pessoas muito diferentes, com diferentes origens, diferentes gostos musicais e diferentes pontos de vista sobre muitos assuntos. Nosso ponto em comum -

nosso vínculo - é que todos somos viciados.

Mas também somos músicos, e agora é minha vez de participar. A plateia aplaude calorosamente quando me sento no palco, a guitarra na mão. Há apenas dois de nós lá, eu e meu amigo Eddie Ojeda, do Twisted Sister, também na guitarra. Começo a afinar um pouco, quando, de repente, me ocorre: essa é a primeira vez que eu interpreto essa música ao vivo, só com guitarras acústicas.

“Vamos precisar da ajuda de vocês”, digo à plateia. “Porque não temos baterista.”

Todo mundo ri. Com certeza é um ambiente amigável. De repente, o riso se funde com aplausos quando Steven Adler aparece à minha direita.

“Eu sou o quê, então?”, ele deixa escapar. “Um inseto?”

Dou um pequeno aceno de cabeça para Steven, depois lentamente começo a bater o pé. Eddie faz o mesmo. As batidas ficam mais altas quando Steven pega a deixa e entra no palco, gesticulando o punho fechado, comemorando, a tempo, e finalmente unindo as mãos. A plateia se junta a ele e logo a sala inteira está se mexendo.

Olho para Eddie e sorrio, e juntos começamos a tocar. Não me lembro de quantas vezes toquei essa música em minha cidade natal, mas aquela noite parece magicamente diferente. Estou emocionado e meus olhos começam a lacrimejar quando olho ao redor da sala. Começo a cantar o primeiro verso, e a energia no ar se torna elétrica. Ao me aproximar do refrão, sou invadido por um novo sentimento de realização e orgulho na mensagem, que, como sempre, está aberta a interpretações.

Here I am, again in this city, With a íistful ofdollars And you[f]d better believe... Vm back!

Back in the New York Groove!

[Aqui estou, de novo nessa cidade, Com um punhado de dólares E é melhor você acreditar... Estou de volta!

De volta ao ritmo de New York!]
E um bronzeado da Califórnia não vai mal!
Eita!

Um agradecimento especial

Imagino que quase todo mundo que já escreveu um livro sobre suas experiências de vida se lembrou de histórias depois da publicação e pensou: Merda, esquecí de incluir essa história ou Eu deveria ter contado essa história de outra forma...

Gostaria de aproveitar a oportunidade para agradecer à minha editora, Simon &

Schuster e MTV/VHl Books, por serem muito pacientes comigo e por estender meu prazo por vários meses. O tempo adicional me permitiu reescrever com a ajuda do meu assistente, John Ostrosky (obrigado, John).

Precisamos encarar: minha memória não é mais como costumava ser. Conversar com velhos amigos e colegas de trabalho chacoalhou minha memória, permitindo que eu recuperasse o verdadeiro sabor de algumas das histórias contidas nestas páginas.

Também gostaria de agradecer à minha noiva[2], Rachael, por suportar todas as minhas mudanças de humor em casa e durante as férias nas Bahamas.

Meu empresário, Dave Frey, e sua assistente, Debi, nunca deixaram de acreditar em mim e me deram retorno e apoio positivos quando eu não conseguia superar mentalmente os obstáculos.

E, por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao meu coautor, Joe Layden!

2 Na época da publicação original em inglês.

Caderno de Fotos

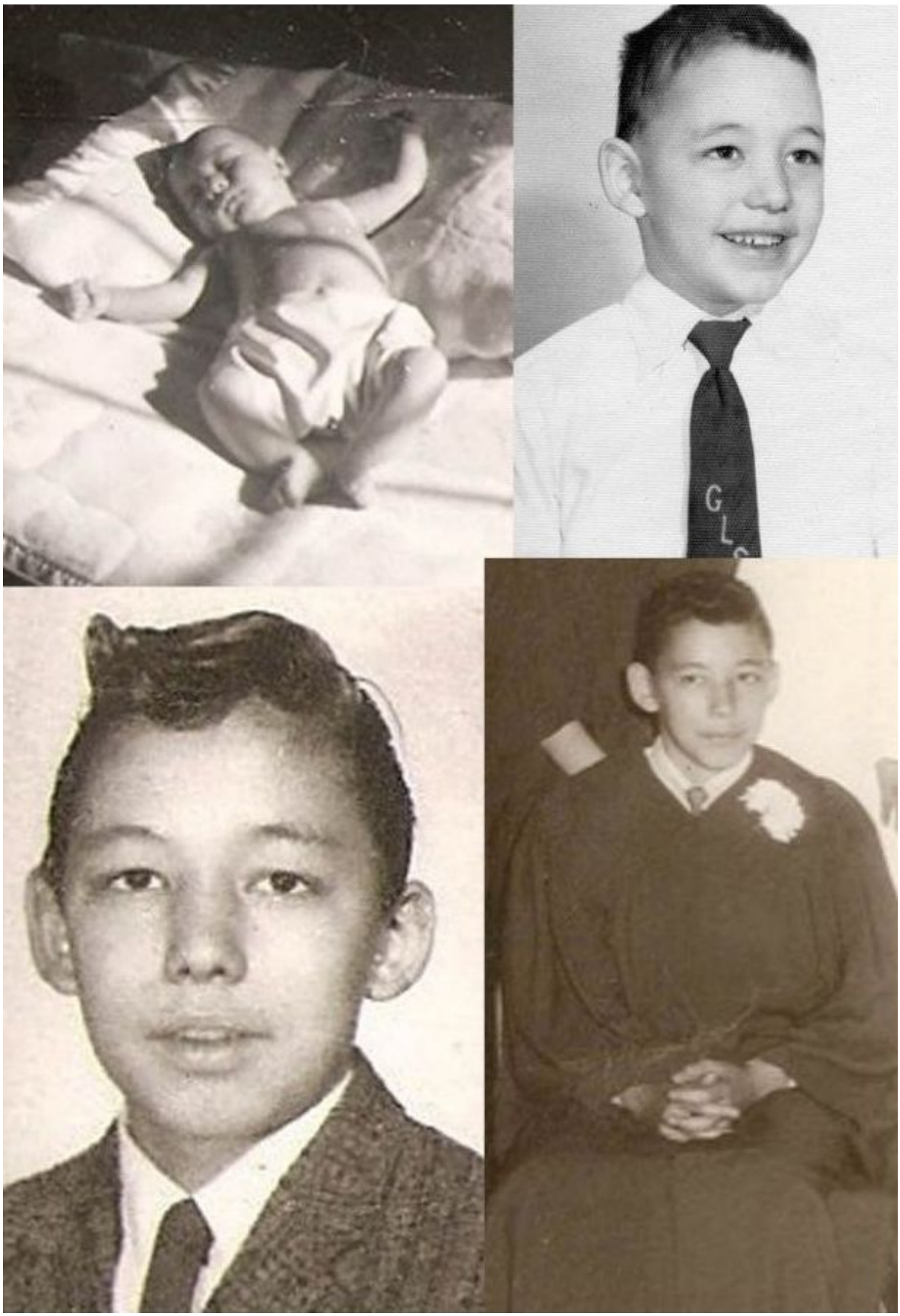


Foto 1

Foto 2

Foto 3

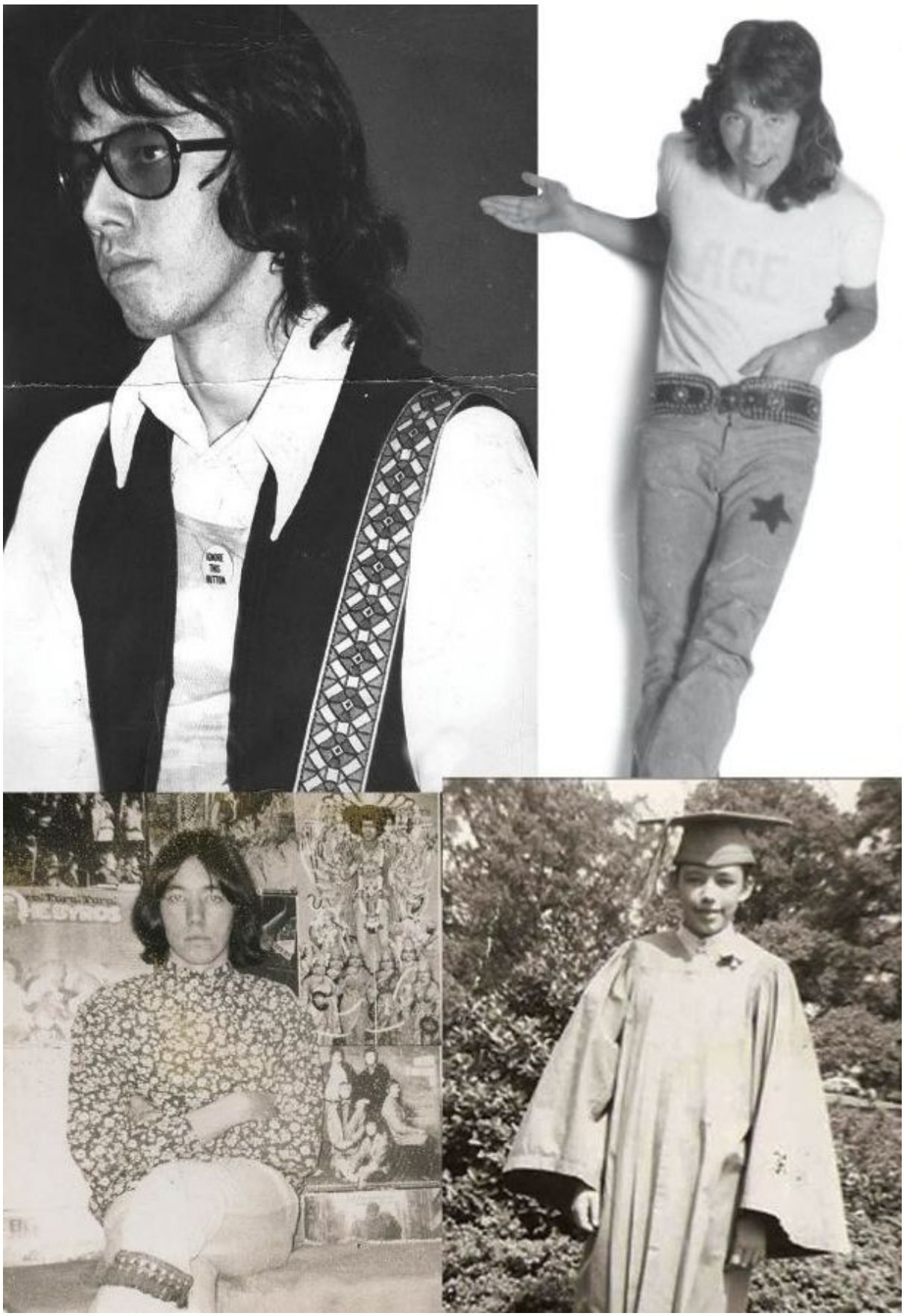


Foto 4

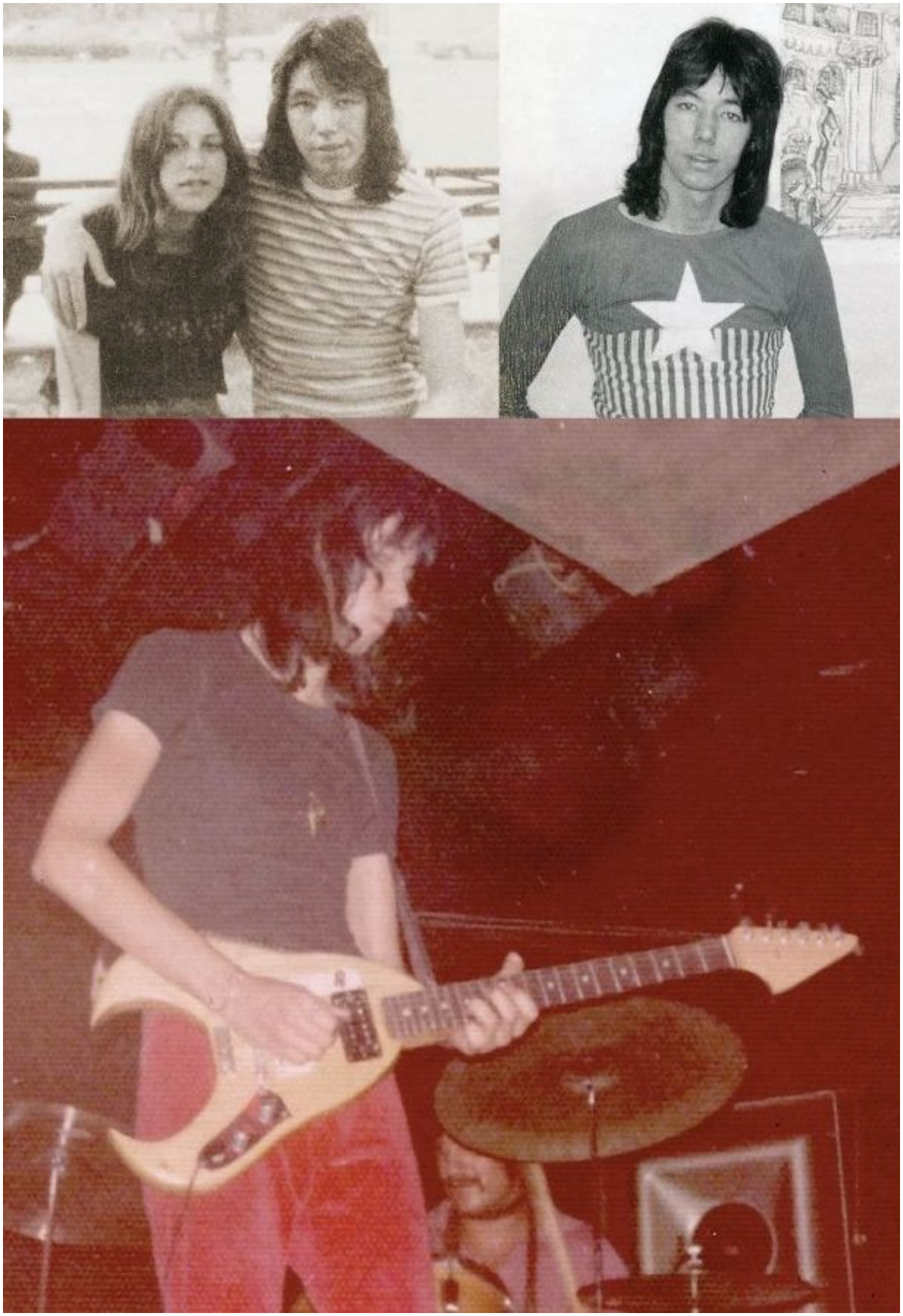


Foto 5

Foto 6

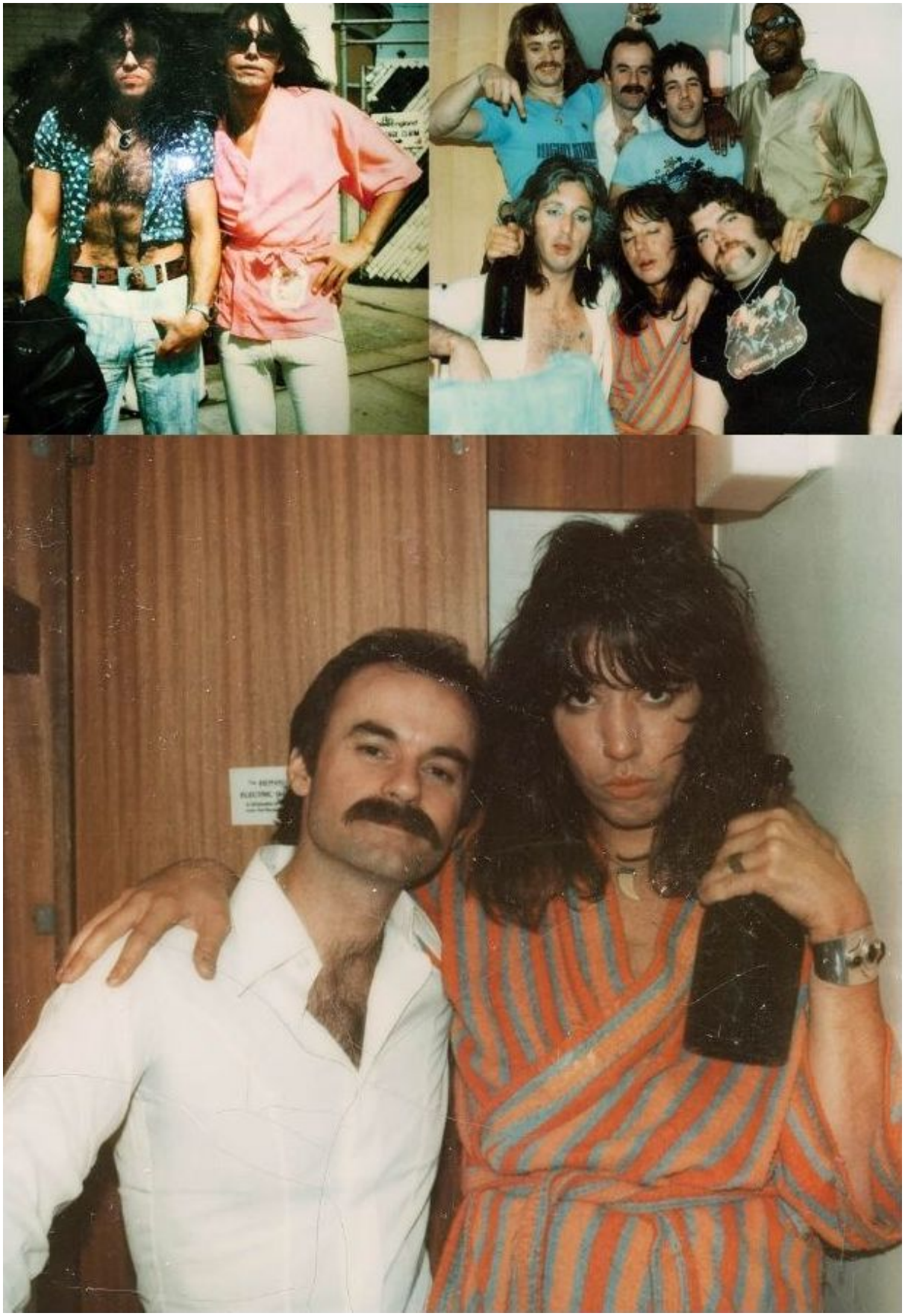


Foto 7

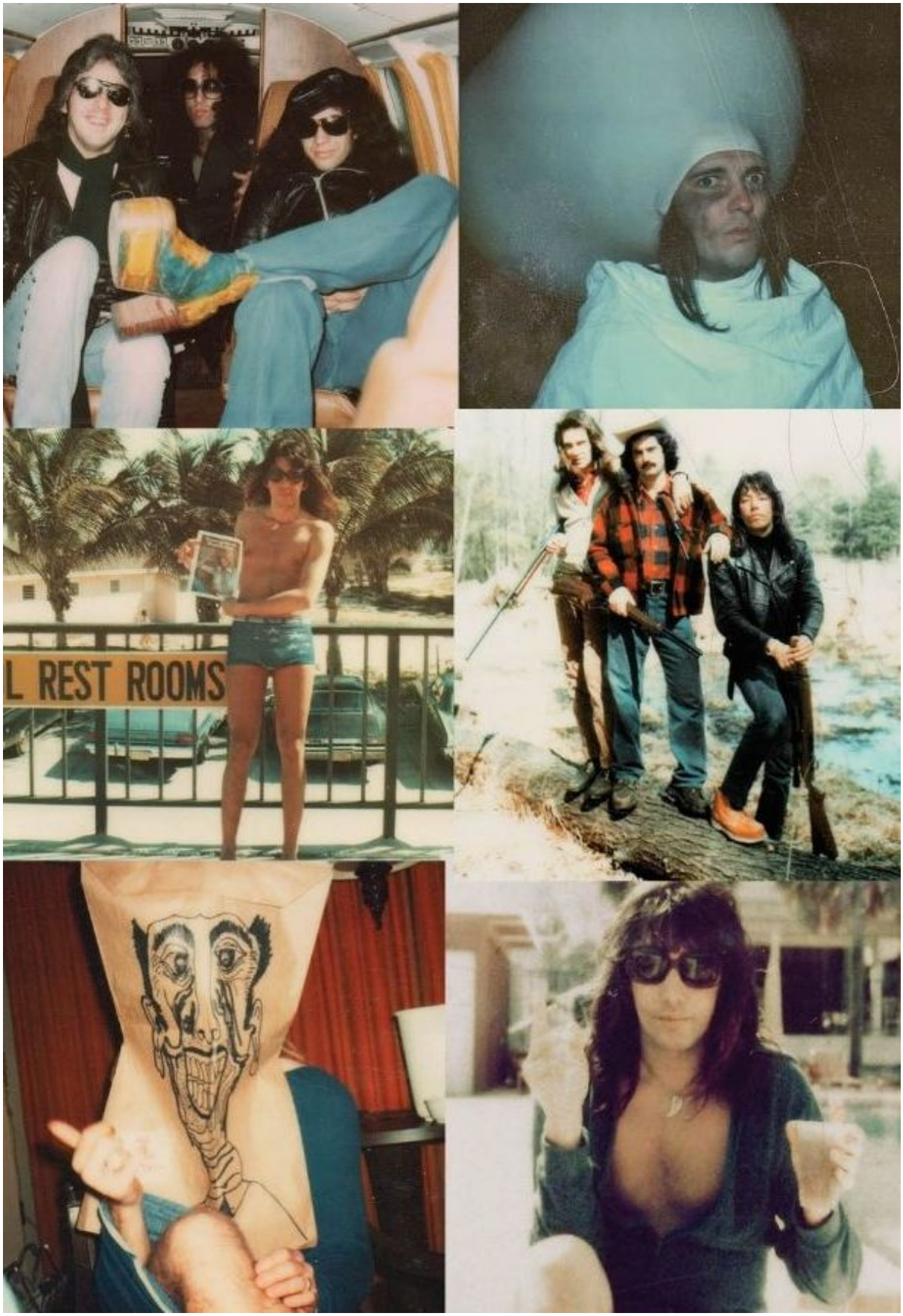


Foto 8

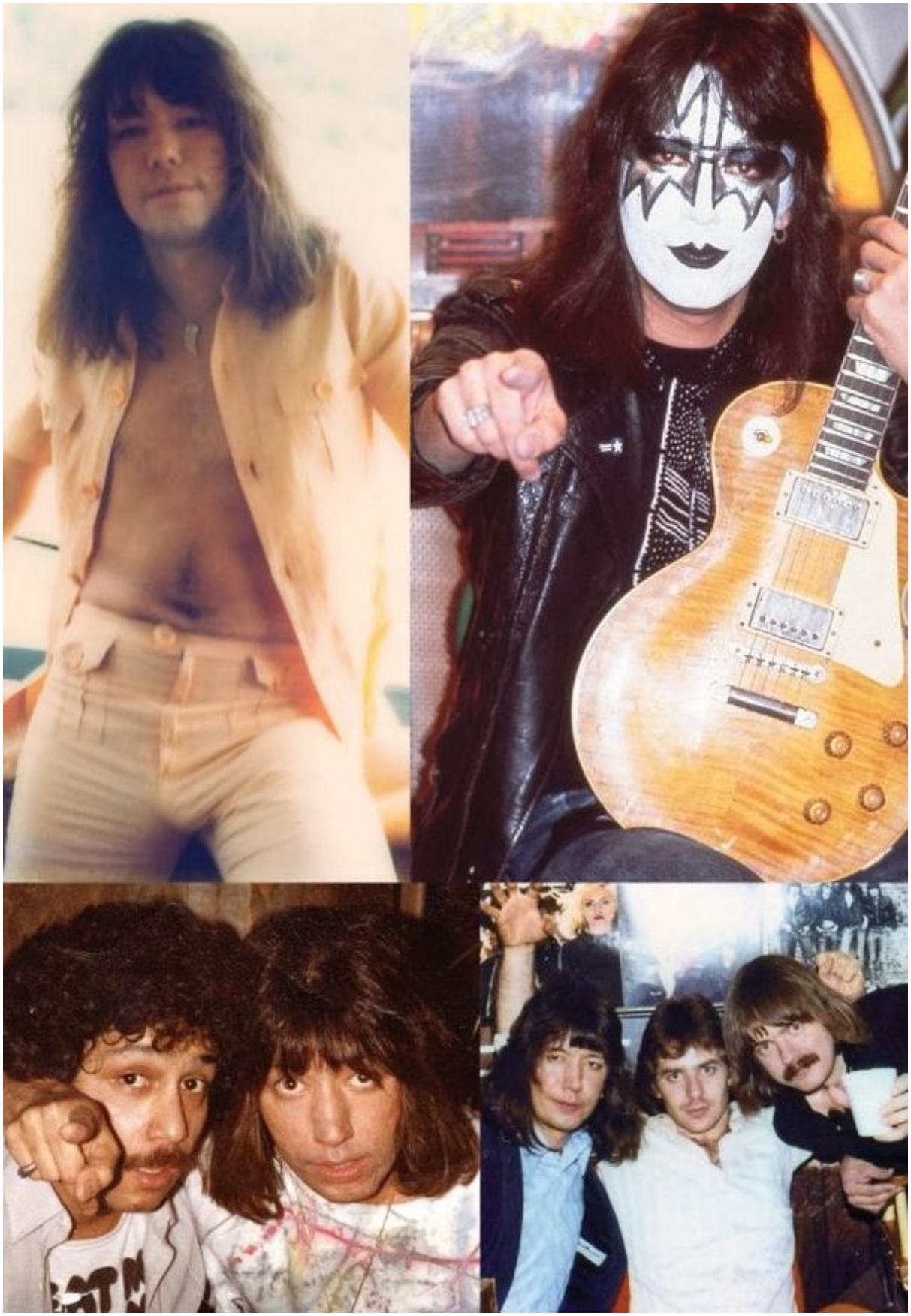


Foto 9

Foto 10

MAGPIE
ROCK & BLUES
AT THE
RUSTIC PUB
FRIDAY AND SATURAY!
DRINK & DANCE TO THE SWEET SOUNDS OF !!!
HONEY
LOCATED ON BLONDELL & FINK AVENUES
1 BLOCK EAST OF WESTCHESTER SQUARE!
KISS
ACE
FREHLEY
ANOMALY
WORLD-TOUR
2009-2010
VIP

Foto 11

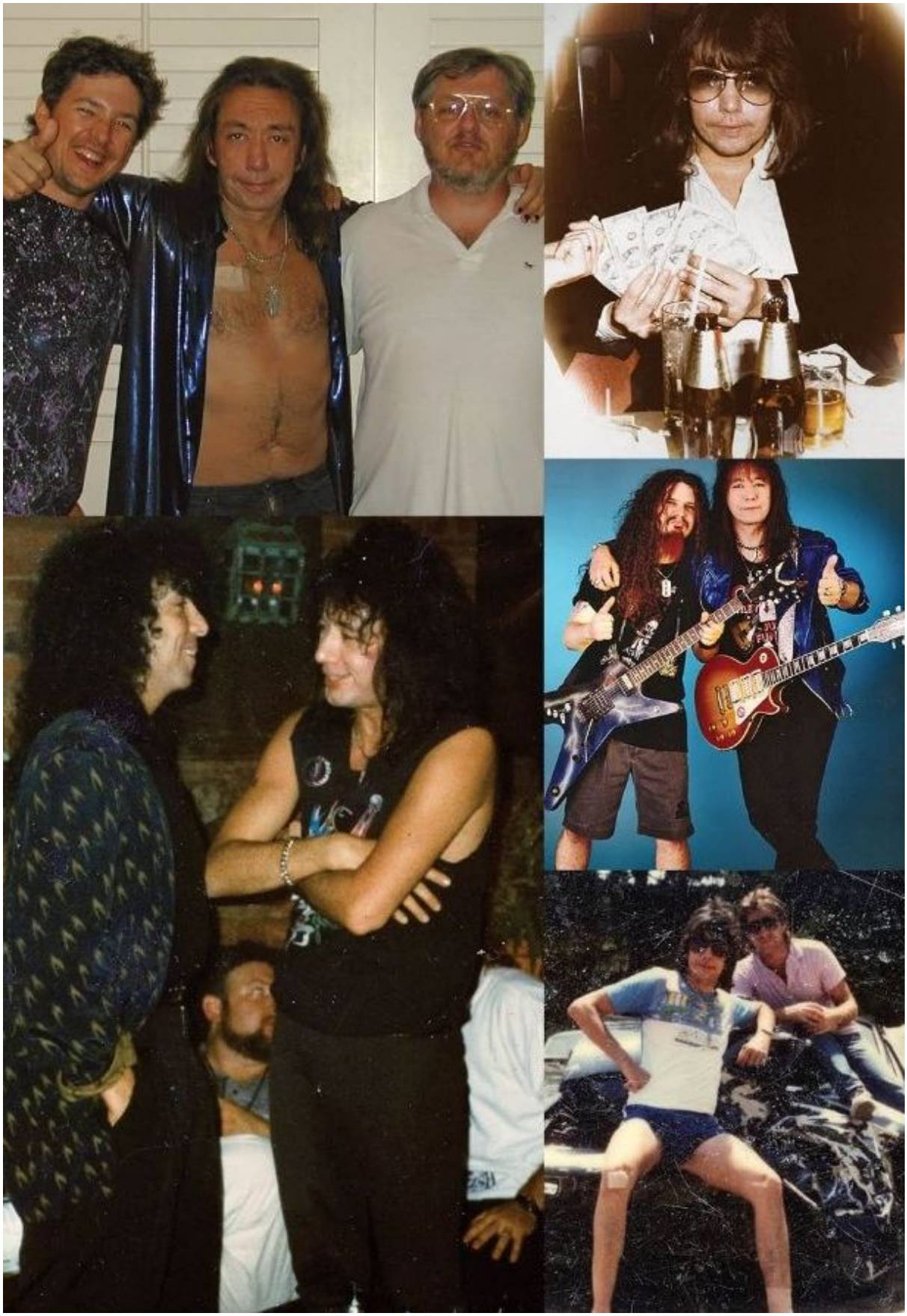


Foto 12

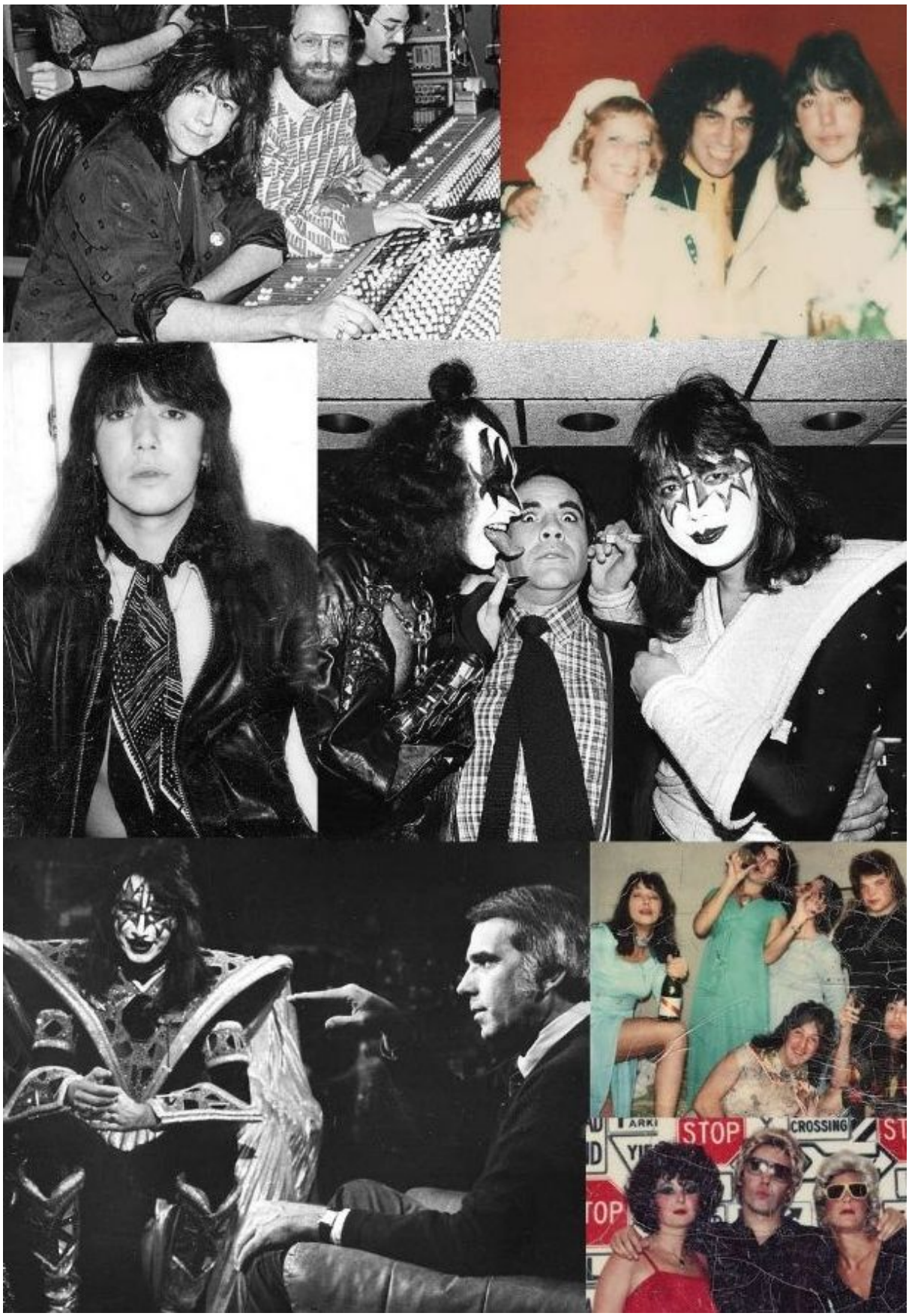


Foto 13

Foto 14

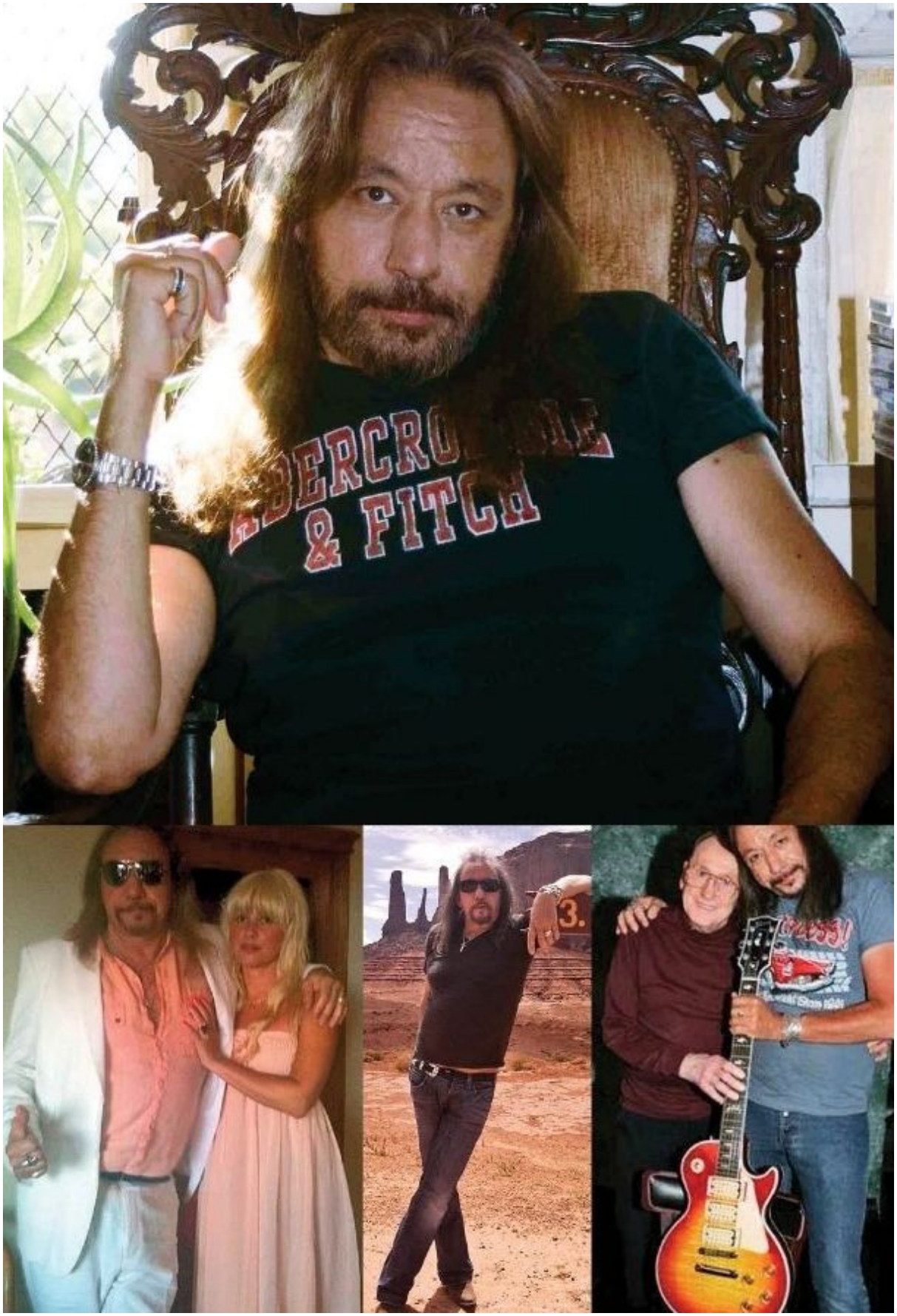


Foto 15

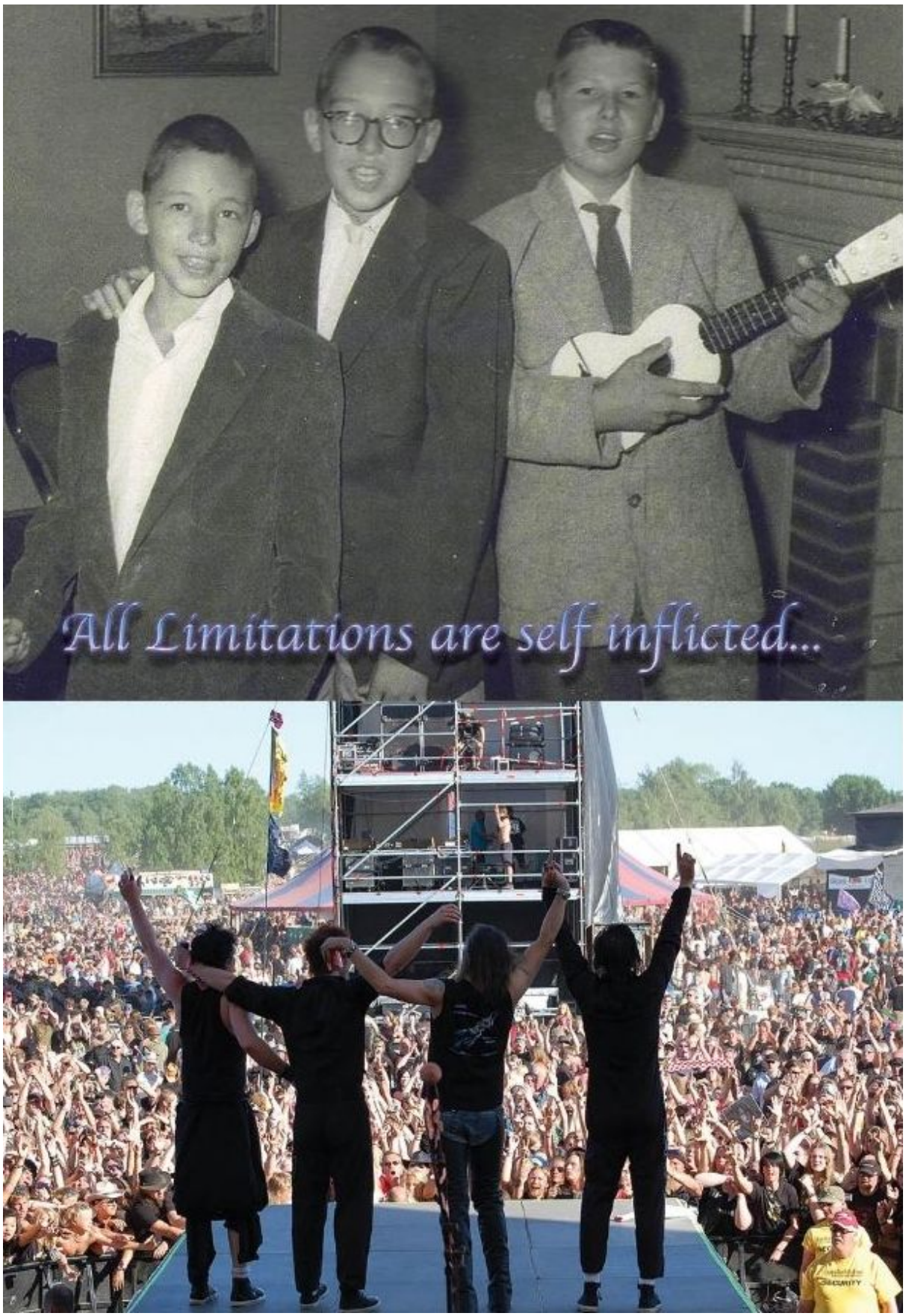


Foto 16

Legendas das fotos

Todas as fotos são cortesia do autor, salvo indicação contrária.

Foto 1
Superior à esquerda: Foto de bebê, 1951
Superior à direita: l° ano Inferior à esquerda: 12 anos
Inferior à direita: Minha Confirmação (Grace Lutheran Church)

Foto 2
Superior à esquerda: Mamãe e papai Superior à direita: Páscoa, 1954
Inferior à esquerda: Os filhos (Mosholu Parkway)
Inferior à direita: Mamãe e papai (papai parecendo um gângster!)

Foto 3
Superior à esquerda: 4ª série Segunda a partir de cima: Formatura, 1964
Terceira a partir de cima: Na cabine de fotos com Billy, 1964
Inferior à esquerda: Greenwich Village, 1967
Parte superior no centro: Com minha camisa Mr. Freedom, 1969
Superior à direita: Saginaw, Michigan, 1965
Inferior à direita: Alimentando uma lhama com a mamãe na Fazenda Catskill Game, 1963

Foto 4
Superior à esquerda: No palco com Magic People, Mount Saint Michael Dance, 1968
Superior à direita: Sessão de fotos com Molimo
Inferior à esquerda: Parede do meu quarto, 1967
Inferior à direita: Formatura, 1964 (Jardim Botânico, Bronx)

Foto 5
Superior à esquerda: Eu e minha namorada Roberta, no parque Poe
Superior à direita: Aquarela premiada no colegial Inferior: Molimo tocando no Village Gate Foto 6
Parte superior: Show do Magic People, 1969
Inferior à esquerda: Filadélfia, 1988
Chris Ordinsky (Cortesia do autor)
Inferior à direita: Guitarra esfumaçante, na turnê Just for Fun
Foto 7
Superior à esquerda: No aeroporto, Boston, 1977 Superior à direita: Festa com a equipe na Europa, 1975
Inferior: Bill Aucoin e eu, 1975

Foto 8
Superior à esquerda: Os meninos antes da decolagem, 1975
Centro à esquerda: Férias em Miami, 1977
Inferior à esquerda: Alex, do Rush, performando “A sacola” Superior à direita: Bob vestido de alienígena (Port Jervis) Centro à direita: Viagem de caça com Bob e Frank, Port Jervis, 1976
Inferior à direita: Relaxando na piscina

Foto 9
Superior à esquerda: No ônibus, 1977
Superior à direita: Com minha Les Paul de 1959,1978 Cortesia de Bob Gruen
Inferior à esquerda: Rolê com Buddy Inferior à direita: Na sala de controle com Anton Fig e Eddie Solan, 1978

Foto 10
Superior à esquerda: Viagem de caça de inverno com a minha Uzi, 1981
Superior direito: Wilton Estate Centro à direita: Wilton Estate
Centro à esquerda: No set do vídeo “Insane”, 1989
Inferior à esquerda: Com Lisa e amigas
Inferior à direita: Eu e Seamus em Wilton, Connecticut

Foto 11
Superior à esquerda: Revista da DeWitt Clinton High School que eu projetei
Superior à direita: Pintura “Spaceman” de 1993 (renderizada com Infini-D)
Centro à esquerda: Primeiro bóton do KISS que desenhei, 1973
À direita, segunda a partir de cima: Panfleto que desenhei para a banda Honey, 1969
Inferior à esquerda: Arte do CD Anomaly, criada por mim Inferior à direita: Laminado VIP para a turnê que projetei Foto 12
Superior à esquerda: Com meus primos Scott McNeal e Bill Lynch depois do meu acidente em Dallas Cortesia de Sun Lynch Superior à direita: Ganhando 50 mil em Atlantic City Centro à direita: Com meu querido amigo, o falecido Dimebag Darrell (sessão de Fotos da Guitar World) Cortesia de Lorinda Sullivan Inferior à esquerda: Com Paul na festa pós-show no Beacon Theatre Cortesia de Lydia Criss / Sealed with a Kiss Inferior à direita: Eu e Anton no dia seguinte ao acidente com o Porsche Foto 13
Superior à esquerda: Mixando com Eddie Kramer e Scott Mabuchi Cortesia de Ebet Roberts Superior à direita: Gene em nosso casamento, 1976 Centro à esquerda: Em Wilton, Connecticut Centro à direita: Gene e eu quando fomos ao The Robert Klein Show Cortesia de Ebet Roberts Inferior à esquerda: No programa The Tomorrow, com Tom Snyder Segunda, a partir de baixo, à direita: KISS brincando com Billy e Eddie Inferior à direita: Eu, Jeanette e Hanna usando perucas!

Foto 14

Superior à esquerda: Com Jeff Beck em uma apresentação em homenagem a Les Paul Cortesia da Getty Superior à direita: Com meu amigo Slash no VHl Rock Honors Cortesia da Getty Centro à esquerda: Ace Frehley Band, Australian Tour 2010 Cortesia de John Raptis Centro: Férias nas Bahamas com Rachael Centro à direita: Em um show do New York Dolls, Halloween de 1973
Inferior: Com Monique na House of Blues, para uma arrecadação de fundos para Dimebag Darrell Foto 15
Parte superior: No apartamento de Bob Gruen, 2004 Cortesia de Bob Gruen Inferior à esquerda: Férias com Rachael em Puerto Vallarta Cortesia de Jessica Mario Croce Inferior ao centro: Monument Valley, Utah Inferior à direita: Tocando com Les Paul no Iridium Cortesia de Bob Gruen Foto 16
Superior: Tocando com Charlie e o primo John em New Bern, Carolina do Norte, 1957
Inferior: Banda Ace Frehley no Sweden Rock Festival, 2009 Cortesia de Henry Smith